HENRIK
PONTOPPIDAN

O urso polar
e outras
novelas

11772

080
P925
1.ed.
Ex.2

BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA

PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA

E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1917

HENRIK PONTOPPIDAN

(DINAMARCA)

EDITÔRA DELTA

Rio de Janeiro

1963

HENRIK PONTOPPIDAN

O URSO POLAR

e

OUTRAS NOVELAS

Tradução de

OSMAN LINS

Estudo introdutivo de

A. JOLIVET

Ilustrações de

LEONOR FINI

EDITÔRA DELTA
Rio de Janeiro
1963

Títulos dos originais dinamarqueses:

ISBJØRNEN

DEN KONGELIGE GAEST

BORGMESTER HOECK OG HUSTRU

UNG ELSKOV

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem à Editôra Delta.

"PEQUENA HISTÓRIA"

DA ATRIBUIÇÃO DO

PRÊMIO NOBEL

A

HENRIK PONTOPPIDAN

*

Pelo Dr. GUNNAR AHLSTRÖM
Membro do SVENSKA INSTITUTET

Estava-se em 1917; graves acontecimentos se anunciavam. A guerra, que entrava no seu terceiro ano, causava destruições enormes. À anemia que paralisava os antagonistas após a terrível sangria de Verdun, sucedia-se a febre de novos combates travados numa área mais vasta que a limitada pelos fortes de Vaux e de Douaumont. Em fevereiro, a Alemanha deflagrou sôbre os oceanos a guerra submarina total, que iria, com uma precisão inelutável, provocar a declaração de guerra dos Estados Unidos. Woodrow Wilson entrava em cena, com o seu famoso *pince-nez,* e já trazendo os Quatorze Pontos na algibeira. Na longínqua Rússia, o colosso imperial oscilava sôbre os pés de barro. A revolução que, em fevereiro, começara em Petrogrado, descrevia sua trajetória fatídica, passando pela abdicação do czar, para chegar em outubro à conquista do poder pelos sovietes. Em todos os horizontes amontoavam-se as nuvens da catástrofe. Tudo indicava que a batalha decisiva se realizaria além dos arames farpados da pobre e contundida Europa, e dos combates que aí se feriam.

De seu pacífico estrado, a Academia Sueca podia dizer com Shakespeare: "A vasta cena do mundo oferece maiores

tragédias que o ato por nós interpretado aqui." O sombrio duque de *Como Gostais* haveria encontrado com quem repartir sua melancolia sem ilusões, em redor da mesa sôbre a qual se erguia o que certos comentadores franceses gostavam de designar pelo eufemismo de "a cúpula de Estocolmo".

Na situação que se criara, o Prêmio Nobel deixara de causar prazer. A missão, até pouco antes prestigiosa, de designar os laureados, transformara-se em um pesado dever destituído de glória, sem quaisquer aplausos, e que nem mesmo a estima despertava. O pequeno ato executado juntamente com o imenso drama do século, era recebido numa atmosfera de morna indiferença. O mundo oficial desinteressava-se dêle. Não mais solenidades no 10 de dezembro. No máximo, algumas linhas nos jornais e, na melhor das hipóteses, um retrato ou dois de laureados. Reservavam-se as manchetes para acontecimentos mais sensacionais e mais sangrentos.

Vinham juntar-se a isto preocupações de natureza política. Era preciso continuar neutro, estritamente neutro, em uma situação internacional onde não se podia assumir sem risco essa atitude, o que amplamente comportavam as notícias divulgadas pela imprensa. A posição da Suécia — no mínimo — era delicada. A proximidade do vizinho germânico no Báltico, e as relações cada vez mais politizadas, cada vez mais sentimentalmente íntimas com a Alemanha, acabaram por levar, precisamente em 1917, a uma grave tensão entre a Suécia e os aliados. A desconfiança legítima demonstrada por êstes últimos foi tomada em consideração, o que contribuiu para causar, em março, uma crise governamental. Parecia urgente demonstrar que a fidelidade ao ideal de neutralidade não significava necessàriamente uma compreensão demasiado benévola em relação aos objetivos bélicos da Alemanha.

"Os neutros, decididamente, têm tôdas as vantagens. Êles nos deixam apenas os riscos e os cuidados de, além do mais, assegurar-lhes a independência", podia ler-se em 1915 no *Petit Journal*, que evocara além disto, sem medir as palavras, a relação existente entre os Prêmios Nobel, as granadas que abriam crateras nos campos de batalha e os torpedos lançados através dos oceanos: "Os prêmios Nobel devem sua

origem à indústria dos explosivos. Depois de muito haver trabalhado para que os homens se matem mais cômodamente, o químico Nobel houve por bem que o fruto de seu trabalho encorajasse as ciências e as artes da paz." Não era de esperar, porém, que os homens encarregados de atribuir êste Prêmio paradoxal fôssem capazes de compreender que os verdadeiros amigos da paz estivessem entre os aliados, continuava o autor do artigo. "Não tenhamos dúvidas: o comitê Nobel, que não ousou atribuir o Prêmio a Tolstoi, muito menos o atribuirá a d'Annunzio, nem a Wells, a nenhum dos que lutam a nosso lado pelo triunfo do Direito."

O esfriamento sueco em relação à Alemanha, em 1917, não trouxe conseqüências imediatas no mundo nobeliano. Continuou-se fiel à prudência desde o início observada. A atribuição do Prêmio a um escritor que pertencesse a um ou outro dos Estados beligerantes, seria interpretada, fatalmente, como resolução tendenciosa; necessário então evitar semelhante veredicto. Em 1917, era fácil mostrar-se circunspecto ante as grandes potências: nem a Inglaterra nem a França haviam inscrito candidatos. Nenhum escritor aliado iria atormentar o espírito dos acadêmicos. Por outro lado, os alemães tinham apresentado apenas um de seus numerosos escritores: Paul Ernst, uma estrêla de segunda grandeza. Além disto, apresentava-se um *outsider*: Elisabeth Förster Nietzsche. Era o professor Hans Vaihinger, de Halle, que ressuscitava sua antiga proposição. Mas o trabalho consagrado por essa irmã enérgica à edição das obras de seu ilustre irmão, e o carinho com que se dedicava aos arquivos Friedrich Nietzsche, em Weimar, tinham sido julgados de bem pouco pêso, sob um ponto de vista rigorosamente literário.

Nesta situação, um resultado que beneficiasse um país escandinavo vizinho oferecia à Academia sueca uma elegante maneira de sair-se das dificuldades. Em dezembro de 1914, os reis da Dinamarca, da Noruega e da Suécia tinham-se encontrado em Malmöe, entrevista que fôra bastante comentada. A presença, lado a lado, dos três monarcas neutros revelava a existência de uma nova coalizão naquela parte da Terra, e assinalava também o término das dissensões que anteriormente

haviam perturbado a atmosfera nórdica atenuando ainda as repercussões da separação da Suécia e da Noruega, sensíveis desde 1905. A célebre "reunião dos três reis", repetida em Cristiânia em 1917, revelava um feliz desejo de cooperação, o desejo de mùtuamente ajudar-se naquela hora de angústia, o que não ficou vão. Começou-se a pensar, com maior acuidade, em têrmos escandinavos, e esta orientação criou naturalmente a perspectiva dentro da qual o Prêmio Nobel de literatura de 1917 foi atribuído aos escritores dinamarqueses Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan.

Por uma ou por outra razão, o *Times* de Londres teve seu interêsse despertado pela escolha e consagrou à mesma um longo artigo intitulado "Os Dinamarqueses e o Prêmio Nobel". O autor, òbviamente muito bem informado sôbre a literatura escandinava, confessava não poder discernir os méritos que haviam feito de Gjellerup o beneficiário de tão honrosa distinção. Parecia-lhe impossível que se pudesse comparar êste nome aos de Anatole France, de d'Annunzio ou de Thomas Hardy. Isto sem falar na própria Dinamarca, onde existiam numerosos escritores que valiam mais, bem mais do que o laureado. E concluía dizendo que, sem dúvida, outros fatôres haviam sido tomados em consideração.

"Receamos que não seja por simples casualidade que a Academia sueca escolheu o único escritor dinamarquês profundamente absorvido pelo espírito da Alemanha. Não é de nossa alçada criticar o gôsto dos Acadêmicos suecos, mas nos seja permitido ao menos deplorar que o Prêmio Nobel de literatura tenha sido transformado em uma espécie de anexo do partido ativista pró-alemão, cuja posição em Estocolmo continua sendo de importância, em que pêse a mudança de rumos verificada no govêrno."

Segundo êste observador, a concessão do Prêmio apenas beneficiava os interêsses germânicos, era um gesto que correspondia ao poderoso amplexo com que a Germânia distinguia seus amigos suecos. Na Inglaterra, desde muito se negligenciava a pequena Suécia, ninguém se dera ao trabalho de fazer com que fôssem conhecidas, por seu povo, as riquezas da cultura anglo-saxônia. Os alemães, ao contrário, ativos e soli-

citos, tinham-se mostrado sempre afáveis, bem organizados, prontos a oferecer uma citação de Goethe ou de Schiller. E agora os inglêses percebiam, se bem que um pouco tarde, as lacunas de sua política cultural. Ante esta descoberta cruel, restava-lhes acusar os suecos de germanofilia aguda. Não fazia muito, o célebre helenista e pacifista de Oxford, Gilbert Murray, estivera na venerável universidade de Upsala, e sofrera o dissabor de constatar que, espiritualmente, Upsala era uma sucursal de Berlim. Êle estava certo; mas não era justo atribuir a culpa exclusivamente aos pobres suecos, a quem não faltavam motivos para perguntar por que a Inglaterra se ocupara tão pouco de suas relações universitárias.

Mas voltemos aos nossos dinamarqueses. No mundo nobeliano, os murmúrios mais extravagantes têm não raras vêzes ocultado um pouco de verdade: no presente caso, evidenciava-se, com a máxima clareza, que a escolha correspondia a interêsses alemães. Os atos de candidatura eram explícitos e eloqüentes, não apenas naquele ano fatal de 1917, porém mesmo antes.

Êsse Gjellerup tinha tirado, lògicamente, tôdas as conseqüências da sua educação filosófica alemã e suas afinidades com o espírito germânico. Desde 1892, vivia em Dresde. Seus livros, aliás, eram muito lidos na Alemanha. O aspecto erudito e filosófico de sua obra agradava aos professôres universitários do país e, a partir de 1911, contava-se tôda uma série de atos de candidatura em seu favor, eloqüentes e enfáticos. Isto, fatalmente, contribuiria para aumentar seu prestígio em Estocolmo. O fato de ser lido além das fronteiras lingüísticas do Norte era indiscutível mérito, para um candidato escandinavo.

Mas fatôres outros, ainda mais poderosos, contribuíam para isto. Era um autor dinamarquês, que se inscrevia harmoniosamente no quadro da neutralidade. Fazia anos, que seu nome era mencionado em Copenhague e Estocolmo. Outra circunstância importante: era um idealista, e um idealista militante. Depois de um curto período de intenso radicalismo sob a égide de Brandes, regressara ao espiritualismo de seus verdes anos e seguia as correntes antiintelectuais da época, sob

os signos de Richard Wagner e do misticismo hindu, que não eram novos nos anais nobelianos. "Os gatos enterram seus excrementos. É o que fazemos nós dos ideais. E eis que os desenterra outra vez êste Gjellerup", exclamara August Strindberg, havia tempos, lendo o futuro candidato Nobel.

Que pensava porém o velho Georg Brandes, em 1917, da singular celebridade dêsse autor que êle considerava como um renegado um pouco ridículo? Fatigado por tantos gloriosos combates travados contra a teologia e o obscurantismo, resignado, mas conservando ainda sua fé na inalterável grandeza do indivíduo, êsse voltaireano impenitente envelhecia solitário, em uma Copenhague dominada por paixões bem diferentes daquelas que lhe eram familiares em sua juventude. Anatole France o havia proposto, desde 1903, ao Prêmio Nobel, e sua candidatura fôra seguidamente recusada desde então. Considerava-se, e não sem justiça, que se cabia à Dinamarca entrar em cena, o Prêmio devia ser dado ao velho combatente e inspirador daquela insólita falange da literatura européia onde brilhavam os nomes de Henrik Ibsen, de Björnstjerne Björnson e August Strindberg. Mas a Academia sueca fazia-se de surda. Nos anos precedentes, êste Georg Brandes fôra considerado um pensador perigosamente atual. E agora, em 1917, estabelecia-se que sua atividade era coisa do passado, que seu dossiê fôra arquivado. Coroar um leão moribundo, dizia-se, não passaria de um anacronismo. Foi em vão que o decano da pesquisa literária, o professor upsaliano Henrik Schuck insistiu no fato de que atribuir-lhe o Prêmio Nobel não seria referendar suas qualidades de crítico e os característicos tão discutidos de suas concepções histórico-literárias, e sim prestar a homenagem devida ao imenso e inegável papel histórico desempenhado pelo autor.

Diz-se que Georg Brandes teria recebido com uma gargalhada sardônica a notícia de que Karl Gjellerup ia receber o Prêmio Nobel. Deveria, tempos depois, dar a um interlocutor sueco a versão anedótica do que teria sucedido nos bastidores. Quando as notícias do que se tramava chegaram a Copenhague, a consternação e indignação foram enormes. Ter-se-ia falado de um escândalo nacional. Um eloqüente professor de

literatura, Vilhelm Andersen, então enviado a Estocolmo, levaria a incumbência de chamar à razão êsses cavalheiros da Academia. O resultado da sua missão teria sido cortar a pêra em duas, prestando, em vez de uma, duas honras: êsse duvidoso Gjellerup e outro dinamarquês, Henrik Pontoppidan. O escândalo fôra reduzido à metade: havia, pelo menos, um verdadeiro escritor a apresentar.

Seja qual fôr a veracidade da história, não esqueçamos que também Pontoppidan pertencera ao grupo de jovens despertados por Georg Brandes, e por êle formados na severa escola do naturalismo. Profundamente enraizado nas tradições populares e religiosas de seu país, e penetrado da participação espiritual de um Kierkegaard, não podia êle receber a mensagem positivista que Brandes trazia da grande Europa, sem nela descobrir problemas angustiantes e graves. Não era perigoso, para aquêle pequeno país de camponeses, a Dinamarca, expor-se àqueles elegantes arrazoados brandesianos, que convinham melhor à burguesia emancipada da capital? Não é por acaso que devemos considerar a existência, em seu grande romance, *Pedro, o Venturoso,* de um personagem de primeiro plano, o Doutor Nathan, que é um retrato semitrágico, assaz revelador, do famoso Georg Brandes, e uma descrição da influência que êste exercia nos círculos intelectuais do país. A cada obra publicada, a figura de Henrik Pontoppidan ficava maior, até alcançar a estatura de um profeta bíblico cuja voz denunciava os erros da Dinamarca.

Pedro, o Venturoso e o romance — também tão importante — que se seguiu, *O Império dos Mortos,* causaram grande impressão na Escandinávia. O respeito que o escritor inspirava, bem cedo ia manifestar-se na forma de atos de candidatura dirigidos ao Comitê Nobel. Em 1913, seu nome é apresentado por um professor de línguas escandinavas da Universidade de Upsala, que fôra aliás um dos maiores responsáveis pela concessão do Prêmio Nobel a Selma Lagerlöf. Não tardou que a candidatura se consolidasse. Em 1916, foi retomada pelo filólogo anglicizante Otto Jespersen, membro da Real Sociedade das Ciências de Copenhague, e subsidiàriamente defendida por um professor dinamarquês de litera-

tura, aquêle Vilhelm Andersen de quem fala Georg Brandes. Em 1917, precisamente, o administrador sueco de Upsala deu nôvo sinal de vida.

A candidatura de Pontoppidan estava portanto sòlidamente estabelecida. Desde que se resolvera fazer chover o ouro nobeliano sôbre a neutra Dinamarca, politicamente inofensiva, nôvo problema surgiu: devia-se ou não dividir o prêmio? Aos olhos de certos acadêmicos, isto era uma vergonha, uma meia-medida intolerável. O testador, ao fazer seu testamento, não tivera a intenção de oferecer gorjetas. Por outro lado, a experiência colhida da partilha entre Mistral e Echegaray não era muito encorajadora. Mas, em última análise, foram diferentes considerações táticas que decidiram a questão. Um certo número de acadêmicos queria dar o Prêmio a Gjellerup, e teria ficado muito decepcionado com a sua exclusão. Outros argumentavam que uma partilha se justificava e que essa louvável concessão à eqüidade literária seria apreciada pelas gerações futuras. Nem Gjellerup nem Pontoppidan eram, afinal de contas, de excepcional envergadura. A partilha impunha-se, como uma espécie de meio-têrmo que resolveria os problemas decorrentes daquela situação delicada.

Foi assim que a Academia sueca, reunida em sessão plenária, a 8 de novembro de 1917, decidiu atribuir o Prêmio Nobel de literatura a Karl Gjellerup "por suas obras extremamente ricas e variadas e inspiradas por um alto ideal" e — mais lacônicamente — a Henrik Pontoppidan "por seus quadros tão bem realizados da vida dinamarquesa contemporânea".

Tal foi o desenlace do pequeno entremez escandinavo de 1917. Gjellerup não pôde usufruir por muito tempo da satisfação que lhe causou essa homenagem tão ambicionada, na sua Dresde que bem cedo seria ensombrecida pela derrota alemã. Morreu no ano seguinte. Henrik Pontoppidan viveu até 1943 e desapareceu nas trevas da ocupação da Dinamarca pelos alemães. Continuou a fustigar a sociedade moderna com críticas amargas, lamentações agravadas pela circunstância de êste nôvo Jeremias, erguido sôbre as ruínas do libera-

lismo, haver pôsto grande parte do seu ouro nobeliano em um dos Bancos que, durante o impiedoso após-guerra, faliram em Copenhague.

Na história, hoje venerável e longa, dos Prêmios Nobel, o ano de 1917 é um parêntese, aliás respeitável. A notícia, vinda de Estocolmo, não despertou o mínimo interêsse. Os jornais — pelo menos na Escandinávia — deram algumas notas biográficas e publicaram retratos respeitosos. Mas a guerra continuava a causar destruições. As tragédias que se desenrolavam sôbre e sob mares, os tronos vacilantes e todos aquêles sinais dos tempos pelos quais o mundo dizia adeus a uma época desaparecida, exigiam cabeçalhos imponentes, aos quais não podiam aspirar simples autores de um país neutro. Começavam a despontar no horizonte os acontecimentos de 1918.

Em seguida à primeira guerra mundial e à situação confusa que se lhe sucedeu, mesmo após o fim das hostilidades, a entrega dos Prêmios Nobel, no período compreendido entre 1916 e 1919, foi feita sem solenidades.

Portanto, nesses anos, não houve discursos de recepção.

Nota do Editor.

VIDA
E OBRA

DE

HENRIK PONTOPPIDAN

POR

A. JOLIVET

Professor honorário de Línguas e Literaturas Escandinavas na Sorbonne

HENRIK PONTOPPIDAN

Importância histórica

Disse alguém, a propósito das comédias de Holberg, que se faltassem tôdas as outras fontes de informação sôbre a vida na Dinamarca em sua época, as comédias que escreveu seriam suficientes para evocar todos os seus aspectos. Pode-se dizer o mesmo dos romances e novelas de Henrik Pontoppidan. Nêle, a imaginação é nutrida de observações exatas e precisas. Pode-se acompanhar, entretecida em sua obra, a história da Dinamarca, numa época particularmente fecunda e agitada, a que se estende de 1850 a 1920, e durante a qual se operou a grande transformação política, social e religiosa, da qual viria a surgir a Dinamarca de hoje.

Pontoppidan viveu os acontecimentos que se desenrolaram entre aquêles anos. E se os observou com singular clarividência, isto não significa que não haja tomado partido. Seu espírito crítico, porém, estava sempre atento. Êle sabia reconhecer a coragem, a inteligência, a bondade, e ao mesmo tempo nenhuma fraqueza lhe passava despercebida. O quadro que traça é exato e completo.

Sabe-se que até 1848, na Dinamarca, o rei governava com podêres absolutos, assistido por colégios cujos membros eram escolhidos por êle. É verdade que existiam, desde 1834, assembléias de Estados para as diferentes regiões do reino, mas suas atribuições eram exclusivamente consultivas, não renunciando o rei a suas prerrogativas absolutas. Todavia, a opinião pública reclamava uma verdadeira constituição, com um parlamento que não tivesse apenas uma função consultiva, mas poder para votar as leis. O soberano atendeu a estas exigências, e uma Assembléia constituinte elaborou uma Constituição, que foi promulgada a 5 de junho de 1849. O direito de voto era concedido a todos os cidadãos com mais de 30 anos que não respondessem por falência, nem cumprissem pena de interdição, nem estivessem a serviço privado de um senhor, sem possuírem, êles próprios, um lar. O Parlamento compreendia duas câmaras: a Câmara baixa, eleita por sufrágio direto; a Câmara alta, eleita por sufrágio indireto.

Esta Constituição aplicava-se apenas ao reino pròpriamente dito, e não aos ducados de Schleswig e de Holstein. Em 1863 o govêrno concedeu ao Holstein uma Constituição particular e promulgou uma Constituição comum para o reino e o Schleswig. Esta decisão deveria provocar a guerra.

Após a derrota de 1864 e a perda do Schleswig, modificou-se, num sentido reacionário, a Constituição existente: um nôvo sistema eleitoral, baseado na riqueza, assegurou uma maioria de direita à Câmara alta. Mas em 1872 houve na Câmara baixa uma maioria da esquerda; e o chefe esquerdista exigiu que os ministros fôssem escolhidos pela maioria da Câmara baixa. Não foi tomado conhecimento da exigência. Iniciou-se então uma luta violenta, desesperada: a câmara recusou-se a votar os impostos, o govêrno não fêz caso; em certas regiões a população recusou-se a saldar os impostos; fracassou um atentado contra o primeiro-ministro Estrup, e o govêrno criou, para manter a ordem, um corpo de polícia, o que fêz recrudescer a cólera dos opositores. Só em 1901, o rei concordou em escolher seus ministros dentre a maioria da esquerda.

Ao mesmo tempo, as condições de existência e a mentalidade dos camponeses se modificavam na segunda metade do século. Deve-se isto à maneira pela qual os dinamarqueses conseguiram organizar a instrução do povo. Havia boas escolas primárias dirigidas por mestres competentes, cuja qualidade melhorava sempre. Mas, ao lado das escolas oficiais, criaram êles um tipo de escola especìficamente dinamarquesa, destinada à classe rural, e precisamente para que lhe fôsse dado ocupar, na vida do país, o lugar que lhe era devido. São as escolas superiores para o povo.

É conveniente nos determos um pouco nessas escolas, pois Pontoppidan chegou a ensinar em uma delas, era conhecedor do espírito que as animava, espírito do qual, com seus defeitos e méritos, muitos de seus personagens são impregnados.

As escolas superiores populares tiveram seu iniciador na pessoa de um homem que exerceu ação profunda sôbre o desenvolvimento do povo dinamarquês no século XIX, N. F. S. Grundtvig. Nascido em 1783, sofreu a influência do romantismo que, no comêço do século XIX, renovou a literatura dinamarquesa e escolheu como fonte de inspiração a história das tradições nacionais. Grundtvig, por seu lado, não cessou de estudar a velha mitologia escandinava, as lendas heróicas que retratam a alma da Dinamarca e sua gloriosa história na Idade Média. Não podia êle conceber, nem admitir, que a cultura imposta aos jovens dinamarqueses fôsse puramente humanista, latina, quer dizer, estranha às suas tradições e ao seu espírito, morta como a língua na qual era conservada. Tôda cultura deve ser nacional; é a história da Dinamarca, só ela, que pode interessar aos dinamarqueses e emocioná-los; são as lendas, as narrativas, a poesia de seu próprio povo que podem tocar sua alma, enriquecê-la e cultivá-la.

Assim Grundtvig concebeu um tipo de instrução feita para o povo, de caráter histórico e nacional, banhado de espírito

cristão, se se entende por cristianismo, não um sistema rígido de dogmas, mas uma palavra viva que fala ao coração e que o comove. De 1831 a 1837, não cessou Grundtvig, através de artigos e panfletos, de expor seu plano de criar escolas superiores populares nas quais se ensinasse à juventude dinamarquesa. E sua idéia fixa acabou por triunfar: fundaram-se escolas, numerosas, segundo os princípios indicados por êle, e o sucesso que alcançaram ainda não foi desmentido, um século depois.

Fundadas por particulares, fiscalizadas apenas e mais tarde subvencionadas pelo Estado, são muito diferentes entre si no que diz respeito à importância e à organização, mas o espírito que as anima é o mesmo. São internatos nos quais se recebe, durante certo número de meses, jovens de ambos os sexos, que estejam ao redor dos vinte anos, idade na qual as idéias se definem e se forma o caráter. É um tipo de ensino que se propõe a instruir homens, a preparar cidadãos, e para o qual é indispensável certa maturidade. Nenhuma obrigação força os alunos a freqüentar as escolas; êles vêm porque sentem, no fundo dêles mesmos, o desejo de se cultivar, e a experiência demonstrou que mais de um jovem camponês aguardava com impaciência o momento em que teria a idade exigida para se internar e aprender.

Êste ensino é livre e desinteressado, não se propõe iniciar ninguém na técnica de um ofício qualquer, e ainda menos fornecer diplomas. Sua finalidade é exercitar a inteligência e fornecer-lhe os conhecimentos necessários a cada época, para que se venha a ser um membro útil da comunidade dinamarquesa. Nesta linha, o ensino da História tem por fim melhor compreender a época presente, para que se tenha, sôbre problemas vitais e atuais, uma opinião exata e lúcida. Há, ao mesmo tempo, um esfôrço no sentido de iniciar os alunos na literatura e na arte, mostrando onde reside a beleza das obras que constituem o patrimônio artístico nacional. Aproxima-se então da burguesia cultivada, essa juventude camponesa, desaparece o abismo que existe em outros países entre as classes ditas supe-

riores e a massa popular. E prepara-se um número cada vez maior de dinamarqueses que participam dos assuntos públicos.

Assim os camponeses adquiriam espírito político, tinham seus jornais, e sobretudo suas reuniões, onde discutiam sôbre seus interêsses ou escutavam a palavra daqueles que os dirigiam. Todo vilarejo, por assim dizer, tinha sua casa de reunião e, nas grandes ocasiões, organizavam-se ao ar livre assembléias às quais acorriam pessoas de tôda parte, para escutar um chefe político, um diretor de escola popular, às vêzes um simples camponês que soubera adquirir a confiança de seus companheiros de luta. Existe em um romance de Pontoppidan, *A Terra Prometida*, a descrição de uma dessas assembléias.

Pobreza dos trabalhadores agrícolas

Uma parcela da população rural continuava fora daquele progresso. Eram os trabalhadores agrícolas ou *husmaend*. Havia uma diferença considerável entre um fazendeiro e os *husmaend*. Êstes, freqüentemente, eram arrendatários de uma casa e um trato de terra, do qual os lucros não lhes permitiam viver, a êles e a suas famílias. Deviam então buscar trabalho nas propriedades senhoriais ou nas fazendas; o arrendamento, muitas vêzes, obrigava-os a trabalhar para os proprietários, sem o que perderiam o direito de continuar ocupando as casas onde moravam. Evidentemente, a situação dos *husmaend*, em geral, era miserável ou quase. Suas casas eram pardieiros, e mesmo observando a mais estrita economia, ganhavam apenas o suficiente para não morrer de fome. A propósito do modo como viviam até o fim do século passado, podemos ler descrições como esta: "Que triste espetáculo, em numerosos lugares, ver como viviam êsses trabalhadores! Em geral, suas culturas reduziam-se a alqueives, alguns cereais de longas hastes e campos de capim na maior parte das vêzes miseráveis! As criações não podiam ser de outro modo: uma vaca, duas no máximo, quase sempre magríssimas, um porco, raramente dois, e algumas galinhas. A alimentação dos animais era de má qualida-

de, razão por que não se desenvolviam nunca. Provàvelmente, com o passar do tempo, semelhante sistema conduziria à ruína do solo. Acrescente-se que a pouca manteiga e os poucos ovos que a mulher do *husmaend* punha de lado para levar ao mercado, eram em geral pèssimamente pagos."

Suas terras não lhes pertenciam a vida inteira e ainda menos eram hereditárias. Quando os *husmaend* não mais podiam trabalhar, eram forçados a abandonar a casa e o pedaço de terra, para terminar seus dias no asilo dos pobres. Êstes asilos eram administrados pelas comunas com uma parcimônia que chegava quase à crueldade. Sem dúvida a Dinamarca tem o direito de orgulhar-se de sua legislação social. E é louvável, em um certo sentido, que desde a época das grandes reformas, por conseguinte desde o início do último século, haja-se estabelecido por lei que a sociedade tem obrigações em relação aos pobres. Mas o reconhecimento de um dever é uma coisa e sua aplicação é outra bem diversa. Nos meados do século, em todo caso, e ainda ao longo de numerosos anos, dar com os costados no asilo dos pobres era considerado o fracasso mais completo e a maior das desgraças.

As condições de existência dos *husmaend* serviram de motivo para alguns romances cheios de indignação (como os de Johan Skoldborg). Também Pontoppidan, como veremos, inspirou-se nêles para escrever suas primeiras obras.

A vida religiosa

Convém agora, nesta apresentação da Dinamarca, falarmos sôbre a importância da vida religiosa, que ainda hoje, em alguns círculos, desempenha um papel de primeiro plano. Na época a que nos reportamos, a época de Pontoppidan, pode-se dizer que os protagonistas dos conflitos sôbre os quais acabamos de nos referir e as massas por êles dirigidas, encontravam em suas convicções religiosas as razões de sua conduta.

Na igreja dinamarquesa podemos distinguir três tendências: antes de tudo há a igreja oficial, que administra com exatidão a herança de Lutero e toma os livros santos como base de seu ensinamento e de seu credo. Até aos primeiros anos do século XIX, era marcada pelo racionalismo; todavia, com o passar dos anos, dirigira seu interêsse principalmente sôbre questões de ética cristã, insistindo cada vez mais sôbre os valôres humanos do altruísmo e da caridade. Era a igreja de Mynster e de Martensen. Faltava-lhe dinamismo e para os que continuavam alheios às outras tendências, podia ser um cômodo refúgio.

Uma segunda tendência era o grundtvigianismo. Seu inspirador, Grundtvig, estabelecia a essência do cristianismo, não nos textos sagrados, expostos à crítica, mas no *credo* e na palavra viva, tal como fôra transmitida, de geração em geração, desde os apóstolos. Um liame espiritual indissolúvel era estabelecido entre todos aquêles a quem esta palavra animava. A vida religiosa não é apenas uma confissão, é uma potência em nós existente, que vivifica e dirige os nossos atos. Religião ativa e otimista: o cristão deve ser reconhecido a Deus pela vida que lhe foi doada e esforçar-se, em qualquer circunstância, por fazer dessa vida um uso salutar e útil para a comunidade. O próprio Grundtvig e seus partidários tomaram parte ativa nos conflitos políticos, e sua luta pela liberdade está de acôrdo com as idéias otimistas que esposavam sôbre a atividade dos homens. Depois de bater-se durante muitos anos, acabaram por obter (em 1873), não obstante a oposição da Câmara alta, o direito de os fiéis escolherem seu pastor e de formar comunidades agrupadas em tôrno do que haviam escolhido.

A terceira tendência, *Indre Mission* (missão no interior do país, em oposição às missões enviadas para a conversão dos povos que não conheciam o cristianismo) é ainda mais dinâmica que o grundtvigianismo, mas de um modo absolutamente diverso. O cristão deve concentrar todos os seus esforços sôbre o único ponto necessário, a salvação. Daí, a pouca importância

concedida às atividades mundanas; a missão tem por finalidade conduzir os indiferentes, os hesitantes, os ignorantes, a continuamente pensar na própria salvação, donde se depreende, desgraçadamente, que ao menos em certos casos é permitido ocupar-se dos assuntos alheios, e que, onde a exortação fôr insuficiente, poder-se-á recorrer a outros meios. O objetivo era levar aonde quer que fôsse necessário a advertência divina: o que implica numa grande atividade de missionários, sempre em viagens para evangelizar seus semelhantes, e também na organização de comunidades para recebê-los, de casas para lhes facilitar a pregação, a criação de associações como a dos Jovens Cristãos e a das Môças Cristãs. É sabido como o grundtvigianismo e a *Indre Mission* se defrontam em *A Palavra,* drama de Kaj Munk.

Assim se resume — em linhas gerais — a sociedade dinamarquesa no momento em que Pontoppidan vai começar a observá-la e descrevê-la. Veremos como preparou e modelou a matéria que lhe era oferecida.

Infância e juventude de Pontoppidan

Henrik Pontoppidan nasceu a 24 de julho de 1857, em Frederícia, onde seu pai, Dines Pontoppidan, era pastor. Mas suas lembranças não são muito nítidas, senão a partir de Randers, para onde, em 1863, o pai foi transferido. Era antiga a linhagem dos Pontoppidan; desde que um ancestral, no século XVII, tomara o nome latinizado de Pontoppidan, por ser administrador do domínio de Broby (*bro* = pons, *by* = oppidum), seus descendentes espalharam-se pelo país inteiro, contribuindo com um grande número de ministros para a igreja luterana. É oportuno lembrar o bispo Erik Erikson Pontoppidan que, com um de seus filhos, compôs uma gramática dinamarquesa, no intuito de exalçar o culto e o renome da língua nacional. Pelo lado materno, o romancista contava também com numerosos pastôres entre os seus ascendentes.

Tinha, portanto, como ancestrais, homens desde muito habituados a manejar a língua dinamarquesa em suas prédicas e em seus escritos. Seu pai, Dines Pontoppidan, houvera, por motivo de saúde, servido como pastor em um navio. Estivera na América e escrevera um relato sôbre esta viagem.

Pontoppidan continuou sempre ligado à cidade onde passara a sua infância: a ela se refere várias vêzes e sempre com ternura. Lê-se esta frase em suas *Memórias*: "Quantos restam ainda, daqueles que tiveram a fortuna de passar em Randers a sua juventude, e que possam escutar sem que lhes pulse o coração com mais fôrça, os nomes familiares: Gudenaaen, Aborrekrogen, Fladbro, etc?..." Aí deveria êle viver um dos episódios mais tristes da história dinamarquesa: a ocupação da cidade pelos alemães e austríacos, em 1864. Era muito jovem para bem apreender a significação do acontecimento; o rebuliço da soldadesca o divertia, e êle não conseguia compreender e partilhar o desapontamento da família. Mas é interessante observar os sentimentos que estas lembranças despertam no homem já maduro. Conta êle que, mais de trinta anos depois, encontrou em Veneza um gondoleiro que, em sua juventude, quando cidadão austríaco, tinha feito a guerra contra a Dinamarca. Não tinha a mínima idéia da finalidade da expedição. Não podia detestar o povo da Dinamarca, a quem nem no menos conhecia. Houvera recebido, mesmo assim, a ordem de oprimir e de pilhar: "Estas pilhagens, prelúdio das guerras de 1866, 1870 e 1914 foram executadas enquanto a Inglaterra e o resto da Europa fechavam os olhos." E Pontoppidan recorda o espirituoso dito de Palmerston: "Há apenas três homens que compreenderam esta complicada questão do Schleswig: o príncipe consorte que morreu, um professor alemão que enlouqueceu, e eu que tudo esqueci." "Esta falta de memória de Palmerston, acrescenta êle, e a adoração da rainha Vitória por seu marido alemão — que era embaixador oficioso da Prússia junto à côrte inglêsa e assegurava a Bismarck tôda liberdade de ação — quanto não custou isto à Inglaterra e ao mundo inteiro!"

Pontoppidan evoca o heroísmo do pequeno povo que se aferrava com tenacidade às trincheiras de Dybboel revolvidas pelos tiros dos canhões, e que, em seguida à conferência de Londres, resistiu à pressão de cinco grandes potências e recusou a render-se sem condições. E lamenta, com indignação contida, que êsse povo tenha renunciado agora a defender-se, transformando-se "para os aventureiros da política num bocado fácil de engolir, sem músculos nem ossos".

Assim pensava Pontoppidan em 1938.

O pai do romancista, Dines Pontoppidan, era adepto do grundtvigianismo, porém sem exagêro. Em sua juventude, escrevera alguns opúsculos que haviam despertado a atenção. Mas bem cedo foi vitimado por uma moléstia dos olhos, que o deixou quase cego. Tinha nada menos de dezesseis filhos e as preocupações subseqüentes. Entretanto, nunca se entregou, como tantos de seus confrades, à apatia intelectual. Freqüentava, na vizinhança, pastôres de tendência também grundtvigiana, deplorando porém a excessiva vivacidade das discussões pelas quais se deixavam levar. Não aprovava, no ensino das escolas superiores populares, a importância concedida a certos aspectos da vida de outros tempos, às evocações folclóricas, às baladas.

Quando Grundtvig morreu, aos 89 anos, em 1872, a notícia de sua morte exerceu uma impressão muito forte sôbre Dines Pontoppidan; fêz com que lessem para êle tôda a narração dos funerais e não escondeu a emoção que experimentava. Quis, ao mesmo tempo, em uma sala de reunião, em Randers, fazer uma exposição sôbre a importância de Grundtvig para a igreja dinamarquesa. Rendeu, como convinha, justiça a seus méritos e louvou a beleza de sua poesia religiosa, porém com uma reserva. Não se encontram nêles, dizia, os dois sentimentos essenciais do Cristianismo: a humildade e a contrição. E o romancista acha serem justamente aquêles sentimentos que, sob uma aparente frieza, formavam o fundo secreto da alma de seu pai. Teria percebido isto quando era ainda um escolar, em Randers? É bem pouco provável.

Em suas *Memórias,* narra a morte de um operário que fôra acidentado quando serrava madeira. "Chorei sinceramente a perda dêste amigo e, muitas vêzes, senti falta dêle. Fui visitá-lo uma vez em sua pobre casa, com uma de nossas empregadas. E durante muito tempo pensei nessa visita. Êle pusera sôbre os seus joelhos um dos filhos e brincava com êle; o pequeno gritava de alegria. Jamais testemunhei uma cena igual àquela. Não obstante os remendos nas roupas das crianças e tôda a miséria da habitação, foi-me impossível não invejar seu lar, seu pai, e não querer estar no seu lugar."

Sua mãe parece ter exercido sôbre êle uma influência considerável. Sempre a sofrer e sempre fatigada, ela suportava tôdas as provas com paciência e coragem, e dela é que emanavam o afeto e o calor de que os filhos se nutriam. A rudeza da existência havia-lhe ensinado a piedade: interessava-se sempre pelos que eram mais infelizes que ela. E como era instruída, lendo bastante, principalmente livros de história e de economia política, sua piedade natural havia-a levado a condenar a sociedade do seu tempo e a aspirar por uma transformação. Acontecia-lhe por vêzes falar com revolta daquela sociedade que pretendia ignorar a miséria.

Na escola, foram seus professôres de ciência que depositaram nêle as mais ambiciosas esperanças; esperanças das quais chegaram a fazer com que partilhasse o pastor Pontoppidan. E foi por isto que êle permitiu, não obstante seu reduzido orçamento, que Henrik fôsse estudar em Copenhague, na Escola Politécnica. Aprovado sem dificuldade nos exames, o futuro romancista pensava simplesmente em obter seu diploma de engenheiro. Pois, refletia, uma época extinguira-se para sempre na história da Dinamarca, a época do *vaudeville*. Com os meios de que dispunha a técnica, o mundo seria transformado. E o engenheiro H. Pontoppidan participaria dessa transformação.

Viveu a existência de estudante pobre, vagando de uma pensão a outra, até o dia em que teve a sorte de encontrar, na

casa de um casal já velho, um quarto magnífico, onde o tratavam como a um filho. Pode-se ver em seu romance *Lykke-Per* (Pedro, o Venturoso) que reconhecida lembrança conservou daquela temporada.

Visitava as curiosidades de Copenhague, principalmente se as visitas eram grátis. Ia também algumas vêzes à missa solene da igreja real, quando pregava o bispo Martensen, com suas vestes solenes de veludo e todo constelado de condecorações: observa, em suas *Memórias,* que ia ver Martensen mais ou menos como se vai ao jardim zoológico, ver um rinoceronte.

Também relata a impressão que lhe causaram os sermões do pastor Frimodt, da *Indre Mission,* um verdadeiro Savonarola dinamarquês. Ia por curiosidade, para ouvir as espantosas descrições do inferno que, sem dúvida nenhuma, esperava a maior parte dos que o escutavam. O Savonarola, de súbito, dirigia-se a algum de seus fiéis: "E tu, velho pecador, sim, tu, com tua barba e teus cabelos brancos, retém minhas palavras. O dia do julgamento se aproxima. Estás acaso preparado para te apresentares diante de teu Deus?"

De maneira muito vaga, Pontoppidan sabia haver em Copenhague um outro orador que reunia em tôrno de si um grupo de discípulos: era Georg Brandes — só bem tarde, porém, êle conhecerá a importância de sua mensagem. E por enquanto, nada espera da Universidade.

Mais que a agitação literária, interessa-o nessa época a luta política. Segue com atenção as sessões do Parlamento, os ousados discursos de Berg, líder da oposição, o alvorôço desta última quando se falava no perigo de uma dissolução: Berg era então um colosso dos pés de barro? Não está longe o tempo em que, contra a vontade do povo dinamarquês, governará Estrup. Mas êste povo, como se porta? "Há agora em frente ao Parlamento" — diz Pontoppidan em suas *Memórias* — "uma estátua eqüestre do rei, quando um monumento de vergonha deveria recordar aquela tentativa pérfida de restau-

rar o absolutismo. O rei não podia compreender os irreparáveis prejuízos que aquêles anos de ilegalidade causaram à vida nacional. Quando celebrou suas bodas de ouro, em pleno combate, recebeu as homenagens mais respeitosas de uma população que parecia haver totalmente esquecido as ofensas feitas ao direito." Frases como estas, encontramo-las com freqüência nos romances de Pontoppidan.

Entrementes, seu entusiasmo pela profissão de engenheiro parecia extinguir-se. Deseja fugir à atmosfera da escola, viajar, ver espetáculos novos. Tenta fazer parte de uma expedição que o govêrno pensa em enviar à Groenlândia, mas é um de seus colegas o escolhido. Isto decepciona-o, decepção tanto mais viva quanto êle havia preparado cuidadosamente sua viagem, documentando-se sôbre a Groenlândia. Esta preparação, haverá um dia de utilizá-la, na novela intitulada O *Urso Polar*.

Sentiu que se apagava o desejo de aventura. E uma vez que a viagem à Groenlândia houvera fracassado, encontra os meios de visitar a Suíça. Durante algum tempo, instala-se nas imediações de Interlaken e emprega seus dias em andar na montanha. A descrição dessas paisagens grandiosas, que encontramos em suas *Memórias* e que publicou em 1889 no jornal *Boerstidende,* mostram a que ponto êle sabia observar a natureza e evocar os seus aspectos. Em tôda a sua obra encontramos descrições assim.

Ao voltar, tentou em vão encontrar um lugar de professor nas escolas da cidade: aceitou então a idéia sugerida por seu irmão Morten, de ensinar as matérias científicas na alta escola popular por êle dirigida, no campo, nas imediações de Hilleroed.

Mas a temporada na escola do irmão devia durar pouco. No momento, o que o atraía era a vida no campo, as oportunidades de encontrar um camponês, de conversar familiarmente com êle, de penetrar no segrêdo de sua existência. "Era

principalmente a condição dos pobres que me interessava e ocupava meu espírito. A desigualdade na partilha dos bens dêste mundo era dali em diante meu problema." Naquela região, povoada de trabalhadores agrícolas, que não possuíam terra e trabalhavam nas fazendas vizinhas, era-lhe fácil satisfazer sua curiosidade. Não longe da escola, existia um velho pardieiro ocupado por numerosas famílias; Pontoppidan foi informado de que o lugar, originalmente, fôra o estábulo de uma fazenda destruída por incêndio; o proprietário alojara seus empregados nos compartimentos das vacas, uma ou duas famílias por compartimento.

Sentia-se atraído pelos camponeses, sendo que os mais pobres excitavam ao mesmo tempo sua piedade e sua indignação, concedendo êle tôda sua simpatia aos que lutavam para conquistar, no domínio social e político, o lugar que lhes era devido. Desejaria ser um dêles, e é isto o que explica seu primeiro casamento de 1881, com uma jovem camponesa de Oestby, que o seduzira pela sua atitude calma e digna.

Morten Pontoppidan esforçava-se por dar ao seu ensino um caráter edificante e religioso. Em relação às questões, ou melhor, à questão política, essencial naqueles dias, a luta contra a arbitrariedade do poder central, tinha Morten, em várias ocasiões, mostrado uma grande coragem: fôra condenado a vários meses de prisão e haviam retirado a subvenção que beneficiava a sua escola. Henrik aprovava-o. Mas, no que dizia respeito à questão religiosa, o futuro romancista era irredutível: não admitia a utilização farisaica da doutrina de Grundtvig. E sôbre o próprio Grundtvig, fazia também algumas restrições: era certamente um grande poeta, mas conhecia acaso ìntimamente a gente do povo? Caminhara alguma vez atrás de uma charrua? Observemos que para Pontoppidan, o povo significa sempre os camponeses. Jamais se interessou verdadeiramente pelos operários urbanos.

Seria um êrro enxergar intransigência nesta sua atitude; Pontoppidan procurava sua verdade e, fàcilmente, encontram-

se textos onde êle faz justiça a Grundtvig. Como todo pensamento sincero, o de Pontoppidan era muitas vêzes sinuoso, e, depois de ter mostrado as fraquezas de uma atitude e de uma doutrina, acontecia-lhe expor os méritos dessa doutrina, ou dessa atitude. É o que os críticos dinamarqueses chamam sua dupla visão, prova de uma atividade leal do pensamento, sempre pronto a corrigir-se, pensamento impregnado de humor, que certamente não foge às posições extremas — mas raramente persistindo nelas. "Cada coisa tem duas asas" — escreverá mais tarde, em 1897, num artigo do jornal *Politiken* — "tudo depende da asa pela qual a tomamos".

Pontoppidan deixou a escola de seu irmão. Em 1884 instalou-se em Oestby com sua mulher e os dois filhos. Preparou um gabinete de trabalho na casa dos sogros. Sua experiência no tocante aos camponeses é íntima e direta; conhece tão bem a situação dêles, que desagrada os mais ricos, insistindo em demasia sôbre a desigualdade que separa os camponeses privilegiados dos trabalhadores agrícolas.

Decidiu, não sem apreensões, dedicar-se à duvidosa carreira de escritor. É preciso saber arriscar, escreverá em seus últimos anos; os desvios e os erros, na maioria das vêzes trazem-nos riscos, que devemos procurar nesta vida com a qual só a aventura pode nos reconciliar?

Descobre que uma atividade voltada para fora — por maiores que sejam as atribuições do engenheiro — não lhe bastaria. Quão significativo é seu desejo de solidão, quando no campo! Não é uma necessidade de meditação, a necessidade de compreender o que se passa em derredor de si e de encontrar os motivos que determinam o comportamento dos homens e, principalmente, o de seus compatriotas? Para que um estudo semelhante seja completo e para que seja claro, a meditação deve chegar à exposição escrita, sob a forma de ficção, se se tem o desejo e o talento de narrar. Êle possuía êsse desejo, e sentia possuir também êsse talento.

Primeiras atividades literárias

A partir de 1881 êle publica, em algumas revistas, os primeiros trabalhos que irão estabelecer sua reputação. Suas novelas em geral foram acolhidas favoràvelmente pelos editôres. Fêz relações com o poderoso Hegel, chefe da editôra Gyldendal, e encontrou em sua casa, por ocasião de jantares suntuosos, os autores célebres da época. Detestava porém o aparato, e, nessas festas, encontrava sobretudo de que alimentar sua ironia, quando o vinho desafivelava as máscaras, e os convivas, contra a vontade, se transformavam em personagens de comédia. Êle se lembrava dos serões, ao lado de sua mãe, quando esta lhe dizia que é bem mais importante saber apreciar as alegrias modestas que procurar a grandiosidade e o ruído. O desejo de vida campestre e de meditação retornava.

Ao fim da temporada na escola do irmão, entregara-se com ardor à leitura, procurando fundamentos sólidos para a sua própria filosofia da existência. Lera Kierkegaard, Hoeffding, "e outros, difíceis de digerir". E deixara-se ofuscar pelo quadro que G. Brandes lhe oferecia da literatura européia. Voltava aos autores russos, louvava a rude maneira dêles, através da qual o leitor seguia com perplexidade e paixão o esfôrço do escritor para apreender e domar sua matéria, como o escultor que faz surgir do mármore uma obra perfeita. Recusava, como estranho à sua natureza, o estilo sobrecarregado de Jens Peter Jacobsen; o estilo deve ser simples, exatamente modelado sôbre a idéia a exprimir, sôbre a impressão a descrever; a necessidade de ornamentação é quase sempre conseqüência de pensamento e visão insuficientes.

Nesses primeiros anos, seu talento exercita-se na composição de novelas, de quadros, de retratos. Mas já pensa em trabalhos de mais fôlego. Em 1883, escreve ao editor Hegel expondo-lhe o plano de um grande romance que daria uma imagem vasta e clara da campanha dinamarquesa, e no qual o principal motivo seria a rivalidade entre os adeptos de Grundt-

vig e os da *Indre Mission*. Trata-se do romance que terá como título *A Terra Prometida* e que só muito mais tarde levará a têrmo.

Enquanto espera, retoma contato com Copenhague, por intermédio de Edvard e Ernst Brandes, que dirigia o *Diário da Bôlsa*. Pontoppidan escrevera no *Politiken* (1887 a 1889); vai agora ser admitido na redação do jornal de Ernst Brandes (1889 a 1891, ano em que o jornal desaparece).

Terá sido o retôrno à vida citadina, ou a impressão causada sôbre êle por uma jovem de Copenhague (1887), com quem aliás viria a casar-se, que provocou, a partir de então, dificuldades na sua vida doméstica? Sua primeira mulher, que via sempre as coisas claramente, deixou a casa, voltou a morar algum tempo com seus pais e em seguida instalou-se em Copenhague (1888). Alguns anos depois foi declarado o divórcio e Pontoppidan desposou, em 1892, Antoinette Kofoed. Decerto conservou êle de sua primeira mulher uma lembrança comovida e cheia de reconhecimentos, mas afinal de contas, a tentativa de comungar com o povo, de unir-se à terra de seu país, aquela tentativa fracassara.

Continuava a interessar-se, não obstante, pelo problema camponês: muitos de seus artigos são consagrados ao assunto, principalmente um (*Politiken*, 24 de novembro de 1887), intitulado *Profetas noruegueses e camponeses de Zola*, onde faz a distinção entre o idílio e a realidade. Conhece perfeitamente os defeitos dos camponeses, mas também não ignora a coragem com que reclamam seus direitos políticos. Sabe, aliás, que a coragem não é distribuída a todos igualmente e que, na luta contra a arbitrariedade, êles se mostraram não raro covardes e hipócritas. Mais tarde, êle será feliz de compartilhar, em 1901, a vitória dêsses mesmos camponeses. Não escondeu, todavia, sua decepção, quando foi formado o primeiro ministério "de esquerda", embora participassem do mesmo um camponês e um professor primário de aldeia. Mas tam-

bém lá estava, infelizmente, um certo Alberti, que viria a ser desmascarado como escroque de alta envergadura e passar longos anos na prisão.

Quando Pontoppidan escrevia seus artigos, uma querela se anunciava entre duas tendências literárias, o naturalismo que até então prevalecera e o idealismo que pretendia conceder, à fantasia e à beleza, seus direitos. Nas resenhas consagradas aos autores do dia (Schandorph, Ed. Brandes, Ernst Ahlgren, Verner von Heidenstam, Axel Lundegaard), Pontoppidan emitiu sôbre o assunto opiniões extremamente nuançadas, fazendo justiça às duas tendências. Desconfia, é evidente, do idealismo, quando êste procura esconder a verdade; mas pode um romance ser destituído de tôda fantasia? Êle retomará a discussão, mais largamente, em *Vigília Noturna*. Mas é oportuno assinalar que, durante sua viagem de núpcias na Itália, ridiculariza os quadros superficiais, que dão do país uma idéia falsa, e opõe a êstes um quadro de Kroeyer, que desagradou ao público, mas que revela a fadiga e a miséria de dois operários chapeleiros.

Não se pode falar da atividade jornalística de Pontoppidan, sem mencionar a coragem com que a exerceu. Em dezembro de 1889, numa resenha sôbre o *Messias* de Viggo Stuckenberg, permitira-se algumas liberdades bem pouco respeitosas sôbre o filho de Deus. Ernst Brandes foi citado em justiça, sob a acusação de blasfêmia. Pontoppidan, então em Berlim, escreveu a Copenhague declarando ser o autor do artigo (assinado Urbanus), do qual assumia a plena responsabilidade. Foi sempre corajoso, tanto por si próprio, como para seu país. Sôbre o espinhoso problema da defesa militar, jamais tergiversou, levantando-se sempre com rigor contra tôda política de fraqueza e de abandono.

Entretanto, continua suas leituras, se bem que, segundo confessa, não seja grande leitor; é nesta época que lhe caem às mãos os livros de Nietzsche, de quem tomara conhecimento através de um artigo de G. Brandes no *Tilskueren*:

havia na obra de Nietzsche, dizia Brandes, muita coisa a ser aproveitada na renovação da literatura dinamarquesa, saturada de temas excessivamente conhecidos: teorias da hereditariedade, darwinismo, feminismo, moral hedonista, culto do povo, etc... os ataques contra os preconceitos comuns estando na iminência de cair na mesma intolerável monotonia.

O artigo atingiu Pontoppidan. Desejoso de descobrir, êle próprio, o que poderia Nietzsche trazer de útil e de nôvo aos escritores dinamarqueses, pôs-se a ler os onze tomos da edição Neumann, e, à medida que o fazia, a grandeza de Nietzsche se revelava mais claramente a seus olhos; era um espírito criador cuja ousadia conquistava a adesão dos leitores. Pontoppidan colheu, dessas leituras, o que melhor convinha a seu caráter, o apêlo à virilidade, à coragem, à personalidade. Não é raro encontrar em seus romances uma inspiração nietzscheana.

Êle nos surge então como um homem afeito ao ar livre, amante da vida campestre, capaz de sentir a natureza e de entrar em contato com aquêles que estão ainda perto da natureza, a pobre gente do campo; de sua ascendência, conservou a tendência a discutir o problema religioso; é um caráter leal, másculo, sempre sincero e corajoso; tem por norma a simplicidade, tanto em sua vida quanto no seu modo de escrever, hostil a tudo o que pareça afetação ou esnobismo, sempre lúcido e cheio de humor, porque sabe sempre ver os dois lados das coisas.

O novelista

É em 1881 que êle se inicia na carreira das letras, e a princípio como autor de novelas. A um crítico influente, Borchsenius, enviara algumas narrativas curtas, solicitando sua opinião. Borchsenius leu-as com interêsse e fêz publicar uma, *Fim de Existência,* em uma revista semanal muito difundida, *Ude og Hjemme*. O conto despertou a atenção de um edi-

tor de Copenhague, que se propôs a publicar um livro, reunindo as histórias que Pontoppidan enviara a Borchsenius. O volume apareceu sob o título de *Asas cortadas*. A narrativa mais importante chamava-se *O Barco Votivo*.

Alguém quis ver no título o prenúncio da idéia geral que Pontoppidan teria da existência. Para êle, seriam os homens uns ambiciosos sonhadores, sem a fôrça e mesmo sem a coragem de realizar os planos concebidos pelos próprios sonhos. E é freqüente citar-se um conto de 1894, *O Vôo da Águia* como o resumo de tôda sua psicologia. A águia que constitui o assunto do conto, fôra posta, com as asas cortadas, num quintal. Porém, sem que ninguém houvesse dado por isto, elas cresceram outra vez. Um dia, a águia escuta um vôo de águias selvagens e seu instinto leva-a a imitá-las. Durante muito tempo, segue as companheiras, mas suas fôrças se esgotam, domina-a o mêdo e ela então regressa ao seu poleiro. Um empregado, julgando tratar-se de uma águia selvagem, abate-a com um tiro.

Pode-se sem dúvida, e sem forçar demasiado as coisas, reencontrar o motivo do sonhador impotente em muitos romances ou novelas de Pontoppidan, mas também em outros autores. Mesmo em Pontoppidan, é êste motivo central? Seria diminuir a riqueza de sua obra, ver e procurar em tôda ela uma variação do tema da águia incapaz de seguir suas velhas companheiras.

Em todo caso, nãc esqueçamos de dizer que o tema se encontrava em *O Barco Votivo*. Um menino, o herói da novela, furta êste barco, pois gostaria de vê-lo vagando sôbre as águas. Suspenso na igreja, não esconderia o barco um desejo de liberdade, comparável àquele que também o torturava? Lançado ao mar, o barquinho flutua orgulhosamente e a criança solta a corda que o sustinha. A água penetra-o, êle aderna e desaparece para sempre. Naufrágio que é o fim inevitável de todos os desmedidos sonhos dos homens.

O título demonstra que Pontoppidan atribuía uma grande importância ao tema do naufrágio. Êste, mesmo assim, ocupa um lugar bem modesto no plano geral da novela; e se, no tema, queremos ver o motivo essencial do trabalho, temos de convir que êste carece de equilíbrio. Tem porém a novela outros elementos importantes. Não se pode negligenciar a intriga, com muitos dos episódios típicos dos romances de aventuras: crime, prisão, roubo, contrabando e arrependimento final para coroar o desenlace. O que é preciso reter, é a mistura de realismo e ironia, elementos que reaparecerão sempre, diversamente dosados, na obra de Pontoppidan. O realismo é singularmente apoiado na descrição de certos personagens, como por exemplo a do sacristão Mikkelsen. "Êle estava sentado, as mãos quase juntas sôbre o ventre que poderia abrigar duas ou três famílias não muito exigentes. As bochechas pálidas, trêmulas, pendentes, quase tocavam a gravata branca, e, se alguém se desse ao trabalho de contá-los, enumeraria nada menos de cinco queixos superpostos: o primeiro, pequeno, redondo e fendido, sob os lábios; depois um respeitável queixo de pastor; em seguida, uma espécie de saco venoso de pelicano, que parecia conter seus órgãos vocais; uma almofada de graxa, roliça, vasta e vermelha como um traseiro de criança; e por último, um babadouro coriáceo, que se perdia sem transição no peito e nas espáduas." Seus gestos, seu andar, sua respiração de asmático são descritos neste mesmo estilo. Sua hipocrisia é astuciosa e mesmo assim grosseira. É verdade que se trata de enganar um pastor, de incrível ingenuidade. É o primeiro esbôço de pastor, na obra do romancista. A descrição insiste no ridículo, que resvala inconscientemente para o odioso. Pois o herói da novela é um menino abandonado, recolhido pelo pastor, cuja espôsa vem a ser para êle uma verdadeira mãe, desesperada da tolice verbosa e hipócrita de seu marido, e da cruel tirania da cunhada. Entrecho banal, inspirado sem dúvida em parte de *David Copperfield*.

Fim de Existência bem indica o estado de espírito de Pontoppidan; é um esbôço naturalista bastante característico: dispersão de uma família miserável, avô morto sem socorros mé-

dicos, mobiliário pobre vendido em hasta pública, avó entregue à Assistência Pública (horrorosa, na época), uma rapariga que vai trabalhar na cidade e se pergunta, ao partir, se o mundo está tão bem organizado como o afirmam os pastôres.

Até 1890, numa série de novelas, Pontoppidan, segundo a expressão moderna, é um autor participante. É na campanha que ambienta seus escritos, salientando sempre, com violência e ironia, a miséria dos trabalhadores agrícolas e o farisaísmo com o qual os camponeses em vias de enriquecer se abstêm de todo e qualquer esfôrço, no sentido de atenuar a sorte daqueles infelizes. Assinalemos apenas a novela intitulada *O Viajante:* aí descobrimos passagens violentas, que bem revelam a maneira como Pontoppidan — ao menos em certas ocasiões — encarava o conflito das classes e os progressos realizados por nossa época. O viajante havia penetrado em terras senhoriais. "Parecia-lhe ver fantasmas que surgiam: os homens dos séculos passados... formas oscilantes, mudas, avançando penosamente sob as vistas severas do intendente, empurrando a charrua ou apanhando pedras. Embaixo, no vale ou no denteado frontão do castelo erguido no flanco da colina, via brilhar a janela, da qual, ébrio de poder, o conde passava em revista seus trabalhadores, fazendo-os desfilar todos os dias, sem chapéu, sob o jugo... Além, por trás dos pântanos, ao longo da alta fila de álamos perdidos em meio ao nevoeiro, havia o antigo caminho pelo qual eram levadas, as mãos para trás, em direção ao castelo, as virgens; por êste mesmo caminho, o gracioso senhor cavalgava orgulhosamente com seus cavaleiros, enquanto os camponeses tomados de terror se escondiam nos campos."

Mas é também sôbre êste mesmo caminho que, uma noite de Natal, passava um bando de camponeses, com o rosto negro de carvão, levando tochas e lanternas acesas; forçavam a porta do castelo, subiam em desordem as escadarias, destruíam tudo com suas achas e clavas, esquartejavam o senhor, uivando de alegria, e jogavam os pedaços de seu corpo nas águas do fôsso, enquanto os companheiros bêbedos violavam a senhora.

Como tudo isso estava distante! E entretanto o viajante se espanta "de que semelhantes horrores pudessem haver existido, tão poucos séculos antes de nossa época de liberdade, de progresso, de humanitarismo".

A segunda parte da novela, nos põe sob os olhos um abominável exemplo de negligência e abandono, em relação a uma velha. E voltam ao pensamento do viajante, como um refrão irônico, aquelas mesmas palavras: "Época de liberdade, de progresso, de humanitarismo!"

Uma coletânea de novelas intitulada *As Nuvens* é dedicada ao conflito político. O rei, como antes foi dito, não consentia em escolher seus ministros na maioria parlamentar; e o govêrno, não podendo fazer votar o orçamento, resolvia as dificuldades financeiras valendo-se de meios provisórios. Pontoppidan toma partido claro contra essa ilegalidade. Não em seu próprio nome: sua desaprovação e seu desprêzo revelam-se no modo como êle apresenta os acontecimentos e os homens. É por exemplo, um juiz encarregado de fazer uma penhora para ressarcimento de impostos que os contribuintes se recusaram a pagar: êle tem vergonha da tarefa, ilegalmente imposta, pensa em demitir-se, mas é fraco. E como não ceder aos pedidos da espôsa? Desperta nêle, revestido de podêres, o intrigante, temido e perigoso, opondo-se a qualquer progresso e feliz de empregar a violência. A novela *Dois Amigos* repousa sôbre uma oposição irreconciliável, que em alguns instantes de discussão destrói uma amizade de muitos anos. "Agora estamos sós", são as últimas palavras da novela, que lembram o fim de *Um Inimigo do Povo,* de Ibsen.

Pontoppidan, invariàvelmente, atribuiu o papel de vilão aos representantes das idéias retrógradas, mas está bem longe de conceder aos adversários dêstes uma aprovação total. Sem dúvida, na novela *Fiel até à Morte,* a energia do velho camponês que se faz transportar, agonizante, à cabina eleitoral, é um exemplo inteiramente puro de heroísmo, mas, na mesma novela, um homem da esquerda, professor numa Universidade

popular, impede a vitória dos seus por ambição egoísta. Êste é um tipo que com freqüência encontramos em Pontoppidan: o intrigante untuoso, que transforma em benefício pessoal a justiça da causa que aparenta defender.

O que Pontoppidan reprova nos homens da esquerda, é sua tendência a embriagar-se com as palavras e também a contentar-se com elas. É sua ineficaz solenidade. Um dos personagens da novela *Presente Duas Vêzes,* está exilado na Noruega e espera que um levante seja deflagrado na Dinamarca; quando é levado a efeito o atentado contra Estrup êle acredita que é chegada a hora, e volta a Copenhague pensando em encontrar a cidade cheia de barricadas. Não sem dificuldades, toma contato com o líder da oposição, e se lhe oferece para qualquer serviço. Mas o partido está ocupado em outra coisa: na organização de uma festa, com baile e outros divertimentos.

Pontoppidan resume sua impressão na novela intitulada *A Fôrca de Ilum,* na qual retoma o motivo das violências imperdoáveis em que se envolviam noutros tempos barões e camponeses. A oposição de hoje se contenta em enviar ao rei, com todo o respeito, memoriais redigidos em estilo de sacristão. Um personagem estranho, que lembra o exilado da Noruega, extrai a moral desta situação. Acusa os dinamarqueses de falta de coragem? Não, êle não vai tão longe, mas declara-os incapazes de sublevar-se contra a opressão. Falta-lhes o fermento das revoluções. "Já observaram algumas vêzes, quando por ocasião de uma catástrofe, como o incêndio de Christiansborg, essas figuras bravias que não encontramos com muita freqüência nas ruas? Indivíduos saem de cavernas e esconderijos que ninguém conhece... preferem sofrer tôda a miséria humana em seus buracos escuros, preferem tudo, menos perder sua liberdade sob a proteção das autoridades... Vocês os chamam 'a ralé'. Pois bem! Viva a ralé!"

Um humor cruelmente irônico caracteriza talvez a exata posição de Pontoppidan. Os habitantes de um vilarejo se indignam com a criação de um corpo de polícia, após o atentado con-

tra Estrup; se um policial tiver jamais a audácia de aparecer entre êles, saberão eliminá-lo como merece. Mas ninguém ousa levantar um dedo, quando o primeiro agente faz a sua aparição; felizmente, um cão se precipita contra o cavalo e derruba o cavaleiro. E o vilarejo inteiro estremece de orgulho, com o memorável feito.

Terra Prometida

Desde muito tempo, concebera Pontoppidan a idéia de um grande romance que descrevesse a vida dinamarquesa no campo. Em 1883, escrevia ao editor Hegel, dizendo-lhe que em breve concluiria um nôvo trabalho. "E assim que o terminar, penso lançar-me a uma obra importante com a qual sonho há muito: cheguei mesmo a fazer, de tempos em tempos, alguns esboços breves. Será um amplo quadro, em côres claras, do campo, no gênero de *Quando eu era Fazendeiro*, de Fritz Reuter, mas na região de Horns Herred, que tão bem conheço. O motivo principal será o conflito do Grundtvigianismo e da Missão Interior, do cristianismo alegre e do cristianismo sombrio; esforçar-me-ei sobretudo no sentido de fazer descrições pitorescas e vivas do que não encontrou ainda em nossa literatura uma forma satisfatória: as grandes reuniões populares, as festas religiosas ou políticas, as festas de Natal e todo o resto, do que adquiri aqui um conhecimento profundo."

Êste projeto deveria amadurecer longamente no espírito de Pontoppidan, para afinal realizar-se num romance em três partes. *Terra Fértil, A Terra Prometida, O Dia do Julgamento*, que apareceram respectivamente em 1891, 1892 e 1895. Entre 1892 e 1895, Pontoppidan publicou outras obras importantes: *Lembrança* em 1893, *Vigília Noturna* em 1894, *O Velho Adão* em 1894.

A trilogia da *Terra Prometida* é assim um vasto romance no qual as qualidades do autor se expandem e se ampliam de modo extraordinário. Êle pintou a campanha dinamarquesa,

inicialmente em seu aspecto exterior, uma vez que sempre foi muito sensível aos aspectos da natureza, mas foi sobretudo sua mentalidade que êle fixou, tal como se exprimia nas manifestações religiosas, nos conflitos de doutrinas e, por conseqüência, em seus movimentos políticos. Esta psicologia coletiva serve de fundo e apóia uma psicologia individual penetrante e lúcida. Os personagens, bastante numerosos, são retratados com exato senso de observação em seu comportamento exterior e nos motivos que os fazem agir. Porém a atenção, a busca moral de Pontoppidan se concentram em um personagem principal que não abandona o primeiro plano do romance, conferindo-lhe sua unidade e sua solidez.

Como algumas vêzes sucede — ou quase sempre — em Pontoppidan, seu herói Emanuel fracassa na realização de seu ideal, sucumbe ante as dificuldades de uma emprêsa demasiado ambiciosa, mas sucumbe ainda mais em conseqüência de sua própria fraqueza. É um homem da igreja, vigário aliás, e mais tarde pastor numa região isolada do Sjaelland, por êle próprio escolhida em virtude de seu isolamento. Entusiasma-se pela grande reconciliação, a fraternidade entre as classes camponesas e aquêles que até então possuíam a cultura e o poder. O campo, com o trabalho físico, os costumes simples e honestos, aparece-lhe como a terra fértil onde germinará um nôvo nascimento, tanto para os indivíduos como para a própria nação. E para solenemente consagrar suas idéias, toma por mulher uma jovem camponesa. Tal é, em linhas sumárias, o conteúdo da primeira parte. Mas êste resumo não dá idéia da riqueza do romance. Falamos da importância concedida por Pontoppidan, em suas novelas, à paisagem. Êle se revela, no romance, um admirável paisagista. Há vastas descrições do lugar onde irá viver o herói, visto, sob a tempestade e a neve, como quando faz bom tempo, de preferência de um ponto elevado, de onde se descortina o horizonte. A existência e as maneiras de ser dos camponeses são estudadas com o máximo cuidado.

Visitamos os pais da noiva de Emanuel: o pai, Joergen Anders, e Else, a mãe, são descritos com uma minúcia e uma

grande riqueza de pormenores, em seu aspecto exterior, jamais negligenciado por Pontoppidan, mas também no modo como se exprimem e no tema de suas conversas. A tomada de contato entre o vigário, de cultura citadina, e os camponeses não muito bem-educados, as hesitações, a timidez e, progressivamente, a confiança afetuosa, tudo isto é seguido com uma vivacidade ágil, que produz no leitor a ilusão da verdade. Pontoppidan quis pintar, como prometera, a atmosfera que envolve a vida no campo, as reuniões de amigos nos vilarejos, e a atividade das altas escolas populares, enfim a renovação religiosa e política dos camponeses durante o último quartel do século XIX.

Os aldeões não estão nada contentes com o seu pastor, reacionário e dogmático. Uma verdadeira conspiração é urdida contra êle, dirigida por um impenetrável personagem, o tecelão Hansen. O que os camponeses principalmente desejam, é conquistar para a sua causa o nôvo vigário Emanuel Hensted. E seus esforços são coroados de sucesso. Emanuel pede a palavra em uma de suas reuniões, e seu discurso é um elogio da vida simples e inocente, como a que se leva na campanha, e da renovação que êle pensa trazer àquelas almas que a civilização desviou do seu caminho e algumas vêzes corrompeu. O dia vai terminar com uma festa às margens de um lago, com danças e canções. Emanuel está definitivamente conquistado, e é nessa noite que êle decide esposar a jovem camponesa Hansine.

A presença de seu vigário entre aquêles que são considerados como adversários, provoca no pastor Toennesen uma violenta cólera, que a notícia do noivado de Emanuel leva ao paroxismo. Segue-se uma altercação exaltada entre pastor e vigário, discussão na qual se reflete o conflito dinamarquês da época. A cena chega a ser datada com exatidão: a queixa enviada às autoridades pelo pastor provoca a visita do bispo, no qual é fácil de reconhecer um dos ministros de 1864, o bispo Monrad, no momento em que tem a intenção de ingressar na política. Com diplomacia, porém com firmeza, êle toma o partido de Emanuel, dando ao pastor Toennesen um pôsto hono-

rífico, de maneira que Emanuel possa suceder-lhe como pastor. Com sua noiva camponesa, êle se crê ligado para sempre àquela terra.

Pontoppidan, por seu lado, sabe muito bem que a região apresenta outros aspectos, que não são nem edificantes nem idílicos. Por ocasião de um jantar que o pastor oferece aos membros influentes da paróquia, êle dá livre curso à ironia, mostra o que o egoísmo e a grosseria podem produzir numa total ausência de cultura. Uma partida de cartas na casa do prefeito, na qual uns enganam os outros e se embebedam, quase chega à caricatura. Mas, ao contrário do romancista, que sabe sempre ver os dois lados das coisas, Emanuel está inteiramente cego pelo seu generoso entusiasmo. Pontoppidan descreve então, como fino psicólogo que é, os elementos do seu caráter. Sua hereditariedade encerra uma contradição: sua mãe era uma natureza exaltada; antes de casar-se defendera a causa do povo, precisamente na região onde Emanuel vem a ser pastor e onde a lembrança de sua atividade continua viva. O tecelão Hansen, o bispo, o diretor da escola popular falam a Emanuel sôbre o respeito que ela lhes inspira. Esta mulher desposou contra sua vontade um alto funcionário de Copenhague, penetrado de conformismo e naturalmente reacionário em matéria de política. O ardor que a inflama extingue-se com êste casamento e ela põe fim voluntàriamente a seus dias — o que o pastor Toennesen revela à sua filha, para explicar o que êle chama a loucura de Emanuel. Êste leva pois em si aquelas duas fôrças antagônicas, é o desacôrdo dinamarquês encarnado em um só homem. Não é de admirar que êste personagem seja instável, exposto a súbitas reviravoltas, porém terrìvelmente abatido pelas próprias mudanças a que é sujeito. Para dizer a verdade, são-lhe poupados, em *Terra Fértil,* êstes sofrimentos: sua aventura desenvolve-se em linha reta, e sem outro obstáculo que as admoestações do seu pastor e a desaprovação de sua família. As diversas etapas são longamente descritas, cada uma comportando um minucioso quadro da vida camponesa: a retirada da neve sôbre o caminho seguido por Emanuel, a conversa com o tecelão em casa dos pais de Hansine, a reunião pre-

sidida por Emanuel e a festa que se segue, o banquete de núpcias. E é preciso não esquecer a visita do diretor da escola popular, descrita com acentuado humor, mostrando um homem transbordante de benevolência e de tagarelice edificante.

Dentre os numerosos pastôres encontrados nos romances de Pontoppidan, Toennesen ocupa lugar importante; é êle o adversário declarado das idéias novas e particularmente dêsse cristianismo alegre onde o sentimentalismo dos fiéis ameaça perigosamente a autoridade do pastor. Defende o dogma em todo o seu rigor e a autoridade de ministro de Deus: "Não é apenas o direito do padre, diz a Emanuel, para iniciá-lo em suas funções, é também um dever sagrado e imprescindível em relação a Deus, manter em qualquer circunstância a autoridade absoluta da Igreja. As relações de outrora, as relações patriarcais entre o pastor e seus fiéis, pertencem infelizmente à História Antiga." Aliás, êle não põe a culpa nos ateus e nos livres-pensadores. Não, são os próprios padres que se deixaram ofuscar pelas idéias novas e minaram o respeito devido aos que são encarregados de anunciar a palavra de Deus!

Êle encontra um adversário na pessoa do bispo. Numa discussão que aos poucos vem a tornar-se acre, diz o bispo: "É preciso também não esquecer que, principalmente com respeito aos camponeses, temos a obrigação de reparar muitas injustiças velhas; e, se se experimenta neste momento uma tendência que procura conceder-lhes influência determinante nos acontecimentos políticos, isto é simplesmente um ato de eqüidade, que devemos cumprir não apenas pelos camponeses, mas igualmente pelo bem do Estado."

Assim se manifesta, nesse primeiro período, o entusiasmo de Emanuel. Sua hereditariedade maternal o guia, e os obstáculos que êle encontra são fàcilmente superados pelos conselhos do bispo e graças à influência que a mãe exercia sôbre êle, desde sua infância.

Sete anos separam a primeira parte da segunda. Durante êste lapso de tempo, esforçou-se Emanuel para realizar seu ideal de vida simples e inocente, praticando os trabalhos dos campos. Produziu-se no entanto a esperada metamorfose? Êle passou a usar o gabinete de trabalho de seu predecessor, mas a verdade é que não passa aí mais de meia hora, o tempo suficiente para a sesta. Seus sermões e suas conferências, prepara-os sempre empurrando a charrua ou durante as visitas aos pobres e doentes. Gosta de repetir que passou a desdenhar os livros, havendo descoberto que os pássaros do céu ou mesmo as vacas nos estábulos ensinam-lhe bem mais sôbre a sabedoria prática que os mais profundos livros. Certamente o encontramos, desde o início dessa segunda parte, trabalhando metido numa blusa grosseira e calçado com pesadas botas cujos canos chegam à altura dos joelhos, cabelos em desordem e barba ao vento. Mas tudo isto não passa de aparências e a ninguém ilude. Os outros logo se apercebem de que êle não é um camponês: sua silhuêta é desajeitada, suas espáduas estreitas, os ombros sem firmeza. As mãos são avermelhadas e mesmo tumefactas, sem a desproporção característica daqueles que, desde criança, fazem trabalhos grosseiros. Também seu rosto não tem uma côr uniforme e sombria de couro, como o dos camponeses: é pontilhado de pequenas manchas brancas.

Seu predecessor mantivera a autoridade pastoral, a eficiência na manutenção da casa e das culturas. Em seu lugar, que fêz êle? Sòmente muito tarde, irá perceber quanto é perigoso permitir-se, com seus paroquianos e domésticos, uma familiaridade excessiva; o presbitério rico arruína-se aos poucos, à falta de cuidados, e muitos de seus quartos e salas jazem abandonados. Para valorizar suas terras, Emanuel está atento a tôda novidade, recebe muitas brochuras e acredita no que dizem, mas suas experiências são quase sempre mal sucedidas, uma pesarosa comiseração, da parte dos sogros e da mulher, sendo a única recompensa que obtém.

Os camponeses não podem deixar de associá-lo a suas atividades políticas. É o momento em que o govêrno direitista

lança o desafio à opinião democrática do Parlamento e do país. Pontoppidan nos dá um testemunho da indignação suscitada entre a gente do campo. Uma reunião de "amigos" é convocada na casa do prefeito, bem diferente da que vimos, consagrada às cartas e às bebidas. "A consciência política que o ensino popular desenvolvera entre os camponeses, acabara por atingir êsse homem adormecido (o prefeito) e lançara-o na luta pela libertação de sua classe." Êle sabia conduzir-se bem em público e possuía um certo dom da palavra. Precisaria de mais para tornar-se o célebre chefe camponês de Veilby? Ao lado dêsse chefe prudente e esperto, Emanuel aparece ligeiramente ridículo, sempre no mais alto grau do entusiasmo e da indignação, pronto a quebrar tudo, sem jamais pensar nas conseqüências.

Um acontecimento trágico, a morte do filho de Emanuel e de Hansine, domina esta parte do romance e provoca dentro em pouco uma mudança de estado de espírito entre os dois esposos, Emanuel mostrou-se inferior às circunstâncias, é o responsável pela morte do filho. Durante dois anos, não obstante a insistência da mulher, recusou-se a mandar chamar um médico, pondo tôda sua confiança em Deus e na natureza. Êle detesta aliás o médico do lugar, incréu, impregnado de cultura humanística e de mentalidade burguesa. Surge assim, mais uma vez, o antagonismo que separou em dois campos o mundo dinamarquês. Agora, sem dúvida em conseqüência do acabrunhamento produzido em Emanuel pelo seu luto, a dúvida começa a inquietá-lo. Aceita um convite para ir à casa do médico, aí encontra a filha de seu antigo pastor, Ragnhild Toennesen, que não conseguiu jamais divertir-se no campo nem compreender os camponeses. Durante o jantar, inicia-se a inevitável discussão e Emanuel sustenta com eloqüência os direitos dos camponeses. Suas palavras operam uma verdadeira conversão em uma jovem, parenta do médico, que renuncia à sua existência vã e conserva diante de seus olhos a visão do profeta anunciando a boa-nova. Pontoppidan parece haver buscado inspiração numa passagem de *Brand,* de Ibsen. E todavia, Emanuel é agora

menos seguro de si, começa a interessar-se por conversas que o façam esquecer a vida presente e evoquem Copenhague.

Essas mudanças não escaparam à vigilância de seus paroquianos, que decidem desembaraçar-se dêle. Por ocasião dos funerais do diretor da escola popular, o tecelão Hansen lança contra êle um furioso ataque. Emanuel não pode mais continuar como pastor em Veilby; Hansine percebe isto, fala-lhe a respeito, mas ao mesmo tempo ela compreende que seus caminhos devem separar-se e que Emanuel deve regressar a Copenhague, para a companhia dos seus. Com esta separação, encerra-se a segunda parte do romance.

Na terceira e última parte, *O Dia do Julgamento,* o lugar da ação não é o mesmo; desenrolam-se os acontecimentos na escola superior de Sandinge e em seus arredores imediatos, o assunto não sendo mais a oposição de duas culturas e dois mundos, mas a exposição das tendências que se desenvolvem no seio da igreja dinamarquesa; a aventura pessoal de Emanuel Hansted chega a seu têrmo. Pontoppidan vai fazer agir, ou melhor, fazer falar diante de nós um certo número de padres. O lugar de suas discussões ou, para empregar a expressão dêles, de suas "conversações amigáveis" é a rica e vasta mansão da Senhora Gylling, alta protetora das tendências grundtvigianas. Aí vamos encontrar, logo no início, uma cinqüentena de "amigos": "pastôres atarefados, com suas mulheres vestidas à maneira aldeã, mestres-escolas com a barba enorme, estudantes rústicos de costas curvadas, escrofulosos e de pálpebras vermelhas, e também dois ou três professôres da escola superior e alguns camponeses remediados, moradores na vizinhança, acompanhados de suas mulheres." Pontoppidan não transcreve suas conversações: apresenta-os sempre fazendo uma conferência ou um discurso; abusar da palavra é a fraqueza dêsses homens. Para discutir, numa espécie de colóquio, as crises que dividem a igreja dinamarquesa, é que vieram a Sandinge. O discurso é a sua maneira de ser, sua razão de viver. Na verdade, em seus discursos não parece subsistir muito das crenças tradicionais; os resultados da crítica moderna não mais lhes

permitem considerar a Bíblia como uma revelação, como a palavra de Deus. Procuram noutras coisas as razões da continuidade da fé, disto resultando que a cada pastor é dado interpretar o cristianismo à sua maneira, e que os fiéis já não sabem que apoio ou guia escolher. A igreja, para Pontoppidan, perdeu sua autoridade espiritual e será naturalmente obrigada a tentar reconquistá-la do domínio temporal. Descreve-nos a confusão de um casal de camponeses vindo do fundo da Jutlândia para afirmar sua fé; jamais leram a Bíblia, e eis que o que êles tomavam pela verdade, desaba; alguns chegam a não mais acreditar na existência do Inferno. Que resta, afinal?

O destino de Emanuel liga-se a essas discussões religiosas, porque seus partidários esperam que êle participará das mesmas e pronunciará palavras decisivas. Êle porém, cada vez mais, desprende-se das preocupações terrestres e começa a seguir o exemplo de Cristo. Um pastor, sábio na concepção mundana, oferece-lhe da parte das autoridades eclesiásticas um pastorado vantajoso. Êle recusa: não será o Demônio que procura tentá-lo, como fêz a Jesus no deserto? Sai então a procurar os sêres mais deserdados e mais endurecidos, para levar-lhes a mensagem de paz e de amor, e sua palavra encontra eco entre os pobres e os simples.

Mas êle não mais está em condições de enfrentar um auditório como êste de Sandinge e, quando tenta falar diante de pastôres e de professôres, não consegue articular palavra, persuadido de que seu Deus o abandonou.

Não sobrevive por muito tempo a semelhante choque, e, depois de sua morte, um grupo de discípulos se reúne, de tempos em tempos, em sua memória, ao redor do seu túmulo.

Esta singular transformação de Emanuel na última parte do romance, é um desenlace ao qual não falta grandeza. Mas o problema inicialmente estabelecido, a oposição entre os camponeses e as classes cultas, e a procura de um compromisso, êste problema é esquecido. Tomamos contato, em compensação, com

um aspecto da história da Dinamarca no último quartel do século XIX, o quadro das mudanças no interior da igreja; a luta política não havendo conduzido a coisa alguma até aquela data, sucede-lhe naturalmente a agitação religiosa. Porém, por mais hàbilmente que seja apresentada, essa luta não se encarna verdadeiramente nos destinos humanos do romance. Nesta parte do livro, é o cuidado de seguir a verdade histórica o que inspira Pontoppidan.

Vigília Noturna

Entre a *Terra Prometida* e seu segundo romance *Pedro, o Venturoso,* Pontoppidan escreve uma narrativa importante: *Vigília Noturna.*

O assunto é ainda o antagonismo entre as duas tendências dinamarquesas, no plano político e no plano literário. O herói, o pintor Hallager, tem idéias sociais exaltadas, mais vermelhas que a sua barba e seus cabelos. A ação decorre na cidade de Roma, onde Pontoppidan estivera em 1882. Em Roma, Hallager desposou a filha de um alto funcionário, um grande burguês, e os contatos inevitáveis com seu sogro e os amigos dêste, provocam atritos incessantes, que culminam com um elogio da anarquia, lançado como um desafio à face dos dinamarqueses reunidos em Roma para uma festa em que se celebra a romântica beleza da Itália e a excelência das hierarquias, particularmente na Dinamarca. A cena é de extrema violência e produz na jovem espôsa do pintor um choque emocional que arruína sua saúde e provoca sua morte.

Pontoppidan retoma aqui a idéia da miséria e de sua utilidade, expressa em *Ilum Galgebakke*. Hallager percorreu os quarteirões pobres de Roma e voltou apavorado, mas cheio de esperança, pois é nesses lugares infectos que o fermento vermelho encontra o ambiente ideal. "Quem, desde as épocas mais remotas, fêz a história da humanidade, quer dizer, as revoluções? São os moradores dos subterrâneos, pálidos, esfomeados, sempre prontos a assumir a responsabilidade dos sete pecados capitais

por uma garrafa de aguardente." É preciso ter visto êsses desesperados para compreender as agitações da época. Mas na Dinamarca não existe proletariado e, por conseguinte, não existe liberdade. Não é surpreendente, assim, encontrarmos na parte final do romance a descrição de uma homenagem ao rei, promovida por seus fiéis súditos, por ocasião de suas bodas de ouro, em 1892.

Hallager, em Copenhague, casa-se pela segunda vez, agora com uma mulher do povo. Para ela, apesar de tudo, aquelas festas reais são belas, com suas bandeiras, ramos, ornamentos. "É tão poético, parece que estamos no teatro." Dá assim oportunidade ao pintor de maldizer essa pretensa poesia que corrompe o homem como uma vegetação malsã. Após o que, diz à senhoria, que assistia à discussão: "Não deixe nunca esfriar a sua cólera."

Vê-se fàcilmente como se opera a passagem do plano político para o literário. Desde que Hallager, em política, se interessa acima de tudo pelas questões sociais, preconiza uma literatura de inspiração puramente social, que trate de questões controvertidas, uma pintura que tentará exprimir a miséria e o esfôrço do povo; repudia a arte antiga, a arte da Renascença, e considera Roma e a influência de Roma e de seus museus como prejudiciais ao artista. Roma será a grande corruptora; fazendo com que ainda os melhores percam ràpidamente sua fé e seu vigor. Era, levada às últimas conseqüências, a tendência que G. Brandes fizera triunfar nos países escandinavos. Mas essa literatura naturalista, de caráter social, provocara uma reação bem conhecida, um movimento orientado no sentido da beleza e do lirismo, o lirismo das grandes emoções da alma, a admiração das personalidades vigorosas, dos homens da Renascença. E os discípulos da primeira hora bem depressa haviam abandonado G. Brandes, êle próprio não tendo continuado fiel à sua primeira doutrina. Holger Drachmann é típico dêsses "homens da Renascença".

Hallager cobrirá de sarcasmos êsse "despertar da alma", essa invasão do lirismo. É certo que Pontoppidan considera-o sem grande simpatia. Encontramos, mesmo assim, em seu romance, várias caricaturas de escritores, Drachmann sobretudo (Sahlmann), Gjellerup (Folehave) e sem nenhuma dúvida também o norueguês Björnson (Karl Kristian Honorius Krack).

De extensão relativamente reduzida, *Vigília Noturna* é romance rico e variado. O contraste entre os dois ambientes aos quais o herói se vê ligado por seus dois casamentos, alta burguesia de um lado e proletariado de outro, é particularmente vigoroso: o tom de Pontoppidan eleva-se e não mais descerá nas obras que se seguirão. O leitor atribuirá a Hallager uma parte de sua agressividade, mas, feita esta reserva, descobrirá no romance uma das mais interessantes contribuições para o retrato social e político que Pontoppidan traçou de seu país.

Pedro, o Venturoso

Em 1898, Pontoppidan começou a escrever *Pedro, o Venturoso*, o vasto romance considerado como sua obra-prima. Terminou de redigi-lo em 1904. O romance foi inicialmente publicado em sete partes (2 em 1898, 2 em 1899, 1 em 1902, 1 em 1903, 1 em 1904). Em 1905, o autor retomou a obra e concentrou-a em três partes. É assim que tem sido publicada desde então, e Pontoppidan exprimiu o desejo de que todo estudo sôbre *Lykke-Per* seja feito tomando por base esta edição.

Não é muito fácil traduzir o título, pois a palavra Lykke tem dois sentidos; significa a sorte, e também a felicidade e, se na primeira parte, a sorte favorece o herói, é a felicidade que êle procura em seguida, uma felicidade calma e estóica.

É fora de dúvida que o autor quis fixar, em sucessivos episódios, os aspectos mais importantes da vida dinamarquesa em sua época. E com êste propósito utilizou um recurso muitas vêzes empregado pelos romancistas anteriores, isto é, fazer com

que a vida do herói decorra em ambientes diversos, a semelhança e a oposição entre êstes assumindo o valor de um verdadeiro depoimento histórico. Pedro descende de uma família altamente religiosa, com vários padres entre seus membros, e passa a infância e primeira adolescência em um presbitério de província; em seguida vem a Copenhague, para fazer seus estudos de engenheiro e concebe a idéia de um ambicioso plano, que consiste em utilizar os canais da Jutlândia para o transporte de mercadorias e criar na costa oeste um pôrto livre, capaz de rivalizar com o de Hamburgo.

Toma contato, de resto superficialmente, com os círculos literários de Copenhague; e é admitido como hóspede desejado e logo como futuro genro na família de um riquíssimo financista judeu. No momento em que sua fortuna parece assegurada, uma circunstância fortuita desgosta-o do ambiente que freqüenta; as lembranças de sua infância que o assaltam quando morre sua mãe, fazem-no deixar Copenhague e retirar-se para a Jutlândia; após haver feito a experiência de uma outra forma de cristianismo e desposado a filha de um pastor grundtvigiano, separa-se da espôsa e passa o resto de sua vida na solidão, como humilde inspetor de estradas, num vilarejo perdido.

Semelhante destino pode parecer estranho e mesmo inverossímil, mas a atitude interior do herói em relação aos meios que atravessa é estudada com grande minúcia, e é êsse estudo psicológico que constitui o tema essencial de Pontoppidan, a realidade dinamarquesa.

Inicia-se o romance pela descrição da existência no presbitério, da família Sidenius, rica de filhos, pobre de dinheiro. Quando lemos as memórias de Pontoppidan, descobrimos vários pontos de contato entre a juventude do autor e a de seu herói. Não devemos, evidentemente, atribuir demasiado valor a essas semelhanças; mas é fora de dúvida, que, pelo menos, elas garantem a exatidão do romance.

A família conserva o nome de Sidenius, título de antigüidade senão de nobreza; desde séculos, inumeráveis Sidenius anunciaram a palavra de Deus no país inteiro; algumas vêzes sábios em exegese, mas pobres e isolados, encontraram nas fontes da vida interior uma recompensa a tôdas as frustrações, e é na renúncia que estabeleceram os legítimos valôres e a finalidade da vida. A renúncia é para êles a estrita obediência às exigências tradicionais da fé. No presbitério descrito por Pontoppidan, as apreensões da ambição, as alegrias do êxito, as distrações e os risos são considerados como manifestações condenáveis de frivolidade, que nos afastam da única preocupação necessária, cumprir a vontade de Deus. O pastor Sidenius é de uma severidade jamais atenuada pelo sorriso, nem pela alegria, nem pela indulgência. Seus fiéis escandalizam-se com a sua rudeza e não o amam. A cidade homenageia-o mais tarde com grandes cerimônias funerárias, mas tem-se a impressão de que êste episódio foi introduzido por Pontoppidan para impressionar Pedro. A mãe, por assim dizer, não conhece outra coisa senão o sofrimento, gasta pelo trabalho doméstico e pelos inumeráveis partos; o autor nos diz que ela antes de casar era uma jovem alegre e vivaz, mas sua personalidade submeteu-se à regra austera que seu marido instituiu em casa. E as crianças, naturalmente à exceção de Pedro, são feitas à imagem dos pais; nada existe para êles além da preocupação de obedecer, em tudo, à vontade de Deus. O quadro dessa família, assim envolvida em cinzas e tristeza, parece sem dúvida exagerado, mas, várias vêzes, os Sidenius nos são apontados como representantes dos dinamarqueses. Pedro, em acesso de humor, considera seus compatriotas como outros Sidenius contentes de si próprios, acobertando sua pusilanimidade de pequenos burgueses, com o orgulhoso desprêzo do fariseu pelos brilhos mundanos. Esta falsa humildade se transmitia de geração em geração nos presbitérios, espalhava-se no meio de tôdas as camadas do povo e transformava tôdas as idéias. Certo domingo, na rua, perseguido pelo som dos sinos, Pedro se compraz em adivinhar a baixeza e a desonestidade existentes naqueles por quem passa. Sonham todos, nas suas conchas bem cuidadas, que para êles significam o universo. Como são mo-

destos! Como são felizes! Bravos Sidenius de estrita observância. Poder-se-iam citar muitos outros exemplos. Mas o próprio Pedro se faz adversário dos Sidenius — e as diversas formas da oposição, do desejo de renovação, nos serão apresentadas a seguir.

Desde o comêço, Pedro, em face de seus pais, no meio de seus irmãos e irmãs, representa o espírito de revolta contra tôda restrição religiosa ou moral. Sua decisão de estudar na Escola Politécnica, de devotar-se às ciências que se apóiam sôbre o mundo real e permitem transformá-lo, caminha ao lado das tendências novas que surgem em Copenhague. De um extremo a outro do romance, trata-se de um projeto grandioso, talvez genial, elaborado por êle para utilizar as vias fluviais que atravessam a Dinamarca e criar na costa oeste da Jutlândia um pôrto livre que abrigaria todo o tráfico do país. Durante todo o tempo em que, na capital, trabalha nesse projeto e tenta realizá-lo, entra em relações com os grupos e ambientes mais representativos da época. Primeiro com os artistas e os escritores. Não que se interesse por suas obras; de um ponto de vista utilitário, não pode conceder-lhes grande importância, e êste é quase sempre o problema sôbre o qual discutem com mais exaltação. Para que podem servir os quadros e a poesia dêles? É assim que, sob disfarces que sem grande dificuldade reconhecemos, Pontoppidan esboça ou retrata várias celebridades contemporâneas. Pedro encontra-as de vez em quando em um café chamado *A Marmita* onde se reúnem os "Independentes", grupo de belos espíritos, de idades diversas, em geral bem dotados, porém muito mal desenvolvidos: não haviam alcançado sua plenitude ou tinham amadurecido antes de tempo. O personagem ao qual Pontoppidan parece mais ligado, é o pintor Fritjof Jensen, no qual reconhecemos o poeta Holger Drachmann. Fritjof é o homem das grandes tiradas e dos grandes gestos, considera-se como um senhor da Renascença; e nêle, em verdade, há muito do grão-senhor, e também sem dúvida do gênio, mas também há muito de inconstância, uma grande preocupação exterior e, às vêzes, uma ponta de loucura. Sente uma simpatia muito viva pelo jovem Pedro, mas

não cessa de censurar sua preocupação da utilidade. "Sim!" exclama — "viva a indústria, ergamos nossas pontudas chaminés de fábricas, que o bom Deus melhore nosso sistema de esgotos! Você, alguma vez, já olhou de perto essa felicidade fabricada à máquina? Vá a uma de nossas ruas menos freqüentadas, veja êsses bandos de crianças pálidas, nos buracos em que formigam como vermes num queijo. Ou então vá olhar os bairros dos gatunos milionários, vá olhar os judeus e suas gordas mulheres. Podridão de um extremo a outro. É isto o progresso. São os benefícios da ciência!"

Ao lado de Fritjof Jensen, o romancista põe o doentio poeta Enevoldsen; trata-se do romancista J. P. Jacobsen, e Pontoppidan o mostra, não sem uma certa zombaria, ocupado em polir as suas frases e a contar as suas vírgulas. Aliás, êle nunca ocultou desagradar-lhe o estilo um tanto espêsso de Jacobsen. Concederá maior importância ao poeta Berger, aluno de Enevoldsen, que mantém a tradição do belo estilo. É Johannes Joergensen, que êle põe em cena, apresentando-o como um aluno de Nathan, ou seja: Georg Brandes. Vamos encontrá-lo mais tarde, no romance, depois de sua conversão.

Sôbre Nathan, Pontoppidan concentra o melhor da sua atenção: êle transformou o pensamento da Dinamarca, ou pelo menos o da burguesia. Para dizer a verdade, chegando o jovem Pedro a Copenhague, não percebe de pronto a importância de Brandes. Pontoppidan não nos diz em suas *Memórias* que levou algum tempo para descobri-lo? É um dos admiradores de Pedro, Salomon, o primeiro a falar-lhe de Nathan, e daí por diante êle ouvirá muitas vêzes êsse nome, chegando afinal a encontrá-lo na residência do banqueiro Salomon, pai de seu amigo. Porque, depois de haver Pontoppidan descrito, não sem encanto, na pessoa dos hospedeiros de Pedro — um suboficial da Marinha e sua excelente espôsa, ambos cercados de ótimos amigos — um aspecto da classe média em Copenhague, o herói, por uma fantasia do jovem Salomon, é sùbitamente introduzido em um ambiente muito rico da burguesia israelita de banqueiros e de homens de negócios, onde tôdas as celebridades são rece-

bidas. O noivado de uma das môças, o casamento de outra, permitem ao autor introduzir alguns tipos curiosos e ampliar o campo de seu estudo. Pedro será o noivo da filha mais velha, Jakobe. Mas antes de se conhecerem, Jakobe estivera a ponto de contratar casamento com um dos familiares da casa, Eybert, grande industrial e político importante, ligado ao grupo liberal, ou, como então se dizia, europeu. Seu tato e sua distinção não impedem Jakobe de preteri-lo em benefício de Pedro. A irmã, Nanny, desposará um jornalista, Dyhring, um dos mais detestáveis exemplares da classe. Desnecessário indagar se o retrato que Pontoppidan faz de Dyhring corresponde a suas idéias pessoais sôbre a imprensa. Não é provável que o seja, havendo êle escrito para diversos jornais e não tendo nunca, no exercício desta profissão, aborrecimentos graves. Mas encontrou também alguns jornalistas chantagistas, e é um dêstes que achou conveniente introduzir em seu romance. Haverá sucessores de Dyhring, nos romances seguintes. Ausência de convicções, ausência absoluta de escrúpulos, com um certo *savoir-faire,* tais são para Dyhring as condições de êxito. No momento em que, para assegurar o apoio de seu jornal, é eleito membro de um conselho de administração que levará para seu bôlso, todos os anos, uma bela soma, sem um minuto de trabalho, e que talvez o conduza ao parlamento, seu tio, que o conhece bem, declara que o êxito dêste patife faz duvidar da justiça de uma Providência. "Sem vigor, sem fé, sem patriotismo, êle conseguia cada vez mais influência, mais importância, mais consideração, enquanto fracassavam aquêles que pareciam designados para os lugares de chefe... Era sempre assim na Dinamarca, as gerações sucediam-se, uma após outra, e eram devoradas pelos túmulos, destruídas, curvadas, sempre vencidas. Dir-se-ia que uma doença secreta devorava as fôrças do país, esgotava o melhor de sua juventude, abria as portas da Dinamarca à conquista estrangeira." A partir do momento em que se faz noivo da filha do rico Filipe Salomon, Pedro pode confiar numa solução favorável para seu projeto de pôrto livre. Cria-se uma sociedade sob a presidência do financista judeu Max Bernhardt, para estudar a realização do projeto, e Pontoppidan aproveita-se da oportunidade para descrever um

outro meio de homens de negócios. Max Bernhardt é um dos mais ativos e influentes dentre os especuladores que, no espaço dos dez últimos anos, demoliram e reconstruíram Copenhague e, de uma cidade provinciana, fizeram uma grande cidade de estilo europeu. Reconhece-se nêle um agudo senso dos negócios, inteligência rápida, além de conhecimentos jurídicos e comerciais de primeira ordem. Judeu de nascença, não lhe foi possível fazer naquela época, como haveria desejado, uma carreira de magistrado. "Em que pêse a garantia da Constituição sôbre a igualdade dos cidadãos, nenhum judeu tinha jamais ocupado, na Dinamarca, um lugar de juiz." Vingara-se reunindo uma das maiores fortunas do país, e afirmando cada vez mais seu poder em tôdas as emprêsas. Lançara-se em uma série de especulações audaciosas, sendo sua especialidade criar sociedades por ações para construção de imóveis, e escandalizara seus colegas utilizando meios aos quais ninguém até então ousara recorrer. Pontoppidan mostra-o em atividade, êle e seu grupo, estudando o projeto do herói.

Filipe Salomon não nos é apresentado como um tubarão igual a Max Bernhardt. O essencial aqui é a oposição fundamental entre o meio onde se passa a infância de Pedro, o meio Sidenius, e o meio Salomon, onde êle vai evoluir durante alguns anos. Neste meio, não existem preocupações morais. Só a vida presente e as vantagens que daí possam advir são tomadas em consideração. E é por isto que aí se ouve o eco da grande transformação por que passa a Dinamarca. O principal artesão dêsse fenômeno, aquêle em cuja obra tal transformação melhor se reflete é um dos hóspedes dos Salomons, o doutor Nathan. Ivã Salomon, a par de tôdas as novidades, não deixa de enviar a Pedro uma brochura na qual Nathan descreve o estado em que, voltando do estrangeiro, encontrou a Dinamarca. Depois de haver atravessado a Alemanha, em plena atividade, tivera, desde seu desembarque no pôrto silencioso e vazio de Korsoer, a impressão de flutuar num mundo diferente, o mundo dos sonhos estranhos à terra. E esta impressão se confirmara no trem, cujos solavancos terminaram por adormecer todos os passageiros, e que todos os quartos de hora parava

numa pequena estação, onde dois ou três aldeões, com seus chapéus de peregrino, à maneira de Grundtvig, esperavam, fumando longos cachimbos, não o trem que passava, mas um outro que chegaria duas horas mais tarde. Era um país onde o tempo não tinha valor para ninguém, onde todos pareciam dispor de eternidade. Em Copenhague, a impressão era a mesma: ruas estreitas, o calçamento lamentável como antigamente, lojas provincianas, fiacres que lembravam tartarugas, teatros que anunciavam os mesmos dramas infantis de outrora. A vida parecia ter parado, enquanto que no resto da Europa se podia observar um desenvolvimento intenso e uma revolução espiritual que haviam transformado as sociedades e fornecido aos indivíduos os objetivos mais elevados e mais audaciosos.

É preciso abrir as janelas aos ventos de longe, despertar os dinamarqueses adormecidos e — quem sabe? — talvez ensinar a dançar a êsse povo de pesados sacristãos. Êste o encargo que Nathan tomara sôbre os ombros. Como se possuísse cem olhos, percorria as literaturas de todos os países e de todos os tempos; com um instinto infalível, guardava o que pudesse excitar o brio de seus compatriotas; e, com arte consumada, fizera de tudo um resumo estimulante, por vêzes amargo, por vêzes saboroso. Em algumas páginas, conseguia resumir períodos inteiros, e sua exposição era sempre alerta e viva. A própria confusão dos sistemas filosóficos, êle fôra capaz de esclarecê-la em algumas frases vigorosas, de maneira que os mais obtusos espíritos chegavam a ter uma idéia do problema.

Pontoppidan nos descreve aqui o famoso *Gennembrud* ("Brecha"), que depois de 1870 transformou a opinião dinamarquesa. O sucesso de Nathan-Brandes foi estrondoso, sucesso, na opinião do romancista, não isento de perigo. Não apelava êle para a indolência dinamarquesa? Nunca os jovens tinham adquirido, com igual facilidade e prazer, conhecimentos tão amplos. Mas esta aquisição não seria demasiado fácil? Não suprimia o autor o esfôrço, tão importante na formação dos espíritos e dos caracteres? Não se terminava o livro de Nathan com uma ilusão de conhecimentos, não um conhecimento verda-

deiro? De maneira que a sua influência foi apenas um relâmpago. Pontoppidan pensa em todos os discípulos de Brandes que, um após outro, se afastaram do chefe. Mas o impulso recebido de Nathan havia quando menos renovado sua inteligência e preparara-os a uma atividade independente em outras direções. Êle pensa certamente nos que procuraram uma solução religiosa para os problemas que enfrentavam. Cita o nome de Poul Berger que é, bem o sabemos, Johannes Joergensen.

Por mais importante que seja, a oposição Sidenius-Salomon não nos oferece um quadro completo da Dinamarca. Pedro é assim fadado a outras experiências, e deve-se sem dúvida à necessidade do autor de ser completo a circunstância de dar à existência e à alma de Pedro um aspecto imprevisto. O acontecimento que determinaria o abandono, pelo herói, dos seus projetos, se produz com uma violência irresistível quando da morte de sua mãe. Ela morre em Copenhague, onde a família se instalara após a morte do pai, e Pedro, que não mais reviu os seus é informado de que o ataúde será transportado por mar para a Jutlândia. De seus irmãos e irmãs, é o único que se decide a acompanhar o caixão; e no navio, após uma noite sem sono, um exame de lembranças dolorosas faz reviver a seus olhos a existência da mãe, com uma nitidez jamais experimentada: revê suas fadigas, seus sofrimentos, suas doenças suportadas com uma coragem sempre igual, uma confiança total: confiança em Deus. Mesmo que essa noite de recordações não devolva Pedro ao Deus dos Sidenius, muda inteiramente o rumo de sua existência. Renuncia a seus ambiciosos projetos, renuncia à noiva Jakobe Salomon. Durante um repouso de alguns meses no campo, preparam-se as novas fases de sua vida. Uma curiosa família de fidalgos provincianos hospeda-o. Também aí Pontoppidan não perde de vista a história de seu povo. Olha para trás, para as gerações que sucessivamente viveram nessas terras desde a época heróica dos Vikings e dos náufragos, passando por uma Idade Média brutal, por uma nobreza ainda vigorosa e empreendedora, para chegar hoje a personagens sem razão de ser e sem utilidade. Não deixa de mencionar a chegada do cristianismo e algumas vêzes é lícito perguntar se

êle não atribuiria a êste fato o debilitamento da raça. Mas é sòmente uma impressão fugitiva, sendo necessário que exista, ocupando um lugar, embora insignificante, no quadro que êle se propôs realizar.

Durante êsse tempo, Pedro conhece um padre grundtvigiano, o pastor Blomberg. Êste conheceu o pastor Sidenius e diz a Pedro que suas concepções religiosas diferiam. O pastor Sidenius, como os velhos luteranos, tinha uma visão singularmente estreita da existência. Mal-entendido da ortodoxia, declara o pastor Blomberg, que ainda pesa como um sonho mau sôbre a Igreja e os lares, e que pode afastar da fé os mais bem dotados dentre os jovens. Seu próprio cristianismo é idílico, impregnado da emoção que lhe causa o espetáculo da natureza. Pedro observa até que ponto, mesmo nos meios eclesiásticos, houve um afastamento da velha ortodoxia, com suas sombras, sua condenação da carne e o sacrifício da razão. Nada no cristianismo de Blomberg amedrontava o pensamento ou revoltava a sensibilidade. O mistério da existência se desvendava com uma claridade absolutamente simples. Tudo era natural, maravilhosamente adaptado às necessidades dos homens. O diabo era o produto da imaginação superexcitada dos monges, a danação eterna uma idéia bárbara em contradição com a bondade de Deus. E falava-se o mínimo possível do Além.

Bem depressa Pedro deixa-se levar por tanta serenidade e indulgência. Não é indiferente ao encanto de Inger, filha do pastor, com quem se casa e vive numerosos anos. Mas bem depressa êle se apercebe de que sob a bonomia do pastor se esconde muito de orgulho, de farisaísmo e de obstinação. Não é ainda seu sogro que pode fornecer-lhe uma disciplina do espírito e do sentimento. Que não se veja aí, da parte de Pontoppidan, uma condenação. Simplesmente o romancista desejava mostrar-nos que na Dinamarca, à sua época, havia outras atitudes em relação ao problema da existência. Destas, sobretudo duas o preocupam: primeiramente a dos jovens que adquiriram, sob a influência de Brandes, a seriedade das convicções e o ardor da procura, mas que a partir de um determinado momen-

to, não puderam seguir o mestre e cujo ardor os impulsionou em outras direções; e em segundo lugar, a atitude daqueles para quem o grundtvigianismo continua superficial e que buscam mais profundamente a solução do problema em um estado de espírito que, em certa medida, lembra Kierkegaard.

Como exemplo do primeiro grupo, êle nos apresenta Poul Berger, ou seja Johannes Joergensen, um convertido, e comenta para nosso uso uma coleção de poemas intitulada *Combate de Jacó*, que é uma profissão de fé. A corrente trazida do estrangeiro por Nathan, declara o convertido, é comparável a uma chuva de primavera que fecunda as ervas más e dá à terra um aspecto enganoso de fecundidade. Mas no estio, com a aproximação do outono, as ervas secam e são levadas pelo vento. Felizes daqueles que, na primavera, mergulharam suas raízes até às profundezas onde correm as fontes da vida. Pedro tem a impressão de que essas palavras parecem escritas sôbre o túmulo de tôda a sua juventude. E é bem isto o que êle sente desde muitos anos, o sentimento de murchar, de fanar-se, de perder irremediàvelmente seu vigor e seus meios. E repete as palavras de Poul Berger: "Adeus, época estéril! Eis terminado meu caminho através do deserto. O paraíso de meus pais abre-se diante de mim e, deslumbrado pela claridade, eu me ajoelho sôbre a terra para rezar, cheio de contrição."

Desde muito, Pedro não mais encontra, nem ao lado de sua mulher, nem de seus sogros, a tranqüilidade de espírito e as respostas às perguntas que se faz. Conheceu um certo pastor Fjaltring, que seu sogro considera como um louco e um mau padre. Impossível imaginar oposição maior que a existente entre os dois pastôres. Não são soluções baratas que Fjaltring procura para o problema da fé e da existência. A fé deve ser uma paixão e só a dor pode valorizar nossa vida. Pedro se interessa cada vez mais por estas questões; lê obras pietistas, das quais descobre com tanta freqüência exemplares entre os humildes camponeses; estuda o despertar religioso que, há tão pouco tempo, marcou profundamente o espírito dinamarquês. É tomado de admiração ante êsses camponeses de Fiônia ou da Jutlândia,

ante êsses artesãos de aldeia que travaram um tão rude combate contra a ortodoxia racionalista da época, os solitários que iam como os Apóstolos de aldeia em aldeia, para testemunhar e que eram injuriados pela multidão e aprisionados pelas autoridades; essas pequenas comunidades vivendo segundo o Evangelho, sem preocupações mundanas, não era a própria História Sagrada revivendo em plena Dinamarca?

Pedro transcreve passagens dos livros edificantes aos quais volta sempre: "Nutre-me, meu Deus, do pão das lágrimas, dá-me para beber uma grande taça de lágrimas. Eu me abandono a ti com tudo que a mim pertence, para que tu me castigues. Pois é uma bênção para teu servo que êle deva sofrer e ser atormentado por amor de ti!" Frases que provocam nêle um estremecimento de revolta e que entretanto não consegue esquecer.

Percebe, finalmente, que todos os sábios da terra, mesmo antes do cristianismo, pregaram a renúncia, a paixão da renúncia. É assim que êle mesmo renuncia a tudo, a seu casamento, a seu lar, a tôda ambição. Termina seus dias como simples inspetor de estradas num vilarejo perdido da Jutlândia ocidental, mas reconciliado consigo próprio.

Assim, nesse vasto romance, sem jamais assumir um tom didático, sem jamais perder de vista a psicologia exata dos personagens, Pontoppidan nos deu, vivificado pelos caracteres e pelo desenlace da intriga, um quadro dos diversos círculos sociais da Dinamarca de sua época, e a súmula dos mais importantes problemas que preocupavam os dinamarqueses.

O Visitante Real

Convém dizer algumas palavras sôbre a novela intitulada *O Visitante Real,* incluída neste volume, que ocupa um lugar à parte entre as outras novelas. Aí, o humor é mais acentuado

que em outras obras, notando-se ainda um caráter de fantasia, de brincadeira, que surpreende nesse realista o que quase chega ao burlesco.

Instalados num recanto da Jutlândia, um jovem médico e sua mulher desapareceram aos poucos na monotonia de seus hábitos, seu horizonte se restringe, nenhum interêsse erguendo-os acima da banalidade quotidiana. Ora, uma noite de Carnaval, um hóspede singular penetra quase à fôrça em seu lar, surpreende-os, irrita-os e, irresistìvelmente, obriga-os a participar de uma festa como talvez êles não viram nunca: jantar a rigor, conversas triviais, música. Êles obedecem: não é o rei Carnaval? Impossível descobrir depois donde vinha aquêle visitante, ou para onde foi. Mas a vida dos dois esposos transformou-se, com cenas de ciúme, reconciliações, e todo um renascer da paixão. E o pastor da aldeia não mais os compreende. "Dir-se-ia que há sempre correntes de ar na casa dêles." Até a velhice de ambos, seus pensamentos, sobretudo os pensamentos da espôsa, buscarão o país da aventura.

Esta novela aparece assim como uma transposição divertida das passagens de Lykke-Per, nas quais o doutor Nathan faz o possível para ensinar a dançar aos seus compatriotas, pesadões e sem jeito.

O Império dos Mortos

O terceiro grande romance de Pontoppidan chama-se *O Império dos Mortos.*

Neste, quis o autor atingir proporções mais largas que em *A Terra Prometida* ou em *Pedro, o Venturoso*: é todo o presente e todo o futuro do país que está em jôgo; os personagens importantes, estudados com cuidado, são também mais numerosos; há muitas aventuras que se desenrolam paralelamente, ligadas entre si pelos acasos da amizade e do parentesco.

A unidade profunda do romance não está nessas aventuras; mas no sentimento de pessimismo e de desespêro, que, acentuado desde o início, vai ampliando-se e agravando-se até aos acontecimentos trágicos do desfecho.

Não são inúteis alguns pontos de referência. No momento em que escrevia o romance, Pontoppidan estava doente e padecia grandes sofrimentos; acreditava-se próximo da morte e trabalhava febrilmente para dizer, antes de desaparecer, o que julgava indispensável. "Não sou um autor, mas um soldado leal."

Convidado a fazer uma conferência em Aalborg em 1914, escolheu como assunto *A Igreja e seus homens*. A conferência, que provocou um certo escândalo, é um ataque vigoroso contra os pastôres, de quem condena a frouxidão e, ao mesmo tempo, a arrogância. Perante o progresso da ciência que, cada vez mais, reduz o senso literal da Revelação, não sabem que partido tomar; são incapazes de edificar uma crença sólida. Quantos dentre êles penetraram sós e entregues a si próprios, nas regiões fronteiriças entre êste mundo e o outro, e conheceram êsse instante profundo que cria a fé ou a dúvida? Não esqueçamos estar no país de Grundtvig e de Kierkegaard! Que arrogância, portanto, pretender anunciar às multidões a palavra de Deus!

Um outro texto da mesma época — de 1912 exatamente — exprime todo o desencanto de Pontoppidan. É uma poesia escrita por ocasião do septuagésimo aniversário de Georg Brandes. Um pássaro noturno clama através das sombras:

Esta verdade que, como um sol, lançou ao firmamento,
Quem tirou disto a mínima alegria? A quem ela fortificou?
"Seja feita a luz" — foi seu grito. E nos envolveu a escuridão.
A árvore da ciência que plantou em nossa terra,
Que beijava de longe fiordes e baías,
Não produziu senão frutos apodrecidos, veneno para o nosso povo.

São êstes os três essenciais pontos de partida que dão acesso a *O Império dos Mortos.*

O objetivo de Pontoppidan é oferecer a seus leitores uma imagem da vida política na Dinamarca. E o faz com a ajuda de uma intriga extremamente romanceada, na qual os pontos culminantes são uma campanha eleitoral e um voto decisivo no Parlamento, e a escolha, para herói do romance, de um homem, Tyge Enslev, que dominou durante anos a política do país: êle é "o último chefe de uma época heróica". Foi quem conduziu o povo dinamarquês à conquista das liberdades políticas e de maior justiça social.

Nêle se resumem as lutas descritas no início do presente estudo. Fêz parte do primeiro ministério designado segundo as regras da democracia, após a vitória dos partidos de esquerda. Vindo de origens muito humildes, viveu em Copenhague a existência solitária e sem alegria do estudante pobre. E, misturado às massas distraídas, tomou consciência de si próprio como filho do povo, e escutou ressoar dentro de si o grito estrangulado de uma opressão secular, que não conheceu ainda o alívio ou a desforra. Pontoppidan idealizou-o, muito mais, de resto, no sentido da grandeza e da habilidade política que como uma personalidade moral. Parece haver bem conduzido sua obra de libertação: libertação para êle significa a aniquilação da Igreja, eliminação de sua influência sôbre os destinos do país; não se esquece nunca de lembrar que quando do desastre de 1864, a Dinamarca era dirigida por um bispo (Monrad). Ora, parece-lhe que no fim de sua carreira, as fôrças da sombra se reagrupam e tentam encadear a liberdade. Em um grande discurso político que é, pode-se dizer, o centro do romance, êle se exprime nestes têrmos: "Parece que abatemos os inimigos da liberdade em todos os domínios: govêrno, administração, escolas. Agora, é preciso buscá-los nos recantos mais obscuros, como os ratos. Mas, por outro lado, é preciso confessar que a vitória nos trouxe certos amigos dos quais temos o direito de desconfiar. Assim sucede a todo movimento que ultrapassou os anos difíceis... Velhos adversários se apresentam, a mão

sôbre o peito, e afirmam que no fundo dêles mesmos, estiveram sempre ao lado da boa causa e que só mesmo circunstâncias infelizes os impediram de oferecer por ela as próprias vidas."

São, com efeito, velhos aliados que desacreditam Enslev e lhe infligem uma derrota mortal no Parlamento, no curso de uma sessão pungente e encarniçada. Pontoppidan não escrevera nunca páginas de tanta intensidade, jamais penetrara tão profundamente nos corações dos homens, nunca revelara com igual crueza suas paixões más.

Na luta que empreendeu contra os pastôres, Tyge Enslev nem sempre é escrupuloso na escolha dos meios. No curso da campanha eleitoral acima mencionada, assegura o sucesso de um candidato mais que medíocre, para impedir a eleição de um pastor, que por sinal é seu sobrinho. A carreira de seu candidato encerra-se ràpidamente, com um escândalo doméstico que o fêz perder a razão. O sobrinho de Tyge triunfa na eleição parcial e êste triunfo é explorado pelo partido do padre, com desfiles e cânticos, segundo tôdas as regras da arte.

No dia em que Tyge Enslev pronuncia seu grande discurso perante os eleitores, um personagem singular aparece e pede a palavra. É um pastor expulso da Igreja por pecado de adultério. Deambula, agora, através do país, pregando ao ar livre ou nos celeiros, uma vez que os templos e as salas de reunião lhe são interditas. Acusam-no de excitar as massas contra a igreja de Deus. "Mas, pergunta, onde está essa Igreja de Deus? Esconde-se como uma pobre velha que os vadios perseguem com seus gritos. Enquanto isto, Satã implanta sua igreja na terra: é ela que nós vemos, ávida de poder, não escolhendo meios, desde que lhe tragam consideração e autoridade neste miserável mundo. O serviço de Deus não se acomoda à procura da posse de bens terrenos." E o Pastor vagabundo conta que uma noite Deus apareceu e perguntou-lhe: "Onde está o estremecimento de teu coração? Onde as lágrimas que por ti próprio derramaste? Onde tua angústia, ou a tristeza de tuas noites? Vai-te, pertences ao Inferno." Deformadas sem dúvida

e pronunciadas por uma bôca impura, essas palavras lembravam fatalmente a todo leitor dinamarquês, os ataques lançados por Kierkegaard em *O Instante* contra a igreja mundana, e pode-se mesmo descobrir, neste chamado de Deus, as duas palavras que constituem o título de um de seus tratados: *Angústia e Estremecimento.*

Tyge Enslev compreende imediatamente que pode utilizar aquêle desviado, bastando para isto tornar conhecidas, divulgando-as, suas diatribes contra a Igreja. Faz com que o levem a Copenhague, publica sua biografia e anuncia no jornal do partido, *Cinco de Junho,* os sermões que êle pronunciará. Esta atividade do predicador nas salas imundas tem qualquer coisa de grotesco e, ao mesmo tempo, de sinistro. Não se pode dizer, afinal de contas, que a autoridade da igreja seja atingida, sendo curioso constatar que as admoestações do predicador não são inúteis. Em alguns dos ouvintes — moralmente os melhores — a religiosidade é despertada e purificada. Talvez seja oportuno ver neste paradoxo, mais uma vez, o resultado daquela "visão dupla" das coisas, que caracteriza a reação de Pontoppidan ante a realidade.

O predicador não serve durante muito tempo à propaganda de Tyge Enslev. A organização clerical, a Missão Interior, bem depressa torna-o inofensivo: uma pequena conjuração de benevolência e de sorrisos leva-o ao palácio episcopal de Copenhague, onde lhe concedem o perdão e o dinheiro suficiente para que fique ao abrigo de preocupações.

O relato do contra-ataque realizado pelo partido clerical é um admirável trecho de pintura política e social: nomeação de um bispo para o Ministério da Instrução Pública e dos Cultos, maquinações parlamentares, preparação de um voto de desconfiança, estas as manifestações mais aparentes. Mas êstes sucessos se explicam por um trabalho perseverante, estritamente disciplinado, nos bastidores. Corre dinheiro: Pontoppidan põe em cena homens ricos, avaros e duros, que, no momento de morrer, tentam assegurar-se concedendo doações — agora generosas

— à Missão. Com êsse dinheiro, criaram tôda uma rêde de associações que, nas casas bem instaladas, reúnem com a máxima freqüência possível, fiéis que elas próprias doutrinaram.

Não é negligenciada a parte jornalística: o modo como a nova fôlha clerical, *O Quotidiano*, compra os principais redatores do *Cinco de Junho*, é uma maravilha de astúcia e de velhacaria. *O Quotidiano* é instalado segundo os últimos métodos americanos, com cartazes de propaganda em tôdas as janelas. Os colaboradores, de tôdas as espécies, que enchem as salas de redação, também não têm nada de evangélico. É o habitual rebotalho de proxenetas da literatura, de talentos avariados que, nas grandes cidades, são jogados nas salas de reportagens como a água suja de um esgôto. Pontoppidan já o havia dito; é curioso que volte a repeti-lo.

O chefe da Missão Interior em Copenhague é-nos apresentado como um ambicioso sem talento e sem coração, mas outros pastôres têm uma noção mais cristã de seu dever e dedicam-se verdadeiramente ao serviço dos pobres. O pastor Johannes Gaardbo, sobrinho de Tyge Enslev, é um dêstes. Descrevendo o trabalho dêsse samaritano, Pontoppidan quis talvez desbastar sua crítica, a menos que haja tido a intenção de estabelecer o contraste existente entre essa caridade de Johannes Gaardbo e a sua dureza, a sua intolerância.

A intriga de *O Império dos Mortos*, como já dissemos, é múltipla. Seria necessário, para maior clareza de exposição, isolar os acontecimentos que concernem a Tyge Enslev. Mas essa parte política é como que envolvida em uma outra aventura que confere ao conjunto da obra sua significação humana.

A primeira parte do romance traz como título *Torben e Jytte*. São os dois protagonistas, um homem e uma rapariga cuja existência poderia ser feliz se o infortúnio não nascesse de seu caráter e de suas ações. Torben Dihmer bem cedo foi marcado pela doença; uma insuficiência de secreção desfigurou-o, enfraqueceu-o, incapacitou-o para uma existência ativa. Pensa-se em Copenhague que êle desposará uma amiga de infância, Jytte

Abilgaard. E Jytte está a ponto de aceitá-lo. Por que se recusa? Ela é singular, instável, inquieta, marcada sem dúvida por uma hereditariedade desfavorável. Um de seus irmãos suicidou-se, outro desertou de um navio de guerra em uma escala e, desde então, nunca deu notícias. Jytte traz um pavor dentro de si. Recusando Torben, afirma que não se casará nunca; mais tarde, permite-se fazer um casamento absurdo, de funestos resultados. Divorcia-se e morre de parto.

Nesse destino Pontoppidan exprime seu pessimismo profundo. Jytte é atormentada por pesadelos. Recorda seu irmão Ebbe, o que se matou; sem dúvida percebe que as duas naturezas se assemelham estranhamente e, um dia em que sua mãe quis falar-lhe dos motivos que levaram Ebbe ao suicídio, ela impede-a de prosseguir, com um olhar de terror. Quando quer refletir sôbre si mesma, evoca um sonho de sua infância: fechada numa grande sala escura, ela tateava, tentava abrir as portas. Tôdas estavam fechadas, impossível fugir. Parece-lhe sempre ver no sonho uma imagem de sua vida.

Quando, pouco antes de morrer, vem a saber que Torben já não existe, considera-se responsável e grita soluçando: "Que fiz eu?" Mas ao cabo de um instante, retifica suas palavras e acha que seu amigo é feliz. "O duro combate da vida acabou para êle." Torben fôra libertado dêste mundo horrível onde "tudo é engano, salvo a desilusão, onde tudo é miragem, salvo a frustração e a dor".

Jytte, na verdade, é responsável pela morte de Torben? Não inteiramente. Sem dúvida, desde o momento em que ela recusa desposá-lo, Torben não descobre mais na existência nenhum objetivo que valha a pena ser buscado. Tenta distrair sua melancolia, fazendo algumas viagens prolongadas, em lugares distantes. Volta desiludido, mas é o pessimismo de Pontoppidan que provoca essa desilusão, e não suas decepções amorosas.

Torben renuncia à política e a qualquer outra atividade. Retirar-se-á para seu domínio, em Favsingholm, onde esperará

a morte, pois deixou de observar as prescrições do médico que lhe restituiu a saúde. "Quer que lhe diga o que penso" — dirige-se justamente a seu médico. — "Creio que na minha casa, em Favsingholm, terei a impressão de voltar para o sol e para a realidade da vida, voltar de uma viagem ao Império dos Mortos. Na Europa, na América, tive muitas vêzes a impressão de estar sob a terra, em um lugar de tortura, onde milhares de sombras inquietas se precipitavam na perseguição de uma felicidade imaginária."

Ou ainda: "A raça humana está doente, tomada de loucura. O que, durante dez meses, vi com os meus próprios olhos nas três partes do mundo, me fêz lembrar contìnuamente a ansiedade abominável com a qual um louco provoca a própria destruição. Estou persuadido de que estamos à beira de uma catástrofe universal. Esta atividade intensa pela qual tôdas as nações se enchem de orgulho, que não corresponde a nenhuma necessidade real, são as últimas convulsões de uma sociedade condenada à morte."

Em Favsingholm, leva uma vida simples e próxima da natureza, convicto de que se obtém a felicidade acolhendo sempre o destino com amor, como a noiva acolhe o seu prometido. Declara também que é preciso estabelecer uma amizade sincera com a dor; ela é inevitável e nosso único amigo verdadeiro, nosso único companheiro fiel na existência. Reencontramos os pensamentos dos quais Pedro, o Venturoso, se nutria para suportar a solidão e afrontar a morte. Reconhecemos até na expressão, *amor fati,* uma influência nietzscheana evidente. A intimidade do homem e da dor leva-nos o pensamento aos sábios da Antiguidade, talvez ao Oriente. Constatamos sobretudo que estamos no país de Kierkegaard.

Em Favsingholm, Torben esforçou-se por ser bom para com todos os que encontrava. Não será surpreendente, dada a misantropia do romance, que a recompensa de sua bondade tenha sido incendiarem sua casa. Durante a catástrofe, sentia-se

a uma distância infinita, e o oceano de chamas brilhava ante seu olhar interior como o anúncio demoníaco do incêndio universal que êle esperava, do dilúvio de fogo no qual uma raça humana corrompida ia ser lançada e desaparecer.

Paraíso de Cada Um

Em seu último romance *Paraíso de Cada Um,* que apareceu em 1927, Pontoppidan retoma os motivos que foram utilizados em outras obras. O herói, Niels Thorsen, jornalista violentamente envolvido na política, lembra de perto o pintor Hallager de *Vigília Noturna.* Os personagens são agrupados da mesma maneira: Asta, a mulher de Niels, desposou-o contra a vontade da família; bem cedo repelida por sua violência, o espírito envenenado por pérfidas calúnias, julga-se abandonada, encontra prazer em sua desventura e, como a mulher de Hallager, morre, porém suicidando-se. Não é pois a intriga o que faz o interêsse do romance, nem o caráter violento de Thorsen, réplica muito semelhante de Hallager. As razões desta violência, pelo contrário, merecem nossa atenção. Uma intriga bastante desagradável afastou Thorsen da direção do grande jornal liberal dinamarquês *A Liberdade.* Menos pormenorizadamente que em *O Império dos Mortos,* o autor dirige um ataque violento contra uma certa imprensa corrompida e pérfida. Thorsen, com uma flagrante carência de senso de medida, estende a todo o partido e mesmo ao país inteiro sua condenação, inspirada pelas maquinações dos jornalistas de *A Liberdade.* Recorda o que houve em julho de 1901, quando camponeses e gente da cidade acorreram de todos os lugares do país, para festejar o fim de um govêrno arbitrário e celebrar o primeiro govêrno democrático. Contagiado pelo entusiasmo, subira precipitadamente a um banco e improvisara um discurso sôbre o renascimento da Dinamarca. Ainda não haviam decorrido treze anos, e um dos ministros aclamados encontrava-se agora na cadeia. Triste símbolo! O país não se mostrara digno da liberdade que os combatentes da primeira hora lhe haviam conquistado. E as outras coisas, haveriam também mudado dêste modo? Os camponeses eram antiga-

mente levados a chibata, pelos proprietários nobres: hoje são os barões do Parlamento que comandam e os *junkers* da imprensa que aterrorizam o povo, e todos receiam ser levados ao pelourinho.

É inùtilmente que Thorsen procura formar um grupo de oposição. Alguns de seus interlocutores concordam com a sua denúncia, mas ninguém quer comprometer-se, ninguém ousa enfrentar *A Liberdade*. Desconhecimento dos grandes interêsses do país, frouxidão, covardia geral!

O romance desenrola-se em 1914: na Dinamarca, o exército também foi mobilizado por ocasião das declarações de guerra. Cessado o primeiro momento de agitação, percebeu-se que era possível um arranjo qualquer com o vizinho do sul e que seria mesmo vantajoso abastecê-lo. Nesta ocasião, Thorsen conta que viu, na estação, um recruta, camponês do Sjaelland, grande e forte, pálido de mêdo como se já houvesse recebido uma bala no corpo, enquanto que sua mãe maldizia em altas vozes a possibilidade de entrar em guerra. E Thorsen pensava na Bélgica! "Eu disse a mim mesmo: *Finis Daniae*. E quis conservar a lembrança desta cena. Ela poderia servir de motivo para um baixo-relêvo sôbre a tumba de nosso país."

Numerosas vêzes, êle declara: "Somos um povo sem futuro; a única oportunidade de salvação seria uma guerra européia que nos tomasse pela goela e nos arrancasse de nosso sono."

Um de seus amigos, Clemens Junge, tão entusiasta quanto êle, quando da vitória democrática, recusa-se a aprovar suas violências. Vai de cidade em cidade, fazer conferências no espírito das escolas grundtvigianas, e põe sua confiança no que êle chama "as fôrças silenciosas". A fórmula é bela, responde Thorsen, mas como se manifestam essas fôrças? Ponhamos o ouvido no chão, escutaremos um rumor imenso e contínuo; milhares de camponeses ressonam sem ouvir o que se passa em redor dêles e não é o som de uma flauta que há de despertá-los.

Paraíso de Cada Um segue a mesma linha de *O Império dos Mortos*, com a diferença de que o ataque não se dirige ùnicamente contra a igreja, mas estende-se a todo o país. O pessimismo é ainda mais amargo; e os dois romances terminam com a morte do herói, após um fracasso absoluto.

Êste é o último romance de Pontoppidan. Êle vai ocupar-se agora de aprontar o volume final de suas novelas, que aparece em 1930; publicará ainda uma versão, algumas vêzes bastante alterada, das novelas já conhecidas, sendo que essa terceira coletânea apresenta alguns breves esboços até então não publicados. A partir de 1932, começa a redação de suas memórias, às quais nos referimos e que utilizamos largamente, na primeira parte dêste estudo.

Pontoppidan morreu em 1943.

Conclusão

Encontramos na obra de Pontoppidan o reflexo da história da Dinamarca, durante cinqüenta anos mais ou menos. Período particularmente importante, que assinala a passagem do govêrno autoritário para o democrático, e uma profunda transformação social. Pode-se dizer que lendo a sua obra de ficcionista, seguimos exatamente tais transformações; ou, mais precisamente, elas nos são apresentadas através das descrições, das aventuras dos personagens, de seu comportamento e de suas palavras. A miséria das classes deserdadas, a dureza das autoridades que as ignoravam, a emancipação política dos camponeses graças às escolas populares e aos conferencistas itinerantes, o grande conflito sôbre os direitos respectivos do poder real e do parlamento, a influência da Igreja e a da imprensa, a corrupção das instituições novas, e, por outro lado, os quadros da vida dinamarquesa, desde o presbitério de aldeia até os opulentos círculos de Copenhague, tudo isto desfila ante nossos olhos. História? Sim e não. Sim, uma vez que os elementos da obra são tirados da vida política e social. Não, ou melhor, não intei-

ramente, uma vez que essa mesma realidade se reflete nos personagens, com seu temperamento e sua individualidade, sendo interpretada por êles. Quando duas concepções se defrontam, como as de Niels Thorsen e de Clemens Junge, o dever de Pontoppidan é exprimir cada uma delas com o mesmo vigor e a mesma exatidão. E, com o brilho de sempre, soluciona estas dificuldades, pois tem do real uma visão sempre clara, ou, para utilizar a expressão de que se servem os dinamarqueses, uma visão dupla. Dizendo de outro modo: êle não se engana jamais, vendo sempre o lado temerário das idéias ou dos sentimentos que parecem os melhores e que exprime algum dos personagens, talvez com exagerada veemência. Indiferente, êle não é jamais: o tom geral de seus romances, seus artigos de jornal, suas entrevistas e os volumes de recordações que redigiu a partir de 1932 nos esclarecem suficientemente a respeito de sua posição. É um patriota dinamarquês, sempre atento ao futuro de seu país e que por vêzes cede, com exagêro, ao pessimismo; é um espírito claro, a quem a duplicidade revolta; é um espírito livre que não admite nenhuma tirania, nem física, nem intelectual.

HENRIK
PONTOPPIDAN

O URSO POLAR

e

OUTRAS NOVELAS

O URSO POLAR

I

Imagine o leitor uma grande face rubicunda, com uma barba hirsuta que nem sempre constitui um espetáculo atraente, considerando que esconde, entre seus pêlos rudes, pedacinhos de couve, fragmentos de pão ou fios de tabaco marrom claro. Ponha em cima disto um crânio reluzente, cheio de bossas, com a nuca guarnecida por uma franja de cabelos crespos que pendem sôbre a gola do sobretudo; acrescente um par de pequenas orelhas espêssas e peludas, sobrancelhas algodoadas, um enorme nariz ligeiramente violáceo entre dois grandes olhos azul-claros, que miram vagamente as coisas. Ponha enfim nesse rosto uma sucessão ininterrupta de jogos fisionômicos inconscientes — um freqüente sorriso causado por uma evocação, um alegre piscar de olhos, um franzir das espêssas sobrancelhas, que de súbito se movem, sem motivo, para cima ou para baixo —, tudo isso acompanhado de movimentos de braços ou dos ombros, e terá então a imagem daquele que era o espantalho de tôda a região, o terror de seus colegas, um motivo de indignação para os professôres e o desespêro do bispo, isto é, o pastor das paróquias de Soeby e de Sorvad: Thorkild Asger Einar Frederik Müller.

Pode-se dizer ainda que o pastor Müller tinha nada menos de três côvados de altura, faltava-lhe um dedo na mão esquerda, tanto no verão como no inverno apresentando-se aos olhos do mundo nas mesmas vestes extraordinárias: um capote de pele de cachorro, roída pelos vermes, com capuz; calças de quadrados cinzentos, metidas em enormes botas tresandando a gordura rançosa; um blusão de caça, abotoado, envolvendo seu tronco de gigante. Mesmo em pleno inverno, não se decidia a operar a mínima mudança em seu equipamento. Quando estava frio a ponto de quebrar as pedras, contentava-se em enrolar o pescoço num cachecol de lã, com quadrados azuis e em tomar, numa caixa de rapé vermelha, que sempre trazia consigo e que chamava o seu "pequeno aquecedor", uma pitada suplementar.

Encontrasse, em semelhante tempo, um camponês enroscado — mergulhado em suas roupas de lã, o nariz e os olhos escorrendo —, avançava ao longo do talude oposto, detinha-se com o sorriso mais astuto e gritava através do caminho: "Hei! Você aí! Pelo amor de Deus, tome cuidado, não vá enregelar-se até os ossos!" — após o que continuava seu caminho com um riso ensurdecedor, que fazia estremecer o ar e correr com o focinho para cima, soltando latidos de alegria selvagem, os dois grandes cães amarelos e magros que sempre o acompanhavam.

Um sorriso iluminava seu rosto e seus lábios moviam-se do modo mais alegre, enquanto êle escutava sua música preferida: o estalar da neve sob os seus sapatos.

No cume da última colina antes da aldeia, parava ainda para estirar os membros de urso e aspirar a plenos pulmões o frio picante, antes de sepultar-se sob o teto do sombrio presbitério.

Aí não existia uma gentil espôsa de pastor, ansiosa de tomar-lhe a bengala e o chapéu, escovar a poeira de neve sôbre as vestes e, sorrindo, bater com as pontas dos dedos, afetuosamente, em suas faces molhadas. Nem muito menos uma alegre filha de pastor, que se atirasse ao seu pescoço, lhe puxasse a barba e o chamasse seu "mau, grandão, horrível, delicioso Papai Urso". Só um velho gatarrão, solerte, pardacento, surgia

às vêzes, com um rato na bôca, apanhado no celeiro: olhava-o e desaparecia rápido no extremo do corredor, em um quarto, não habitado, onde pendia um bezerro morto há pouco tempo, cujo ventre aberto exalava ainda o calor da vida.

Segue-se daí que a residência do pastor Müller — "a Toca", como a chamavam todos os paroquianos — parecia, como seu habitante, um fenômeno à maioria das pessoas. Impossível imaginar coisa alguma que se parecesse menos com as pequenas salas tépidas, com bons tapêtes, estantes cheias de livros e confortáveis poltronas, onde nossos padres têm o hábito de fumar o seu cachimbo, preparando os sermões que no dia seguinte pronunciarão. Mesmo no seu quarto de dormir, não havia sombra de cortina enfeitando as janelas, o soalho era negro como um campo arroteado há pouco, e os poucos móveis, um velho canapé sebento, duas mesinhas, um aparador vazio, uma cadeira de balanço com assento de couro e espaldar de madeira, eram jogados pelo meio do quarto, sem a menor preocupação de ordem ou de confôrto.

Uma coleção de peles de ursos e de focas, dentes de morsas, galhadas de renas, etc., pregados à parede como peças de um museu, era sòmente o que podia alegrar um pouco a vista. Mas no canto próximo ao aquecedor, amontoavam-se, numa mesinha de aspecto pouco convidativo, uma tigela de barro contendo restos de sopa de couve, pedaços de pão de centeio, um vaso de gordura ou manteiga, e uma faca.

A razão de tudo isto é que o pastor Müller vivia só. Ou melhor, tinha como lar a região inteira, da qual cruzava da manhã à noite os bosques, as charnecas cobertas de urzes e os pântanos, com seu fuzil de caça ou seu grosso bastão marchetado de ferro, causando verdadeiro pavor às crianças e aos passantes, pelo aspecto selvagem e o riso impetuoso.

Tinha certamente a seu serviço uma velha mulher que lhe devia servir de governanta, como a qualquer outro habitante do presbitério. Mas desde os primeiros dias, viviam às turras. Em seu desejo de independência, nem sequer admitia que a pobre mulher cuidasse das suas refeições, e ainda menos que pusesse os pés no quarto. Na única vez em que desconfiou de que ela invadira seu domínio privado, quase fêz desabar o teto

sôbre a pequena criatura amedrontada que as circunstâncias o obrigavam a conservar em sua companhia.

Um dia em que o pastor Müller — no seu mais terrível bom humor de inverno — voltava ao presbitério, deteve-se um instante à porta, como de hábito, para assegurar-se de que tudo continuava como êle deixara. Nada descobrindo de suspeito, tirou da tabaqueira vermelha, com os dedos inteiriçados, uma sólida pitada e foi preparar a sua refeição. Pôs a tigela contendo os restos da sopa de couve no fogão, entrecruzou algumas achas de lenha sôbre as brasas meio apagadas e quando, ao arder a madeira, o primeiro odor acariciante ergueu-se dos gordurosos bordos da panela, esfregou as palmas das mãos com um ar satisfeito.

Súbito, uma idéia atravessou-lhe o espírito. Dirigiu-se a um armário que ficava no outro lado da peça, abriu-o com um malicioso sorriso, tirou de suas profundezas uma garrafa embrulhada em papel, voltou à mesa e, acompanhando o gesto das contorções fisionômicas de sempre, encheu dois pequenos copos coloridos, postos entre a manteigueira e o pão. Feito isto, golpeou o fôrro do teto, com qualquer coisa que estava atrás do canapé e que se assemelhava a uma prêsa de morsa; com todo o seu pêso, desabou em seguida sôbre a velha cadeira, que gemeu lastimosamente.

Do andar superior, onde ficavam os aposentos do vigário Ruggaard, chegou o rumor de uma cadeira arrastada. Pés calçados em pantufas de fêltro atravessaram de um extremo a outro o corredor e desceram os degraus de uma escada, cujas tábuas estalavam. Portas se abriram e fecharam-se na casa vazia. Enfim, à entrada do quarto, soou uma batida discreta. Müller levantou-se.

O vigário Ruggaard era um teólogo de trinta anos, silhuêta pesada, rosto imberbe, redondo, chato e brilhante como um prato limpo. Metido num chambre cinzento, que ansiosamente fechava sôbre o ventre, ficou de pé à porta, lançando em direção à cadeira um olhar interrogador através de suas lentes redondas e bem polidas.

— Parece-me — disse após um momento, com um forte sotaque jutlandês, enquanto tirava os óculos — parece-me que o senhor bateu no fôrro.

— Mas claro! claro! — respondeu o velho, como se interrompesse pensamentos profundos. — Eu queria apenas perguntar a Vossa Reverência, se não se deixaria tentar por algumas gôtas inofensivas... Tomei a liberdade de preparar-lhe um pequeno trago, pois pensei que o massapão talvez lhe houvesse provocado *também* algumas dores de estômago...

— O senhor não ignora — interrompeu o vigário com uma indignação mal disfarçada — o senhor sabe muito bem que eu nunca tomo álcool entre as refeições. Parece-me verdadeiramente que essa brincadeira deve ser evitada. Se lhe fôsse possível, eu ficaria muito contente de vê-lo descobrir outra coisa para divertir-se.

— Ah, sim, pois é, naturalmente — suspirou o velho, movendo a cabeça com um ar falsamente arrependido. Mas Vossa Reverência não poderia ser condescendente para com um pobre confrade e associá-lo a seus notáveis estudos sôbre o dogma, que farão época? Se Vossa Reverência quiser ter a amabilidade de entrar no meu tugúrio, dar-lhe-ei imediatamente um balde de carvão e uma almofada para abrigar-lhe os pés. Diga-me... o senhor fala de pneumatologia, não é isto?... Ou de antropologia?... De que está tratando agora? De Pierre Lombard?...

Mas o vigário continuava à porta, olhando o velho com uma expressão que flutuava entre uma piedade desdenhosa e a amargura.

— O senhor acha realmente — perguntou, quando o outro afinal deixou de falar — acha realmente, senhor Müller, que está certo falar assim dêsses elevados assuntos? Parece-me que há, em nossos dias, gente bastante para ridicularizar as coisas sagradas, para que nós próprios nos associemos ao escândalo. Recuso-me sinceramente a crer, senhor Müller, que possa ver nisto um modo de passar o tempo, enquanto reinam em tôrno de nós tanta ignorância e tanta miséria espiritual, que precisam de nossa ajuda!... Assim posso dizer-lhe, senhor pastor, que durante sua ausência veio um mensageiro de Sor-

vad, da parte do carpinteiro Povlsen, de quem o velho pai — deve lembrar-se dêle, creio eu — está à morte, ou pelo menos gravemente doente, e é provável que espere o fim de seus tormentos. Como sempre acontece, seus cavalos não estavam em condições de serem utilizados, mas eu prometi ir assim que fôsse possível. Agora, faz um tempo horrível e os caminhos estão impraticáveis. Além disto, o senhor teve a gentileza de esconder minha peliça ninguém sabe onde. Há dias que a procuro. Se quisesse devolvê-la, eu lhe ficaria muito grato.

— Meu Deus! então aquêle pobre homem está assim doente... tão doente? — perguntou o velho com uma preocupação que, desta vez, não era fingida.

Mas ao cabo de um segundo, ergueu a cabeça e um decidido sorriso animou seu rosto.

— Escute, Senhor Bispo! Sabe em que pensei hoje?

— Não.

— Bem... Com a graça de Deus, senhor Ruggaard, trate de casar-se.

— Casar-me... que quer dizer com isso?

— Veja... Li outro dia no jornal um anúncio sôbre os novos fogões portáteis. Então me perguntei se o senhor não teria desejo de casar-se com um aparelho de aquecimento como aquêle. É precisamente isto o que lhe falta. Pense: portáteis! O senhor poderia ter um e conduzi-lo agradàvelmente debaixo do braço, em seus passeios; e à noite, êle conservaria quente a sua cama. Que pensa disto? Não é uma idéia magnífica?

— Permite-me, senhor pastor, que volte a meu trabalho? Ficar-lhe-ei *muito* agradecido — interrompeu uma segunda vez o vigário, depois saudou o velho com polidez irônica e desapareceu.

O pastor Müller revolveu-se na cadeira, soltando uma de suas ruidosas gargalhadas, que faziam estremecer a poeira e as teias de aranha nos recantos sombrios da peça, enquanto os ratos, escondidos por baixo do assoalho, espetavam a orelha, apavorados. No andar superior, escutou-se de nôvo o rumor abafado das pantufas de fêltro, depois o rumor de uma cadeira

arrastada para o seu lugar. Mas o velho continuou a contorcer-se, as pernas estendidas, as mãos cruzadas sôbre o ventre sacudido pelo riso.

De repente, ergueu-se. Anoitecera. O reflexo do fogareiro iluminava os dois pequenos copos, que continuavam intactos sôbre a mesa. Resolutamente, com seus dedos de gigante, êle tomou o primeiro e esvaziou-o; esvaziou o segundo e respirou com prazer.

Em seguida, deu alguns passos em tôrno do quarto, apanhou o bastão marchetado de ferro, tirou o capote do gancho e saiu.

A neve tombava em turbilhões espessos. As trevas, de uma escuridão fuliginosa, eram impenetráveis, uma verdadeira tempestade nórdica. Um turbilhão de neve, agitada de todos os lados, amontoava-se em corcovas da altura de um homem, ao longo das barreiras e nos enrugamentos do terreno. Müller, porém, plantando seu cajado no solo, avançava, seguido pelos dois cachorros.

Longe, por trás das colinas, não o esperava um pobre velho doente?

Entrementes, na "Toca", o ar, novamente tranqüilo, não agitava mais o pó. Os ratos, encorajados pela calma da noite, punham fora dos buracos os focinhos pontudos, corriam no assoalho, mordiam-se, davam guinchos e pulavam no sofá, enquanto que as aranhas, as traças e os vermes passeavam silenciosamente nas peles de urso e nas velhas teias suspensas das traves enfumadas. E sôbre o fogareiro, a sopa de couve esquecida ronronava tristemente reduzindo-se a nada.

Dêste pastor, as páginas seguintes contarão a história, sua estranha carreira, sua vida.

*
* *

Havia, duas gerações antes da nossa — e talvez ainda exista — uma ordenança real, um decreto ministerial ou coisa semelhante, em virtude de que os alunos pobres de teologia podiam obter, para continuar seus estudos, uma importante bôlsa

do Estado, sob a condição de exercer, durante um tempo indeterminado, as funções de pastor em nossas possessões da Groenlândia. Decreto muito humano!

Entretanto — embora aquela época fôsse extremamente rica de teólogos — eram poucos os que se deixavam tentar, e êste pequeno número não pertencia à elite. Para dizer a verdade, eram, ao contrário, pobres diabos famintos, para quem a vida fôra madrasta — destroços de naufrágio a ponto de soçobrar e que, em desespêro de causa, agarravam como tábua de salvação aquela miserável isca que lhes atirava o Estado.

Na verdade "o período indeterminado" prolongava-se na grande maioria das vêzes até o fim de suas vidas. Só se podia esperar a volta antes da morte, como um favor e em circunstâncias excepcionais.

Fàcilmente compreendem-se os sentimentos de um jovem que se candidatava a êsse exílio perpétuo. Com que emoção imaginava o dia em que, tendo chegado a nomeação, tomaria o barco e sairia do pôrto, enquanto os campanários e tôrres da cidade desapareciam aos poucos no horizonte, com tôda aquela costa que certamente nunca voltaria a ver, a menos que, na mais favorável e longínqua das hipóteses, regressasse um dia como um velho, encanecido, a vista enfraquecida pela ofuscante brancura da neve, havendo passado tôda a existência sepultado na terrível solidão dos desertos eternamente gelados. Não era pois de surpreender se, com semelhante perspectiva, os "estudantes groenlandeses", como eram chamados aquêles infelizes, nem sempre se conduzissem de maneira exemplar durante o pouco tempo que lhes restava de vida sob um céu normal. As decepções, as privações, as misérias, os dissabores que já haviam sofrido, tinham-lhes minado o solo sob os pés. O sentimento de terem-se "vendido", depressa aniquilava os últimos vestígios de amor-próprio. Ràpidamente, mergulhavam numa existência inimiga da luz e dos homens, freqüentando tavernas cheias de fumaça, subsolos de cabarés, onde sorviam com uma avidez bestial os prazeres mais grosseiros, enquanto ainda era tempo... até anoitecer, quando, tendo regressado a suas frias mansardas e acendido uma vela, empalideciam vendo uma grande sobrecarta azul, a ordem oficial de apresentar-se para os exames de

teologia, a fim de estar em condições de tomar o primeiro navio da primavera para "a remissão dos pecados, a renúncia à carne e os gelos eternos", como diziam entre si os pobres diabos.

Thorkild Asger Einar Frederik Müller, que fazia parte dêsse grupo, não se comportara de outro modo.

Talvez, entre os que sobrevivem daquela época, existam alguns para recordar-se do estudante de membros vigorosos e aspecto um pouco ingênuo, que provocava o riso onde quer que aparecesse; e então haverão de lembrar-se de seu aparecimento em duas ou três preleções de teologia, a que excepcionalmente viera assistir, e onde provocara, ao chegar, tal hilaridade entre os ouvintes, que no mesmo instante retirou-se. Evocarão, pelo menos, uma dessas salas de bilhar para estudantes, sujas e desagradáveis, onde êle se instalava num recanto sombrio, dias inteiros, os cotovelos sôbre os joelhos e o queixo nas mãos, como se dormisse, enquanto que de olhos meio fechados, assistia ao jôgo dos colegas apenas debuxando um vago e complacente sorriso, quando algum dêles derramava um copo de aguardente sôbre sua cabeça ou se divertia de algum outro modo às suas custas. Sem jamais pronunciar uma palavra nem tomar parte nos divertimentos, mas suportando com paciência as brincadeiras dos outros, acontecia-lhe ficar sentado horas sem mexer-se — como um gigante fabuloso, um pesado gênio benfazejo, que desde muito convencera a si próprio e aos outros de que realmente não existia.

De fato, uma tocante unanimidade reinava sôbre êste ponto, quase desde o instante em que o pequeno Thorkild abrira pela primeira vez seus grandes olhos azul-pálidos na câmara de sua mãe. Parentes e amigos haviam-no declarado "anormal", empregando uma palavra que atenuava um pouco a impressão geral. E mais tarde a pobre mãe apreensiva tomou entre as mãos, muitas vêzes, a grande cabeça da criança para dizer-lhe quão pouco êle devia esperar da vida, e com que paciente humildade deveria suportar o jugo que Nosso Senhor lhe pusera sôbre os ombros.

Thorkild viu a luz do dia em um vilarejo da Jutlândia; seu pai, que era vigário, morreu pouco tempo após seu nascimento, deixando em dificuldades a viúva e o menino. Êste,

quando tinha dez anos, foi pôsto num colégio à custa e sob a vigilância de alguns parentes, que cumpriam assim o desejo expresso por seu pai na hora da morte.

Foram anos longos e penosos para o menino. Mais de uma vez, desesperou-se de que chegasse a alcançar bons resultados; mas como Thorkild, aos vinte anos, acabasse por ser aprovado nos exames do curso secundário, inscreveram-no imediatamente como candidato à Groenlândia, e ao mesmo tempo a família esforçou-se por convencer a mãe, frágil e tímida, que esta era a única saída para êle.

Thorkild não opôs nenhuma resistência, aceitando resignadamente a solução, como aceitava aliás todos os golpes da sorte. Havendo compreendido bem o que se esperava dêle, seguiu fielmente os "groenlandeses" nas sombrias tavernas e nos subsolos dos cabarés, sem jamais parecer tomar consciência da realidade. No fundo, não era tão indiferente nem passivo quanto parecia. A calma imperturbável que êle dava a impressão de opor a tôdas as humilhações, era uma espécie de máscara, por trás da qual escondia, desde a mais tenra infância, seu desalento e sua vergonha de haver nascido digno de compaixão e inútil àquele ponto — era uma indiferença causada pelo desespêro, que em certas horas de solidão quase o conduzira ao suicídio. Mais de uma vez, pensara em acabar com a vida; detivera-o sempre a lembrança da mãe.

Com os anos, não ficara mais bonito, nem aos próprios olhos nem aos alheios. Uma barba avermelhada e rude apareceu no seu rosto manchado de sardas, e seus pesados membros cresceram de maneira ridícula, quase se tornando disformes. Seus colegas chamavam-no "o Urso"; quando sentado na companhia dêles, mergulhado numa espécie de sonolência, com seus grandes lábios vermelhos e a cabeça pendida em direção ao peito... fazia lembrar um gordo plantígrado aprisionado, que vê passar ante seus olhos meio fechados, visões brumosas de sonho, imagens fugitivas das grandes florestas natais e dos brejos da infância.

Ora, sucedeu que naquele ano, um inverno extremamente rigoroso matou dois pastôres dinamarqueses no extremo norte

da Groenlândia, de sorte que Thorkild, voltando uma noite à sua mansarda, viu sôbre a mesa e à indecisa luz da vela, a "carta azul" que desde muito esperava.

Foi a primeira vez na vida em que sentiu vergarem-lhe os joelhos. Durante três dias inteiros ficou trancado no quarto, sem ver ninguém, ao lado da pistola de dois tiros.

Mas durante êsses dias de reflexão, uma idéia luminosa nasceu em seu cérebro, uma idéia cuja engenhosidade o surpreendeu, enquanto lhe custava conceber que ninguém a houvesse tido desde muito. Súbito, disse a si próprio que era impossível transformá-lo num pastor! Durante os cinco últimos anos, não abrira um livro e, desde suas infelizes tentativas de esgueirar-se, sem que o percebessem, na sala de preleções de teologia, não voltara a ver as paredes da Faculdade. Completamente "nulo", pensava agora que se entregasse em branco a prova escrita e não pronunciasse, na oral, nenhuma palavra que pudesse atraiçoá-lo, não podiam conceder-lhe o diploma — e por conseqüência ver-se-iam obrigados — em todo caso provisòriamente — a deixá-lo em casa.

Apresentando-se aos exames, seguiu seu plano para a prova escrita, sem a menor hesitação. Houve hilaridade entre os candidatos, quando se espalhou a nova de que Thorkild entregara suas fôlhas imaculadas como neve.

Entretanto Thorkild conhecia mal seu parceiro de jôgo — no caso presente o Ministro dos Cultos. Êste, cientificado pela Faculdade do que ocorrera, determinou que era indispensável a qualquer preço receber o candidato, e isto o mais depressa possível, a fim de que uma vez ordenado pastor, pudesse tomar o primeiro navio que se dirigisse à colônia... E assim foi possível aquela farsa que, muitos anos depois, se tornara legendária na Faculdade de Teologia.

Perante uma sala repleta de jovens e velhos membros dos meios teológicos, reunidos como para um espetáculo, o infeliz Thorkild, rubro até à raiz dos cabelos, foi interrogado sôbre tôda espécie de assuntos teológicos, dos quais, na maioria, êle ignorava até o nome. As mãos sôbre os joelhos, os olhos fixos no parquete — já de si ridículo em seu hábito negro de aluguel, com as mangas e as pernas muito curtas — perma-

necia como que pregado na cadeira, em silêncio, tal um surdo-mudo. Os professôres estouravam de raiva; revolviam-se como vermes, sacudiam-no pela gola do casaco e gritavam-lhe aos ouvidos... mas nem uma sílaba saía de seus lábios trêmulos.

Enfim, a última questão foi: "Lutero viveu há mais de trezentos anos?" O examinador, para alegria do auditório, conseguira-lhe um sim, arrancado de surprêsa. Então, a farsa acabou. Fôsse como fôsse, êle respondera alguma coisa. E com seu *vix non contemnendus,* seu diploma de pastor, acompanhado de severas admoestações do bispo, exortando-o a recuperar diligente e conscienciosamente o tempo desperdiçado de uma maneira tão deplorável, foi enviado à paróquia mais setentrional daquele vasto mundo.

Thorkild nem sequer pôde dizer à sua mãe um último adeus. O navio aprestava-se e numa tarde do comêço de abril levantou âncora.

Ninguém veio apertar-lhe a mão. E logo a costa do país natal desapareceu no passado, ante seus olhos.

II

No lugar onde as montanhas, desnudas e negras, se erguem a pique sôbre o mar de gêlo, um braço de fiorde desenha uma curva entre duas grandes falésias e desaparece no interior das terras. Em sua embocadura, assemelha-se a um estreito semeado de arrecifes e ilhotas cobertos de neve, em redor dos quais giram milhares de aves brancas, que enchem o ar com seus gritos. Torna-se, depois, cada vez mais estreito, ladeado pelas altas muralhas montanhosas, nuas e abruptas, que se lançam para o céu e desaparecem entre as nuvens. Mas novamente retoma larguras e forma uma espécie de mar interior, circular, atapetando o fundo de gigantesca bacia, da qual as lisas paredes e as fendas rochosas, cobertas de musgo ou de negros arbustos, se refletem na superfície tranqüila.

Pode suceder, durante os poucos dias de verão — sobretudo se há alguma tempestade ao largo —, que um baleeiro venha abrigar-se ali, despertando os ecos pelo ranger das correntes ao descer a âncora e pelas vozes da sua equipagem... ou que algum cetáceo do alto-mar, extraviando-se entre os arrecifes, aí penetre e em sua cólera agite as águas, antes de

desaparecer novamente com jatos de espuma e grande ruído. Fora disto, um silêncio profundo reina dia e noite naquelas montanhas adormecidas, apenas interrompido pelo zumbir dos mosquitos do sol da meia-noite, que dançam sôbre a água dourada e que são como véus de sêda negra, filtrando uma poeira de sol. De tempos em tempos, um ruído breve sobe das profundidades: em alguma parte um brilhante dorso negro emerge, depois desaparece; um focinho surge fora da água, para respirar e logo mergulhar, sem ruído.

Dos flancos da montanha, chega alguma vez, num passo adormecido, uma rapôsa azul. Detém-se num patamar da falésia e mostra, num bocejo, sua garganta rubra... agita sua pele e afasta-se... segue lentamente, durante certo tempo, a margem da água transparente, através da qual brilham os pequenos seixos multicores do fundo; com ar sonolento, abocanha um mosquito, e acaba revolvendo com seu pontudo focinho uma porção de ossos meio roídos, à entrada de uma caverna abandonada, escondida entre as pedras e os musgos, onde, desejosa de frescor, se enfurna.

Em redor dêsse fiorde e espalhada ao pé da falésia, existia uma colônia de abrigos subterrâneos — todos iguais — miseráveis habitações de inverno dos indígenas, que ao primeiro calor do sol primaveril os haviam abandonado, para a caça às renas, nas altas planuras do interior. Havia além disto uma pequena capela de pedra, edificada contra a rocha, com uma cruz de madeira à entrada. E mais ao alto, num recanto afastado da montanha, uma cabana pintada de vermelho, os caixilhos das janelas brancos, teto de madeira e uma área murada para os cães: a casa do pastor.

Também ela fôra abandonada. Só a rapôsa às vêzes se esgueirava, à tardinha, para esfregar nos ângulos das traves sua pele coberta de mosquitos.

Mas quando a longa noite de inverno se aproximava e a neve começava a cobrir a região, a vida despertava naquela bacia deserta. De leste, chegavam pequenas formas vestidas de pele, que penosamente desciam a montanha com suas parelhas de cães e seus trenós pesadamente carregados. Algumas, sôbre esquis, avançavam ao longo das encostas numa rapidez

vertiginosa. Ao mesmo tempo, outras vinham do oeste, pelo fiorde, em grandes barcos amarelos ou em pequenos caiaques... grupos de duas, de três famílias, conversando, discutindo, rindo. Mulheres de pele bronzeada e olhos negros, algumas com crianças às costas, manejavam os remos dos barcos pesados de trouxas, de peles, de toucinho, de carne de foca ainda sangrenta, aves, couros malcheirosos e grandes estômagos de rena, esvaziados para guardar a farinha, os cereais e as ervilhas adquiridos nos mercados do sul.

A cada dia, novas famílias chegavam à colônia. Uma animação crescente reinava em tôrno do fiorde. Os pequenos sêres vestidos de peles pareciam ainda meio embriagados pelo sol do verão e por suas caçadas selvagens nos gelos dos platôs. Era preciso reparar as moradias de inverno, amontoar as pedras e o musgo, estender as peles novas sôbre as rochas, para que secassem ao vento. Em cima, nas fendas das montanhas, em lugares afastados, as provisões invernais eram escondidas sob montes de pedra, cuidadosamente recobertos de peles e de neve. Nas cavernas obscuras, as anciãs, coxeando e falando sem cessar, estendiam as peles sôbre as enxêrgas, enchiam de óleo de baleia a lâmpada dependurada à parede e suspendiam a grande marmita sob o teto baixo, de onde a água pingava gôta a gôta.

Cada vez mais, o sol se aproximava do horizonte, as trevas chegavam do norte com espêssas rajadas de neve e ventos de gêlo mordedores.

Contudo, nessa longa noite de inverno, que se prolongava por muitos meses, quando a região era sepultada sob camadas de neve que atingiam uma toesa, quando o mar enegrecia e, tão longe quanto a vista alcançava, se cobria de gêlo, homens viviam uma existência miserável sob a terra congelada. Aqui e ali uma claridade rosada atravessava a pele que, à maneira de vidraça, protegia uma janela e vinha tombar sôbre o tapête branco, ligeiramente abaulado pelo calor de um quarto subterrâneo. De tempos em tempos, um monte de peles, andando de quatro, saía da passagem longa e baixa, feita de pedras, que conduzia ao ar livre. E sempre os grandes cães magros rondavam, uivando, nas noites glaciais.

No fiorde, sôbre o qual descia uma bruma de gêlo, pescadores, os membros inteiriçados, espreitavam as focas que vinham respirar na superfície. Imperturbáveis, permaneciam horas, o arpão na mão direita, erguendo com precaução, ora um pé, ora outro, para que não ficassem paralisados de frio. Alguns se aventuravam entre os arrecifes, com arcos e flechas, indo cada vez mais longe, à medida que escasseavam as provisões de inverno e que o gêlo obstruía todos os estreitos.

Por maiores que fôssem de vez em quando a miséria e a fome, raras vêzes se morria *inteiramente*. Quando o último pedaço de toucinho fôra consumido e já não havia óleo para a lâmpada, as pessoas enrodilhavam-se na escuridão sôbre pequenas camas de ferro e esperavam pacientemente o instante em que a neve, nos pontos mais altos das montanhas, refletisse pela primeira vez a morta claridade côr de ouro, que anunciaria o reaparecimento do sol.

Então, todos, grandes e pequenos, de quatro pés, saíam de suas habitações, aprumavam-se sôbre os joelhos vacilantes e fixavam com a vista enfraquecida a sua visitante, aquela luz que parecia divertir-se em mostrar-se e novamente esconder-se sôbre os cumes. Traziam-se os velhos para fora e também aquêles que a fome enfraquecera, a fim de que pudessem ver, também êles, a luz descendo vagarosamente, dia após dia, as ásperas encostas. Afinal, uma primeira e tênue fímbria de sol aparecia sôbre as montanhas do sul. Grossas lágrimas de alegria inundavam as faces encovadas. As pessoas gritavam, batiam as mãos, saltavam sôbre as pernas trôpegas, todos se abraçavam, emocionados. Mães erguiam seus filhos para o ar e soltavam gritos longos, num misto de loucura e êxtase. As próprias crianças estendiam as mãos emagrecidas em direção à grande fonte de calor e misturavam suas vozes ao aleluia geral:

Sekinek! Sekinek!

Cada dia, a bola vermelha subia um pouco mais no céu azul, semeando a vida e a côr sôbre a região, fundindo a neve, que descia em arroios espumantes ao longo dos flancos das montanhas.

Afinal, surgiu inteiramente o sol, e o dia de vinte e quatro horas transformou-se em um longo dia ensolarado. Das fendas entre as pedras rebentaram um musgo amarelo brilhante e um líquen rosado, que ràpidamente ganharam terreno e cobriram como um alegre tapête de festa, ladeiras e vales. Apareceram pequenas bagas rubras; salgueiros anões, não medindo mais de uma polegada, ostentaram suas fôlhas minúsculas... tudo acompanhado por um formidável ruído de detonação, que parecia vir das entranhas da terra, cada vez que um bloco de gêlo se destacava da margem e partia à aventura sôbre o mar outra vez navegável.

Calmos, majestosos, êsses navios dos mares polares deslizavam sob o céu de púrpura... castelos de contos de fadas... palácios de cristal flutuantes, com suas ameias e suas tôrres côr de fogo, azul-celeste ou brilhantes de ouro e sangue.

*
* *

Sucedia alguma coisa às bordas do fiorde. Homens corriam aqui e ali junto às margens, tiravam de suas tocas peles mais ou menos em frangalhos, couros, sacos feitos de entranhas de animais, que serviam para guardar mantimentos e cujo conteúdo, chegado o fim do inverno, êles não haviam ainda consumido, juntavam seus apetrechos de pesca e empilhavam tudo sôbre seus trenós em forma de caiaques, aos quais eram atrelados os cachorros, ou nos grandes barcos amarelos das mulheres, que esperavam em fila, ao longo das margens arenosas.

A hibernação terminava. Com o sol, todos se apressavam para a alegre caça à rena, nos platôs do interior. Alguns dos buracos já estavam vazios, seus habitantes haviam seguido o caminho da montanha. E os retardatários tinham uma só idéia: preparar-se o mais depressa possível e alcançar os outros.

Sentado num banco, ante a cabana plantada no alto e que servia de presbitério, Thorkild meditava. Em sua atitude habitual, o corpo inclinado para a frente e o queixo entre as mãos, olhava com atenção crescente os preparativos de viagem, que continuavam em redor do fiorde: os trenós estavam carrega-

dos, os cães atrelados dois a dois, os doentes, os débeis, carregados e instalados sôbre os montes de peles amarradas. Quanto a êle, devendo ir passar o verão em um pequeno pôrto comercial, umas poucas milhas mais ao sul, numa região litorânea, aguardava um aviso do barco que devia conduzi-lo.

O dia inteiro ficara à espera. Acompanhara com os olhos a partida de cada família, desde o momento em que, no meio de conversas e risadas, começava a penosa migração através de rochedos escarpados e vertentes recobertas de musgo escorregadio, até quando, ao fim de algumas horas, transformados em pequenos pontos negros, desapareciam todos por trás do último cume enevoado. E mesmo depois, continuava a olhar na mesma direção, como se a montanha se fizesse transparente diante de seus olhos, para que êle visse as verdejantes pastagens dos platôs... Via as tendas erguidas sôbre altas varas à beira das encostas, com um tapête de pele de intestinos à entrada; enormes fogos de óleo de baleia, sempre fumacentos, em redor dos quais mulheres trigueiras dormiam sob o céu; as renas galopando em fuga com seus filhos; ouvia o latir dos cães, chamados e gritos, enquanto o sol tremia sôbre o musgo brilhante e veludoso...

Súbito, tomado de angústia, baixou os olhos. O rosto entre as grandes mãos sardentas, entregou-se a uma violenta luta interior.

Êste primeiro inverno fôra longo e difícil para êle. Passara-o todo em sua pequena cabana solitária, a cabeça, a estalar de dor, apoiada nas mãos, lendo e relendo à sonolenta luz da lâmpada *O Cristianismo e os Pagãos, Pregai Jesus aos Ignorantes, O Tesouro Dourado, Métodos Fàcilmente Aplicáveis para Inculcar as Verdades Cristãs* — tôda uma caixa de opúsculos que a Sociedade das Missões lhe oferecera na hora de partir.

Mas Thorkild, por mais que se esforçasse, não chegava a concentrar-se na leitura. A cada ruído que vinha do fiorde, erguia a cabeça e se perdia em conjeturas para adivinhar a origem do fenômeno: eram caiaques que voltavam da pesca, ou esfoladores na praia, ou talvez gente môça que, à luz da lua, dançavam o *pingasut* diante das tocas? Se reconhecia o grito

dos pescadores reentrando no fiorde, era-lhe impossível ficar tranqüilo; tinha de ir ver o que acontecia e que troféu era trazido.

Apercebia-se, às vêzes, de que passara inumeráveis horas ante a porta, para escutar os gritos selvagens da caça às focas no gêlo ou a encarniçada perseguição de um urso ferido...

Interessava-se por tôdas essas coisas com o mesmo ardor que, na primeira juventude, houvera causado tantas preocupações à sua infortunada mãe e provocado a animosidade da família.

Um dia em que sonhava num recanto solitário à margem do lago, detivera-se, a respiração suspensa, à vista de uma foca que se embalava ao sol, sôbre um bloco de gêlo. Prêsa de um impulso repentino e a que não pôde resistir, êle escalara, arrastando-se, um rochedo e começara a apanhar algumas pedras, assoviando brandamente, como faziam os indígenas. A foca escutou, olhou para os lados, depois mergulhou. Mas um segundo depois, mostrou novamente sua enorme cabeça redonda e nadou com firmeza para a terra. O coração batendo, Thorkild apanhou outras pedras e novamente emitiu tôda uma série de brandos assovios, chamando-a. Ela ergueu o focinho, dilatou as narinas, desapareceu uma segunda vez. Quando voltou à superfície, agora bem perto da margem, Thorkild, com tôda a sua fôrça, lançou-lhe à cabeça uma pedra grande como um punho, de arestas cortantes e pesada. E atingiu na cabeça o animal, que desapareceu na água tinta de sangue.

Imediatamente, Thorkild, voltando a si, foi tomado por um sentimento de vergonha. Desesperado de si próprio e de suas infelizes paixões, voltou aos livros religiosos.

Muitas vêzes, nessas ocasiões, pensava em seu avô paterno, a quem não conhecera, mas de quem uma velha ama de sua mãe tantas vêzes narrara as terrificantes aventuras. Êle figurava-o então como um tipo de péssimo renome, vivendo em estado de semi-selvageria nas grandes florestas do Rold, perto de sua aldeia natal. Mais tarde, sua imaginação transformara aquêle antepassado num gigante, de barba ruiva e inculta; como sua mãe jamais falava dêle, concluíra que o avô deveria ter sido a desgraça da família. No entanto, uma única

vez, ela pronunciara seu nome; num momento de desânimo, chegara a dizer, talvez inadvertidamente, que Thorkild se parecia com êle. Ainda se lembrava da impressão terrível que lhe haviam causado essas palavras.

Levantou novamente a cabeça. Do caminho que subia até o presbitério, chegava um ruído de vozes. E logo apareceram duas formas vestidas de peles — um homem e uma mulher — em quem êle reconheceu o velho Ephraim e sua filha Rebecca, ou "Solen" (O Sol), como era chamada por causa de sua fisionomia doce. Também sabia que os dois visitantes vinham dizer-lhe adeus: escutara seus cães ganir de impaciência.

Ephraim era miúdo e ligeiramente vergado, com o rosto longo, moreno escuro, tendo como único ornamento um par de sobrancelhas incrìvelmente espêssas e uma fila de dentes perfeitíssimos. Seus olhos reduziam-se a duas estreitas ranhuras oblíquas; e o nariz era tão achatado e pouco desenvolvido, que poderia ser tomado por uma verruga inserida entre as maçãs do rosto, salientes e largas.

Fôra, em sua juventude, um dos mais afoitos caçadores-pescadores da colônia, e era considerado agora um dos pais de família mais sábios e sensatos. Mas êle parecia débil e doente; fôra duramente castigado pelos últimos invernos, particularmente rigorosos, durante os quais sucedera-lhe — como aliás a muitos outros — nutrir-se de algas e de velhas cabeças de morsas sepultadas sob a neve, restos abandonados em invernos anteriores.

Thorkild fê-lo sentar-se. O velho pôs-se a contar seus preparativos de viagem e seus projetos de verão. Sua filha e êle deviam juntar-se a duas outras famílias, de quem haviam partilhado a morada invernal. Iniciaria a viagem assim que os cães houvessem terminado de comer, pois queria franquear o primeiro desfiladeiro antes que anoitecesse. Thorkild, que ainda não compreendia bem a língua dos indígenas, escutava-o distraìdamente, mas em compensação olhava atentamente a môça. Ela estava sentada numa pedra, a pequena distância dos dois homens, de onde lançava olhares furtivos na direção daquele

pastor estranhamente tímido e silencioso, de quem ninguém podia decifrar o caráter. Quando seus olhares se cruzavam, êles enrubesciam e ambos voltavam a cabeça.

Rebecca era uma rapariga de dezoito anos, cheia de corpo, mais clara que seu pai e uma cintilante expressão de vida em seus pequenos olhos oblíquos. Vestia um vestido de pele tingido de vermelho, que modelava bem seu corpo robusto e firme. Um laço de pele multicor enfeitava seus cabelos rudes, de um negro com reflexos azuis, arrumado num topête de um quarto de vara de altura. Nos pés, trazia *kamiks* bordados de branco, novos em fôlha, e ela esforçava-se de maneira ostensiva para que o pastor não ficasse alheio àquele belo ornamento.

Ephraim, afinal, levantou-se para despedir-se. Thorkild estendeu as duas mãos a seus visitantes, mas de um modo tão hesitante, tão confuso, tão distraído, que pai e filha trocaram olhares espantados. Depois que foram embora, Thorkild permaneceu de pé no limiar, acompanhando com os olhos sua dificultosa descida. A cada cotovêlo do caminho, Rebecca se voltava para ver se êle ainda continuava ali.

O coração de Thorkild pôs-se a bater; o sangue subiu-lhe violentamente à cabeça. Durante alguns minutos, apoiou-se de um modo convulsivo ao portal, prêsa de terrível luta interior. Súbito, avançou alguns passos e, fazendo porta-voz das mãos, gritou com voz trêmula:

— Ephraim!... Ephraim!

No caminho, duas pequenas formas humanas se voltaram, cabeças erguidas.

— *Palase!... Oi!* — responderam.

À noite, quando dois homens do navio que deveria conduzir Thorkild ao pequeno pôrto comercial vieram buscar suas bagagens, encontraram, para seu espanto, a casa vazia, a porta fechada e as janelas pregadas.

O pastor seguira para a montanha, com Ephraim e seus companheiros.

*
* *

Thorkild foi um daqueles que voltaram com as primeiras nevascas. Deslizou, sôbre esquis, pelos flancos das montanhas,

seguido pelos cães. Quem não o encontrava desde a primavera, teve dificuldade em reconhecê-lo. Não sòmente sua cabeça aprumara-se, haviam adquirido vida os olhos e côres suas faces. Luzia em seu olhar um pouco do infinito que nos altos platôs havia contemplado, e em sua voz possante e animosa ressoava um pouco dos sonoros gritos de caça que êle numerosas vêzes escutara.

Tornara-se um homem nôvo... como recriado. Sentira as novas fontes de vida que brotavam de seu ser, enquanto se movia de um lado a outro, sôbre os platôs, sem jamais saber onde nem com quem... Hoje numa equipe, amanhã noutra, aprendera, agora que conhecia as pessoas e a língua que falavam, a pescar como elas o salmão ao longo dos rios ou a caçar sôbre o gêlo deslumbrante dos planaltos. Um dia, aventurara-se mesmo a perseguir na companhia de Ephraim e de seus filhos, um casal de renas, do qual haviam descoberto o rastro. E quando os esquimós compreenderam em que madeira seu pastor fôra talhado, passaram a considerá-lo como sendo um dos seus. Dormira sob suas tendas, no meio de mulheres e crianças, coberto com uma pele de urso e um rôlo de couro como travesseiro. Comera com êles, na grande panela comum, presunto de rena, bagas fritas no toucinho, ovos de ganso, e sobretudo — iguaria estival — grandes estômagos de rena cheios de erva meio digerida e de saliva. Em troca, ensinara-lhes a utilizar um velho fuzil que trouxera de Copenhague e que os transportara de entusiasmo. E ao cair da tarde, quando se formavam grupos em tôrno dos pobres lares fumarentos, fizera com que as horas se passassem mais ràpidamente, contando velhas histórias, lendas que ouvira na infância e que todos ouviam, atentos e silenciosos.

Não podia mais conter-se na descida. Dado o primeiro salto, fechou os olhos, tapou as orelhas para não ouvir a voz da consciência... e deixou-se ir.

Antes que o inverno congelasse o fiorde e obstruísse os estreitos, sabia manobrar um caiaque e lançar o arpão. Aprendera a trespassar com a flecha uma perdiz das neves em pleno vôo ou uma lebre em fuga. O tempo para êle fugia com a mesma rapidez, quer caçasse o *utok* entre os rochedos, quer conduzisse

aos gritos um trenó puxado por dezesseis cães... quer durante dias inteiros subisse e descesse os flancos escarpados das montanhas, no rastro de uma rapôsa. Algumas vêzes, mal entrara em sua casa à noite e estendera-se sôbre uma pele, batiam à janela.

— Que é que há?

— Um urso no fiorde, pastor!

— Hurra! Um urso!

Ei-lo que apanha o fuzil; mete a peliça e desaparece na noite.

Êle deslizava, descia, deixava-se ir...

Acontecia-lhe, de tempos em tempos, se por um instante o sangue corria com menos violência em suas veias, contemplar por assim dizer seu próprio rosto, e então baixava os olhos, quase apavorado consigo próprio, à vista de suas mãos ainda manchadas de sangue após haver esfolado um animal, de sua barba maltratada, ou pelo som profundo de sua voz de baixo. Revia a imagem terrificante de seu avô, recordava o silêncio que envolvia o nome daquele antepassado e o brilho de terror nos olhos ansiosos de sua mãe, na única vez em que pronunciara o seu nome.

Sentado uma tarde em frente à sua porta, Thorkild entregava-se assim ao arrependimento, a cabeça entre as mãos. Voltara mortalmente fatigado de uma praia afastada, onde na véspera haviam capturado uma baleia gigante. Todo mundo para lá se dirigira, querendo para si uma parte da prêsa. Com seu ânimo habitual, Thorkild tomara parte no difícil transporte, depois no esfolamento, como também na distribuição das porções; e como passara vinte e quatro horas entre aquêles enormes pedaços de carne sangrenta, enxergava agora tudo rubro.

Acima de sua cabeça, a cúpula azul-negra do céu estava pontilhada de grandes estrêlas douradas. A leste, sôbre os cumes das montanhas, subia devagar a lua; sua claridade leitosa descia sôbre a neve que acabara de cair. De vez em quando, uma aurora boreal iluminava o céu.

Embaixo, rodeando o mar interior, os pequenos quadrados de pele de intestino, fechando as tocas, brilhavam como círios vermelhos na branca imensidão; ali havia risos e alegria,

por causa da prosperidade imprevista, trazida à colônia pela captura magnífica. Montes de peles, atarefados, saíam ou entravam nos abrigos, de quatro pés. Até os cães, contagiados pela alegria geral, brincavam uns com os outros.

De súbito, Thorkild ouviu umas passadas leves.

Ergueu os olhos. Ali, sob a claridade da lua, Rebecca sorria. Vestia-a um *anorak* branco, nôvo, debruado no pescoço e nos punhos com peles de cão negro, e com enfeites rubros; trazia calças de pele de foca, com bordados também rubros à altura do ventre; nos pés, *kamiks* vermelhos e, nos cabelos, um laço entretecido de ouro.

Olhou-a longamente, como se despertasse de um sonho. A lua fazia brilharem os dentes brancos da môça e acendia chamas verde-pálidas em seus olhos refulgentes:

— Mas... És tu, minha pequena?

Sim, era ela. Rindo, era um riso breve e estridente, puxou-o pela barba. Então não a ouvira aproximar-se?

— Mas.. minha pequena... Como estás bonita! Que elegância! Vem, senta-te perto de mim.

Não, não, não podia ficar hoje. Vinha apenas para cumprimentá-lo e anunciar que seu pai conseguira apanhar algumas *ulks*[1]; se o pastor quisesse experimentá-las, a panela já fôra posta no fogo.

— Que estás dizendo? Teu pai apanhou *ulks?*

*Ulk*s, sim. E Ephraim fizera questão de prepará-las, pois esperavam o pastor. Sem escutar objeções, ela deslizou para dentro de casa, apagou a lâmpada que iluminava um livro aberto, mas abandonado, fechou a porta e estendeu sorrindo a mão a Thorkild.

Em vez de segui-la imediatamente, êle atraiu-a a si com ímpeto, tomou-a nos braços, dobrou-lhe a cabeça e beijou-a como louco, uma, duas, três vêzes.

No primeiro instante, a môça pareceu surprêsa, ante aquelas carícias violentas e inesperadas; mas quando se sentiu nos seus braços, ergueu para êle os olhos, cheios de jubiloso prazer.

[1] Aranhas do mar

Antes mesmo de chegar à habitação subterrânea de Ephraim, podia-se adivinhar, pelas pegadas na neve, que ali se passava alguma coisa de extraordinário. As paredes cobertas de gêlo do longo e baixo corredor estavam polidas pelo atrito das rígidas vestimentas de pele que por ali haviam passado durante o dia; e quando, chegando de quatro pés ao fim do corredor, se abria a porta baixa, encontrava-se no interior um grande número de pessoas reunidas, composta em grande parte das três famílias que moravam ali. Ao longo das paredes úmidas, estavam sentados sôbre os bancos de pedra homens, mulheres e crianças — todos nus, pois o calor lá dentro era insuportável.

Uma velha com as pernas tortas, gorda e calva, a pele negra de fuligem e de gordura, com uma pele em frangalhos na cintura, estava ante uma grande panela enegrecida, suspensa em pleno centro da peça, sôbre um fogo de óleo de baleia. Num canto, um pequeno grupo de meninos ocupava-se em sugar tranqüilamente, com avidez, grandes pedaços de carne, com a mole gordura a escorrer entre seus dedos.

Tinham desistido de esperar Thorkild. Cada um, sentado ou deitado, tirava com a mão um pedaço na panela; depois, com a faca, separava a carne. O ruído da mastigação e o espêsso vapor que se desprendia de todos aquêles corpos escuros e suados, brilhantes sob a claridade do fogo, enchiam a toca.

Enfim, escutaram vir de fora a voz baixa e bem conhecida de Thorkild, gritando: "Olá!" do corredor. A porta abriu-se e de todos os bancos partiram gritos de boas-vindas, enquanto que Rebecca, por trás dêle, penetrava na peça sem ser percebida. Êle tirou a peliça e a roupa interna, alisou os cabelos enroscados pelo calor, e pôs-se imediatamente a comer o peixe que a velha tirara da marmita, apanhando-o pelo rabo, com seus dedos sujos.

Rebecca, seminua, enroscara-se num canto, sob uma coberta de peles... e nem um instante afastava de Thorkild seus olhos cintilantes de amor.

*
* *

Êle deslizava, descia, deixava-se ir...

Por fim, perdeu a consciência disto. As semanas fugiam, passavam-se os anos, sem que fizesse a conta das semanas, dos anos.

E um belo dia êle casou — com Rebecca, naturalmente.

Sabia muito bem que ela poderia ter feições mais regulares, olhos mais inteligentes, um talhe mais delgado. Mas também via a reconhecida alegria que brilhava em seus olhos oblíquos, quando delicadamente, êle acariciava seu rosto; via com que inabalável constância aguardava sua volta no limiar da porta, quando êle voltava de seus longos giros de trenó. E com que confiança se chegava a êle sob as cobertas de pele, pelas sombrias noites de inverno, quando a tempestade galopava sôbre a casa, abalando as paredes.

Era feliz. E Rebecca era feliz. E em dois verões seguidos, na época da caça às renas, ela pôs no mundo um pequeno esquimó rechonchudo.

Thorkild, pouco a pouco, deixara de comunicar-se com seu país natal. Sorria, ao lembrar-se da impaciência que o agitava nos primeiros tempos, quando se aproximava o caiaque trazendo o correio anual. As pessoas e as coisas que deixara para trás eram-lhe indiferentes. Seus colegas haviam-no esquecido, sua família não procurava ter notícias suas. Finalmente, a partir do ano em que êle recebeu, não uma carta de sua mãe, e sim a de um tabelião, comunicando que ela havia morrido, a Dinamarca apagou-se de sua memória.

Lá em cima, sob o Pólo Norte, viveu muito tempo, uma vida fecunda em alegrias. Entre aquêles homens pobres e simples, aprendeu a conhecer uma felicidade com que jamais poderia sonhar, no dia em que, na sua miserável mansarda de Copenhague, pensara em suicidar-se.

Lá em cima, começando a ficar de cabelos brancos, encontrou o lar que lhe fôra negado em sua infância, os amigos que não encontrara em sua juventude, uma missão que foi compreendida e à qual se entregou com amor. Veio a tornar-se, para aquêles filhos da natureza, um verdadeiro pai, seu conselheiro e seu consolador. Era capaz de fazer bater seus corações sob as peles inteiriçadas, quando, na pequena igreja de pedra se

era inverno, ou ao ar livre se se estava no verão, reunia em tôrno de si suas ovelhas e, pondo-se com seus modos francos ao alcance daqueles espíritos ingênuos, tentava desvendar-lhes os enigmas da vida e da morte. Êle próprio, então cheio de gratidão, sentia nascer em seus lábios ações de graças dirigidas à vida e ao Senhor da vida.

Lá em cima, sob o Pólo Norte, Thorkild envelheceu.

III

Por que não ficou ali para sempre? Por que voltou ao país natal? Nem êle próprio saberia dizê-lo.

Certo verão, durante a caça à rena, percebeu de súbito que envelhecia. O inverno fôra ainda mais longo e rigoroso. A neve permanecia sôbre as falésias e o fiorde continuava prisioneiro do gêlo, no momento em que Thorkild e os seus puseram-se a caminho da montanha. Desde algum tempo sua saúde já não era a mesma. Padecia de uma ligeira falta de ar, que o forçava muitas vêzes a permanecer sob a tenda com as mulheres e as crianças, enquanto que os gritos alegres e os tiros de fuzil dos outros ecoavam sôbre os platôs.

Isto não era agradável. Algumas vêzes, deixava-o taciturno; e um dia, saindo de sua tenda, Rebecca foi encontrá-lo sentado numa pedra, o rosto sôbre as mãos, em atitude pensativa. Aproximou-se dêle em silêncio, mas quando tocou no seu ombro, levemente, êle estremeceu e olhou-a com uma expressão ausente. Como lhe perguntasse por que estava ali, tão só, Thorkild levantou-se e deu uma resposta evasiva.

A cena depois disto, viria a repetir-se muitas vêzes e Rebecca começou a afligir-se. Quando êle vinha encontrá-la sob

a tenda, vendo-a inquieta, dava-lhe a sorrir uma pancada afetuosa, mas fugia a seu olhar inquisidor.

Por fim, também seus amigos notaram com tristeza que se passava algo de anormal. Perguntaram-lhe se estava doente. Respondeu:

— Talvez!

Mas a razão de seu estado era bem mais profunda. Invadia-o uma nostalgia misteriosa, como ao prisioneiro do gênio da montanha, que ouviu em sonho os sinos de sua aldeia.

Em seus devaneios solitários, quando passava o olhar erradio sôbre os altos cimos desnudos, que seus pés não mais podiam atingir, por vêzes despertava nêle um desejo nostálgico de experimentar ainda um momento de repouso à sombra das grandes florestas de sua terra natal; de estender-se num campo de trevos palpitante de seiva, de escutar o murmúrio das ondulantes plantações de trigo, ou, deitado sôbre um cômoro relvado, a mão sob a nuca, sôbre a terra aquecida pelo sol, sentir a brisa acariciar-lhe os cabelos; contemplar os lagos, à margem dos quais passeavam cegonhas de patas vermelhas, o gado nédio, os tetos de cômo das casas aldeãs e os caminhos poeirentos, onde passam mulheres que tricotam, à cabeça um balde para tirar leite, segadores com suas foices brilhantes ao ombro.

As lembranças da mãe, sua pobre mãe, tão débil, faziam nascer o desejo de ir ao menos uma vez à sua tumba, aí depositar uma flor e, numa prece tranqüila, implorar perdão, êle que apenas trouxera ao seu pequeno e frágil coração, desde que viera ao mundo, tristezas e preocupações.

Talvez ainda houvesse por lá alguns velhos colegas que ficariam contentes de revê-lo, e a quem poderia narrar sua maravilhosa existência nas regiões polares... Peter Bramer, Kristoffer Birch, Anton Hausen, outros mais. Que susto haveria de causar-lhes, se um belo dia lhes batesse à porta e perguntasse: "Quem sou eu? Lembram-se do Urso? Pois bem, aqui está êle!..."

No inverno seguinte, Rebecca morreu e Thorkild não pôde mais lutar contra a nostalgia. Pelo primeiro correio do verão, enviou uma carta ao Ministro dos Cultos, e um ano

depois chegava sua transferência. Houve lágrimas de aflição entre os pequenos montes de peles de olhos oblíquos, quando tiveram conhecimento de que seu velho amigo, seu pai, os abandonava, e Thorkild, percebendo então que seu ministério trouxera resultados, teve pena de deixá-los. Mas a sorte estava lançada.

Partiu, deixando seus filhos, com a idéia de trazê-los para perto de si, no verão seguinte, quando instalado em sua nova casa.

*
* *

E assim sucedeu que um belo dia de verão, o "Urso" tombou como um espantalho caído do céu na paróquia docemente sonolenta de Soeby e Sorvad.

Conta-se que o bispo estêve a ponto de sofrer um ataque de apoplexia, no dia em que viu apresentar-se Thorkild em sua peliça engordurada e a barba pendendo em estalactites sôbre o peito largo. Sucede que êste pequeno bispo macilento, de espírito esmiuçador, não era outro senão Kristoffer Birch, o velho "patrício" e colega de escola de Thorkild Müller, de quem êste tantas vêzes se lembrara nos últimos tempos de seu exílio. Reconhecendo-o, Thorkild, com suas mãos possantes, bateu palmas e lançou um formidável grito de alegria:

— Não posso crer nos meus olhos!... És tu, meu velho Stoffer? Chegaste a bispo, rapaz?!

A história não conta como terminou a audiência, mas o bispo e o deão julgaram de comum acôrdo que Thorkild Müller era "indesejável" e começaram a agir imediatamente para reparar seu deplorável êrro e reexpedi-lo para longe, antes que causasse escândalos mais graves.

Enquanto isto, a notícia da volta do "Urso" espalhou-se rápida em tôda a região. Contava-se, de um presbitério a outro, como, em seu primeiro passeio na aldeia, com sua pele, seu capuz de couro de cachorro e seu bastão marchetado de ferro, assustara mulheres e crianças, a ponto de fazê-las correr para dentro de casa, e como um ancião quase enlouquecera de mêdo,

porque êle pousara de repente uma pesada mão sôbre seus ombros, dizendo:

— Tens na tua frente, meu pálido amigo, um velho morador das geleiras, um caçador de ursos, que viu coisas que nem tu nem ninguém aqui pode sequer imaginar... Vamos, levanta a vista! Não há de que ter mêdo! Nós dois aqui vamos entender-nos, sinto isto na tua cara honesta!

Thorkild observou o mêdo que inspirava, mas em sua ingenuidade interpretou-o como veneração, um sinal de respeito absolutamente natural por um homem que levara uma vida extraordinária tão longe de seu país. Esquecera as mortificações da juventude. Durante os quarenta e cinco anos de exílio, habituara-se a que rendessem homenagem ao seu valor pessoal; acreditava, assim, que em sua aldeia, também observassem com olhos de admiração, quase de inveja, sua grande estatura e sua barba extraordinária. Em lugar de sentir-se oprimido, como antigamente, pela consciência de ser um elemento "indesejável", andava acima e abaixo, alegre e satisfeito de si mesmo, percorrendo os presbitérios das redondezas, na esperança de encontrar velhos conhecidos, freqüentando reuniões populares e religiosas, onde audaciosamente instalado — não sem um pouco de vaidade — nos lugares mais à vista, ostentava sua ignorância e seu grande nariz violáceo, com uma falta de acanhamento que escandalizava até os professôres primários.

Não se passava um dia, sem que corresse a seu respeito alguma história para enrubescer de vergonha seus confrades. Em um grande casamento de aldeia, para o qual fôra convidado como pastor da paróquia, de repente soerguera as calças para mostrar os músculos das pernas; depois, erguera a desposada acima da cabeça, conduzindo-a em triunfo por tôda a extensão da sala e desafiando os jovens a fazer o mesmo.

O professor da aldeia — um pequeno e murcho pai de família — tivera então a coragem de chamar a atenção para a inconveniência daquele procedimento. Mas, em sua exuberância, Thorkild Müller pusera-o de pernas para o ar, derramando por terra uma porção de doces, charutos, etc., com os quais, durante a festa, o homenzinho enchera os grandes bolsos tra-

seiros — e desta vez os que riam sempre às suas custas ficaram do seu lado.

Os confrades, desesperados, não paravam de escrever cartas, para chegar a um acôrdo sôbre o que deviam fazer em relação a êle. Em uma assembléia de pastôres, concluídos os debates, inesperadamente êle subira ao estrado, mostrando sua face temível, e começara a narrar as próprias aventuras da Groenlândia, com uma linguagem e um tom de tal forma inconvenientes, que o presidente viu-se forçado a cassar-lhe a palavra. Então, ficou decidido unânimemente que medidas enérgicas seriam tomadas para pôr fim ao escândalo.

O espantoso era que Thorkild, pouco a pouco, conquistara a afeição de seus paroquianos. Dissipadas aquelas primeiras reservas, haviam descoberto que, sob aquela extravagante aparência, escondia-se um homem que os compreendia melhor do que os outros pastôres — um homem que não era alheio a nenhum de seus próprios sentimentos e do qual podiam aproximar-se, com seus pequenos cuidados e suas grandes tristezas, como se Thorkild fôsse um dêles. Entrava com simplicidade em suas cabanas, sentava-se à mesa e contentava-se, para satisfazer o apetite, com suas refeições frugais; bebia com êles e não se incomodava de ser o quarto parceiro numa partida de cartas, sem crer-se obrigado a discursar ou pregar. Não enchia a cabeça dos doentes e agonizantes com textos bíblicos e explicações transcendentes; sentando-se tranqüilamente à cabeceira dêles, falava-lhes de um modo simples e confortador, lia uma passagem do Nôvo Testamento, dois ou três versículos de um salmo, fazendo o melhor que podia para atenuar seus sofrimentos, para tornar seus espíritos confiantes e leves.

— Não é preciso ter mêdo — tinha por hábito dizer — uma vez que você não fêz nada de mal. Não é isto? Nosso Senhor não é um velho resmungão. Êle não assinala minuciosamente num livro todos os pecados que a gente comete. Você vai ver: Êle é um bom amigo e nos receberá em Sua casa.

Os mais acerbos inimigos de Thorkild Müller não podiam negar que êle insuflara a vida e o movimento nas massas amorfas da paróquia de Soeby, famosas, entre os pastôres em busca de um lugar, por sua indiferença no que dizia respeito a

tudo que não fôsse interêsse material. Essa gente, que até então acreditara assegurar a própria salvação pagando os dízimos ao pastor e santificando as três grandes festas religiosas do ano, afluíra às igrejas, que antes permaneciam fechadas durante vários domingos seguidos, à falta de fiéis. Quando Thorkild Müller subia ao púlpito, sua barba ondulando sôbre um colarinho de limpeza duvidosa, e começava dizendo, à sua maneira jovial: "Bom dia, meus caros amigos! Eis-nos aqui reunidos mais uma vez... Que horas são? Algum de vocês tem relógio? Onze e meia?... Bom, vou contar hoje o encontro de Jesus com a viúva — vejamos, como se chamava ela? — aliás, pouco importa... Mas esperem um pouco — deixem-me ver aqui na Bíblia; não custa nada sabermos como se chamava a dama. Será divertido..." sim, quando Thorkild falava assim, os rostos bem nutridos se animavam, ficavam à escuta, não se perdia uma frase. Êle chegava, algumas vêzes, a tornar-se tão engraçado, que risos soavam na igreja inteira; mas em outros momentos, e em particular durante as longas orações com que ordinàriamente concluía sua pequena homília, era dominado por uma emoção tão poderosa, que esta se comunicava aos ouvintes e lenços eram tirados dos bolsos, tanto do lado dos homens, como do lado das mulheres.

Pouco a pouco, afluíram à sua igreja pessoas de outras paróquias, tomava-se gôsto por aquêle tipo de culto — e então a amargura de seus confrades não teve mais limites. Mesmo um pastor grundtvigiano da vizinhança, que pretendia cultivar sua independência de espírito e até então fizera tudo para defendê-la, acabou considerando-o um elemento perigoso, que urgia afastar, para o bem e a honra da classe.

Foi a essa altura que chegou à paróquia uma pequena amostra de reverendo, que atendia pelo nome de N.P. Ruggaard.

Sua nomeação fôra anunciada a Thorkild, nos têrmos mais amáveis, pelo pequeno bispo diplomata, que possuía suas razões para não mostrar-se muito duro para com um velho camarada, ao par de sua vida de rapaz.

"Devido à extensão realmente excepcional da paróquia e à idade avançada do senhor Pastor" — escrevera o bispo ado-

çando as palavras, e no entanto pensando confiantemente, desde que não ignorava os dons particulares de N.P. Ruggaard: "O mal acabará com o mal!"

Thorkild Müller ruminou durante muito tempo a carta, com seus desagradáveis circunlóquios e obscuras paráfrases. Já houvera compreendido, desde algum tempo, que a atitude um pouco embaraçada de seus caros confrades a respeito dêle não se devia exclusivamente ao respeitoso temor que inspirava sua fôrça de atleta. Certas lembranças da juventude acabaram de abrir-lhe os olhos. Agora, lendo a carta, ligava uma coisa a outra, estabelecia ligações, encadeava os fatos.

— Ao diabo esta gordura de fígado! — gritou com uma praga da Groenlândia, dando um murro na mesa. — Querem demolir-me.

Mas quando o "demolidor" chegou e Thorkild o viu, pela primeira vez, pálido, de óculos, com uma almofada nos pés e uma toalha de lã em tôrno do pescoço, sua cólera desapareceu, êle não pôde deixar de rir às gargalhadas. A idéia de que houvessem decidido enviar-lhe semelhante abôrto, pareceu-lhe tão cômica, que êle saiu pela aldeia, visitando os amigos, para falar-lhes do "terrível adversário".

Êste, porém, não se perturbando, instalava-se em seu apartamento do primeiro andar e desembalava a quantidade de malas e de caixas que trouxera. Com suas próprias mãos, pendurou às janelas bonitas cortinas, novas, com desenhos de flôres; alinhou seus vinte e dois cachimbos bem tratados em uma dupla fila ao longo da parede e colocou sôbre a escrivaninha um Cristo de gêsso. Num canto, escondeu sua provisão de tabaco (um pequeno barril de mistura ordinária e três caixas de charutos baratos). Acima do leito, suspendeu um crucifixo de prata com uma inscrição sagrada. Com uma predileção tôda pessoal, arrumou sua biblioteca, composta de um estoque de velharias sem importância, compradas a pêso num sebo, para ter com que ocupar as prateleiras da estante; e quando dispôs os livros, de modo a ocuparem o maior espaço possível, a parede lhe pareceu quase tão bem guarnecida como a do escritório do bispo.

Enfim, nada faltava a seu apartamento; via-se um quebra-luz verde para a lâmpada de trabalho, um porta-fósforos, uma tocha e um bastão de cêra nôvo em fôlha; havia até uma cuspideira e um pequeno guardanapo para colocar sob a garrafa.

Quando tudo estava no lugar, o recém-vindo cingiu o 'chambre cinzento, com o movimento de um morcêgo estendendo e dobrando suas asas, sentou-se numa cadeira no meio da peça e olhou em tôrno de si com o feliz sorriso do homem que vê realizar-se um sonho há muito acalentado; do homem que, após uma longa e penosa carreira, atinge um ponto que acreditava inacessível.

O vigário Ruggaard chamava-se primitivamente Niels Peter Madsen. Era filho de um camponês remediado, da fértil região da Jutlândia oriental, onde as crianças — segundo a expressão regional — nascem com uma moeda de prata na mão. Com quinze anos, entrou no colégio da cidade e, sendo Madsen um nome extremamente comum, submeteu-o a uma primeira transformação, acrescentando o nome da propriedade paterna: Ruggaard. Mais tarde, mudou Ruggaard-Madsen em Madsen-Ruggaard, até o dia em que abandonou o detestável Madsen, conservando apenas o Ruggaard.

Metamorfose análoga produziu-se em sua pessoa. O jovem camponês atarracado, de rosto vermelho, tornou-se pouco a pouco gordo e pálido; os olhos sem côr adquiriram o olhar fixo dos míopes. Tal como estava, em seu chambre cinzento, com seus cabelos claros, côr de palha, cortados rente, seus grandes óculos redondos, o nariz chato e a pele exangue, assemelhava-se a um dêsses vermes branquicentos, inimigos da luz, que estão sempre em tudo que começa a apodrecer e que — vistos ao microscópio — parecem fixar-nos com seus grandes olhos vazios, de um pardo amortecido.

Se bem que seus superiores não lhe houvessem dado instruções precisas, o vigário Ruggaard adivinhava perfeitamente o que esperavam dêle na paróquia. Previa que uma ocasião magnífica se lhe oferecia de obter o favor dos grandes, sem contar, bem entendido, que assim estaria trabalhando pelo bem da Igreja. Teve a sabedoria, nos primeiros tempos,

de comportar-se com a maior prudência em seus contatos com uma população que já estava tão profundamente mergulhada no êrro. Começou por visitar as pessoas de importância, apresentando-se modestamente, como o humilde colaborador e o amigo sincero do pastor Müller. Pouco a pouco, tentou — mas sempre em particular e em têrmos os mais comedidos — despertar algumas dúvidas sôbre o equilíbrio do velho.

— Ah, sim! nosso caro pastor Müller! — dizia contristado, com o sotaque arrastado que era a marca indelével de sua detestada origem camponesa. — Se ao menos êle admitisse que precisa um pouco de repouso! Não obstante suas admiráveis qualidades, que eu sou o primeiro a reconhecer, não se pode negar que suas faculdades intelectuais... Enfim, estamos nas mãos de Deus! Talvez isto não seja mais que um estado passageiro.

Por mais fino e hábil que fôsse, o certo é que não obteve coisa alguma. Ao contrário, o movimento criado por Thorkild Müller não cessava de acentuar-se, seus paroquianos cerravam fileiras em tôrno dêle, com tanto mais vigor quanto maior era a oposição. O vigário desesperava. Pensava obter uma vitória fácil e rápida sôbre aquêle groenlandês ignorante, que — êle o sabia — não conhecia a fundo nem mesmo os três artigos da fé. Mas os camponeses da paróquia nem sequer se davam ao trabalho de ouvir Ruggaard, quando êle se punha a exibir ante êles seu saber universitário. Também não pareciam impressionados pela sua bela coleção de livros. Por fim, contagiados pelo exemplo de Müller, chegaram a tratá-lo quase desdenhosamente e a divertir-se às suas custas, chamando-o na maioria das vêzes de "Madsen" para irritá-lo. E em uma reunião onde estava presente o pastor Müller, um rapazola chegara mesmo a gritar quando êle chegara:

— Chegou o vigário Madsen-Ruggaard!

Esta brincadeira tôla divertira todo mundo. Müller soltara uma gargalhada estrondosa; e desde então, sempre que havia oportunidade, divertia-se em apresentar solenemente o vigário com as seguintes palavras:

"Meu honrado sufragâneo, Sua Eminência Madsen-Ruggaard."

Mas o momento da vingança aproximava-se. Na sombria noite de inverno em que Thorkild Müller, não obstante a tempestade de neve e acompanhado apenas por seus cães, se pôs a caminho através da campanha deserta, para levar os sacramentos a um velho doente, derramou êle próprio a última gôta que faria transbordar a taça do escândalo.

O agonizante estava longe de poder orgulhar-se de uma vida exemplar. Não punha os pés na igreja, "pois, dizia, nunca tive roupas que servissem". Havia, mesmo assim, mandado chamar o pastor, porque lhe viera o desejo de saber alguma coisa sôbre aquela outra vida na qual logo mais iria entrar. Müller sentou-se à sua cabeceira e, como sempre fazia, contou o que a Santa Bíblia ensinava a êste respeito.

Quando terminou, o homem refletiu um momento, depois disse:

— Sim, mas... então não existe nada para a gente comer ou beber, lá por cima?

Müller viu-se obrigado a responder que não.

— E a gente não tem noiva, nem mulher?

— Não, lá em cima não existe casamento.

— Pode-se ao menos ter um pedaço de tabaco para mascar?

E como o pastor, ainda uma vez, respondesse que não, o velho se voltou para o lado da parede, como dando a entender que não lhe interessava entrar num paraíso daqueles.

Müller compreendeu a significação do movimento e tornou-se pensativo; mas, depois de fixar por um momento o parquete, reergueu a cabeça com decisão e disse que não passava de histórias tudo o que contara. E que no céu todos recebiam justamente aquilo que mais desejavam. Querendo fazer-se compreendido, desenvolveu o pensamento, afirmando que lá em cima era bastante exprimir um desejo, para que êste se realizasse. Se se tem fome, os anjos logo nos trazem uma mesa com os mais saborosos acepipes, dos quais cada um escolhe os que achar melhores. Se se deseja mulher, também vem uma... Enfim, se verdadeiramente se tem necessidade de um pedaço de fumo, Nosso Senhor nos oferece um bem grande, com a maior das alegrias: como poderia Êle dizer *não* a seus filhos bem-

amados, que morreram acreditando ter em Deus um pai? Não deseja Êle que, em sua morada, cada um se sinta como se estivesse em sua própria casa?

Após esta edificante explanação, o homem voltou novamente a cabeça, feliz e sereno. Depois, juntando as mãos enrugadas, recebeu o Santo Sacramento e pouco depois adormeceu na fé de seus antepassados.

Mas quando se espalhou a história, um grito de indignação partiu de todos os presbitérios e de todos os lares de sacristães. Representar Nosso Senhor como um taberneiro e a habitação das almas como uma suja taberna, isto passava dos limites! O deão tomou a si o encargo de transmitir confidencialmente a informação ao bispo. Concluiu sua carta, salientando que de tudo podia concluir-se — como a paróquia inteira bem o sabia, e isto entre parênteses — não ser um simples enfraquecimento das faculdades intelectuais o que vitimava o pastor Müller. Tratava-se, ao contrário, de um verdadeiro desarranjo mental.

Ao receber esta carta, o bispo pôs-se a tamborilar com impaciência na sua escrivaninha e tomou uma decisão desde muito adiada: anunciou, por intermédio do deão, que iria visitar oficialmente a paróquia.

IV

Mesmo antes que os sinos houvessem começado a dobrar, todos se apressavam na pequena igreja. À exceção da poltrona de vime, de alto espaldar, e de duas filas de cadeiras reservadas no côro para o bispo e sua comitiva, todos os lugares estavam ocupados por pessoas solenes e endomingadas, que esperavam com uma emoção inquieta o que ia suceder. Muitos, o dorso curvado, olhavam fixamente as mãos cruzadas no regaço, como se fizessem, em silêncio, um árduo exame de consciência; e todo mundo notou que um certo número dos mais devotados amigos de Thorkild Müller não estava presente.

A visita do bispo fôra muito bem preparada pelas autoridades eclesiásticas, com o fim de impressionar a população. O vigário Ruggaard e os mestres-escolas da paróquia haviam-se insinuado um pouco onde quer que fôsse necessário, com ares misteriosos, que faziam pressagiar qualquer coisa de terrível. Dizia-se que não sòmente as escolas, as igrejas e os cemitérios seriam minuciosamente examinados, como tudo que dissesse respeito à religião e à instrução, e ainda por cima haveria uma

parte da visita especialmente dedicada aos alunos de catecismo das cinco últimas séries, aos quais o bispo em pessoa argüiria.

Entretanto, Thorkild Müller não ficara inativo. Compreendendo muito bem a finalidade de tantos preparativos, dissera a seus amigos: "Por Deus, se êles querem a guerra, terão o que procuram." Excitado pelas incessantes chicanices de seus confrades, desde algum tempo vinha contendo o impulso de firmar-se nas patas traseiras e, como um verdadeiro urso perseguido pelos cães, sacudir um dos farsantes pela orelha, para impor respeito à matilha. Durante suas longas caminhadas através da campanha que a primavera reverdecia, e da qual as suaves paisagens, sonolentas, veladas de bruma, eram como a imagem de sua própria juventude inativa e sonhadora, pudera estabelecer planos engenhosos para incitar seus paroquianos a lutar contra a tirania de Suas Reverências. Sucedia-lhe, às vêzes, fremir de ardor combativo. Em suas visões, bracejavam pequenos padres agressivos, que o perseguiam com gestos ameaçadores; e enquanto sua imaginação fazia suceder-se em fila tôda uma negra legião de sotainas, conduzidas por bispos de ventre farto, acendia-se em seus olhos o mesmo clarão selvagem, e em seu rosto brilhava o mesmo fogo dos tempos em que, nos grandes platôs cobertos de gêlo, lançava-se à perseguição das renas.

Sabedor de que o bispo estava para vir, o que lhe parecia, como a todo mundo, o sinal precursor de seu fim, perdeu os últimos restos de sangue-frio. Sem aliás ter uma idéia muito clara do que pretendia fazer, queria pregar a revolução, levantar o estandarte da revolta naquela paróquia dinamarquêsa. Tal como dissera a seus amigos com um riso estrondoso: "Suas Reverências descobrirão que soltaram um urso no aprisco!"

Sem perceber a inquietação que provocara na paróquia, antes confiante, a notícia da visita episcopal, só havia respondido às provocações de seus confrades, por uma série de medidas pessoais de alto porte. Por exemplo, dissera no púlpito, alto e bom som, que todos os dízimos e prebendas seriam dali em diante suprimidos, as rendas do domínio presbiterial sendo remuneração suficiente para o trabalho de um padre, e que as sucessivas taxas cobradas por ocasião dos batizados, dos

casamentos, da confirmação, prejudicavam as relações entre o pastor e suas ovelhas.

Mas êsse desprendimento excepcional veio a prejudicá-lo naqueles dias de luta contra o vigário Ruggaard, cuja influência crescera da noite para o dia. A desconfiança que aquêle servidor de Deus até então tentara inùtilmente insuflar entre os paroquianos, sôbre o equilíbrio mental de Thorkild Müller, encontrava agora de que alimentar-se. Que um padre não mais quisesse receber dízimos nem oblações — dinheiro ao qual, legìtimamente, tinha direito, — todos podiam compreender que isto era verdadeiramente a demência.

Houve, a partir dêste momento, um cauteloso e geral afastamento dos amigos de Thorkild. Quando êste constatou o abandono, arremeteu contra êles com uma violência que agravou ainda mais sua situação. Convenceram-se todos, num minuto, de que estavam bem arranjados: tinham um padre louco.

Durante as duas últimas semanas, êle correra de uma aldeia a outra como um animal selvagem, tentando readquirir seu crédito, fôsse por intermédio de ameaças, fôsse tentando empregar métodos persuasivos; mas as portas se fechavam ante o seu nariz, ou os homens se escondiam pelos quartos, evitando conversar com êle e deixando que suas mulheres o escutassem com um ar aprovador. Em certos lugares, com mêdo, haviam mesmo açulado os cachorros, ao vê-lo aproximar-se com o bastão tauxiado de ferro, as vestes sujas de lama, os cabelos em desordem e a barba eriçada no rosto pálido, convulsionado pela cólera. Em seguida, haviam tido o cuidado de esfregar trípole nas fechaduras — pois o suor das mãos de um louco, dizia-se, provoca uma doença no fígado.

Ainda na véspera, êle convidara alguns amigos a se reunir no presbitério, mas ninguém viera.

Eis por que, na igreja, se esperava com ansiedade o que estava para suceder. Eis por que, nas filas de cadeiras, havia tantos dorsos curvados e tantos olhares fixos sôbre as mãos

cruzadas, como se tôdas essas pessoas de ar contrito quisessem liberar-se de qualquer liame com o homem contra quem, dentro em pouco, ia ser pronunciada uma sentença.

*
* *

Os padres das paróquias vizinhas começavam a chegar. Em suas vestimentas de gala, brancas como neve, vieram ocupar as duas filas de cadeiras do côro, de onde lançaram olhares severos sôbre aquela paróquia extraviada.

No pequeno espaço por trás do altar, o vigário Ruggaard ia e vinha, as mãos para trás, falando sòzinho em sua excitação. Reluzia, literalmente, de triunfo e impaciência. Seu futuro aparecia diante dêle como uma longa e brilhante perspectiva, que terminava na igreja real de Copenhague, onde êle, o pequeno aldeão, o estudante camponês desdenhado e escarnecido, se erguia perante o altar, em vestes episcopais, paramentos bordados de ouro e a cruz de comendador ao pescoço. Sua alma transbordava de gratidão, seus olhos transbordavam de lágrimas piedosas.

Fora, à porta da igreja, estavam os mestres-escolas vestidos de negro e de gravata branca, prontos a fazer sinal para o sineiro e a prevenir o clero assim que vissem aparecer no alto da encosta o carro do deão conduzindo o bispo. Êste anunciara sua vinda para as dez horas precisas, hora em que começaria o ofício divino.

Mas Thorkild Müller ainda não estava lá.

— Era só o que faltava! — disse o pequeno mestre-escola que Thorkild, no casamento, pusera de pernas para o ar e que desde então o perseguia com um ódio feroz. — Era só o que faltava, fazer o bispo esperar! Isto se parece bem com aquêle... hum... aquêle carregador... sim, é bem esta a palavra. Sabem o que êle teria servido hoje no almôço dos pastôres, se o bispo não houvesse modificado o cardápio? Ervilhas machucadas e toucinho! Que acham disso? Que topête!... hum...

Seu colega, o gordo Mortensen, emitiu um rosnado de aprovação.

— Sim, pode-se imaginar falta de atenção maior! — recomeçou o outro com a voz trêmula de cólera. — Faltam dois minutos para as dez, e êle não aparece. Você verá, Mortensen, êle vai cometer algum escândalo. Não ficará satisfeito, enquanto não provocar o tumulto em plena igreja. Soube que esta noite êle estava por conta do diabo. O vigário ouviu-o fazer um barulho terrível no seu quarto. Êle não ficará satisfeito, enquanto não... Mas Deus me proteja! Mortensen... olhe o carro... Jakob, toca, toca, que diabo!

O sino começou a badalar, o pequeno bedel precipitou-se na igreja, e os padres saíram, sobressaltados. Que fazer? O pastor Müller ainda não aparecera. Era inacreditável. Urgia mandar buscá-lo imediatamente.

O carro se detinha em frente à igreja. Era o bispo, um homenzinho magro, os traços nìtidamente desenhados, rosto inteligente, maneiras distintas. Saudou em silêncio, com uma certa afabilidade, os membros do clero presente, percorreu o grupo com os olhos e perguntou, surprêso:

— O pastor Müller não está aqui?

O vigário Ruggaard, com uma precipitação servil, destacou-se do grupo, as costas humildemente curvadas, os olhos incolores espreitando por sôbre os óculos. Anunciou que, infelizmente, o pastor Müller não chegara, mas iam providenciar a sua vinda.

O bispo perscrutou-o friamente com um olhar que não denotava simpatia.

— Não precisam incomodar-se. O pastor Müller sabe que o serviço é às dez horas. Falta ainda um minuto... Entremos.

Neste momento, seus olhos deram com o gordo mestre-escola Mortensen, que se pavoneava à entrada, pálido e ofegante pela tensão que provocava nêle aquela situação excepcional.

Tendo-o fixado um pouco, o bispo perguntou num tom que estava perto da secura:

— Como se chama o senhor?

Em sua confusão, Mortensen ficou com o próprio nome atravessado na garganta, de modo que o outro bedel, que permanecia a seu lado em atitude respeitosa, o chapéu alto contra o estômago, sentiu-se na obrigação de responder por êle.

O bispo voltou vivamente os olhos penetrantes em direção ao segundo indivíduo e repreendeu num tom ainda mais cortante:

— Êste senhor, acaso, não pode responder? E o senhor, como é seu nome?

— Mikkelsen!

— Bom, disse o bispo num tom desdenhoso, ao mesmo tempo que entrava na igreja, escoltado pela comitiva de sotainas.

Mikkelsen e Mortensen trocaram um olhar interrogativo; depois, desorientados, levantaram os olhos para o céu.

— Que queria êle dizer?

— Oh! Só Deus o sabe.

— Que foi que êle disse, exatamente?

— E êle disse alguma coisa?

— Não.

— É estranho.

Houve um grande movimento na compacta multidão comprimida na igreja, quando o pequeno bispo, com suas vestimentas de sêda, a cruz de comendador pendente do pescoço, fêz sua entrada no côro. Depois de passar os fiéis em revista, com um olhar rápido, sentou-se na poltrona de alto espaldar, as costas aprumadas. Os padres instalaram-se atrás dêle, em suas cadeiras de palha, e durante um instante reinou completo silêncio; ouvia-se apenas o surdo ressoar do sino.

Depois, até êste rumor cessou.

O pequeno mestre-escola espichou a cabeça e fitou interrogativamente o vigário Ruggaard. Êste se voltou para o deão, que entretanto continuava impassível, as mãos cruzadas no regaço, os olhos fixos à sua frente.

Só então os fiéis constataram a ausência de Thorkild Müller e compreenderam que era por êle que todos esperavam.

Foi uma consternação geral. Teria o pastor verdadeiramente a intenção de zombar de Sua Eminência? Semelhante brincadeira ultrapassava os limites permitidos... Todos os olhos se voltaram para o bispo. As pessoas alongavam o pescoço e alçavam-se na ponta dos pés, para observar seu rosto magro, que se crispava e escurecia cada vez mais.

Afinal, introduzindo a mão sob as vestes de sêda, tirou o relógio de ouro e fêz um sinal ao vigário Ruggaard, que se conservava junto do altar, como um gato pronto para o salto.

Tôdas as cabeças se inclinaram, as preces foram recitadas e o canto dos salmos começou. Mas a cada versículo aumentava a ansiosa emoção da assembléia, pois Thorkild Müller não aparecia e seu pôsto diante do altar continuava vazio. Pôde-se ver o vigário Ruggaard pedir conselho ao bispo por intermédio do deão, mas o bispo limitou-se a balançar a cabeça, enquanto que os pastôres trocavam olhares surpresos.

Concluídos os cantos, esperou-se ainda um momento, durante o qual reinou de nôvo na igreja um tal silêncio que um livro de salmos, tombando das mãos de um homem, numa das últimas fileiras, provocou um sobressalto geral.

Súbito, o bispo se ergueu de sua poltrona, subiu os degraus do altar, tirou o lenço, enxugou os lábios, voltou-se para a nave e iniciou o ofício.

Isto emocionou os fiéis, muitos começaram a chorar. Enquanto que a bela voz mortificada ressoava sôbre suas cabeças, todos foram arrebatados pelo caráter solene da cerimônia, e ao mesmo tempo por um sentimento de paz, de segurança, que há muito não experimentavam. Parecia-lhes que doces anjos voltavam a habitar sob as abóbadas sonoras, de onde os expulsara a voz de baixo de Thorkild Müller.

Após o ofício, recomeçaram os cânticos. Era um salmo de longos e numerosos versículos, mas por assim dizer não havia uma só pessoa na igreja que pudesse fixar a atenção nas palavras do texto. Sabia-se que alguém fôra em busca de Müller. Todavia êle ainda não aparecera, quando as vozes silenciaram.

Súbito, houve um movimento entre os padres. O deão levantou-se e fêz sinal a um bedel, que se esgueirou para fora do côro. Um momento após, a porta do púlpito se abriu e estalaram os degraus que ao mesmo davam acesso... Enfim! Devia ser êle!

Mas quando todos viram aparecer, em lugar da cabeça selvagem de Thorkild Müller, o alvo rosto de verme do cônego Ruggaard, todos compreenderam que algo muito grave sucedera, e um frêmito percorreu a assembléia silenciosa.

Não foi senão ao fim do ofício, no momento em que a multidão saía, que tudo ficou esclarecido: "O Urso" partira de repente, à noite, levando apenas o bastão tauxiado e os cães. Em sua porta, deixara, à maneira de adeus, estas palavras escritas a giz:

Tendes os tiranos
Que mereceis.

Nem em Soeby nem em Sorvad houve jamais quem tivesse notícias de Thorkild Müller. Soube-se apenas que voltara para a Groenlândia. Talvez ainda continue por lá.

O VISITANTE REAL

I

Quando as pessoas que vivem no turbilhão de uma grande cidade, pensam — não sem uma certa nostalgia — no campo, apraz-lhes imaginar uma existência onde Deus dispensa generosamente o tempo, onde cada minuto é dividido com a solene precisão de um relógio de Broholm medindo a eternidade, sob o teto de uma velha camponesa.

Na realidade, entretanto, o tempo em nenhum lugar é mais rápido, nem a vida mais curta, que no campo. Se os dias isolados podem parecer, ali, demasiado longos em sua monotonia, as semanas correm, os anos voam. E uma bela manhã a vida fugiu, como o sonho de uma noite de verão ou de uma noite de inverno.

Quando o jovem médico Arnold Hœjer e sua bonita mulherzinha se lembravam de que há seis anos habitavam Soenderboel e que seu casamento datava dêsse tempo, ambos riam de espanto. Seis anos! Impossível! Fôra, parecia-lhes, apenas há seis meses que, recém-casados, tinham chegado na diligência, por uma inesquecível noite, cheia de estrêlas. No intervalo, é verdade, três filhos haviam nascido; sua casa, que, apenas

saída da mão dos construtores, cheirava a tinta, tornara-se para êles o centro do mundo e o pórtico do paraíso.

Havendo ambos morado na capital, tinham, não obstante sua grande felicidade no amor, começado por desesperar. O nôvo ambiente e os novos hábitos, além da paisagem sem árvores da Jutlândia, com seu enorme céu, lhes dava o lastimável aspecto de pássaros perdidos.

Nessa época, pensar em Copenhague fazia com que as lágrimas viessem aos olhos da Senhora Emmy. Enquanto Arnold ia ver os doentes, ela ficava à janela do escritório, com um penoso sentimento de abandono, incapaz de fazer outra coisa que esperar a sua volta.

Como os sentimentos de então lhe parecem agora estranhos! Como pudera ser tão criança? Dizer que se sentava horas à janela, numa atitude enfática, a mão sob o rosto, a fixar as sombrias colinas de urzes, com a vertiginosa impressão de ter sido abandonada, sòzinha, num planêta desconhecido, no espaço infinito do universo. A estação ferroviária mais próxima ficava a três boas milhas de distância. Uma diligência assegurava as relações com o exterior, mas êles não a viam nunca. O grande veículo amarelo, com seu condutor vestido de vermelho, que poderia animar a taciturna paisagem, só atravessava o vilarejo em plena noite, tanto na ida como na volta. E iluminava um pouco seus sonhos, quando, pelas noites sombrias, passava pela estrada real, em frente à casa, e projetava a claridade de sua lanterna através das cortinas do quarto de casal.

A aldeia pròpriamente dita consistia em oito ou nove granjas sem importância e numa quinzena de casas miseráveis. Nenhum pastor jamais se instalara aí com a família; apenas o mestre-escola, um insuportável intrigante.

No primeiro ano, receberam algumas visitas, parentes ou amigos, todos curiosos de ver como se acomodavam êles naquele deserto. A partir do segundo ano, as visitas rarearam, mas já não lhes faziam falta. Ao fim de seis anos, êles não pensavam jamais em sua solidão. Não tinham tempo para isto. A casa e as crianças absorviam Emmy; e Arnold, nas horas em que não saía a visitar os doentes, ocupava-se do jardim, ou suava em

bicas, às voltas com a lenha, pois êle próprio se encarregava de cortar e de serrar, por precaução, a madeira de que necessitava nesta região sem florestas. Para distrair-se, recebiam dois jornais; e durante o inverno, inscreviam-se numa biblioteca de empréstimos, que lhes enviava de quinze em quinze dias alguns quilos com as novidades literárias do ano.

Lia-se em seus rostos, tanto na expressão como nas côres sãs, que essa existência lhes convinha. No interior da sebe que, contornando a casa e o jardim, os protegia contra o vento oeste, êles haviam recriado um Éden, onde um pequeno Caim e um pequeno Abel bronzeavam ao sol e ao ar livre, enquanto que uma Eva de doze meses, aureolada de cachos côr de ouro, brincava de carneirinho gordo nas costas de sua mãe, e várias qualidades de animais úteis e fecundos cacarejavam, roncavam, grasnavam no quintal e nas outras dependências.

Não fôra aquêle indesejável vizinho, o mestre-escola Soerensen, com sua mulher de olhos vítreos, e êles se sentiriam perfeitamente felizes.

*
* *

Um dia de fevereiro, quando já fazia muito tempo que não lhes chegava a mínima notícia de suas relações de Copenhague, veio uma carta de duas primas e um primo de Emmy, anunciando que viriam passar o Carnaval.

Não era bem o momento do ano em que as belezas do ninho dos Hœjer se apresentavam sob o aspecto mais favorável. Havia ainda neve no jardim, o que obrigava as pessoas a passar mais tempo em casa; e arranjar leitos suplementares também constituía um problema. Mas Emmy sabia sair-se das dificuldades. Tal um prestidigitador, tirou do nada leitos e divãs; e na cozinha, fêz grandes preparativos. Mas era a hospitalidade do coração o que os visitantes receberiam de melhor. E depois, ela fazia questão de mostrar a essa gente de Copenhague como era natural e sã a vida que se levava nas urzes da Jutlândia.

No entanto, o diabo devia estar de serviço, no dia em que se aguardavam os visitantes. A casa apresentava um ar de festa

e, em redor das estufas, os lençóis secavam em cima de cadeiras, quando chegou um telegrama de escusas. No último momento, circunstâncias imprevistas haviam impedido os primos de partir. A visita ficava adiada para outra oportunidade.

Arnold saíra para visitar os doentes. Quando voltou, ao anoitecer, a casa havia retomado o aspecto habitual. Para evitar uma explosão de descontentamento, Emmy o acolheu à porta, com um riso alegre.

Isto não serviu de nada. Arnold considerava tôda contrariedade como uma ofensa pessoal. Depois de ler o telegrama, tornou-se lívido e encolerizou-se contra o que chamava uma sem-cerimônia intolerável.

No fundo, Emmy era da mesma opinião, mas não podia encarar as coisas de uma maneira tão trágica.

— Não falemos mais disso, Arnold — disse por fim. — Vem jantar. Uma coisa te asseguro: temos o que comer em casa.

Ao levantar-se da mesa, sentaram-se juntos, como de hábito, no escritório de Arnold, deixando as crianças na sala de jantar, do outro lado do corredor, sob a vigilância da ama. Arnold voltara à calma. Instalado — e de estômago cheio — na cadeira de balanço em frente à estufa, fumava um longo cachimbo, antes havendo pôsto, para sentir-se mais a cômodo, seu chambre e as pantufas de fêltro.

Sentada perto da janela, Emmy pusera a filha sôbre os joelhos. A garôta, rechonchuda, deitada de costas, sacudia com delícia as pernas nuas, enquanto a mãe cuidava de sua toalete. Fora, tombava uma neve espêssa. Todo o dia, neblinara um pouco; agora, porém, a coisa era séria. Via-se uma polegada de neve no exterior da janela e nos pinásios dos caixilhos. Mas o próprio fato de que o inverno parecia querer enclausurá-los, aumentava seu sentimento de bem-estar e segurança.

Emmy não tivera tempo de vestir-se. Estava ainda com o vestido da manhã, e os cabelos atados numa fita negra. Os anos haviam-na tornado um pouco indiferente à toalete, se bem que o casamento não a tivesse tornado menos bela. Sua figura bem arredondada, com seus olhos castanho-escuro e as sobrancelhas arqueadas — pelo que as amiguinhas de infância a apelidavam de "a Coruja" — quase não havia mudado; no

máximo, suas formas eram agora maternais, suas curvas mais doces do que antes.

— Sabes — disse ela, ainda se ocupando do bebê — não acho que tenhamos muito a lamentar, se êles desfizeram o compromisso. Não seria muito divertido hospedá-los. Começo a perceber que não iria me sentir perfeitamente em casa, durante êsses dias.

Arnold afastou o olhar das nuvens de fumaça do seu cachimbo e sorriu. Como freqüentemente lhes acontecia, Emmy acabara de dizer o que êle próprio estava pensando. Se, nesse momento, êle não fôsse procurar uma caixa de fósforos, Emmy teria recebido um beijo.

Durante um momento, conversaram sôbre coisas sem importância. Falaram dos últimos incidentes da aldeia, referiram-se a seus próprios e miúdos problemas domésticos, mencionaram as crianças e uma nova raça de galinhas, que ambos tinham a intenção de importar — assuntos sôbre os quais êles não tinham tido tempo de trocar idéias nos dias anteriores, por causa dos trabalhos que havia causado a carta dos primos.

Enfim, gritou Emmy:

— Ah! Eu não tinha te contado. Vi esta manhã o velho Thorvald Andersen entrar na escola com um papel na mão. Achas que era o requerimento?

O cachimbo tombou da bôca de Arnold. Seu rosto por um instante, assumiu uma expressão de pasmo. Depois, até a raiz dos cabelos, sua fronte encheu-se de rugas, como um campo recentemente lavrado.

— Vou te dizer, Emmy. Se o mestre-escola Soerensen dá importância a êsse requerimento e o envia ao Conselho Municipal, vai haver guerra aqui. Eu não *quero* que essas águas sujas venham ser despejadas em nossa fossa. Se êle fôr ao Conselho Municipal, eu apelo para a Comissão de Saúde Pública. Redigirei de nôvo uma resposta, com todos os ff e rr. Podes ficar certa.

— Sim, contanto que tu queiras. Oh! com que prazer eu daria uma boa correção nesse animal sardento. Ontem, quando entrei na mercearia, adivinha quem estava lá. Madame Adolfine Soerensen em pessoa. Devias vê-la. Uma, duas, três vêzes

ela me deu as costas. Mas eu fiz que nem estava notando, dei-lhe bom-dia e pedi notícias de seus filhos: uma verdadeira comédia, só se vendo!

Da sala de jantar veio um rumor de chôro e reprimendas. A semi-obscuridade entorpecera as crianças. Emmy se levantou para acender a luz e levar a caçula para a cama.

Quando voltou, Arnold tinha aceso o lustre e puxara as cortinas. Enchia o cachimbo ante a pequena mesa de fumar, mas voltou a cabeça.

— Sabes em que eu estava pensando, Emmy? Nestes últimos tempos, o salão está muito cheio de coisas. Que me dizes de passarmos a estante para o lado da porta e pormos a jardineira oval no canto, com um busto de gêsso em cima? A peça ficaria com mais espaço.

— Não, Arnold, é impossível. Não achas que, nos últimos dias, fizemos mudanças demais nesses móveis? Deixa-me tranqüila, por enquanto.

— Está bem, está bem. Não é preciso fazer isso imediatamente. É só uma sugestão.

— Agora te apareceu isto, uma verdadeira doença. A mania das mudanças.

— E tu te tornaste uma verdadeira galinha choca, Emmy. Não toleras que se mude nem uma cadeira do lugar.

Arnold pôs-se a rir.

— Quando te sugeri, o ano passado, mudar o caramanchão, por causa da vista, lembras-te que te opuseste a isto com tôdas as fôrças? Dizias que no lado oeste havia muito vento e não sei que outras tolices. Mas reconheces que eu tinha razão.

Desta vez, foi Emmy que sorriu. Aproximou-se de Arnold e pôs a mão no seu ombro.

— Não, meu querido Arnold, tem paciência. Foi impossível ficarmos ali, durante todo o verão, por causa das correntes de ar. Já te esqueceste?

— Eu não esqueci que me disseste. É outra coisa.

Ela se afastou.

— Dizes o que não pensas, Arnold. Não queres jamais admitir que erraste. Já te disse isto não sei quantas vêzes.

— Escuta, Emmy, se continuas com essa opinião, um dia eu ponho abaixo o caramanchão inteiro. Já estou cansado de ouvir essa conversa. E então, pior para ti e para as crianças.

Êle tomou um jornal e ficou rígido, voltando-lhe as costas. Ela começou a passar um espanador sôbre os móveis, cantarolando de leve, como fazia sempre que estava contrariada e que se preparava uma tempestade conjugal.

Mas a tensão da atmosfera relaxou-se ao som de um trenó que parava em frente à casa.

— Alguém vem buscar-te — disse Emmy, tentando uma reconciliação. — Com um tempo dêstes!

Arnold erguera a cabeça.

— Deve ser o pastor. Não estás ouvindo? Os cavalos têm guizos.

Passaram-se alguns minutos. Depois a pequena criada dos meninos chegou da antecâmara, tão estupefacta que se esqueceu de pousar a lanterna. Sem fôlego, anunciou que havia lá fora um desconhecido, perguntando se alguém podia recebê-lo.

— Disse quem era?

Não, apenas perguntara se o dono ou a dona da casa estavam lá.

— Evidentemente é o cunhado do pastor, o agrimensor.

Oh, não! Era um estranho. E um belo senhor. Ela pensava mesmo que devia ser o nôvo bispo, que, no verão, aumentara um pouco o ciclo de suas visitas.

— Ora, que tolice! — disse Arnold, examinando-se da cabeça aos pés, com ar apreensivo.

Emmy sentiu também uma certa inquietude, pensando em seu vestido, que não era apropriado para receber visitas.

— Vai recebê-lo — disse precipitando-se no salão.

Arnold pousou o cachimbo e prendeu com cuidado seu chambre, para esconder o mais possível a insuficiência do vestuário. Através da porta entreaberta, viu sôbre a parede da antecâmara a sombra de um homem corpulento que, com a ajuda da empregada, descalçava um par de grandes botas forradas, e se desfazia da peliça.

Um instante depois, o próprio desconhecido aparecia no limiar.

II

Era um homem de estatura média, de uns cinqüenta anos, com uma coroa de anelados cabelos grisalhos sôbre uma alta fronte de poeta. Um homem extraordinàriamente bem vestido, de negro, com largas lapelas de sêda. Um homem que, apesar de sua excepcional corpulência, não causava nenhuma impressão ridícula ou desagradável. Um homem desembaraçado. Enfim, um belíssimo homem, são e fresco, com olhos vivos e uma bôca juvenil, de dentes alvíssimos.

— É o doutor Hœjer que eu tenho a honra de cumprimentar? — perguntou quando Arnold veio ao seu encontro.

— Sim. Tenha a bondade de sentar-se.

Instalaram-se de cada lado da mesa que ficava sob o lustre. Agora, que Arnold o via em plena luz, o estranho lhe parecia bem mais jovem. Já não lhe dava mais de quarenta a quarenta e dois anos, não obstante a robustez. Notava alguma semelhança com o nôvo bispo, porém sem nada de eclesiástico. Se êle não usasse uma barbicha e um pequeno bigode bem aparado, se seu aspecto e suas maneiras não fôssem exatamente as de um homem do mundo, poder-se-ia tomá-lo por um ator em *tournée*.

— O senhor vem de Jerrild? — perguntou Arnold, espantado de que o outro não se apresentasse.

O rosto do estranho ensombreceu-se com uma fugitiva expressão de aborrecimento. Êle deu a impressão de dissimular uma surprêsa desagradável. Logo depois, no entanto, voltou a sorrir com todos os seus dentes muito brancos.

— O senhor me espanta, doutor! Não entendo como é que pode saber... Sou inclinado a crer que lhe fizeram presente do espelho mágico dos contos de fada.

— Oh, não. A explicação é muito simples. O pastor Joergensen é a única pessoa cujos cavalos têm guizos. Os dos camponeses têm campainhas.

— Ah! é isto! Posso então responder-lhe logo afirmativamente. Mas queira permitir-me que lhe faça um pedido, um pedido que decerto irá parecer-lhe muito estranho. Eu lhe peço, doutor, de me dispensar revelar-lhe meu estado civil e de aceitar-me como um simples viajante anônimo. O senhor pensa talvez que está diante de um louco. Não, asseguro-lhe que meu pedido tem motivos perfeitamente razoáveis.

— Não duvido — disse Arnold com um sorriso contrafeito. A arte das conversações mundanas era-lhe estranha. Êle perguntava a si mesmo se as palavras daquele homem deviam ser tomadas ao pé da letra ou não passavam de uma brincadeira elegante.

— O senhor adivinha certamente, doutor, que se eu quisesse encontrar uma desculpa, ou ao menos uma explicação, para minha audaciosa presença nesta casa, para minha falta de cerimônia, como terá o direito de julgar...

— De modo algum! — balbuciou Arnold, cada vez mais hesitante.

— Sim, sim! Em duas palavras: o pastor Petersen, de Jerrild, é meu velho amigo de infância...

— Petersen! — gritou Arnold. — Não há um pastor Petersen, em Jerrild.

— Como não? Bem, é verdade! O senhor não poderia sabê-lo. Mas no fundo êle se chama Petersen.

— O pastor Joergensen se chama Petersen?

O estranho riu alto.

— Sim, quero dizer que seus velhos camaradas, eu entre êles, chamavam-no assim. Foi o seguinte: um dia, por brincadeira, bem entendido, êle se queixava da banalidade de seu nome. Decidimos então, dali em diante, chamá-lo de Petersen. E gostamos tanto da idéia, que nunca mais a esquecemos. Ora, faz uma porção de anos que não vejo meu querido amigo de infância e era um velho desejo meu ir surpreendê-lo um dia no seu presbitério. Mas não fui feliz na escolha do dia. Quando cheguei à casa de Petersen esta tarde, a família tôda estava ausente e não devia voltar senão esta noite.

— Ah! agora compreendo — disse Arnold.

— Veja, doutor. Confesso francamente que possuo uma natureza sociável. A perspectiva de passar uma longa noite de inverno absolutamente só em meio a uma porção de quartos e salas desconhecidos, me desesperava. Assim é que me veio a extravagante idéia de procurar na paróquia uma alma benevolente. Tomando informações com os domésticos do presbitério, soube que a uma milha de distância havia uma família muito amável e hospitaleira: sim, e eis-me agora bastante envergonhado de meu atrevimento.

— O senhor não tem nenhuma razão de estar envergonhado, e por conseqüência de se desculpar.

O estranho inclinou-se com uma calorosa expressão de reconhecimento.

— Ouso então esperar que o senhor me permitirá impor, durante algumas horas, minha importuna presença. Assim que a lua surgir, o cocheiro tem ordens para atrelar e vir buscar-me.

— O senhor é bem-vindo. Ficarei contentíssimo se a nossa casa o compensar um pouco da ausência de seus amigos.

— Oh! certamente que sim. Mas o senhor dirá sem dúvida que tudo isto não explica meu desejo de permanecer incógnito. Veja aí, se quiser, um capricho, uma fantasia um pouco infantil, uma idéia fixa. E no entanto, caro doutor, compreenderá decerto que, envergonhado, como estou, de minha imperdoável indiscrição, eu me sinta mais livre aqui se conservar o anonimato.

Se bem que a fantasia parecesse indubitàvelmente louca, Arnold não soube o que responder. O outro tomou êste silêncio

por um assentimento e continuou, estendendo sem cerimônia os membros corpulentos sôbre a poltrona.

— Quer fazer o favor de me dizer, doutor, que prazer poderia proporcionar-lhe, no fim de contas, se eu me apresentasse como o negociante Snydenstrup, de Aarhus, ou o arquiteto Falittenberg, de Copenhague? Aliás, minha opinião é que quanto menos haja de elementos pessoais numa conversação, mais ela é interessante e livre. Tudo o que nós já sabemos sôbre nosso interlocutor, hipnotiza nosso pensamento, tal como o círculo de giz hipnotiza uma galinha. Não acha que tenho razão? E depois de tudo, há uma razão mais ponderável: estamos no carnaval. Temos permissão de nos apresentarmos de máscaras. As regras estritas dos dias ordinários estão suspensas por um feliz instante. Vamos e venhamos, tenho ou não tenho razão?

— Naturalmente — respondeu Arnold com seu sorriso embaraçado — desde que o senhor assim deseja... Mas é necessário que nós saibamos como devemos chamá-lo. Não podemos dispensar um nome ou ao menos um título.

— Está bem, chame-me... sim, digamos... chame-me Rei Carnaval.

Ambos riram, Arnold não muito à vontade. Faltava-lhe segurança diante daquele homem, que o paralisava pela sua superioridade mundana.

Ouvia Emmy movimentar-se na peça vizinha, cuja porta ficara entreaberta. Ela acendia lâmpadas, abria o piano e repunha os móveis no lugar. Logo depois ela apareceu à porta em seu vestido marrom, enfeitado com um laço sôbre o peito, e que sempre usava nos domingos.

Arnold pôde observar, pela sua atitude, que ela escutara uma parte da conversação. Se bem que o recém-vindo a cumprimentasse com a maior polidez e manifestasse a mais agradável surprêsa quando a viu, ela ficou na soleira, respondendo à saudação com uma leve inclinação de cabeça. Ao mesmo tempo, dirigia ao marido um olhar enviesado e rápido, que significava aproximadamente: "Não devias tê-lo recebido. Manda-o embora!"

Bem no fundo, êle desejava seguir êste conselho. Mas não era muito delicado mostrar a porta a um bom amigo do pastor Joergensen, principalmente quando a sua conduta não permitia a mínima censura. Afinal de contas — como dissera o desconhecido — era Carnaval.

Não viu outra saída, senão entrar também na brincadeira. Na medida de seus pobres dons, tentou ser humorístico e disse à sua mulher:

— Permite que te apresente um visitante célebre: Sua Majestade, o Rei Carnaval!

Emmy olhava-os, um depois do outro, sem fazer o mínimo esfôrço de ocultar que se sentia ofendida. Certamente ouvira a maior parte do que o estranho houvera dito a Arnold; e ainda por cima soubera, pela empregadinha, que o homem trazia duas valises enormes e pedira para colocá-las no quarto de hóspedes. Ela jamais ouvira falar de uma sem-cerimônia igual.

O estranho aproximou-se dela e repetiu suas desculpas com muitos gestos eloqüentes. Ela fitava-o com um olhar desconfiado, sem nada responder-lhe. Pouco a pouco, êle pareceu notar seu mau humor e quando, depois de alguns instantes, ela se retirou para o salão, escoltou-a com galanteria.

Arnold seguiu-os, de orelhas murchas. Também achava que a brincadeira estava durando demais. O homem, enquanto isto, ia e vinha na sala, desfazendo-se em louvores sôbre o aspecto de confortável intimidade que ali havia, e não parecia pensar absolutamente em desculpar-se.

Agora detivera-se junto ao piano, sôbre o qual pendia um retrato a óleo. Achou as côres extraordinárias, perguntou quem era o original e imediatamente identificou o pintor, embora êste não fôsse muito conhecido.

"Seria um artista?" — pensou Arnold, surprêso, e olhou para Emmy que, com uma energia expressiva, se afundara no canto do divã, um tricô nas mãos.

O estranho ia continuar a sua ronda, quando de súbito o piano atraiu sua atenção.

— Ah! um velho Marschall! — exclamou com alegria. — Que gozado! Aprendi, quando era menino, a fazer os pri-

meiros exercícios de cinco notas, num instrumento igual a êste. Desde êsse tempo, aprecio a sua sonoridade. Permitem-me experimentá-lo?

Sem esperar resposta, sentou-se à banqueta, que rangeu sob o seu pêso.

Emmy e Arnold trocaram um olhar desesperado. Os grandes olhos de coruja de Emmy tiveram uma expressão suplicante. Como agir com aquêle louco?

— Certamente, minha senhora, sabe tocar?

— Minha mulher teve que abandonar a música — respondeu Arnold no lugar de Emmy. — Uma mãe de família não tem tempo para isto.

— É pena. Porque o instrumento é bom. O que é preciso é usá-lo.

Depois de correr duas ou três vêzes os dedos sôbre as teclas, começou a tocar. Era um espirituoso minueto de Schubert, que Emmy sabia de cor. Havia-o, fazia anos, trabalhado com seu professor. Fascinada pela técnica magistral do desconhecido e a profundidade de sua interpretação, ela pensou que devia ser um profissional.

Êste pensamento escapou de seus lábios no mesmo instante em que êle terminou a peça.

— O senhor é músico... Compositor, talvez?

Êle se ergueu sorrindo e inclinou-se, a mão no coração:

— Suplico-lhe humildemente, minha senhora, acreditar em minha palavra de honra. Sou verdadeiramente aquêle por quem me dou a conhecer. A senhora, certamente, conhece minha célebre família. Meu avô é o senhor Till Eulenspiegel. Meu pai se chama Palhaço e um de meus primos chama-se Arlequim. Minha terra natal é o Slaraffenland, e eu sou caixeiro-viajante. Vendo andorinhas cozidas que vêm voando e tombam, por si sós, na bôca das pessoas. Tomara que estas as conservem bem abertas.

O riso breve e forçado de Arnold ressoou de nôvo. Emmy, ao contrário, continuava ainda insensível ao bom-humor do visitante. Censurando-se de haver falado, retomou seu ar ofendido e não levantou os olhos do tricô.

Enquanto êle tocava, os dois meninos, movidos pela curiosidade, lançavam alguns olhares, da sala de jantar. A mãe, com um sinal, ordenou à empregada que os levasse para a cama. Mas a porta entreabriu-se de nôvo, docemente, sem que ninguém aparecesse.

— Esta música, a senhora conhece-a? — perguntou o estranho.

— Sim, é um minueto de Schubert — respondeu ela num tom indiferente.

Não pudera evitar a tentação de mostrar seus conhecimentos musicais, mas ao mesmo tempo lamentava ter-se novamente "comprometido" com êle.

— Gosta de Schubert? — perguntou Arnold aproximando-se. Se bem que não entendesse coisa alguma de música, tinha a fraqueza de querer parecer conhecer de todos os assuntos.

— Sim, muito. Schubert tem uma bela sensibilidade. Mas meu compositor favorito, atualmente, é Petschoff. O jovem gênio russo. O senhor o conhece, por acaso?

Emmy, que jamais ouvira êste nome, continuou muda. Arnold, porém, indagou:

— Qual de suas obras prefere o senhor?

O estranho refletiu um instante, com um ar ligeiramente chocarreiro. De repente gritou, as mãos erguidas:

— A *Dança Macabra!* Não posso jamais ouvir a introdução dessa música, sem que meu coração bata com fôrça. Parece-me que é mais ou menos assim que soará a grande chamada, no dia do julgamento final, quando ressuscitarmos dentre os mortos. Essa dança nos transporta ao sétimo céu.

A porta da sala de jantar afinal se abriu completamente. Era a cozinheira que estivera ouvindo às escondidas. Sob pretexto de vir receber ordens para o jantar, entrou pesadamente, pois desejava ver bem o estranho e saber o que se passava de extraordinário no salão.

Do canto do sofá, Emmy, com impaciência, fêz-lhe sinais para que se retirasse. Mas a cozinheira deixou-se ficar à porta, as espêssas órbitas amarelaças fixas com desconfiança no estranho.

— Pode retirar-se — disse enfim Emmy. — Eu irei à cozinha, dar-lhe as ordens.

A cozinheira saiu num passo inaudível, resmungando.

— O senhor poderia tocar alguma coisa dessa... *Dança Macabra?* — perguntou Arnold.

— Oh! sou apenas um pobre amador! Mas se o senhor pede...

Sentou-se novamente na banqueta, deu alguns acordes, mas deteve-se, franziu a testa e se levantou. Uma das mãos sôbre o teclado, escrutou a peça com um olhar inquieto, quase aborrecido.

— Sim, irão pensar ainda que sou um tipo esquisito, mas eu tenho ainda um pedido a fazer-lhes. Permitem que eu acenda tôdas as velas do lustre? Consentirão também que mude de roupa? Tomei a liberdade de pôr minha bagagem no quarto de hóspedes. Insisto em dizer que não passo de simples amador, e que me é impossível sentir-me numa verdadeira atmosfera musical se não estou vestido a caráter.

Emmy e Arnold tiveram um sobressalto. Involuntàriamente, olharam-se. Já não duvidavam de que o homem tivesse o cérebro desarranjado.

Andando de um lado a outro da peça, o desconhecido explicou-se. Acontecia com êle, em relação à música de Petschoff, o que sucedia a um de seus amigos em relação aos versos de Shakespeare. Como êsse amigo não se interessasse pelas obras do grande poeta, alguém aconselhou-o a pôr, certa noite, seu traje de gala, a ornamentar seu apartamento com flôres e iluminá-lo, como se esperasse convidados de cerimônia, e depois, mais ou menos à meia-noite, a começar a ler como quisesse. Êle tomou o conselho e me assegurou mais tarde que não só Shakespeare, mas o reinado inteiro da poesia abrira-se, naquela noite, em todo seu esplendor, diante dêle.

— E, decerto, sucede o mesmo à maioria dos infelizes mortais com os dons da arte. E talvez com o conjunto da vida. Se não se é um pouco endemoninhado, nada se pode entender das criações dos gênios. Nem das criações de Deus. Percebi isto, de modo particularmente claro, com a música de Petschoff.

Deteve-se diante de Emmy e acrescentou, inclinando a cabeça de lado, com um ar suplicante:

— A senhora, por acaso, ficará aborrecida comigo, se lhe peço para lembrar-se de um vestido bem-amado, de um azul mediterrâneo ou de uma coloração que lembra o Himalaia, que pende seguramente de um de seus cabides, na sepulcral escuridão onde êle só constitui uma alegria para as traças e outras criaturas das sombras? Quanto ao senhor, caro doutor, seria um grande incômodo pôr um colête branco, uma casaca, em honra desta pequena festa petschoffiana? Permitirão, nos limites da conveniência, que esta noite eu ponha um pouco esta casa de pernas para o ar? Estamos no carnaval. E eu já lhes disse quem sou. Portanto, não me queiram mal.

Seus olhos caprinos, castanho-claro, iam de um a outro dos esposos, com insistência. Como nenhum dos dois lhe respondesse, fêz uma saudação polida, depois externou a esperança de possuir talvez um pouco da eloqüência persuasiva que se atribui a um certo personagem[1], do qual se diz que é bastante dar-lhe um dedo para que êle se aposse inteiramente de nós.

Da porta, inclinou-se ainda duas vêzes, profundamente, dizendo:

— Até já.

Mal desapareceu, Emmy saltou do sofá, jogou longe o tricô e lançou-se ao marido.

— É terrível! Que vamos fazer? Êle é um louco varrido.

— Sim, êle não é muito equilibrado.

— Quem será?

— Não sei. Mas lembra-me que o pastor Joergensen me falou um dia de um de seus amigos — um negociante, creio eu — que, havendo tombado de um veículo, durante um passeio de estudantes no bosque, tornou-se assim esquisito depois do acidente.

— Não devias tê-lo recebido. Não era razoável.

---

[1] O diabo.

Enquanto ela falava, sua fisionomia tinha uma expressão que o fêz sorrir de ternura: lembrava-lhe, de um modo que o emocionava, o tempo em que ela era ainda uma mocinha, tinha mêdo de tudo e se abrigava na sua proteção.

— Parece-me que êle te causa verdadeiro pavor — disse êle, e abraçou-a. — Teu coração está batendo!

— Sim, mas... queres dizer-me o que devemos fazer?

— Oh! Tratemo-lo com o máximo de amabilidade possível. O pastor não deve ter queixas de nós, por não havermos recebido devidamente seu amigo. Vai agora dar ordens na cozinha. Não deixa de ser uma boa ocasião para usar nossas boas provisões. Serviremos vinho tinto e *sherry*. Não temos aí?

— Sim, está bem. Mas não achas que êsse homem é louco?

— Louco, talvez seja uma palavra muito forte. Êle tem talvez macaquinhos no sótão, é isto. Aliás, me parece simpático e divertido. Sem falar que êle vai tocar para nós. Como é que se chama mesmo o russo?

Emmy respondeu com um ar distraído. A mão no pescoço do marido, achegou-se a êle, como que tomada de inquietação. Mas seus pensamentos estavam longe.

Arnold continuou a tranqüilizá-la.

— É bonita, sua execução. Uma técnica espantosa. Será agradável ter uma pequena festa musical. Tanto mais quanto já faz uns bons pares de anos que não temos oportunidade igual.

O botão superior do seu colête aparecia sob o chambre fechado; Emmy segurou o botão.

— Mas não é possível que tenhas na cabeça, Arnold... Não queres certamente que eu ponha — como êle pediu — meu vestido de sêda côr-de-rosa.

Arnold riu.

— Não, ora... E no entanto, pensando bem, por que não? Eu bem gostaria de te ver... Olha, não te vejo num vestido de baile desde aquela grande festa na casa de teu tio. Lembras-te? E, por Deus, estamos no carnaval... Sim, é inútil me olhares assim, falo sério.

— É impossível que não estejas brincando, Arnold. Isto seria uma infantilidade... pura doidice.

Sacudiu-o pelo botão do colête e enrubesceu cada vez mais.

Agora êle insistia em vê-la no seu vestido de baile. Passou em tôrno dela o braço livre e, à fôrça, roubou-lhe um beijo.

— Digo que é sério. Quero, de verdade, me oferecer essa alegria. Estás ouvindo, Emmy? Quero ver-te em teu vestido de *soirée*. Quero ver-te em todo o teu esplendor!

— Não, Arnold, é inútil. Essas coisas não nos convêm. Lembra-te de que eu sou uma velha. Que diriam as empregadas?

— As empregadas?

— Sim. Amanhã, todo mundo saberia.

Esta perspectiva influenciou-o um pouco. Via o mestre-escola Soerensen passando adiante a novidade, com seu sorriso oblíquo e mau. Mas ao cabo de um momento, essa visão excitou-o ainda mais.

— Que falem! Que importa? É aliás um bom e velho costume camponês, as pessoas divertirem-se um pouco durante o carnaval. Vem. Vamos pôr nossos trajes de cerimônia.

— Não, Arnold, não vou. O vestido, certamente, não cabe mais em mim.

— Que tem isso? Não vamos ao baile de algum rico comerciante.

— E depois é muito decotado.

— Que importa? Ficas deliciosa naquele vestido, que parece ter sido feito para ti pelo bom Deus. Ai!

Ela havia dado um tapa na orelha de Arnold.

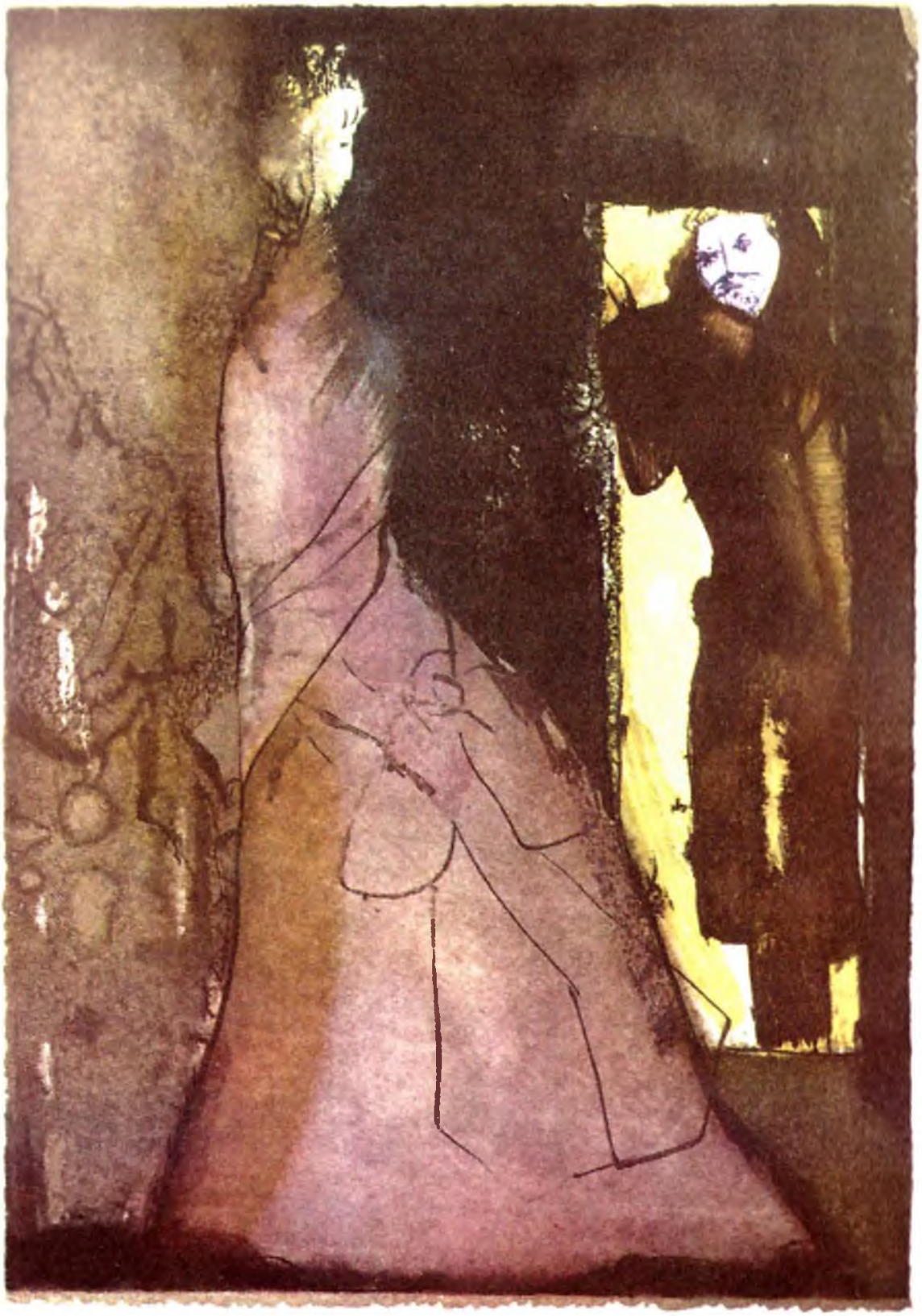
— Mais respeito para com Deus, meu caro senhor.

Êle riu e, tomando-a nos braços, ergueu-a para levá-la.

— Deixa de ser louco, Arnold!... Arnold! Solta-me! — continuava a gritar docemente, enquanto que, debatendo-se, era carregada para o quarto de dormir.

— Vocês dois são loucos, tu e êle!

De repente, Arnold afrouxou o abraço e os dois se afastaram vivamente um do outro. A porta da cozinha havia batido. Era a velha Ann, que novamente chegava arrastando seus



chinelos, para falar do jantar. Manifestamente ela escutara tudo, pois estava imóvel no vestíbulo, pasmada, a bôca aberta, o queixo caído.

Arnold, furioso, partiu para ela, uma praga nos lábios. Mas Emmy interpôs-se. Com sua habitual precisão de boa dona de casa, deu as instruções necessárias à doméstica. Deveria servir frios os patos no escabeche, juntamente com a salada; e bater o creme para a torta de ameixas. A manteiga seria apresentada em conchas, o queijo cortado em cubos e pôsto numa pequena toalha dobrada...

— Pois hoje comemoramos uma festa! — acrescentou Arnold com redobrado entusiasmo. — Esqueceste, Ann, que hoje é carnaval?

III

Era uma bela noite de outono quando, seis anos antes, Arnold e Emmy, recém-casados, tinham desembarcado da diligência em Soenderboel; fizeram descarregar as bagagens à margem da estrada real, em frente à casa; em meio à infinidade de malas e pacotes, havia um grande cêsto, que Emmy trazia com especial cuidado e que, imediatamente, foi transportado para o interior.

No dia seguinte, quando ela se pôs a desembalar e arrumar as coisas em sua nova residência, começou abrindo aquêle cêsto. Continha seus tesouros sagrados de môça: primeiro, as lembranças de seu casamento, o vestido, o véu e a coroa de mirto, o ramalhete que Arnold lhe enviara para a bênção nupcial, o cardápio do almôço, as canções impressas; depois, tôdas as cartas de Arnold, com os pequenos presentes do tempo do noivado; e por fim o objeto mais precioso de tôda sua bagagem pessoal: o vestido de sêda rósea, todo enfeitado de renda branca, que ela havia usado numa reunião de família, na véspera do casamento.

No primeiro ano, durante as ausências de Arnold, ela muitas vêzes passara, olhando êsses tesouros, longas, vazias,

solitárias horas. Sentada na extremidade da gaveta aberta, deixava-se invadir, como num sonho, pela atmosfera de festa que cerca os preparativos de um casamento. Ou ainda experimentava seus bonitos vestidos diante do espelho, ornava seus cabelos de pequenas jóias e de flôres, comportava-se enfim de uma maneira que mais tarde haveria de considerar absurda. Como dizia muitas vêzes, agora possuía outras ocupações. Também se lembrava, quase revivendo suas impressões de então, como, durante sua primeira gravidez, seu espírito aos poucos se afastara do passado, ocupando-se do futuro. Cada ano, fôra necessário esvaziar novamente gavetas nas cômodas ou nos armários, para dar lugar às roupas infantis.

Quando Arnold e ela entraram no quarto de dormir, ela teve que tirar o vestido de sêda de uma velha caixa empoleirada no alto de um armário; mas uma vez tendo-o nas mãos, declarou firmemente que não queria tomar parte naquela palhaçada.

O entusiasmo de Arnold desaparecera de repente. A simples idéia de tirar o chambre e de mudar de roupa desanimava-o. Teve, porém, vergonha de o confessar; para adquirir coragem, pôs-se a encorajar Emmy. Vejamos, ela não ia fazer-se de rogada! Mesmo que o vestido estivesse um pouco amarrotado e mesmo fora de moda, que importância tinha isto? Era, simplesmente, uma brincadeira de carnaval.

Mas Emmy não queria escutar coisa alguma. Sentou-se na beira da cama e, com uma veemência próxima das lágrimas, declarou que não iria fazer aquêle papel ridículo.

Entrementes, na cozinha, desenrolava-se uma cena movimentada.

A velha cozinheira ia e vinha, arrastando os chinelos, lamentando-se, como sempre fazia quando as coisas não aconteciam de acôrdo com os seus rudimentares desejos. Tendo trazido da despensa uma travessa cheia de patos frios, ordenava à empregadinha que pusesse uma caçarola no fogo, quando o estranho apareceu de inopino, finamente vestido, trazendo uma rosa à lapela.

Ela soltou um gemido e por pouco não perdeu o equilíbrio, quase deixando tombar a travessa. Não ficaria mais desarvorada se o próprio diabo lhe pregasse um susto.

Da porta, o cavalheiro ergueu a mão e sorriu amàvelmente.

— Não se assuste! Quero sòmente dizer... Vejo que começou a pôr a mesa na sala de jantar. Mas está frio e confessemos que ela não é muito confortável. Sugiro que jantemos no salão. A senhora utilizará a sala de jantar como sala de copa.

Ann pôs a travessa na mesa da cozinha, mas com uma violência que a fêz estremecer.

— Saiba que não recebo ordens a não ser do Senhor e da Senhora.

O estranho fixou-a durante alguns segundos.

— Mas isto não é uma ordem — disse num tom inalteràvelmente delicado. — É apenas uma sugestão. Estou certo de que sua patroa aprovará. Tenha portanto a bondade de fazer o que lhe peço. E se por acaso existe aqui algum velho utensílio de prata ou de bela porcelana, um vaso, por exemplo, faça-o sair.

— Não sei o que se passa nesta casa — disse a cozinheira, trêmula de cólera e inquietação. — Não quero ocupar-me de nada.

Tirou seu avental, jogou-o sôbre uma cadeira e retirou-se às pressas para o quarto das empregadas, fazendo bater a porta.

O estranho encolheu os ombros.

Depois, com um gesto chamou a empregadinha, que se escondera junto ao forno. Era uma rapariga de quinze anos, um patinho branco de bochechas róseas, com grandes olhos de um azul ingênuamente feliz.

— Vem cá, minha beleza! — disse êle.

Ela se aproximou, como hipnotizada, e plantou-se ante êle, o queixo no ar e os braços pendentes, tal uma escolar frente ao professor.

— Vem comigo. Vamos, os dois, enfeitar a mesa. Mas calmamente. Nada de barulho. Mostra-me com que estás calçada.

Ela estendeu dòcilmente a perna direita e mostrou seu escarpim.

— Vá lá! E também nada de conversas. Não esqueças. É preciso que seja uma surprêsa, compreendes? Espera um pouco! Como é teu nome?

— Abelone.

Êle bateu levemente no seu rosto.

— É um ótimo nome. Um nome de festa. Escuta, beleza. Não terás, por acaso, outro vestido? Êsse parece mais apropriado a esfregar o assoalho. Que tal um vestido prêto? Aquêle da confirmação? Hein? E um avental branco, limpo? Bom. Segue-me.

No salão, sem nada dizer, êle já havia iniciado os preparativos. Tirara do lugar os vasos com plantas arrumados no rebôrdo da janela e espalhara-os com arte em vários pontos da peça. A mesa redonda que ficava junto do sofá, pusera-a sob o lustre, e Abelone recebeu enfim ordem de pôr a toalha e distribuir as guarnições.

No comêço, foi desesperante. Ela obedecia como um autômato, mas um autômato mal regulado. Compreendia mal as instruções recebidas, pois, não ousando falar, uma vez que o quarto dos patrões ficava bem ao lado, tinha de contentar-se com sinais e gestos. Quando êle lhe pediu cálices de vinho, ela saiu da cozinha com o espanador; e quando êle quis um vaso para colocar algumas flôres, ela trouxe um balde.

Súbito, êle ouviu uma porta se abrir e assustou-se. Passos rápidos ressoaram no corredor. Mas não se detiveram e logo desapareceram.

Era Arnold, que saíra em mangas de camisa, uma vela na mão. Subia ao sótão, onde seu traje negro pendia de um cabide, entre coisas inúteis. Embora cantarolasse, estava num estado de espírito alarmante. Experimentando, bem no íntimo, um sentimento de indecisão, mandava a todos os diabos o estranho parasita e suas idéias carnavalescas.

Na solidão e na obscuridade do celeiro, êle refletiu. Com a feliz impressão de fugir a uma obsessão desagradável, reconheceu que Emmy tinha razão, que ambos estavam a ponto de tornarem-se ridículos.

Deixou o traje negro no cabide e novamente desceu do sótão, decidido e calmo.

Todavia, não mais estava em suas fôrças evitar o curso do destino. Quando entrou no seu quarto, foi surpreendido por um espetáculo inesperado, que o arrebatou.

Emmy não resistira à atração do vestido de sêda côr-de--rosa. Pusera-o, na ausência de Arnold. Ante o espelho, na ponta dos pés para adelgaçar o talhe, tentava prender os colchêtes da cintura.

— Deus! — involuntàriamente, êle ergueu os dois braços no ar. — Emmy! Estás esplêndida!

Em sua excitação, ela não conseguia prender os colchêtes. Suas faces estavam escarlates. Temia que Arnold zombasse do que fizera. Seu coração batia loucamente quando o ouvira de volta, no corredor.

— Crês que ainda fica bem em mim?

— Estás estonteante, querida. Êle te vai òtimamente. Vejo que não mudaste quase nada.

— Achas que posso usá-lo?

De um estôjo vermelho, tirou duas fôlhas de cedro, em prata trabalhada, ornadas de pequenos diamantes representando gôtas de orvalho. O conjunto formava um diadema.

Arnold ficou de pé às suas costas e, por sôbre a sua cabeça, ficou a contemplá-la através do espelho, enquanto ela punha o diadema nos cabelos.

— Lembras-te? — perguntou ela.

— Se me lembro! Há tanto tempo!...

— Achas que ainda posso usá-lo?

— Uma maravilha! Estonteante! Parecerás uma princesa de contos de fada. Deixa-me dizer-te, Emmy, nunca fôste mais deliciosa.

Ela enrubesceu de nôvo. E, movida por um sentimento de felicidade transbordante, inclinou-se para trás, pousou as duas mãos na cabeça de Arnold e apertou contra a sua a face do marido.

— Outra vez! — disse êle sorrindo.

No mesmo instante, alguém tocou no teclado do piano.

Êles se afastaram, ligeiramente assustados. Haviam chegado a esquecer o estranho visitante.

— É incrível — disse Emmy. — Êle já está no salão.

— Que importa! Distrai-se com o piano! — respondeu Arnold com segurança.

Ao som de uma música pomposa, que se assemelhava a uma marcha festiva, terminaram de vestir-se. Arnold foi obrigado a subir uma segunda vez ao sótão. Depois foi necessário ajudar um pouco Emmy, e mesmo dar alguns pontos no vestido, para ajustá-lo melhor. E isto tomou algum tempo, por causa de sua cômica falta de jeito, que provocou novas trocas de beijos e carícias, exatamente como nos dias de sua lua-de-mel.

De braços dados, examinaram-se uma última vez em frente ao espelho. Mas, chegados à porta do salão, hesitaram, com um vago sentimento de vergonha. Com pequenos risos forçados, cada um tentava fazer com que o outro passasse na frente. Enfim, Arnold empurrou a porta e entrou, eufórico, de braços dados com Emmy.

O espanto paralisou-os. Não reconheciam mais seu próprio salão.

Estavam acesos, não sòmente o lustre, mas também alguns apliques, que não haviam sido utilizados desde o batismo do primogênito. E por tôda a parte havia flôres. No centro da mesa, uma grande taça continha esplêndidas rosas amarelas, em meio às quais apareciam pêssegos maduros e cachos de uvas azuladas. A toalha estava enfeitada com pequenos buquês de violetas.

O estranho levantou-se do piano. A mão no peito, saudou-os respeitosamente.

— Graciosa Dama! Ilustre Doutor! Ireis perdoar-me, assim espero, de haver assumido, sem que o ordenásseis, as funções de mestre-de-cerimônias, desta pequena festa improvisada. Peço-vos também perdão de haver utilizado uma modesta decoração de mesa, que trazia comigo, para não chegar de mãos vazias na casa de meu velho amigo, o pastor. Como vêdes, ela não lucrou em estar fechada na valise.

Nada mais espantava Arnold e Emmy. Enquanto que esta última girava em tôrno da mesa, com a expressão da

criança que olha uma árvore de Natal, Arnold detivera-se à porta, as mãos nos quadris, olhando para tudo com uma espécie de encantamento.

Por fim, êle apertou a mão do visitante:

— Majestade — disse, fazendo uma reverência e, de sua alegria, desaparecera qualquer constrangimento — posso pedir-vos para conduzir minha mulher à mesa?

IV

A refeição durava havia uma hora. Estavam à sobremesa. A pequena Abelone, que servia de copeira, estava encantadora, com suas faces vermelhas, o vestido negro de sua confirmação e um gracioso avental branco, mas o modo como se havia nas improvisadas funções fazia rir e chorar ao mesmo tempo. Uma vez, tropeçou na saia comprida, deixando cair os pratos. Para sua grande admiração, nem Arnold nem Emmy repreenderam-na. O doutor contentou-se em soltar uma boa gargalhada, gritando: "Bis!"

A velha Ann espreitava-os pela porta entreaberta da sala de jantar. Finalmente, incapaz de resistir à curiosidade, chegou mesmo a ajudar um pouco à mesa. Agora, no entanto, sufocava de indignação, com o espetáculo de que era testemunha.

O estranho falara durante todo o tempo. Quanto a Arnold, limitava-se a rir. Não mais perguntara quem era o visitante, e nem mesmo se importava de sabê-lo. Abandonava-se por completo à atmosfera romanesca do momento.

Emmy, ao contrário, experimentava um vago sentimento de insegurança e mantinha-se em guarda. As anedotas do

desconhecido, algumas vêzes, pareciam-lhe bastante ousadas. Todavia, êle não era, de maneira alguma, presunçoso ou mesmo barulhento. Bem ao contrário de Arnold, que começava a dar sinais de embriaguez, êle suportava perfeitamente o vinho. Apenas, as côres de seu rosto haviam-se tornado um pouco mais vivas, e a maliciosa claridade de seus olhos caprinos fizera-se constante. Sentado em seu lugar, sorrindo, trincando um cacho de uvas, os anéis grisalhos lembrando uma coroa de outonais fôlhas de vinha, assemelhava-se a um sátiro que começasse a envelhecer.

Emmy não esquecera a promessa que êle havia feito de tocar piano. Retirados os pratos da sobremesa, despedida Abelone, voltou a falar de Petschoff.

Êle não fêz nenhuma objeção. Pediu apenas que, em seguida, lhe fôsse concedido um favor: a humilde permissão de coroá-la rainha da festa.

Ela não entendeu o que êle queria dizer e sentiu-se muito aborrecida com mais esta fantasia. No entanto, como sucedia sempre que ela não lhe respondia imediatamente, êle interpretou seu silêncio como um assentimento. Tirando da fruteira algumas das mais belas rosas, pôs as flôres, com mão leve e firme, sob o diadema de prata, como uma coroa.

Ao primeiro contato, isto desagradou Emmy. Foi uma impressão desagradável, sentir aquêle enorme corpo contra o seu e os dedos de um estranho tocando os seus cabelos. Além disto, ela temia que Abelone aparecesse. Entretanto, depois de contemplar-se, durante alguns instantes, na fisionomia dos dois homens e concluir que a coroa real lhe ficava muito bem, consentiu em aceitá-la. Arnold não cabia em si de admiração. Batia palmas, celebrou sem reservas a beleza do ornamento.

— E agora, música! — ordenou Emmy num tom imperioso, para corresponder ao seu papel de rainha.

O estranho fêz uma reverência profunda:

— Sou o humilde servidor de Vossa Majestade!

Mas, em lugar de se dirigir ao piano, desapareceu no escritório de Arnold, voltando com um longo instrumento com incrustações de nácar, e que se assemelhava a uma mandolina e a um alaúde.

Emmy ficou um pouco decepcionada. Arnold, ao contrário, gritou:

— Bravo! Sua Majestade é também um cantor!

— Um pouco de talento, que não faz mal a ninguém.

Cantou inicialmente uma canção francesa, depois duas pequenas canções italianas no estilo popular. Arnold, que compreendia mal as palavras e não era sensível à música, logo deixou de escutar. Refestelado em sua poltrona, acariciava a barba, envolvendo Emmy num olhar úmido de vinho e de amor. Terminou por amaldiçoar a presença do visitante. Estava custando a chegar o momento em que ficaria só com Emmy, para continuar a festa a dois, sob formas muito mais ousadas. Mandariam deitar-se as empregadas. E sòmente as lâmpadas acesas seriam testemunhas, durante alguns momentos, de sua festa noturna, à oriental.

O estranho iniciara uma nova canção, uma canção da Dinamarca. Evocava um deus do reino da fantasia, que passeia pela terra disfarçado em bufão, fazendo sair das sombrias tavernas, para onde os havia impelido o desgôsto da vida cotidiana, sonolentos discípulos de Eros e melancólicos sátiros. A melodia era fresca e cheia de humor, com o seguinte estribilho:

Sim, vai errada a vida,
o branco transforma em negro
e faz, do grande, pequeno;
confunde o bem com o mal.
Mas o Palhaço, ao chegar,
põe tudo no seu lugar.

Os olhos úmidos de Arnold não se afastavam de Emmy que, a cabeça apoiada na mão, escutava o cantor. Êle pensou, de comêço, que ela não prestava grande atenção à música; e que, como êle, desejava a partida do importuno visitante. Tal como estava, os cotovelos nus sôbre a mesa e a mão contra a nuca ornada de flôres, havia na mulher qualquer coisa de uma bacante sonhando com o amor. Seus longos cílios estavam

entrefechados; havia, nos seus lábios, um sorriso cheio de promessas.

Arnold tentou atrair o olhar da espôsa, tocando-a, sob a mesa, com a ponta dos sapatos. Mas, talvez para puni-lo de a haver tocado com fôrça, ela não moveu os olhos. Isto tornou-o desconfiado.

Terminada a canção, o estranho levantou-se, o copo na mão, e propôs um brinde aos faunos de caprinos pés que escoltam o deus da fantasia, de todos os pequenos ladrões do coração e do entendimento, perturbadores do sono, que desempenham na côrte real da Natureza um papel análogo ao de certos fermentos no champanha: dão um especial sabor ao vinho da existência, que fazem espumar.

Inclinou-se diante de Emmy. Erguendo sua taça como em sonho, ela sorriu com uma expressão radiosa, que acabou de dissipar os restos da embriaguez de Arnold.

O estranho voltava-se agora para o dono da casa.

— À sua saúde, doutor!

Arnold não tocou em seu copo. Olhava para a frente, como se nada houvesse escutado.

— Que se passa contigo? — perguntou Emmy num tom repreensivo. — Bebe conosco.

Sem responder, êle pôs as mãos nos bolsos. Seguiu-se um instante de penoso silêncio. Depois, o estrangeiro lançou um rápido olhar para seu grande relógio de ouro e disse que, infelizmente, tinha de ir embora. Sucedera mesmo retardar-se um pouco. Seu cocheiro com certeza adormecera no albergue e esquecera-se da hora.

Os outros levantaram-se sem dizer palavra — Emmy com uma expressão enfastiada e contrita — e o visitante despediu-se.

Como Arnold quisesse acompanhá-lo até a porta êle se opôs:

— Não se incomode, doutor. Está frio, no corredor. E, como vê, sou capaz de me haver sòzinho.

Mas Arnold, agora calmo, quis cumprir até o fim suas obrigações de dono de casa. Chegando à antecâmara, propôs mandar chamar o cocheiro no albergue. O estranho recusou do modo mais categórico.

— Ter êsse trabalho! Era só o que faltava.

E mostrando com um sorriso suas grandes botas de viagem:

— Desaparecerei em menos de um segundo. Estas aqui, são as célebres botas de sete léguas, sabe?

As despedidas foram breves e, da parte de Arnold, rìgidamente altaneiras. Êle pensou, entretanto, em enviar saudações para o pastor Joergensen.

Quando voltou ao escritório, Emmy lá estava. De pé por trás da cadeira de balanço, e num estado de grande agitação moral, ela esperava uma explicação. Fechara a porta que comunicava com o salão, para que as empregadas, que tiravam a mesa, não pudessem ouvir.

Arnold passou diante de sua mulher sem pronunciar uma palavra. Atravessou o salão para ir ao quarto de dormir, pôr novamente sua roupa caseira. Quando voltou, observou que o lustre e os apliques do salão continuavam acesos.

A ira subiu-lhe novamente à cabeça.

— Apaguem isto, com todos os diabos! — gritou para as empregadas. — Estão loucas? Apaguem, já disse.

Quando voltou ao escritório, Emmy continuava no mesmo lugar.

Tinha, de início, tomado a atitude de seu marido à mesa por um sinal de embriaguez e isto irritara-a. Mas havia agora, em seu espírito, alguma coisa, uma pequena inquietação da inteligência, dizendo-lhe que o vinho não era a única razão em jôgo.

Assim, o tom ofendido em que perguntou o que significava tudo aquilo, era totalmente destituído de segurança.

Êle estendeu o pescoço na sua direção, como se só então houvesse percebido a sua presença, e observou-a lentamente, da cabeça aos pés.

— Ouviste muito bem. Eu dizia que é preciso apagar as luzes. Que seria insensato deixar as luzes acesas durante a noite inteira.

Da peça vizinha, êle trouxera uma lâmpada de mesa. Sentou-se à sua escrivaninha, e, para passar o tempo, abriu seu livro de contas.

Emmy, havendo pôsto os braços na cadeira, começou a balouçar-se para a frente e para trás. Por mais ansiosa que estivesse, não podia evitar de sorrir. Ver seu marido assim, despertava tantas recordações! Quase havia esquecido o seu aspecto, quando verdadeiramente encolerizado contra ela.

Recordou também de que maneira o acalmava nos bons antigos tempos, cada vez que êle se sentia ofendido por ela ou por outras pessoas. Depois de haver esperado o bastante para que êle se acalmasse, aproximou-se e, corajosamente, sentou-se no braço de sua cadeira. Abraçando-o pelo pescoço, disse-lhe:

— Arnold, em que foi que te contrariei?

O efeito foi completamente diferente do que obtinha no tempo de noivado. Êle afastou-a com brutalidade e pediu que o deixasse tranqüilo.

— Vejamos, Arnold...

De súbito, realmente ofendida, pediu-lhe sèriamente que lhe respondesse. Mas êle voltou-se com a face tão descomposta, que instintivamente ela silenciou.

— Estou ocupado. Aliás, por hoje, já te divertiste bastante.

E acrescentou, para adoçar um pouco as coisas, novamente olhando-a com desprêzo:

— Certamente precisas de repouso. Estás muito excitada. A influência dêsse sujeito sôbre teu sistema nervoso não foi muito saudável.

Levantando por sua vez a cabeça, ela olhou-o com uma expressão atônita e aflita. Esperava que êle retirasse as últimas palavras. Como êle não o fizesse, deu-lhe as costas e atirou em voz baixa:

— Devias ter vergonha.

Pouco depois, retirou-se.

Ante o espelho do seu quarto, ela enrubesceu de si própria e de sua seminudez. Pôs seu *peignoir* e, bastante confusa, arrancou as rosas dos cabelos. Seus gestos eram lentos; diante de si própria, experimentava uma secreta compaixão, como se houvesse dito adeus a um sonho bom. Foi ao quarto das crianças, olhou-as, deu as últimas ordens às empregadas, no corredor da cozinha, que fechou à chave, e voltou para o quarto de dormir.

Os leitos gêmeos ali estavam, agradàvelmente estendidos, um ao lado do outro, as cobertas dobradas. No teto, brilhava a pequena lâmpada rosada. Ela própria acendera-a, quando se vestia. Há quantos, quantos anos não o fazia? Vagarosamente, apagou-a.

Depois, instalou-se tristemente diante do espelho e começou a desfazer o penteado. Não estava mais aborrecida com Arnold, embora não compreendesse como êle pudera ser capaz de estragar o prazer daquela noite. Aliás, ela previra isto. Sabia, por experiência própria, de quantos absurdos êle era capaz. Eis por que lhe perdoava. Após uma boa noite de sono, êle seria o primeiro a lamentar suas ridículas suspeitas.

Despiu-se devagar, deitou-se, deixando a lâmpada acesa por um bom momento. Uma hora mais tarde, ouviu os passos de Arnold. Fingiu que dormia.

V

Na manhã seguinte, ainda não estavam reconciliados. Emmy teve muito o que fazer durante tôda a primeira parte do dia, para pôr a casa em ordem, após a desarrumação da véspera, e ainda por cima uma ruidosa disputa surgiu entre as empregadas, por causa de uma moeda de ouro de vinte coroas, que o visitante deixara no toucador do quarto de hóspedes. A velha Ann, que alimentava uma secreta desconfiança contra a pessoa do estranho e acreditava sentir um odor de enxôfre em tôda a casa, não ousava receber a sua parte, mas também não queria que Abelone tivesse um cêntimo a mais do que lhe era devido. Nesse cruel tormento, ela estava mais furiosa do que nunca, de maneira que Emmy, por várias vêzes, teve que restabelecer a paz na cozinha.

Arnold fôra chamado para longe, na charneca, por uma família de pequenos fazendeiros, sendo-lhe impossível voltar antes do meio-dia. As crianças faziam a sesta. Emmy, que terminara seus trabalhos domésticos, teve um sentimento de solidão, como no passado, e pôs-se a suspirar pela volta de seu marido. Habitualmente, ela empregava êsses momentos de tranqüilidade fazendo as contas da casa, mas nesse dia seu

espírito não estava bastante calmo para aquêle gênero de trabalho. Uma desavença tão séria e tão prolongada entre os dois, era a primeira desde que haviam casado. Êle nem sequer lhe dera bom-dia e fôra embora sem lhe dar adeus.

Emmy terminou indo sentar-se à janela do escritório donde podia ver a estrada real e os postes telegráficos até às primeiras colinas de urzes. Com uma meia para cerzir e, diante dela, uma cesta de costura, a jovem senhora lançava de tempos em tempos um olhar melancólico para a estrada.

Era um dia de degêlo calmo e cinzento; êsse tempo triste causava um efeito particularmente depressivo, num lugar onde se estava habituado a escutar o vento oeste mugir, quando não era a brisa sudoeste que se esgueirava ao longo das paredes e uivava nas portas, nas janelas. Um ruído de água caindo das goteiras era o único a romper o silêncio pesado.

Alguém passava de tempos em tempos sôbre os montes de neve, mas, contrariando seu hábito, Emmy nem sequer observava quem era. E quando o mestre-escola Soerensen apareceu no caminho, vacilando sôbre as pernas zambras, sua imagem atravessou vagamente a consciência de Emmy, acompanhando a fugitiva idéia de que êle devia ter saído para tratar do tal requerimento.

A jovem senhora pensava no que diria a Arnold quando, não mais fora de si, voltasse e lhe pedisse perdão. Ela abafaria seu amor-próprio e não faria cenas. No fundo, não queria que o marido fôsse diferente. Tomando-o simplesmente pela orelha, dir-lhe-ia que êle não tinha o direito de julgá-la tão sem gôsto, a ponto de preferir um músico maduro e meio calvo, a um homem como êle. Talvez evocasse o dia em que, durante o noivado, êle lhe devolvera a aliança porque, em um baile de estudantes, ela dançara duas vêzes com outro e permitira que êste lhe oferecesse um sorvete. Desde sua chegada a Soenderboel, Arnold lamentava com freqüência aquêle ato impensado. Sempre observando, de sua janela, a estrada real, Emmy pensava também no visitante desconhecido. Ela trataria de estabelecer contato com o presbitério, para saber de quem se tratava. Pouco a pouco, começava a indagar se êle realmente existia e se estava perto, se poderia reaparecer de um momento

para outro. Os acontecimentos da véspera já eram meio imprecisos para ela, como as imagens de um sonho; no íntimo, ela preferia representá-los assim.

Era ao fim da tarde, quando Arnold voltou. As crianças, desde muito, haviam terminado a sesta. Sentada no salão com os dois meninos, Emmy mostrava-lhes um livro de gravuras.

Seu coração deu um salto, quando ela ouviu o marido na antecâmara. Respondendo distraìdamente às perguntas dos filhos, escutou os passos de Arnold e teve a impressão de que êle devia estar mais propenso a reconciliar-se.

Ao entrar, êle deu bom-dia e pediu um pouco sêcamente que lhe fôsse servida uma refeição. Um instante, ela teve a idéia de acompanhá-lo à sala de jantar. Mas, ao cabo, contentou-se em mandar o primogênito levar as ordens para as empregadas. Cabia ao espôso dar os primeiros passos.

Depois da refeição, Arnold voltou com a intenção visível de reaproximar-se. As crianças seriam o traço de união. Êle acariciou-lhes os cabelos, perguntou-lhes que imagens olhavam e se o dia fôra divertido. Logo, com uma palavra jogada aqui e ali, Emmy tomou parte na conversação. Ao simples som de sua voz, que era doce e um pouco hesitante, o derradeiro bloco de amargura fundiu-se na alma de Arnold. Quando, um momento mais tarde, os meninos indo para o lanche, êles ficaram sós, Arnold aproximou-se e pousou as mãos na sua cabeça.

— Esqueçamos tudo, não, Emmy?

Ela voltou para êle, como única resposta, os olhos úmidos e os lábios mudos. Sua bôca distendeu-se e tremeu, como a de uma criança injustamente repreendida, que luta contra as lágrimas.

— Não, não — adiantou êle — nada de cenas! — e conseguiu fazer com que ela sorrisse, um verdadeiro sorriso, que marcou a reconciliação.

Não falaram dos acontecimentos da véspera. Aliás, não tiveram tempo para conversar. Antes mesmo que Arnold houvesse terminado o café, um veículo esperava-o à porta.

Contràriamente a seus hábitos, Emmy acompanhou-o até à fria antecâmara e recomendou que êle se abrigasse devidamente. Quando, à noite, Arnold voltou, mandara as empréga-

das para a cama e esperava-o à porta com uma lanterna, para ajudá-lo a despir a peliça.

Mas a serpente insinuara-se em seu pequeno paraíso. Voltando no dia seguinte, ao cair da noite, de uma visita profissional, Arnold sobressaltou-se ao som do piano. Deteve-se para escutar, e seu coração pôs-se a bater. Era possível?... Seria *êle*!

Embora a porta do salão estivesse fechada, a execução imperfeita assegurou-o de que era Emmy quem tocava. E agora êle reconhecia uma das lânguidas melodias francesas ou italianas que o desconhecido tinha cantado.

Abriu a porta e entrou. Evidentemente, Emmy não o ouvira chegar. Êle conseguira surpreendê-la, e percebia que os pensamentos da mulher estavam longe. Imediatamente, ela parou de tocar. E, levantando-se, lançou-lhe de viés um olhar rápido. Houve nos seus olhos uma tímida cintilação.

Sem nada dizer, êle foi trocar de roupa no seu quarto. Quando voltou, Emmy olhava para fora, através da janela. Voltou-se para perguntar-lhe se êle não queria que acendesse a lâmpada. Arnold respondeu que não.

— É novidade te ver outra vez ao piano — disse de sua poltrona ao lado da estufa, após um momento de silêncio: — Que estavas tocando?

— Oh! apenas exercícios.

Era uma pena mentir. Mentia pela primeira vez, depois de tantos anos, mas não encontrara outra coisa para responder. Tinha a intuição de que seria desesperadamente inútil tentar explicar-lhe sentimentos que nem ela própria compreendia. Gostaria de poder dizer-lhe o que a tornava tão melancólica, mas era impossível traduzir em palavras o ondulante segrêdo de seus pensamentos em tôrno de coisas desconhecidas ou interditas, "o grão de corrupção original", do qual o singular forasteiro falara na véspera com tanta exaltação, aquela eterna nostalgia que, segundo êle, conservava o amor feminino fresco como uma fonte, sendo o que lhe dava tôda a sua doçura.

O persistente silêncio de Arnold terminou por inquietá-la. As vozes alegres das crianças, vindo da sala de jantar, apenas aumentaram sua angústia. Cada minuto de silêncio parecia

acrescentar muitas léguas à distância que a separava dos outros. Tinha a impressão de que o mundo inteiro desaparecia, perdia-se num abismo de trevas e de frio. Ela sabia que não estava inocente. Com espanto, olhara o próprio coração, fixara aquêles abismos secretos e ignorados de onde os maus espíritos acenam para nós.

Como que numa vertigem, procurou Arnold com seus olhos inquietos. Mas êle continuava enroscado em sua poltrona e a palidez de seu rosto brilhava na penumbra.

Tomando coragem, ela aproximou-se.

— Arnold...

Nada pôde acrescentar. Êle tomou-a pelo braço e empurrou-a para longe de si, com uma fôrça tão brutal, que ela perdeu o equilíbrio.

— Meretriz! — sibilou êle.

Ela tombara de lado, no meio da sala. Transtornada pela surprêsa, atordoada de cólera e vergonha, e penetrada ao mesmo tempo de um sentimento de volúpia que fazia correr em suas veias um nôvo e paralisante terror, ficou de joelhos, o rosto nas mãos. Passou-se um minuto, antes que pudesse levantar-se. Então, lentamente, retirou-se para o quarto de dormir, sempre com o rosto escondido nas mãos.

VI

No dia seguinte, Arnoid atravessava a charneca na sua carruagem, com uma bela tempestade de oeste a fustigar-lhe as costas. Apoiado, rìgidamente, contra o espaldar do assento, a gola da peliça levantada, escondendo-lhe as orelhas, dêle viam-se apenas um par de luvas cinzentas e a barba. O enorme cachimbo, que habitualmente ligava sua mão à bôca, como a asa de um vaso, estava ausente; jazia esquecido num dos bolsos da carruagem.

Fazia doze horas que Arnold não dirigia a palavra a Emmy. Por causa dos meninos e das empregadas, haviam feito as refeições juntos, em nada perturbando a ordem da casa. Mas, levantando-se da mesa, cada um fôra para seu lado. À noite, chorando no seu leito, Emmy houvera chamado docemente o marido; fôra sua única tentativa de reaproximação.

O que êle sentia por ela, não era apenas cólera: também havia uma certa compaixão. Desculpava-se, porque ela era mulher, quer dizer, um ser de sensibilidade fora do comum, logo sujeito a pensamentos fúteis e confusos. Nem sequer chegava a ser impossível que ela se considerasse a parte ofendida. Havia, no ar de desafio com que se levantara naquela

manhã, alguma coisa que fazia supor isto. E isto era bem ela. Êle se lembrou de como, antigamente, ela podia, com sua maneira cândida, persistir em suas negativas, a ponto de a si mesma iludir, enquanto êle tinha as mãos cheias de provas contra ela.

Arnold se julgava então o responsável pela decepção que tinha sofrido. Como a si próprio dizia, êle não era em nada superior aos numerosos maridos enganados, cuja felicidade ilusória o houvera feito sorrir tantas vêzes, no teatro. Forjara uma imagem ideal de sua companheira e, desaparecida a auréola, devia reconhecer que não faltava razão aos que diziam haver sempre uma víbora adormecida no coração da mulher mais inocente. Depende só do acaso que o réptil continue imerso no seu sono ou desperte para trazer a perdição.

Arnold fôra constatar a morte de um pobre fazendeiro da charneca e agora voltava para casa. Tinha o hábito de dormir um pouco nessa extensão deserta, onde raramente se encontrava alguém. Mas também o sono não o ajudou, dessa vez. Muito menos sentiu necessidade de contar os postes telegráficos ou somar mentalmente números de muitos algarismos, para evitar o tédio. Do mesmo modo que a vida, fazia alguns dias, lhe mostrava um rosto desconhecido, também a natureza parecia-lhe estranha. A grande paisagem nua e o céu imenso atingiam-no com uma fôrça desconhecida. Enquanto seguia através da tempestade, nasciam em sua alma sentimentos elevados, um pouco solenes, que o enterneciam e tornavam proveitosa sua meditação.

Em suma, êle começava a acomodar-se ao nôvo estado de coisas, a encontrar prazer numa solidão que considerava definitiva. Havia momentos em que a perda de sua felicidade lhe causava uma sensação de quase livramento, compensada por uma renúncia melancólica, que abria sua alma ao infinito.

Mesmo assim, evocar o desconhecido visitante era um espinho na carne, êle não esquecia a humilhação sofrida. Antes de saber, com certeza, que o personagem deixara a região, não encontraria paz; e era de tal sorte o ódio com que o recordava, que encontrá-lo outra vez poderia ser fatal.

A carruagem chegara às últimas encostas cobertas de urze. E agora descia ràpidamente em direção à aldeia de Soenderboel, que se erguia em meio aos campos cobertos de neve, com seu moinho, a chaminé da cooperativa e o pequeno hospital vermelho, tal como Arnold a vira centenas de vêzes daquele mesmo lugar, e no entanto tudo lhe parecia diferente.

Vendo sua casa, não veio reaquecer seu coração o mínimo sentimento de felicidade. Seu paraíso, desmoronado, fôra substituído por um triste agrupamento de casas na planície aberta aos ventos — realidade sem véus, profundamente tediosa e triste, mas impressionante em sua nudez selvagem.

Ante a primeira fazenda do lugar, seu veículo deteve-se: um aldeão alto, de cabelos brancos, queria ter com êle uma pequena conversa. Era o mesmo Thorvald Andersen, que Emmy tinha visto, alguns dias antes, apresentar um papel ao mestre-escola. Arnold adivinhou que êle ia falar-lhe do requerimento.

O homem tinha uma espécie de devoção pelo doutor, que havia curado sua mulher de uma grave doença. Vivia, êle próprio, em disputa contínua com o professor Soerensen, a propósito dos castigos na escola. Entretanto, hesitara sempre em tomar o partido de Arnold. O professor era filho da região e, se bem que não partilhassem de suas crenças nem de suas opiniões políticas, os aldeões o admiravam por sua grande esperteza, sua habilidade em tocar o adversário nos pontos vulneráveis, sob a máscara da amizade.

Compreendendo, pela fisionomia de seu interlocutor, visìvelmente confusa, que êste queria fazer-lhe uma confissão, Arnold teve dificuldade em conter o riso. Tudo se lhe tornara tão profundamente indiferente!

Thorvald Andersen começou por pedir desculpas de havê-lo interrompido, quando uma visita o esperava.

— Uma visita? — perguntou Arnold.

Sim, o velho camponês tinha visto o carro fechado do pastor Joergensen passar através da aldeia, fazia poucos instantes.

Para não trair sua perturbação, Arnold tirou o lenço e assoou seguidamente o nariz. Ao fim de alguns minutos, não

mais escutava as explicações que o homem gaguejava. De súbito, interrompeu-o e ordenou ao cocheiro que partisse.

No salão, com efeito, encontrou os visitantes. O pastor Joergensen ia e vinha, cantarolando, as abas do redingote esvoaçando às suas costas. A mulher, de chapéu, acomodara-se no sofá, por trás da mesa. Arnold mal verificou que eram êles. Também sôbre Emmy, que estava sentada junto à dama, seu olhar flutuou sem verdadeiramente vê-la. Seus olhos procuravam uma pessoa que não estava lá.

Assim que Emmy o ouviu chegar, ficou à espreita, para surpreender a expressão de seu rosto no momento mesmo em que êle entrasse. E conheceu, vendo o ciúme acender o olhar perscrutador, um vago sentimento de triunfo.

O pastor Joergensen plantou-se diante de Arnold e tomou-o com ambas as mãos pelas lapelas da sobrecasaca, como se quisesse dançar com êle. Era um dêsses homens que, mesmo em casa de estranhos, não sabem ficar parados e olham a cada instante o relógio, com ar preocupado, declarando que é hora de partir — e de quem, mesmo assim, é quase impossível nos livrarmos. Disse a Arnold o que por duas vêzes explicara a Emmy: que sua mulher e êle queriam convidá-los a almoçar no próximo domingo, com algumas outras pessoas das vizinhanças. Tinham preferido fazer o convite pessoalmente, mas só podiam ficar alguns instantes.

Arnold agradeceu de um modo que podia significar sim e não ao mesmo tempo.

Trouxeram vinho e doces. O pastor queixava-se a Arnold de seu reumatismo nas costas; sua espôsa conversava com Emmy sôbre empregadas. Nenhum dos dois fizera a mínima alusão ao visitante amigo.

Arnold, taciturno, agitava-se, enervado. O que mais temia, acontecera. O estranho revelara a vergonha que tombara sôbre êle e seu lar, era por delicadeza que o pastor não falava de sua visita.

No fim, Arnold não sabia o que fazer dos olhos. Temia encontrar os de Emmy. Se estivesse a sós com ela, talvez a jogasse novamente por terra. Uma voz gritava nêle: "O escân-

dalo mancha teu nome! Tua vida conjugal serve de pasto à maledicência. Estás bem arranjado, quanto ao teu futuro!"

Bem! Agora, podia-se afrontar o resto! Agora, era preciso abordar o assunto com franqueza!

Para forçar o padre a falar do desconhecido, usou um estratagema. Aproveitou-se do reumatismo nas costas do pastor Joergensen: não o apanhara, por acaso, durante a excursão que fizera outro dia, sob a neve?

O pastor não compreendia. Afirmou que absolutamente não excursionara durante nenhuma nevada.

Arnold teve um sorriso incrédulo.

— Como pode o senhor dizer isto, pastor Joergensen? Fui informado de que o senhor estava ausente na segunda-feira de carnaval.

— Mas, meu caro amigo! De que me acusa o senhor? Amalie, tu és testemunha de que não saí de casa na segunda-feira de carnaval!

— Pois é, meu marido ficou em casa durante todo o dia. Quem o viu por aí?

Os olhos ardentes de Arnold foram de um a outro, inquisidores. Por fim, não mais lhe foi possível duvidar da sinceridade do casal Joergensen, cuja surprêsa aliás era contagiosa. O rosto de Arnold imobilizou-se numa expressão de assombro. E, maquinalmente, êle lançou de lado, em direção a Emmy, um olhar rápido. Ela estava recostada e brincava com as franjas da poltrona. Ao mesmo tempo, olhava pela janela, escondendo um sorriso.

Arnold viu-se forçado a dar uma explicação. Contou a visita do desconhecido, suas falsas alegações, sua recusa de revelar a própria identidade, concluindo por uma descrição minuciosa de seu físico. O pastor Joergensen estava escandalizado.

— Caro doutor Hœjer, como pôde o senhor ser tão crédulo? Pela descrição que me faz dêsse homem, não compreendo como pode tê-lo tomado por um de meus amigos!

Arnold desculpou-se da melhor maneira. Lembrara-se, disse, que o pastor lhe falara certo dia de um amigo da juven-

tude que se comportava de maneira estranha, desde que tombara de um veículo em movimento.

— Ah! sim! o pobre Marius. Mas êste já morreu há uma porção de anos. Não, êsse indivíduo é um impostor deslavado. Nunca ouvi coisa igual.

Durante êsse tempo, Emmy apanhara o seu tricô e manejava as agulhas com cuidado, sem parecer interessar-se pela conversa.

"Ela está fingindo" — pensou Arnold, que a observava furtivamente. — "Esta calma é procurada. Eu a conheço! Ela quer-me conquistar a confiança."

O pastor girou no meio do salão, como se quisesse subir aos céus.

— Que imprudência! Em seu lugar, eu chamaria a polícia. Um impostor como êsse merece uma séria corrigenda. Não, não, jamais ouvi coisa igual. Vão ver que é um dêsses representantes comerciais, depravados e repugnantes, que deram agora de percorrer a campanha. Pelo visto, deve ser um dêsses tipos.

Arnold bem depressa valeu-se dessa idéia, para utilizá-la como uma arma envenenada. Disse que, durante todo o tempo, suspeitara do indivíduo. Tomara-o, à primeira vista, por um ator de segunda ordem ou um cantor ambulante. Dava, porém, razão ao pastor: era mais provável que fôsse um dêsses caixeiros-viajantes que, com um certo verniz superficial, agradam aos indivíduos simples e vulgares, porém que uma pessoa culta não pode suportar. Havia no desconhecido alguma coisa da falsa elegância que encontramos nos hotéis de província e nos cafés-concêrto de Copenhague.

Emmy continuava dissimulando, mas compadecia-se de seu marido. Até um certo ponto, alegrava-se daquele fatigante esfôrço para destruir um rival imaginário. As palavras maldosas atingiam seu coração como ardentes expressões de amor. Mas como Arnold a compreendia pouco! Caixeiro-viajante! Cantor de café-concêrto! Meu Deus! para ela não fazia diferença, não tinha desejo algum de rever aquêle homem. Como ela fôra ridícula de censurar-se na véspera, em um momento de perturbação, por causa daquele gordo animador de serões. Em

sua memória, êle seria simplesmente, tal como quisera apresentar-se, o Rei Carnaval, que lhe franqueara o reino da fantasia e, por uma noite, a coroara rainha.

O pastor Joergensen tirou pela décima vez o seu relógio e disse:

— Amalie, temos de ir!

No mesmo instante, atirou-se a uma cadeira, para contar qualquer coisa extraordinária que lhe viera ao espírito. Lembrava-se de que, quando era criança, ouvira os pais falarem de uma aventura semelhante, que sucedera com um guarda-florestal em Vendsyssel: da mesma maneira, usando um falso pretexto, um indivíduo introduzira-se no seio de uma família, que o hospedara durante muitos dias.

— Mas o incidente teve um desenlace trágico — acrescentou Joergensen. — O indivíduo, se bem me lembro, foi o pivô de um drama de família. Se não estou enganado, o guarda-florestal meteu uma bala na cabeça.

Mais uma vez, Arnold não soube o que fazer dos olhos. Enquanto o pastor contava sua história, assaltou-o uma profunda piedade de si mesmo, e Emmy o adivinhou imediatamente. Embora tivesse as pálpebras baixadas, sabia claramente o que se passava com Arnold. E a impaciência invadiu seu coração. Ah! por que não partiam aquêles visitantes, para que se reconciliasse com o marido! Chegaria junto dêle e o abraçaria fortemente, com os dois braços, de modo que êle não pudesse evitar seus beijos! E não o deixaria, antes que êle houvesse retirado tôdas as palavras vãs, esquecido todos os maus pensamentos, e sentido que ela jamais o amara tanto, com mais profundo reconhecimento, do que nesses últimos dias.

Mas os visitantes demoraram-se ainda meia hora. Depois que partiram, as crianças chegaram como um furacão da sala de jantar; atrás dêles, a velha Ann resmungava como uma feiticeira, porque passara a hora do jantar. Passou, assim, o momento propício a uma reconciliação. Terminado o jantar, Arnold retirou-se para o escritório.

Desencorajada, em lágrimas, Emmy viu-o fechar a porta atrás de si.

A noite, quando as crianças já estavam deitadas e o silêncio reinava na casa, Arnold escutou a mulher ao piano. Primeiro, ela tocou algumas escalas e outros exercícios, mas de súbito — como por uma decisão cheia de ousadia — tentou executar uma das músicas que o visitante cantara, precisamente aquela que tentava repetir, no dia em que Arnold a surpreendera.

"Que significa tudo isto?" — perguntou êle com inquietação. Começava a sentir-se perturbado pela atitude persistente de desafio.

Desta vez, ela tocou a melodia sem interromper-se. Dir-se-ia que ela a ensaiara sem intervalo. E, para cúmulo, pôs-se a solfejar. Era a canção que o desconhecido cantara, sôbre o diabo ou uma outra entidade semelhante, que tomava a forma terrestre de um bufão, para andar entre os homens e executar prodígios. As palavras voltaram à memória de Arnold:

"Sim, vai errada a vida:
O branco transforma em negro,
e faz do grande, pequeno;
confunde o bem e o mal.
Mas o Palhaço, ao chegar,
Põe tudo no seu lugar."

Êle continuou mergulhado em seus pensamentos, a cabeça na mão, enquanto ela continuava a tocar ao piano e a cantarolar. Dir-se-ia uma tentativa de sedução. Pouco a pouco, um pequeno sorriso abriu caminho sob o bigode de Arnold, um pálido e triste sorriso.

Sim, por que não? Por empobrecido que estivesse, não desejaria recuperar suas velhas riquezas imaginárias. No fundo, amava sua mulher, tanto quanto antes, se bem que de outra maneira. Êle próprio não era sem defeito. A circunstância de, com freqüência, dar à sua jovem espôsa motivos de queixa, não a justificava. Mas em todo caso, não podiam passar um sem o outro. E mesmo, mais do que nunca, necessitavam de uma ajuda mútua. Era preciso indulgência, para que ambos não desgraçassem as suas vidas.

Levantou-se por fim, com a intenção de ir ao seu encontro. Queria dizer-lhe, de coração aberto, o que sentira e pensara durante aquêles momentos de calma reflexão. Mas deteve-se no limiar, impressionado. Uma semi-obscuridade reinava no salão. Só as lâmpadas do piano estavam acesas. No soalho e nas paredes, dos dois lados, a silhuêta de Emmy desenhava-se vagamente sob diversas formas. Parecia que a peça estava povoada de sombras.

Emmy tocava ainda; mas, embora estivesse de costas, Arnold compreendeu que sua chegada fizera-a nervosa. Atravessou devagar o salão e, tendo ficado um instante de pé às suas costas, pousou as mãos na sua cabeça. Sem cessar imediatamente de tocar, ela se curvou para trás e olhou-o nos olhos, radiante.

— Tu vieste afinal! — disse em voz baixa.

Suas mãos penderam. Como uma criança transida de emoção, achegou-se violentamente a êle. Grossas lágrimas desciam de seus olhos fechados.

VII

Havendo o mestre-escola Soerensen, ao cabo de anos de trabalho sorrateiro, chegado a obter ganho de causa contra o doutor Hœjer, ficou bastante vexado ao ver Arnold sorrir-lhe com tal amenidade e uma sedução tão doce, que era preciso chamar-se Lavst Soerensen e pertencer à dura espécie da Jutlândia para não sentir-se confuso.

— Meus caros amigos — disse Arnold aos dois emissários que, no dia seguinte à visita do pastor Joergensen, vieram anunciar-lhe a decisão da maioria — não falemos mais dessas bagatelas. Curvo-me, é o que tenho a dizer, ante a decisão de meus concidadãos.

Levou a amabilidade ao ponto de oferecer charutos e café, que a própria Emmy serviu.

Lavst Soerensen viu em tudo uma nova razão para desconfianças e espalhou por tôda parte que as pessoas da região eram como ventoinhas.

Sua opinião foi confirmada pelos rumôres que, pouco a pouco, transpiraram sôbre a vida que levavam os Hœjer. Falara-se da festa que houvera durante o carnaval; transeuntes haviam escutado a música e visto as janelas iluminadas, como

para uma recepção. Outros, por intermédio das empregadas, tinham sabido como, depois de trocarem muitos beijos e divertirem-se juntos certo dia, o doutor e a mulher não mais queriam ver-se na manhã seguinte. Para dizer a verdade, agiam como recém-casados.

A história do importuno visitante e de suas vergonhosas brincadeiras avivou ainda mais a curiosidade. Desde que o doutor nada fizera para descobrir o impostor, os habitantes da aldeia começaram a procurá-lo. Mas no albergue ninguém vira os cavalos e o cocheiro. Nem na cidade vizinha, nem nas aldeias dos arredores, puderam obter nenhum esclarecimento. Ninguém sabia nada do trenó. Ninguém o encontrara. Era como se houvesse desaparecido no ar.

Entretanto, todo mundo concordou em aceitar que havia uma lamentável mudança no jovem casal Hœjer. O pastor e sua mulher chegaram até a evitá-los, principalmente após a reunião no presbitério, quando Emmy não apenas se apresentara de ombros nus, como demonstrara uma animação e uma frivolidade que não ficavam bem numa mulher casada.

— Não compreendo mais os sêres humanos — disse o pastor Joergensen com um ar preocupado. — É como se todos os bons espíritos houvessem desertado da casa, antes agradável e tão encantadora, do doutor. Vê-se bem que, ali, nenhum dos moradores é perfeitamente feliz.

Esta última observação era justa. Os amáveis gêniozinhos domésticos, que até então haviam protegido com suas asas a casa do doutor, tinham voado, ao menos por enquanto. E, seguindo o cortejo de faunos e de sátiros lascivos que agora a enfeitiçavam, aparecia — mais nìtidamente, a cada dia que passava — uma escolta de sombras.

Em vão, Emmy ia e vinha, cantarolando alegremente, participando dos brinquedos das crianças, olhando pela janela a volta de Arnold. Acontecia-lhe, vez por outra, ser invadida por um desânimo que a tornava indiferente a tudo. Outras vêzes, a mínima contrariedade fazia-a chorar. Quando Arnold era chamado, à noite, para ver um doente, ela não podia mais dormir. Remorsos de tôda espécie, imagens aterrorizantes, mantinham-na desperta. E o mêdo tornava-a supersticiosa. Ela

acendia a lâmpada e sentava-se tremendo no seu leito, a mão em tôrno dos joelhos erguidos. Cada ruído que chegava através do silêncio noturno, tomava o aspecto de uma mensagem secreta, enviada pelo mundo dos espíritos. Algumas vêzes ela se levantava e ia buscar numa gaveta a Bíblia de sua confirmação.

Durante êsse tempo, o carro de Arnold rodava sôbre a lama gélida. Também êle estava bem desperto. Com o coração cheio de ternura e de perdão, pensava em sua mulher e sorria tristemente. As coisas se passavam como nos primeiros tempos de seu amor: por mais amargurados que estivessem no momento em que se separavam, uma vez longe um do outro desejavam apenas estar juntos. Arnold, por vêzes, tinha a impressão de maneira tangível que os pensamentos de Emmy vinham ao seu encontro, de mistura com lágrimas e beijos. Ao contrário, se estavam próximos, parecia-lhe com freqüência que centenas de léguas os separavam. Não mais lhes sucedia, quando passavam os serões lado a lado, no escritório, darem risadas porque haviam tido, sôbre o mesmo assunto, o mesmo pensamento. Os pensamentos de Emmy tomavam, muitas vêzes, uma direção que Arnold não podia seguir.

Até nos momentos de abandono, em plenas delícias de suas festas amorosas, êle não estava inteiramente seguro de Emmy. Entretanto, como ela se mostrava ternamente aflita, quando êle se voltava com uma indiferença ou um tédio que, por sua parte, *ela* jamais sentia! Com que doçura Emmy sabia agradecer cada alegria que Arnold lhe proporcionava! E como era tocante na angústia de sua solidão, nas noites em que aguardava a volta do marido!

Bem feitas as contas, que mais podia êle desejar? Por que suspirar pelo inexistente paraíso de uma posse tranqüila e confiante, quando não se sentia lesado? Satisfazia-o seu amor ilícito. Sua melancólica felicidade. Sentindo-se grato pelas horas solitárias que, mais uma vez, transformavam a natureza numa confidente e que, por trás das noites estreladas e anunciadoras da eternidade, haviam aberto ante êle as profundidades infinitas dos sonhos.

Pouco a pouco, suas almas pacificaram-se. Novamente, foram absorvidos pelos pequenos incidentes cotidianos. O curso de suas vidas retomou docemente as trilhas habituais. Mas em vão os horizontes fechavam-se em redor de ambos; via-se que uma atmosfera de romance visitara-os, e as outras pessoas nunca se sentiam à vontade em sua casa. Como dizia o pastor Joergensen, as salas dos Hoejer pareciam cheias de correntes de ar. Tinha-se a impressão de estar sentado ante janelas abertas.

Havia realmente na atitude dêles qualquer coisa de instável, de agitado, uma espécie de excitação que exigia tempo para se extinguir e tendia sempre a reacender-se, como certas febres. Com muito mais freqüência do que Arnold ou qualquer outro poderia supor, os pensamentos de Emmy voavam furtivamente para o reino da fantasia.

Anos passados, já de cabelos grisalhos, muitas vêzes sentava-se à janela para contemplar com olhos sonhadores o pôr do sol e o céu de tormenta, onde blocos de nuvens despedaçados chegavam sempre do oeste, numa perseguição incessante, como uma imagem da inquieta aspiração humana pela eternidade.

O BURGOMESTRE HŒCK E SUA MULHER

I

Uma pequena cidade em festa. Bandeiras nas ruas. Nos navios do pôrto, o grande galhardete. Um arco de triunfo ante uma importante vila moderna, à saída da cidade. Por sôbre tudo isto, um límpido céu de abril, vibrante de luz. Nem uma sombra na terra.

Um cortejo popular, precedido de um agente de polícia e de quatro músicos soprando seus instrumentos, acabava de atravessar a rua principal, em direção à vila. Atrás, no meio da calçada, latiam cães ruanos.

Pouco tempo depois, alguém batia devagar à porta de entrada da silenciosa residência do burgomestre, situada numa transversal. A velha governanta entreabriu a janela e olhou para fora.

Sôbre os degraus ladrilhados, um ramalhete de narcisos na mão, estava a mulher do farmacêutico, pequena mulher de flancos ondulantes.

A governanta fê-la esperar alguns segundos, antes de abrir. Com uma saudação muda, conduziu-a à sala de jantar, para onde em geral introduzia agora as pessoas que vinham saber notícias de sua patroa doente.

— Como vão as coisas, Senhorita Mogensen?

— Melhora nenhuma — respondeu a velhota, dando a entender que sabia mais do que dizia. — A irmã chegou hoje da Alemanha.

— Então é verdade? Eu tinha sabido na casa dos Sorensen e Lund que, no trem da manhã, chegara uma dama que não parecia ser daqui. Imediatamente, adivinhei. Ela mudou muito?

— A comandante?

A governanta enrugou com indulgência o canto dos lábios.

— Não posso saber, Senhora Bergmann. É a primeira vez que ela nos visita, desde que trabalho aqui.

— Ah! é verdade: falei sem refletir. Mas pode acreditar no que digo, Senhorita Mogensen, ela era fascinante, quando jovem. Parecia uma rainha. E, creia-me ainda, houve muita tristeza e desapontamento, quando aquêle vil alemão se permitiu levá-la. Entretanto, as pessoas nunca chegavam a um acôrdo, para saber qual das duas irmãs era mais bonita. Quanto a mim, sempre achei que era a sua patroa. Será que eu poderia vê-la hoje?

— Não, não creio. Ela passou mal à noite. Mas eu irei perguntar, se a senhora quiser.

— Sim, sim, por favor, faça-me êsse obséquio, Senhorita Mogensen. Talvez a distraísse um pouco, saber as novidades da festa. Vim agora mesmo do cortejo dos operários. Escutou a música?

— Tenho muito que fazer, Senhora Bergmann. Uma responsabilidade como esta...

— Sim, eu compreendo muito bem. Suas obrigações têm sido enormes, êstes últimos tempos, Senhorita Mogensen.

— Cumpro o meu dever.

— Mesmo assim, deveria sair um pouco, pelo menos hoje, para ver a cerimônia. A cidade inteira vai ser iluminada esta noite, depois do jantar. E mandaram chamar a banda militar de Randers. É preciso reconhecer que Jorgen Ovensen sabe fazer as coisas, quando quer.

— Devo levar estas flôres à Senhora?

— Sim, por favor. É pena que sejam tão poucas.

II

No fundo do espaçoso quarto, mas num leito bastante afastado da parede, a doente repousava de costas, entre os lençóis de ofuscante brancura e guarnecidos de numerosos entremeios, a cabeça numa pequena almofada redonda, côr de vinho.

A irmã estava sentada à sua cabeceira, em uma poltrona de vime, ao lado das janelas. Do lado oposto, via-se uma penteadeira baixa, coberta de frascos e pequenos potes, que sugeriam uma atmosfera tôda especial: com seu espelho cercado de musselina, são como um altar do amor para as mulheres apaixonadas. Seguindo as ordens do médico, todo objeto supérfluo fôra retirado do quarto. Haviam mesmo retirado as cortinas, para deixar passar a maior quantidade possível de ar e de luz. Mas a espôsa do burgomestre não quisera separar-se da mesa sagrada, durante sua longa doença; preferia ter ao alcance da mão as inúmeras pequenas coisas das quais habitualmente se servia, inclusive os vidros de remédio e as caixas de pílulas.

Sôbre esta mesa havia ainda um jarro, contendo quatro rosas sôbre longas hastes. E uma pequena bandeja de prata,

com doces de menta e bombons, que a doente oferecia ao médico ou aos visitantes. Em meio a tudo isto, viam-se ainda algumas fotografias: uma, em grande formato, representava o burgomestre.

A doente quisera conservá-la junto a si. Os olhos úmidos, contemplava-o durante as longas horas em que permanecia deitada, sòzinha, lutando contra a angústia da morte e as censuras que a si mesma fazia. Mesmo agora, enquanto ali estava a sua irmã, acontecia-lhe entregar-se aos sonhos, o olhar fixo no retrato do marido, e com freqüência interrompia nervosamente a conversa, dizendo que o burgomestre não tardaria a voltar.

Frau von Rauch era uma dama de seus quarenta anos, quatro anos mais velha que a irmã. Ambas haviam sido belíssimas e — cada uma à sua maneira — vaidosas da própria beleza. A comandante, que não tivera filhos, ainda causava impressão. Vestida com um gôsto bem alemão, constringida em seu espartilho do qual transbordavam os seios opulentos, tinha bem o físico adequado à espôsa de um oficial prussiano. Os traços finos e mais doces da mulher do burgomestre traziam a marca dos anos, e principalmente da doença que há meses a consumia. O reflexo vítreo que é o signo anunciador da morte, velava seus olhos, outrora tão ardentes. A bôca bem traçada, que parecia um pequeno coração, colava-se agora, exangue, aos dentes brancos tornados salientes. E só êstes e a cabeleira castanha haviam resistido à destruição causada pela doença.

As duas mulheres eram filhas de um inspetor das docas que, por volta de 1860 e mesmo durante a guerra, levara uma vida alegre e despreocupada naquela pequena cidade à margem de um fiorde da Jutlândia. Não decorrera ainda um ano desde a assinatura da paz, e a filha mais velha, para indignação da cidade, desposava um oficial inimigo, que durante a ocupação estivera aquartelado na casa do inspetor das docas.

Pela primeira vez em dezoito anos, a comandante aparecia na cidade. No intervalo, vira a irmã e o cunhado apenas uma vez, estando êstes em viagens de núpcias, quatorze anos antes. Naquela primavera, haviam combinado um encontro em

certo grande hotel do lago de Como, onde *Frau* von Rauch fazia uma estação de cura, após uma doença grave, da qual ela jamais precisara a natureza.

Entretanto, no curso de todos aquêles anos, as irmãs haviam trocado uma correspondência regular, e a presente reunião muito as emocionara.

Mas a mulher do burgomestre fatigara-se depressa, tornara-se mesmo um pouco distraída. Dir-se-ia que as numerosas perguntas da irmã haviam acabado por aborrecê-la. Com freqüência, fingia não ouvir e a cada instante mudava de assunto no meio das conversas.

Depois, calou-se; e agora, os olhos fechados, deixava a comandante contar a sua vida na capital da Alemanha, mas sem lhe prestar muita atenção.

Bateram levemente à porta. Era a governanta, trazendo o ramalhete da mulher do farmacêutico.

— Que é que há ainda? — perguntou a doente com impaciência.

— A Senhora Bergmann pergunta se pode entrar.

— Não, não, impossível. Não posso ver ninguém hoje. Diga isto à Senhora Bergmann.

— A Senhora Bergmann pensava que talvez lhe interessasse ouvir as novidades sôbre a festa de hoje. Ela acaba de chegar do desfile dos operários.

— Ah, meu Deus! Que me importam essas tolices? Não me fale mais nisto, Senhorita Mogensen. Diga à Senhora Bergmann que é extremamente amável de sua parte, mas que estou fatigadíssima.

— Posso pôr as flôres aqui?

— Não. Há flôres demais aqui. E têm um cheiro tão penetrante! Leve-as para o salão.

— Eu quase diria que é pena — disse a comandanta, que se erguera e tomara o buquê. — São tão bonitas! Deixa-me ao menos tirar algumas e pô-las na jarra, em lugar destas rosas que já não estão muito frescas.

— Oh, não. Não quero desfazer-me dessas rosas. Elas podem durar ainda um pouco. Foi o médico que as trouxe. Não são de uma beleza esquisita? — voltou-se para a gover-

nanta. — Transmita meus agradecimentos à Senhora Bergmann. E diga-lhe que lamento muito, mas não posso receber ninguém hoje.

— Quem é esta Senhora Bergmann? — perguntou a comandante, quando ela e a irmã ficaram sós. Uma de tuas amigas?

— É a mulher do farmacêutico. Deves conhecê-la. Não te lembras de minha antiga colega de escola, Laurine Holm?

— Sim, parece que me lembro dêsse nome.

— Não te lembras? Mamãe a tomava sempre como um exemplo a nunca ser seguido, a Cadeira-de-balanço, como ela a chamava.

— Ah! sim. Agora, me lembro. Aliás, Laurine era bonita, não? Loura, com uma côr soberba. É ela que está aí?

— Sim, vem quase todos os dias saber notícias minhas. E quando eu não estou muito cansada, faço-a entrar. No fundo, ela é gentil. Mas fatigante.

Não obstante sua inquietação pela saúde da irmã, a comandante não pôde deixar de sorrir. Pensava que Ana Maria, na verdade, não alterara as suas relações de amizade. Era a mesma indiferença caprichosa com que, desde a primeira juventude, tiranizava as numerosas admiradoras e protetoras que a cercavam sempre.

— No íntimo, eu gostaria de dizer bom dia à tua amiga. Achas que ela se lembra de mim?

— Se se lembra?.. Ah! não podes imaginar até que ponto as pessoas se recordam de tudo, numa cidade pequena. Se quiseres saber de que constava o teu jantar há vinte e cinco anos, estou certa de que encontrarás alguém que ainda se lembra disto.

— Será que ela ainda está aí?

— Espera!

A doente estendeu a mão. Percebera um ruído de passos masculinos na sala vizinha.

— É meu marido — gritou com exultação. E o frágil resto de sangue que ainda lhe corria nas veias, coloriu de súbito seu rosto.

III

O burgomestre, que acabara de proceder a um interrogatório na Prefeitura, estava uniformizado. Inclinou-se cerimoniosamente diante da cunhada.

— Espero que não queira sair por minha causa — disse, vendo que ela ia retirar-se.

— De modo nenhum. Mas eu soube que está aí uma velha colega de escola e gostaria de cumprimentá-la. Com licença.

O burgomestre inclinou-se novamente com polidez um pouco forçada.

Do leito, a doente já lhe estendia a mão. Por causa da presença da irmã, estava aliás um pouco aborrecida de que êle estivesse em uniforme. Não sabia por que, mesmo sendo alto e empertigado, o marido não ficava bem de uniforme. Além disto, vira imediatamente que uma presilha saía do colarinho.

Quando, depois que a comandante saiu, êle se aproximou do leito, o rosto de sua mulher brilhou de ternura. Ela tomou a grande mão queimada de sol, apoiou a bôca contra a pele traçada de veias e a beijou como em segrêdo.

— Sabes que não nos vimos hoje? — perguntou.

— Não quis incomodá-la. É natural que tu e tua irmã tenhais muitas coisas a dizer.

— Tu não me incomodas nunca. Quantas vêzes devo repetir-te isto? Senti a tua falta a manhã inteira. Não é estranho, mas tenho a impressão de que me fazes menos falta quando estou sòzinha, do que quando tenho alguém junto de mim, mesmo què seja minha irmã.

— Certamente estás cansada de falar — disse êle, em vez de responder, e seu rosto barbudo, que era como esculpido num velho cedro, adquiriu uma expressão ainda mais fechada e fria.

— Agora, sinto-me cansada... e tão emocionada — disse ela num suspiro, apoiando a face contra a mão do espôso, como a criança que repousa numa almofada. — Lise e eu falamos tanto de coisas antigas... de nossa viagem de núpcias... do dia em que nos encontramos em Bellagio. Aquela noite maravilhosa à margem do lago... Ainda te lembras?

— Sim, fazia um tempo ótimo — respondeu êle num tom sêco, e retirou a mão, vagarosamente, porém com firmeza.

Durante um pequeno lapso de tempo, ela ficou em silêncio, olhos fechados. Sentira o pequeno frêmito que percorrera o corpo do marido, quando lhe fizera a pergunta.

— Não queres sentar um pouco a meu lado? — perguntou sem olhá-lo, com um gesto em direção à poltrona de vime.

— Agora não tenho tempo. Ia pedir meu chocolate a Mogensen. E esperam por mim no escritório. Às três horas, haverá uma recepção na casa de Jorgen Ovensen, e eu tenho de falar em nome do Conselho Municipal.

— Fala-me um pouco do desfile dos operários. Saiu tudo bem? Gostaria de saber alguns pormenores.

— Não prestei grande atenção. Vi tudo muito ràpidamente, das janelas da Prefeitura. Não estava mal. Jorgen Ovensen organizara tudo. Aliás, uma coisa engraçada, há quem pergunte se êle aniversaria mesmo hoje. Em todo caso, é uma boa propaganda para o seu negócio.

— É verdade que êle vai iluminar a cidade à noite?

— Ouvi dizer que sim.

— A que horas tens de ir?

— As três.

— E que horas são?

— Meio-dia e meia.

— Prometes-me vir falar comigo antes de sair?

— Acho que não vou ter tempo. Como te disse, o escritório está cheio de gente.

— Mas eu estou te pedindo que venhas.

— Que capricho é êsse, Ana Maria?

— Sabes muito bem o que eu quero dizer. Se, enquanto não estiveres, eu morrer?

— Sempre tens idéias absurdas — disse êle, ao mesmo tempo que baixava o rosto para fugir ao olhar tenso e angustiado que continuava a fixá-lo.

— Então, prometes vir?

— Sim, virei, se fazes questão disto.

— Sabes o que disse o médico.

O burgomestre endireitou-se um pouco.

— Ah, sim, o doutor Bjerring — observou num tom indulgente. — Êle sempre fala demais. Olha, tenta repousar um pouco. Hoje, certamente, falaste mais do que as tuas fôrças permitiam.

Em seguida, saiu.

Os lábios trêmulos, a doente fixou a porta fechada pela qual êle desaparecera — até o momento em que seus lábios se contraíram e os olhos se encheram de lágrimas.

IV

Quando o burgomestre Hœck chegou a seu escritório, que ficava numa ala lateral do grande edifício da Prefeitura, suas maneiras haviam-se tornado muito mais livres e mesmo muito mais cordiais que na câmara de sua espôsa. Sem dúvida, êle não se desfazia nunca de uma certa solenidade inerente a suas funções, e, como o sentimento de sua dignidade tornava-o extremamente suscetível, era preciso tratá-lo com alguma atenção. Mas para com aquêles que não esqueciam jamais quem êle era, mostrava-se muitas vêzes de uma amabilidade simples e doce, que conquistara a admiração do povo.

Revelava, freqüentemente, uma curiosa indulgência para com os criminosos, mesmo os mais imprudentes. Ao contrário, podia ofender pessoas inatacáveis, mesmo que fôssem os mais importantes cidadãos da cidade, tratando-os com tôda a severidade da lei, por causa de infrações insignificantes, às quais êles próprios não concediam a menor importância.

Assim, nunca se estava seguro a respeito, e no conjunto as opiniões sôbre a sua pessoa eram divergentes, se bem que todos fôssem unânimes em reconhecer que Hœck não era um

magistrado qualquer. No fundo, orgulhavam-se dêle. Reconheciam que o burgomestre e sua mulher honravam a cidade. Durante os primeiros anos, antes da doença da Senhora Hœck, quando, acompanhados da filha elegantemente vestida, desciam tôdas as tardes a rua principal para ir ao jardim público, êste espetáculo constituía um dos acontecimentos do dia para aquêles que, sentados por trás das janelas de seus salões, seguiam com os olhos os passantes através das venezianas. A figura altaneira do burgomestre, que conservava a cabeça levantada, e seu rosto moreno, ornado por uma barba espêssa e cabelos quase brancos, causavam sucesso no pequeno ambiente provinciano. E no que dizia respeito à beleza de sua mulher, à parte algumas observações ditadas pela inveja, a opinião era unânime.

Havia ainda outra razão pela qual a cidade se orgulhava do casal. Há tempos, o burgomestre Hœck fizera parte do tribunal de Copenhague, onde, considerado como um dos mais perspicazes juízes de instrução do país, desfrutava de uma brilhante reputação no mundo jurídico. Possuía o título raro de *doctor juris* e tinha-se como certo que um dia êle seria admitido à Suprema Côrte. Dizia-se que ia cingir a púrpura, quando, para admiração geral, foi nomeado burgomestre numa pequena cidade.

Aos olhos dos amigos, parecia cumprir um sacrifício — que aliás não lhe custava muito — trazendo de volta sua mulher para o lugar onde nascera e pelo qual definhava de saudades; também foi esta a explicação da Senhora Hœck.

Há cinco anos viviam ali, longe dos amigos, dos que lhes eram semelhantes em espírito, e até começando a ser esquecidos, mas sem queixar-se nunca e a ninguém permitir adivinhar que não estavam ali por gôsto.

V

Depois que *Frau* von Rauch acompanhou à porta a pequena mulher do farmacêutico, deteve-se um momento ante a grande janela de canto, na sala de jantar, os dedos cheios de anéis a tamborilar no rebôrdo. Tinha uma expressão pensativa.

Se bem que Ana Maria houvesse feito o possível para disfarçar em suas cartas, a comandante desde muito percebera que sua irmã não era feliz no casamento. Ela não se deixara embair pela grande quantidade de adjetivos ternamente entusiásticos dos quais Ana Maria lançava sempre mão, para falar do marido. Através das linhas de uma caligrafia delicada, e cheia de ondulações inquietas, fôra possível ler claramente um arrependimento, uma tristeza dissimulada que se tornava mais profunda com o passar dos anos e terminara sendo desesperadora.

Longe, na Alemanha, a comandante pouco a pouco formara uma opinião sôbre êste assunto. A experiência adquirida no meio em que ela se movia, e principalmente sua união com um oficial gozador, a quem, menos de um ano após a cerimônia nupcial, surpreendera em flagrante delito de adultério, levavam-na a pôr tôdas as culpas no marido. Quando Ana Maria

lhe comunicou a nomeação de Hœck para o interior, sublinhando que *ela* não tinha coisa alguma a ver com a mudança, inclinando-se porém ante o desejo do espôso, *Frau* von Rauch viu nestas palavras o meio de esconder uma verdade humilhante. Mesmo se os elogios que ela dispensava ao burgomestre excluíam o pensamento de uma real infidelidade, Ana Maria podia ter bons motivos para preferir que êle se afastasse das tentações da capital.

Após sua conversa com a mulher do farmacêutico, a comandante começou enfim a compreender que a história devia ser bem outra. A pequena provinciana falara do burgomestre em têrmos os mais respeitosos, não parecendo conceber a mínima suspeita sôbre aquela tragédia conjugal. Aliás, a comandante devia reconhecer, a realidade não correspondia muito bem à imagem que fizera do cunhado — um pouco à semelhança de seu próprio espôso, que sempre tresandava a vinho.

Mas, em nome de Deus, que se passara afinal?

Quando, após uma ausência de quinze minutos, voltou ao quarto da irmã, encontrou-a sòzinha. Sem ajuda, Ana Maria soerguera o corpo e, apoiando-se no cotovêlo, apanhara o espelho na penteadeira, para arranjar um pouco os cabelos.

— Sabes que já é quase uma hora? — perguntou. — O médico pode vir de um momento para outro. Queres fazer funcionar o vaporizador? O ar que se respira aqui não deve ser agradável.

— Mas que é que há, Ana Maria? Parece que choraste.

— Vê-se isto? Tenho os olhos vermelhos? Estou fatigada, tão fatigada!

Com a mão lassa, repôs o espelho no lugar.

— Acho que vou descansar um pouco, até à chegada do médico.

Estendeu-se de lado, voltando as costas para a irmã, enquanto esta ajeitava os lençóis e o travesseiro. O esfôrço que sempre lhe custava o gesto de erguer o braço, exaurira-a. E enquanto murmurava coisas desconexas, suas pálpebras aos poucos se fecharam. Pouco depois, ressonava.

Frau von Rauch sentara-se outra vez na poltrona de vime ao lado do leito e ali ficou sem se mover, observando

com perturbação o quanto Ana Maria estava lívida. Enfim, encontrava-a muito mais débil do que as suas cartas faziam crer. Algo de grave devia ter acontecido.

Recordou claramente sua irmã mais nova, na época em que ela própria se casara e deixara o país. Como Ana Maria era bonita! Quase uma criança, apenas dezesseis anos, de estatura mediana, harmoniosamente proporcionada, com seus vestidos de mangas fôfas. Gostava de prender sôbre a nuca, num tufo cerrado, os cabelos espessos, o que aliás não lhe ficava bem. Mas no último inverno usara um grande chapéu de veludo, ornado de peles, que lhe assentara à maravilha. Era eternamente alegre como um tentilhão, cheia de espírito e de fantasia, e no entanto uma dama perfeita, absolutamente correta, principalmente para com os cavalheiros. Como era divertido quando, nos dias de recepção, entrava na sala com um ar digno de grã-senhora, depois de haver lutado com a empregada na cozinha, para lamber um prato de doces. Também fìsicamente desenvolvera-se depressa, e seguira com atenção o crescimento de seus jovens seios. Passar-se-iam entretanto quatro anos, antes que ela se atirasse aos braços de um homem, com todo o ardor de seu corpo.

A comandante ainda se lembrava da carta, um pouco embaraçada, na qual Ana Maria lhe anunciava o noivado. Parecia fortemente impressionada pelo noivo, embora admitindo que êle não fôsse bonito. Por ocasião de um assassinato, o magistrado Hœck tivera de passar dois ou três meses na cidadezinha. Os futuros esposos, antes daquele curto período, não se conheciam. Quando a comandante viu afinal o cunhado, durante a viagem de núpcias, compreendeu que as maneiras daquele homem taciturno, tão diferente dos provincianos, o haviam idealizado aos olhos de Ana Maria, isto sem falar na importância de sua condição e na reputação que adquirira em seu trabalho de descobrir assassinos.

Frau von Rauch, desde então, dissera muitas vêzes que jamais encontrara um casal mais feliz. Êles acabavam de percorrer a montanha durante uma semana, como verdadeiros vagabundos, e traziam, para a cidade de hotéis bem aquecidos, com cheiros de cozinha, onde ela própria atravessava penosa-

mente os dias, na solidão e na tristeza, a fresca atmosfera da neve nas alturas. Ana Maria confessara-lhe que nunca imaginara pudesse a vida ser tão maravilhosa, e a expressão radiante com que a jovem espôsa pronunciara aquela frase, ela nunca pudera esquecer: fôra como cravar uma agulha no seu coração. A lembrança que o marido lhe deixara, esvaíra-se um pouco nos últimos anos. Recordava principalmente os seus silêncios, nos quais êle devia encontrar uma certa fôrça.

Que se passara então no entretempo, que perturbara sua felicidade?

Súbito, um velho incidente lhe veio à memória. Um primo chamado Alexander, que trabalhava no escritório do inspetor aduaneiro e que todos os dias as visitava, devotava uma grande amizade a Ana Maria. Esta, por seu lado, sensível desde a mais verde juventude às homenagens masculinas, não se mostrava indiferente. Mas o rapaz era destituído de valor, tão belo quanto preguiçoso e negligente. Fôra necessário afastá-lo com urgência da cidade, e ninguém o vira desde então.

Ana Maria, que naquela época chegava aos dezesseis anos, ficou dois ou três dias amuada, e em seguida pareceu não se lembrar mais do caso. Entretanto, quem sabe, talvez não o houvesse esquecido inteiramente. A comandante agora se lembrava de que muitas vêzes, mesmo depois do seu casamento, ela falara das cartas de Alexander, cujo triste destino lhe inspirava uma grande compaixão. Com a fidelidade maternal bem característica que dedicava a todos aquêles com quem fôra complacente, ela decerto o seguira em segrêdo ao longo de seu espinhoso destino, que mais de uma vez estivera a ponto de o conduzir à prisão.

Aquêle inútil haveria por acaso cruzado novamente o caminho de Ana Maria? Contam-se muitas histórias estranhas a respeito do poder sinistro que exercem, sôbre o coração mais sólido, os fantasmas de um primeiro amor.

Tolices, tudo isto. Agora a comandante se lembrava: há muito tempo que o primo falecera, na América.

A doente reabriu os olhos, olhou em tôrno com espanto e perguntou:

— Que horas são?

— Acaba de bater uma e meia. Certamente o relógio do salão te despertou.

— Então, não convém esperar para hoje a visita do médico — murmurou Ana Maria, ainda meio sonolenta, e, como aborrecida, voltou novamente a cabeça.

Alguns minutos mais tarde, estendeu a mão descarnada para um vidro de água-de-colônia e friccionou a testa.

— Como está quente aqui! — reclamou. — Não me sinto bem.

— Vou abrir uma janela.

Durante alguns minutos falaram sôbre o tempo, as pessoas do lugar, e afinal sôbre Ingrid, a filha única do casal, que então contava doze anos e que fôra enviada para uma cidade vizinha, mais adiantada e maior. A comandante evitara tocar neste assunto, receando que a irmã se comovesse; mas de súbito estranhou que nem uma vez a mãe se referisse à filha, de quem existia um retrato na penteadeira, com moldura de prata, ao lado da do burgomestre. Mais uma vez, *Frau* von Rauch se perguntou que segrêdo escondia o casal Hœck, e agora de um modo que não era apenas compassivo: existia também um grão de curiosidade feminina.

Deitada de costas, a doente voltava o rosto para a claridade. O sono reanimara-a. Estava mesmo ligeiramente corada.

— Escuta — perguntou a comandante após um silêncio — em nome de Deus, por que teu marido veio a enterrar-se neste buraco de ratos, onde é mais que evidente que vocês não podem fazer relações que convenham? Certamente não foi por causa dos estudos de Ingrid e de sua educação. Neste caso, melhor seria ter ficado em Copenhague!

Ana Maria pareceu assustada com a pergunta, que surgira na conversa como cabelos na sopa. Afastando os olhos da janela, fixou-os no teto, aflorando de passagem o rosto da irmã, com o mesmo olhar tímido e perscrutador que muitas vêzes lançara à comandante, quando esta lhe fazia determinadas perguntas.

— O momento, talvez, não fôsse apropriado para Ingrid — respondeu. — Mas havia uma vaga, isto foi uma razão decisiva, uma vez que meu marido queria vir para cá. Aliás,

estou muito contente de ter voltado. Não sinto a menor falta de Copenhague. Só me falta recobrar a saúde... Afinal, desde que esteja com o meu marido, podem-me enviar até para a Groenlândia.

— É o que dizem. E é possível que assim pensem... até um certo ponto. Mas me parece que tiveste de suportar uma transição difícil. Adoravas Copenhague.

— Oh! Sabes, não tive tempo de sentir a transição... ao menos de um modo muito agudo. Mal chegamos aqui, nosso pequeno Kai adoeceu. E três meses depois, êle morria.

— Sim, é verdade. E aqui foi enterrado. Aliás não podes imaginar o quanto me pareceu estranho, sempre, que fôsses mãe de um menino de seis anos e que eu nunca o tivesse visto. Era bonito, certamente.

— Bonito? Não digo que o fôsse. Mas era adorável! Tinha os olhos do pai, sérios e profundos, olhos de quem pensa.

— Foi um período bem duro, não?

— Oh sim! sem dúvida — as mãos no rosto, Ana Maria olhava fixamente o teto. — E entretanto... É curioso, mas às vêzes me parece que, no fundo, foi um período delicioso. Uma infelicidade assim aproxima tão profundamente as pessoas. As pequenas coisas de todos os dias tornam-se indiferentes, esquecemos os pequenos desentendimentos. E não podes imaginar que consolação e que apoio encontrei em meu marido. Não me deixava. Se não fôsse êle, eu teria enlouquecido. Talvez eu não devesse dizer, mas às vêzes, quando penso nesses dias passados, tenho a impressão de que, pelo seu amor infinito, êle me recompensava plenamente do que havia perdido.

Um curto silêncio seguiu as palavras de Ana Maria. A comandante abandonou de nôvo seus pensamentos. Fora, na esplendente primavera do jardim, silvava um infatigável estorninho.

— Custo a crer que a ausência de relações não seja penosa, retornou a comandante. Vocês deviam conhecer muita gente agradável em Copenhague. Descreveste, em tuas cartas, muitos colegas de teu marido. Vocês estavam sempre em con-

tato com êles. Falaste muito em... — como se chamava? — Lunding, conselheiro Lunding. Era isto?

— Ah! sim, êle era divertido — respondeu Ana Maria com uma certa vivacidade. — Mas se revelou um mau caráter. Meu marido sempre me dizia que sua reputação deixava a desejar. Êle terminou tendo um romance com uma mulher casada, e durante os últimos tempos nós o evitamos totalmente.

A comandante olhou-a com desconfiança; seu instinto feminino advertia-a de que estava na pista do segrêdo. Entretanto, não quis insistir. Receando agitar a irmã, interrompeu seu interrogatório dissimulado.

— Não está muito frio aqui? — perguntou. — Fecho a janela?

— Se quiseres. Aquêle pássaro tem um canto desagradável.

A conversação voltou aos assuntos cotidianos e a Ingrid, esperada para uma curta visita, aproveitando a presença da tia na cidade.

— Como ficarei contente de vê-la — disse a comandante. — Ela deve fazer-te muita falta, não?

— Terrìvelmente — disse a mãe, e estas palavras foram acompanhadas de um suspiro. Tinha lágrimas nos olhos e a bôca estremeceu.

— Não seria melhor que ela ficasse em casa, para ti e para ela? Pode-se estudar aqui. E mesmo que o ensino aqui não seja da melhor qualidade, penso que bem serviria por enquanto. Como fazem as outras famílias da cidade? A Senhora Bergmann, por exemplo? Manda os filhos para estudar fora?

— Não, não. A escola aqui é excelente. Ingrid estudou aqui até o ano passado. Mas meu marido achou que já era tempo de ela aprender a viver longe de nós.

— Acho essa idéia absurda. Sobretudo agora, que estás doente. Devias falar sèriamente sôbre isto, com êle.

— Eu falei.

Fechou os olhos, para esconder as lágrimas que continuavam a deslizar entre os cílios.

— Sim, desculpa-me falar nisto, mas eu acho incompreensível essa atitude de teu marido. Agora eu compreendo que

estejas doente, só de pensar na menina. Tem paciência, êle devia compreender. Queres que eu lhe fale?

— É inútil, sei que é inútil.

A comandante ficou petrificada, ante a violência desesperada daquela afirmação.

— Não entendo — afirmou. — Disseste que teu marido era sempre tão atencioso e tão compreensivo.

Ana Maria voltou com hesitação o rosto, olhou durante muito tempo a irmã, como envergonhada dos olhos cheios de lágrimas, enquanto sua bôca distendia-se para conter o pranto.

— Então não sentiste, Lise?

— Mas o quê?

— Que meu marido é... é... um doente?

— Doente? Teu marido doente? Parece-me que êle tem uma aparência bem sólida para a sua idade.

— Não, não é isto... Não é isto que eu quero dizer. Não me entendes.

Voltou-se outra vez, num movimento de abandono, ergueu os braços, e deixou-os tombar pesadamente sôbre as cobertas.

— Ninguém me compreende! — gemeu, desolada.

Por enquanto, a comandante compreendia cada vez menos, mas não ousava mais fazer perguntas. O rosto da irmã apresentava outra vez aquela coloração lívida, que lhe causava tantas apreensões.

E logo outras coisas reclamaram sua atenção. Ana Maria se queixou do calor e pediu água. Tomou remédio, foi preciso enxugar suas mãos úmidas. Lise ajudou-a em tudo, não consentiu em chamar a governanta.

— Estou contente de poder ajudar-te — disse tentando dar uma significação profunda a suas palavras. — Por isso é que estou aqui. Compreendes?

VI

Em meio a tôda esta confusão, chegou o médico. Nenhuma das irmãs ouvira som de campainha ou batidas na porta. Quando se aperceberam de sua vinda, êle já estava no quarto.

— Afinal o senhor veio — disse Ana Maria num tom ligeiramente acre. — Eu não o esperava mais hoje. O Doutor Bjerring. Minha irmã, a Comandante von Rauch.

O doutor era um homem ainda jovem, um pouco disforme, vestido com aquela orgulhosa elegância com que as pessoas de sua espécie tentam compensar um defeito físico. Entretanto, a impressão que causava a sua pessoa, não era ridícula nem desagradável. Tinha o rosto imberbe, longo e pálido, bem traçado, o maxilar inferior um pouco proeminente, forte bôca vermelha, sobrancelhas espêssas, órbitas profundas e azuladas, e olhos cintilantes, cujo brilho metálico revelava a um observador experimentado o homem obcecado por mulheres. Os cabelos negros não muito abundantes, davam a impressão de ter sido pintados sôbre o crânio.

Pareceu bastante infeliz de haver provocado a censura da doente e escusou-se longamente pelo atraso.

— Bom, apanhe uma cadeira, doutor. E fale-nos um pouco de suas atividades mundanas. Nada a dizer sôbre o meu estado. Sou a mesma, ontem como hoje. Sem apetite, sem fôrças... nada.

— E o sono? — perguntou êle, tomando o punho de Ana Maria e procurando o pulso, com seus dedos longos. — O pó não deu resultado?

— Nenhum. O senhor é um mau médico, seus cuidados não me trazem alívio. Mas cessemos com as perguntas. Hoje, quero descansar. Fale-me sôbre a reunião na casa de Krogstrup. Muita gente?

—Sim, era o almôço de cerimônia do monteiro-mor. Havia certamente tudo o que se possa imaginar em matéria de trajes regionais. Lamentaram a ausência do burgomestre.

— Infelizmente, êle não pôde ir. E no entanto eu lhe supliquei que fôsse, não se preocupasse comigo. Seria bom para êle, deixar um pouco o trabalho. E poderia me contar a festa. E as senhoras? Muitos vestidos bonitos?

— Assim... Muitas senhoras estavam antes despidas que vestidas.

— Estás ouvindo, Lise? O doutor é impossível! E a quem o senhor teve a honra de conduzir à mesa?

— A nova governanta do monteiro-mor. Senhorita Lang.

— Ha, ha! Ouvi dizer que é muito bonita. E o senhor, que acha?

— Ela é gentil.

— Sòmente?... Muito viva, talvez?

— Sob um certo ponto de vista, sim. Durante uma hora e quinze minutos, só abriu a bôca para comer. No fim, eu fiquei com mêdo de que o seu espartilho estourasse.

A doente riu, satisfeita.

— O senhor é terrível, doutor! Não lhe conviria então, essa Senhorita Lang? Fica sabendo — voltou-se para a irmã — que eu faço o possível para encontrar uma mulher que sirva para o Doutor Bjerring. Recomendo-lhe as jovens mais bonitas e mais ricas do país. Aliás, sem o mínimo resultado.

— Talvez o doutor Bjerring não esteja disposto a casar-se — observou a irmã. — E depois, casar é quase sempre um jôgo perigoso.

— Oh! esta não é precisamente a razão — disse o médico, olhando pela janela. — Mas com o amor sucede geralmente o mesmo que com os lugares no teatro: o que nós queremos, já está ocupado.

— Sim, os senhores encontram sempre escapatórias — disse vivamente a mulher do burgomestre. — E esta noite, sairá outra vez. O senhor está levando uma vida muito desordenada... É verdade que haverá iluminações e fogos de artifício no jardim? Deve ser magnífico, ver isto.

A conversa continuou assim alegremente, como num salão. E a comandante participava, cada vez interessando-se mais por aquêle vivedor provinciano.

Quando partiu afinal, levou-o à porta. Queria falar-lhe da irmã. Êle moveu gravemente a cabeça e disse que esperava uma crise. Evidentemente, as fôrças diminuíam sempre, mas isto não excluía a possibilidade de uma súbita melhora; sim, a mulher do burgomestre podia muito bem recobrar de uma hora para outra, sua florescente saúde. Essas doenças dos rins são caprichosas. Podem muito bem deixar-nos viver até aos cem anos, ou liquidar-nos em uma hora.

Voltando pela sala de jantar, a comandante encontrou o burgomestre, que saía de seu apartamento privado e estava vestido a rigor. A Mogensen seguia-o com seu sobretudo.

O burgomestre perguntou como iam as coisas "lá por dentro", e a cunhada respondeu que Ana Maria não estava muito bem.

— Mas o doutor acaba de passar e isto reanimou-a um pouco — completou.

O burgomestre nada respondeu.

Tivera a intenção, a fim de não despertar as suspeitas da cunhada, de ir dizer até breve à sua mulher, como ela pedira. Agora, contentou-se em pedir que lhe dissesse adeus por êle. Vestiu o sobretudo, foi embora.

Frau von Rauch voltou para perto da doente. Ana Maria estava deitada, a mão sob o rosto, exatamente na mesma po-

ção, em que a irmã a deixara, ao acompanhar o médico. Seu olhar estava voltado para as janelas, e ela tão profundamente mergulhada em seus devaneios, que a presença da comandante não a fêz voltar a si imediatamente.

— Então, que pensas de meu médico? — perguntou enfim, quando Lise voltou a instalar-se na poltrona de vime ao lado do leito. Não é um Adônis, mas no fundo é bem gentil. E não podes imaginar sua dedicação, quando o pequeno Kai adoeceu. Era tocante.

— Mas crês que seja um bom médico? Isto é o que interessa.

— Minha querida, êle é considerado como um fazedor de milagres. Sem sua enfermidade, êle não estaria na província, disso eu estou certa. Deves ter sentido que sua alegria não era perfeitamente sincera. Na realidade, é uma natureza terrivelmente melancólica. Ficarias de coração doendo, de ver como pode ficar deprimido, quando nos fala a sós. Acontece-lhe às vêzes passar horas aqui, simplesmente por necessidade de falar com alguém que o compreenda. Não observaste seus olhos? Parece-me que escondem tanta tristeza. Mas escuta, são três horas.

— Esperas alguém?

— Não, a não ser meu marido. Eu o espero sempre.

— Esqueci-me de dizer: êle acaba de sair. Eu devia te dizer adeus, por êle.

— Êle saiu?

— Sim. Estava apressado. Devia dar parabéns à pessoa que faz anos hoje. Estava vestido a rigor.

Ana Maria calou-se. Fechou os olhos e terminou voltando-se, como para dormir um pouco; depois cobriu-se, de modo a esconder quase inteiramente o rosto, e não mais se moveu. Mas quando, ao cabo de alguns minutos, a irmã mais velha aproximou-se para ver se ela dormia, viu que as lágrimas desciam pelo seu rosto.

Então, não pôde mais conter-se. Inclinou-se, tomou a sua mão:

— Ana Maria! Minha pequena! Que se passa? Confia em mim. Talvez eu possa ajudar-te.

— Não, não há nada a fazer. Nada!

— Fala assim mesmo. Isso te aliviará.

— Para quê? Tu não podes compreender. Nem eu mesma compreendo.

— Tenta falar assim mesmo. Diz tudo.

— Oh! é uma história muito longa. Não acabarei nunca.

— Terei paciência. Pensa que eu sou tua irmã.

— Sim — disse ela e, prêsa de uma angústia mortal, apertou a mão da comandante contra seu coração.

VII

Ana Maria, antes de tudo, falou de sua sogra, que não mais existia e que era viúva de um honesto funcionário superior dos Correios. A Senhora Hœck tinha sido uma mulher alta e sêca, muito contente de si própria, o espírito estreito e uma curiosidade intelectual muito limitada. Nascida de uma família de pastôres bastante conhecida, os Silenius, orgulhava-se disto. Por tôda a parte, no país, tinha irmãos, primos-irmãos e primos de segundo grau, todos pastôres, todos escrevendo livros sôbre assuntos edificantes, circunstância que lhe provocava um orgulho especial. Como os Silenius eram a seus olhos uma família favorecida pela graça divina, que a Providência incumbira de uma missão sagrada no país, os escritos de seus parentes representavam para ela a palavra suprema, inspirada e verídica, sôbre o grande enigma da vida e da morte. Qualquer que fôsse o assunto de que se falasse em sua presença, a Senhora Hœck conseguia uma maneira de introduzir na conversa uma observação como: "Há uma bela passagem a respeito nas *Considerações Dominicais,* de meu irmão Per", ou: "Meu primo Hans tratou do assunto com uma profundidade e uma clareza maravilhosas em seus sermões do Advento." Se a conversa

era na sua própria casa, ia buscar a obra citada na biblioteca, depois, com sua rude voz masculina, punha-se a ler trechos enormes; depois de cada ponto, lançava por sôbre os óculos um olhar aos ouvintes, para espreitar sua admiração.

A escolha feita pelo filho, tomando Ana Maria como espôsa, causara-lhe descontentamento e cuidados; com a sinceridade incorruptível mas cruel que era uma de suas qualidades fundamentais, não escondera seus sentimentos, nem à recém-casada, nem ao filho. Se bem que Ana Maria, por causa dêste, houvesse empregado todos os seus encantos para conquistar aquela mulher idosa e severa, a Senhora Hœck, desde sua primeira visita, tratou-a abertamente como "bonequinha mal-educada". Mas, acrescentou, cuidadosa da felicidade de seu filho, considerava uma obrigação educar a nora, para transformá-la numa verdadeira espôsa.

A Senhora Hœck morava em Copenhague e, para viver em paz, Ana Maria suportara em silêncio essa tutela. Tôdas as noites escutara com paciência angélica intermináveis leituras, lutando desesperadamente contra uma convulsiva vontade de bocejar. Não fôra, na infância, quando os serões consistiam em jogar cartas ou em ouvir as canções de Erik Bœgske, habituada àquele fatigante gênero de distrações. Mas amava loucamente o marido e temia a influência que poderia excercer sôbre os sentimentos dêle a cólera ou o desprazer de uma mãe.

Pouco a pouco, as relações melhoraram. Entretanto, não houve jamais, da parte da velha senhora, uma confiança real. Ana Maria não podia apresentar-se ante ela com um chapéu da moda, um par de luvas novas, ou simplesmente um amplo sorriso de alegria, sem que a sogra, sùbitamente desconfiada, a submetesse a um interrogatório cerrado. Como Ana Maria era extremamente sensível à crítica, sempre que se tratava de seu aspecto exterior, cenas violentas explodiram algumas vêzes entre as duas mulheres. A velha senhora, que sempre tivera um rosto semelhante a uma maçã ressequida, não admitia o fato de que Ana Maria, com uma obstinação instintiva, não concordasse em renunciar ao direito feminino de pintar-se.

— É bom para as cocotes, não para as mulheres honestas — repetira muitas vêzes a Senhora Hœck, furiosa.

Foi sobretudo esta situação familiar que Ana Maria tentou descrever à sua irmã, que aliás já a conhecia, por intermédio de suas cartas. De seu espôso, ela disse que no começo estivera cavalheirescamente a seu lado na luta, chamando com freqüência sua mãe à razão, com extrema autoridade. Jamais existira uma grande afeição entre êle e a mãe, que durante seus anos de rapaz o infernara com eternas admoestações, e, como êle sempre tivera muito amor-próprio, cedo se tornara independente, trabalhando para ganhar a vida.

Mas após a morte da Senhora Hœck, Ana Maria percebeu uma mudança nos sentimentos do espôso. Cada vez mais, êle se pôs a criticá-la. A desconfiança e a insatisfação da mãe ressuscitaram no filho, como uma doença hereditária da alma. Sua profissão, acrescentou Ana Maria, talvez contribuísse para isto. O fato de sempre se ocupar de assuntos criminais, levara-o pouco a pouco a ver em tudo engano e desonestidade. Era como uma idéia fixa. E um dia, em um acesso de irritação doentia, decidira que a filha de ambos devia partir, porque em sua opinião Ana Maria exercia sôbre ela uma influência malsã. Ingrid chegara um dia em casa com algumas maçãs que lhe dera um dos filhos do recebedor, e o burgomestre vira nesta simples infantilidade a prova de uma intimidade inconveniente entre o rapaz e a adolescente. Houvera dias terríveis.

A doente falava depressa, a voz um pouco arquejante, com muitas observações acessórias e pausas imprevistas, como uma pessoa que não pode mais guardar um segrêdo, e que mesmo assim, incapaz de dizer a verdade completa, prefere criar uma certa confusão. Evitava também olhar para a irmã, de quem apertava a mão num gesto nervoso e angustiado.

A comandante acariciou-lhe os cabelos em silêncio. Começava a desvendar a trama dos acontecimentos, e lutava contra uma violenta emoção. A infelicidade que adivinhava agora, revelava-se mais terrível do que a houvera imaginado.

Faltava-lhe coragem de insistir junto à sua irmã, para saber mais. A piedade emudecia-a.

Apesar das acusações contra si mesma, que se fizeram sentir através das palavras incoerentes de Ana Maria, ela não acreditava que esta fôsse culpada de nenhum passo errado. Seria capaz de jurar que a irmã não tinha coisa alguma de que censurar-se. A situação era muito mais triste. Ana Maria era a vítima dos ciúmes de um louco. Em sua solidão e desespêro, terminara por crer-se culpada.

Bateram à porta. Era de nôvo a Mogensen, com seu grande avental branco como a neve.

— O Pastor Torm está aí. Pergunta se incomoda a Senhora

— Um pastor? — disse a comandante, surprêsa, voltando-se para o leito. — Não penso que sua visita seja útil.

— Sim, deixe-o entrar! — disse Ana Maria. — Êle é delicado. Vem ver-me quase todos os dias.

— Mas agora, não estás muito esgotada?

— É justamente por isto. Sinto-me sempre mais calma quando o pastor Torm está perto de mim.

— Faça-o entrar — disse a comandante num tom sêco.

O Pastor Torm era um senhor idoso, de cabelos brancos, e reluzentes de limpeza.

— Quem é a senhora? — perguntou, surprêso com a presença da comandante. Pastor na cidade havia quinze anos, conhecia todos os seus habitantes, inclusive os gatos e os cachorros.

Ana Maria apresentou:

— O Pastor Torm. A Comandante von Rauch, minha irmã.

— Ah! — disse êle num tom indiferente. — Ah, sim... Bem... Rauch, sim.

O Pastor Torm não se interessava de maneira alguma pelos estranhos. O que estava fora dos limites de sua paróquia, não existia para êle.

— Como está passando, minha cara senhora? — perguntou, sentando-se na poltrona junto ao leito. — Sente-se um pouco melhor?

— Não, absolutamente. Mais débil, a cada dia.

O pastor sacudiu a pequena cabeça prateada, com um suspiro sibilante.

— Estou desolado! Rezei tanto pela senhora!

— Verdade, caro pastor? Então, deve ser a vontade de Deus que eu não sare.

— Não diga isto! Ninguém conhece os desígnios do Senhor. Êle toma caminhos escondidos, para entrar em nossos corações. Muitas vêzes, sua mão pesa sôbre nosso ombro, para fazer-nos recusar os vãos fardos do mundo. Por isto, devemos agradecer pelos nossos sofrimentos. Não esqueça, minha senhora, que cada noite sem sono aproxima-a de Deus.

— Sim, eu sinto isto. É minha única consolação.

— Acabo de vir da casa de Andersen, o açougueiro. A senhora sabe que êle estêve doente durante todo o inverno, sem esperança de cura... tinha um câncer... e esta manhã êle adormeceu docemente, pela última vez.

— O açougueiro Andersen morreu?

Ana Maria soergueu-se no leito e olhou o pastor com os olhos esgazeados.

— Sim, foi muito bonito. Na verdade, pode-se dizer que seus sofrimentos o haviam regenerado. Eu não o via jamais à mesa do Senhor, antes da doença, e não foi sem dificuldade que despertei sua consciência adormecida. Mas ao aproximar-se do fim, entregou-se inteiramente a Deus. Esta manhã às sete horas, fui chamado para ministrar-lhe os últimos sacramentos, e posso afirmar que jamais disse a ninguém com maior confiança: "Teus pecados te são perdoados." Poucos minutos depois, êle entregava a alma a Deus, o sangue do Senhor sôbre os lábios.

Ana Maria fechara os olhos. Tôda notícia de falecimento causava-lhe tal perturbação, que ela tremia.

— Pastor Torm — disse — quer rezar comigo?

— Mas claro, minha senhora! Não foi então para isto que eu vim?

A comandante retirara-se para o salão. Ficou de pé ante uma janela, batendo fortemente com os dedos no rebôrdo, enquanto seu imenso busto arfava sob a tempestade de emoções que lhe agitava a alma. A porta do quarto de dormir ficara entreaberta. Ela pôde ouvir a voz de Ana Maria recitando o *Pater*. E ela estêve a ponto de estourar em soluços de tristeza e indignação, quando ouviu a irmã pronunciar com voz firme as palavras: "E perdoai as nossas dívidas".

VIII

Fôra obedecendo a um pedido expresso do burgomestre que o Pastor Torm viera desta vez. Encontrando o pastor na escada do dignitário de quem se celebrava o jubileu, o burgomestre dissera-lhe que sua mulher se sentia mal e que certamente ficaria alegre de o ver. As palavras pouco estimulantes da cunhada sôbre Ana Maria haviam-no deixado inquieto. No fundo, êle não estava surprêso; acreditava, aliás, que a morte se aproximava ràpidamente e não desejava outra coisa. Mas era a primeira vez que sua esperança fôra confirmada por outrem, não pelo médico, em quem não tinha confiança alguma.

Por causa disto, abreviara a visita de felicitações, tanto quanto permitiam as circunstâncias e a polidez. Representante de um comitê especial de conselheiros municipais, para a entrega de um presente oferecido pela cidade, um serviço de café, em prata, tomara um copo de vinho com o personagem a quem se homenageava. Em seguida, com algumas palavras de desculpas, retirara-se.

De resto, não lhe agradava muito o herói do dia, embora reconhecendo de boa vontade suas grandes capacidades e seu

papel meritório no desenvolvimento da cidade. Sentia-se constrangido, tôdas as vêzes em que — como naquele dia — as circunstâncias forçavam-no a dedicar-lhe um discurso lisonjeiro. Aquêle homem gordo e louro, de olhos azuis, com sua voz forte e seu sotaque da Jutlândia, desagradava-lhe fìsicamente. Além disto, Jorgen Ovensen deixava a desejar quanto à delicadeza: sem haver cometido atos pròpriamente desonestos, estivera muitas vêzes nos limites entre o meu e o teu. As transações a que se dedicara na administração da Câmara de Comércio, numa época em que os negócios pareciam tomar um rumo favorável para o antigo presidente, desenrolavam-se numa obscuridade misteriosa, que o burgomestre, em que pêsem suas investigações minuciosas, não chegara a desvendar.

Êle receava, por isso, que as felicitações não tivessem parecido um pouco sêcas. Felizmente, o diretor da Escola Profissional tomara a palavra em seguida e não economizara as flôres da eloqüência.

Agora, o burgomestre passeava ao longo do caminho elevado que contornava a cidade e de onde se descortinava um belo panorama do fiorde e da campanha. Entretanto, não era por causa do panorama que, desde algum tempo, êle escolhera aquêle caminho, e sim por ser ali mais tranqüilo que no pequeno jardim público da cidade. Também não era o bom tempo que o fazia andar tão lentamente e parar com tanta freqüência para respirar fundo. Naquele dia, o que menos desejava era voltar para casa. A presença da cunhada, pelas imagens que evocava, era-lhe extremamente penosa.

Ao almôço, ela falara das lembranças que conservava do encontro no lago de Como, durante sua viagem de núpcias, das cartas de Ana Maria no tempo do noivado e de muitas outras coisas, das quais êle preferia esquecer. Os acontecimentos meio esquecidos do passado estavam de nôvo insuportàvelmente próximos. As decepções e as tristezas voltavam a perturbá-lo, como velhas feridas reabertas.

Êle seguia justamente o mesmo caminho que tomara quinze anos antes, em um dia assim de primavera, para pedir a mão de Ana Maria. Os pais da jovem moravam numa velha casa

de madeira, em ruínas, lá no alto, no flanco da colina, onde havia agora o reservatório municipal. Não foi um passo fácil, pensou, com uma espécie de ternura por si próprio.

Que um homem da sua qualidade, então assessor no tribunal de Copenhague e bastante orgulhoso, se submetesse ao papel de suplicante na casa de um indivíduo que, no consenso da cidade inteira, só pudera conservar funções e honra graças à proteção de amigos, isto bem provava a seriedade e a solidez de seus sentimentos. Levando-se em conta a situação e os projetos de futuro do jovem magistrado, fôra um verdadeiro sacrifício — e qualquer coisa como um golpe arriscado — aliar-se a uma família cuja reputação, duvidosa também sob outros aspectos, não melhorava em nada pela circunstância de a filha mais velha haver desposado um oficial prussiano.

E todavia êle estava imensamente feliz no dia em que se sentara no velho salão rosa-pálido, que abria para o jardim, tendo entre as suas a pequena mão agitada de Ana Maria. Os raios de sol, que davam um ar de festa à peça, acenderam fagulhas nos copos de *sherry,* quando seu futuro sogro propôs bebêrem à saúde dos noivos.

Apesar de seus trinta anos, êle era bastante inexperiente em matéria de amor. Na juventude, enquanto a maioria dos colegas saía muito, e em cada baile ficavam apaixonados de uma de suas parceiras de dança, êle mergulhava nos livros e trabalhava pelo seu futuro.

Que não fôsse o primeiro amor da jovem, estava bem, que ela houvesse mantido alguns pequenos flêrtes inocentes, sabia-o pelos falatórios da cidade, mas isto não o afetava absolutamente naquela época. O que pertencia ao passado devia ser esquecido. Aliás, os modos de Ana Maria, desde o noivado, tinham mudado tanto! Tornara-se mais calma, mais reservada para com as pessoas que encontrava. As observações que êle um dia lhe fizera, pareciam ter dado resultado: explicara-lhe, com muitas precauções, que uma mulher jovem e bonita expunha-se à calúnia, se tratava as pessoas com amabilidade excessiva; que em sua opinião ela não lucrava coisa alguma em mostrar-se demasiado alegre e sorridente; ela era mais bonita nos momentos em que seu rosto conservava uma

expressão tranqüila. E uma certa reserva nunca era demais, mesmo num homem: beneficiava a distinção, o porte e a graça.

Agora, quando olhava para trás, o burgomestre não compreendia como pudera ser tão otimista; e, que houvesse estado cego àquele ponto, parecia-lhe uma confirmação do quanto era profundo o seu amor. Pois êle bem depressa viera a descobrir que Ana Maria era desordenada e negligente sob o ponto de vista moral. Que importava que, pouco a pouco, ela aprendesse a atenuar seus modos, se todo seu pensamento visava despertar a atenção dos outros, a provocar efeito... Poucos dias após o noivado, êle percebera a alteração nervosa que a possuía, onde quer que houvesse homens. Os admiradores com que ela contava na cidade, ocupavam sem cessar o seu espírito. Sem ter bem consciência disso, ela encaminhava sempre a conversação para o que haviam dito ou feito, em tal ou qual circunstância, o farmacêutico Andersen, o adjunto Joergensen ou o funcionário Jensen. E ela devia tê-los visto de perto, pois conhecia perfeitamente, não só sua estatura ou a côr de seus cabelos e seus olhos, como a forma de suas mãos e pés, ou mesmo particularidades no modo de vestir, que à sua maneira meio louca, louvava ou ridicularizava.

Entretanto, havia em tudo isto qualquer coisa de ingênuo, de maneira que êle nunca tivera coragem de chamar-lhe a atenção. Não queria parecer ciumento. Além disto, via uma desculpa na sua juventude e sobretudo na influência má dos pais. A mãe era uma vaidosa para quem só o aspecto físico contava; era certamente em grande parte por causa de sua necessidade de prazer e de vestidos que o marido desfalcara a caixa da administração. Sendo belíssima, educara as filhas na linha da vaidade. Ana Maria, noiva, contara como a irmã e ela própria tinham a impressão de submeter-se a um exame, quando iam passear na cidade com os pais. Ouviam contìnuamente as recomendações da mãe: "Levanta um pouco a cabeça, Ana Maria!" ou: "Estende o tornozelo, Lise! Os cotovelos de lado, os dois!"

Então, para afastá-la o mais depressa possível da família e da influência provinciana, decidira casar-se naquele mesmo verão. Mas, ainda na lua-de-mel, sua desconfiança so-

freu um nôvo choque. Fazia apenas quinze dias que estavam casados. Durante uma semana tinham percorrido as montanhas, entre as nuvens, onde pouco a pouco ela vencera o seu pudor virginal e chegara a entregar-se a um violento desejo de abandono. No fundo, ela não era sensível à natureza. Podia entusiasmar-se com os efeitos vulgares, panoramas de muitas léguas, gargantas vertiginosas, mas olhava os jogos delicados da luz ou dos contornos com a mesma falta de compreensão de um selvagem. Se mesmo assim ela se entusiasmava com a viagem e suportava com alegria as difíceis subidas, era porque, como tudo que a afetava, as impressões produzidas pela natureza alimentavam sua vida sensual há pouco despertada e se transformavam em ardor amoroso. A chuva após o sol num lago da montanha, um murmúrio através da floresta, o som de um regato escondido, e mesmo as decepções e os acidentes de viagem foram ùnicamente para ela pretextos para novos excessos de carícias.

Êle experimentara por vêzes uma vaga inquietude. Na ternura daquela mulherzinha frágil, havia como que uma fôrça natural, desencadeada e inexorável. Quando se chegava a êle sob uma chuva de beijos, lembrava a erupção de um vulcão. Mas êle também estava apaixonado, sentia-se feliz de semelhante abandono, e além disso não tinha àquela época muita experiência, para verdadeiramente compreender uma mulher assim — e temê-la.

Na tarde que se seguiu à chegada do casal na cidade superpovoada de turistas onde a mais velha das irmãs marcara encontro, estavam os três sentados num terraço em frente ao hotel, quando um cavalheiro veio cumprimentar a Senhora von Rauch e, instado, acabou por sentar-se com êles. Era um homem do tipo segundo-tenente, apresentável, mas insignificante: um pequeno fidalgo provinciano da Áustria. Ana Maria transformou-se de repente. Voltaram-lhe as maneiras nervosas e agitadas que o marido tão bem conhecia; e quando o austríaco se pôs a dirigir-lhe cumprimentos indiscretos, não os recusou; pelo contrário, com sorrisos, parecia encorajá-lo. Ela sabia bastante o alemão para manter uma conversa nesta língua, mas sua impropriedade de expressão dava azo ao

estrangeiro para multiplicar-se em amabilidades. Ela esquecera de tal modo a presença do marido — embora acabasse de apertar-lhe a mão, às escondidas, sob a mesa, e durante quinze dias tivesse vivido exclusivamente para êle — que nem mesmo tentou introduzi-lo na conversa.

Para experimentá-la, êle se levantou, a pretexto de ir ao Correio, ver se havia cartas. Ela ficou tranqüilamente sentada, fêz-lhe a sorrir um discreto sinal com a cabeça e disse que o esperaria. Quando voltou, meia hora passada, o austríaco partira fazia alguns minutos. Êle fingiu nada haver observado e também Ana Maria não parecia dar a impressão de ter-se conduzido mal. Não havia em seu rosto o mínimo indício de que ela percebesse o desapontamento que causara. À noite, passeando à margem do lago, sob o luar, apoiou com um gesto acariciante a testa contra o ombro do marido, com extrema ternura. Pela primeira vez, êle suspeitou sèriamente de sua falsidade.

Êle pensara muitas vêzes que, naquele tempo, deveria ter previsto até onde a conduziria a sua natureza, e separar-se dela antes que sucedesse uma infelicidade maior, e principalmente antes que houvesse filhos. Mas a mulher soubera tranqüilizá-lo outra vez. Além do mais, êle esperava ainda que o nôvo ambiente para o qual iria transplantá-la, exercesse sôbre ela uma influência benéfica.

Esta influência foi bem diferente da que êle esperava. Por sua juventude e beleza, Ana Maria provocava sempre uma atenção justificada, aceitando imediatamente, com uma alegria quase ingênua, a côrte inevitável que os homens lhe faziam, assídua e mesmo inconveniente, segundo a opinião do marido. Entretanto, êle não podia resolver-se a falar. Sempre confiando no que ela devia ser no íntimo, encheu-se de paciência, ao mesmo tempo que pedia à mãe para não ser injusta com ela.

Perdoava-lhe tanto mais fàcilmente, quanto não tinha naquele tempo razões para duvidar de seu amor. Ela sabia ser comovente em sua felicidade e reconhecimento ante as instalações de recém-casados, pelas quais êle pagara sòzinho. Assim que entrava em casa, ela o envolvia nos braços; e já

o abraçara muitas vêzes, antes que êle houvesse despido o sobretudo. Em seu encantamento diante da vida, tentava fazer de cada dia uma festa para êle, vestia-se graciosamente e empregava tôda sua engenhosidade feminina em agradar-lhe.

Êle acabou, mesmo assim, encontrando oportunidade de advertí-la contra o perigo de ser muito amável com os estranhos. Perfeitamente calmo, sem demonstrar querer-lhe mal, e ainda menos sentir ciúmes, pediu-lhe para ser mais reservada, em seu próprio interêsse. Repetiu o que dissera quando noivo, que não ficava bem ser muito exuberante. Apesar de seus belíssimos dentes, ela seria ainda mais bela e atraente se não os exibisse tanto.

Ela escutou, deu-lhe razão, e finalmente atirou-se nos seus braços, chorando, cheia de remorsos.

No dia seguinte, deveriam ir a um sarau. Ana Maria estava fascinante com o colo e os braços nus, coisa que êle não aceitava sem dificuldade. No momento de tomar o carro, enlaçou-o, olhou-o dentro dos olhos e disse:

— Esta noite, não terás oportunidade de censurar-me seja pelo que fôr. Eu prometo!

Não se passara uma hora e ela começava a chamar a atenção pelo seu desembaraço. Os homens rodeavam-na e lambiam os beiços de satisfação. Para adverti-la, e também para mostrar às outras pessoas sua confiança, pois sentira que o olhavam com piedade, introduziu-se entre os admiradores e tomou parte na conversação, sorrindo. Mesmo assim, ela continuou. E quando êle tomou um ar mais grave, Ana Maria deu a impressão de nada perceber. Era como um enfeitiçamento. Dir-se-ia que era prêsa de um impulso cego, sôbre o qual não tinha o mínimo contrôle.

Quando voltavam para casa, no carro, êle aguardou alguma explicação. Ela, porém, agia como se nada houvesse acontecido, falava das senhoras, criticava os cavalheiros. Êle a compreendia, então, mas não inteiramente. Seria aquilo um fingimento? Enganar-se-ia a si própria? Ou haveria nas mulheres estados de espírito que os homens não compreendiam e ao qual não sabiam dar um nome?

A cada ano, o mistério crescia para êle. Mais viviam juntos, mais íntima de um certo modo era sua vida conjugal, mais Ana Maria tornava-se uma estranha. Quando êle acreditava enfim penetrar no fundo de sua natureza, uma palavra ou uma observação feita por acaso, ou simplesmente a confissão de algo que momentâneamente a preocupava, desvendava de súbito sentimentos escondidos, revelava aspectos desconhecidos de sua alma, que em seguida desapareciam em uma nova escuridão. Sua alma fazia pensar em certas fontes, cujas águas fervem inocentemente à superfície da terra, e que de súbito se alçam num soberbo jato multicor, para depois retombar e desaparecer, escondidas nos abismos que ninguém jamais sondou.

Lembrava-se do dia em que, enquanto jantavam, a carta de uma parente da Jutlândia anunciara a morte do primo na América. Já estavam casados há muitos anos, e Ana Maria simplesmente lhe dissera que êsse primo vinha vê-la outrora na casa de seus pais, e que haviam tido àquela época um namôro sem importância. Foi surpreendente assim a impressão profunda que, pouco a pouco, causou na mulher a notícia daquela morte. Tornou-se pálida e, às refeições, apenas fingia comer. À noite, como, saindo do quarto de dormir, êle entrasse de repente no salão, notou que ela escondera precipitadamente alguma coisa por baixo do jornal. Quando quis ver o que era, ela se opôs e mostrou-se mesmo um pouco irada. Com um gesto rápido, êle tomou o pacote. Eram pequenas lembranças do primo, flôres murchas, *carnets* de baile datados, um bilhete em versos, fazendo referência à festa de São Valentino, e coisas semelhantes, que ela conservara guardadas à chave, na gaveta de uma secretária. Êle censurou sua infantilidade, mas principalmente o fato de esconder-lhe isto. E novamente repetiu-se a cena habitual. Após algumas frágeis desculpas, ouviu-o com arrependimento e atirou-se chorando nos seus braços. Mas continuou a mesma.

Naquele tempo, algumas vêzes êle se sentia feliz. Em um certo sentido, a ternura e a afeição de Ana Maria jamais haviam sido maiores que durante os anos que se seguiram ao nascimento dos filhos. Se bem que êle fôsse bem mais

velho que a mulher e já ficando grisalho, ela continuava a devotar-lhe um culto que chegava a ser humilde. Quanto a êle, sentia-se mais apaixonado do que nunca. A maternidade tornara-a fìsicamente madura, suas carnes eram agora mais alvas e macias. Com uma certa vergonha, êle se recordava agora a que aviltamentos sua paixão por ela o conduzira.

E no entanto ela jamais lhe pertencera inteiramente. Mesmo nas horas de abandono, nunca estava seguro da qualidade de seus sentimentos. Algumas vêzes, tinha a impressão de ser apenas um substituto. Com o passar do tempo, abriram-se seus olhos.

Uma noite, como voltassem de uma recepção durante a qual ela se mostrara cansada e distraída, aconchegou-se a êle, num acesso de ternura sem motivo, que o pôs desconfiado. Evocando os incidentes da noite, êle constatou que muitas vêzes a observara com um de seus colegas, o Conselheiro Lunding, belo rapaz de agradável convivência, que desde algum tempo encontravam com freqüência em sociedade e a quem até haviam recebido, por ocasião do jantar anual que ofereciam aos magistrados.

Aproveitou a oportunidade para cientificar Ana Maria do que se falava sôbre o caráter suspeito daquele homem, e principalmente de suas relações com as mulheres. Ela ficou muito séria enquanto o escutava, e agradeceu o tê-la prevenido.

— Aliás, eu desconfiava disso. Êle tem um modo de olhar que não me agrada.

Algumas semanas mais tarde, Hœck teve um processo importante, e durante muitos dias não veio almoçar. Da janela do restaurante onde quase sempre fazia as refeições, viu um dia a mulher, que passava pelo outro lado da rua, uma partitura de música no seu regalo. Isto o surpreendeu, pois faltava ainda cêrca de meia hora para a lição de canto, e mesmo assim ela parecia apressada. Trazia, além disto, seu chapéu nôvo, embora estivesse ameaçando chover.

Havendo chamado o garçom e pago a despesa, seguiu-a um momento a certa distância, escondido em meio à multidão na calçada oposta. Na Rua de Frederiksberg, viu-a observar as horas no relógio de uma hospedaria e diminuir o passo. Um

instante depois, a alta e clara figura de Lunding apareceu do mesmo lado. Cumprimentou-a sorrindo e embora ela fingisse novamente estar apressada, Lunding deteve-a. Durante alguns minutos, mantiveram uma animada palestra, e as faces de Ana Maria enrubesceram. Entretanto, ela continuava como se estivesse a ponto de retomar o seu caminho.

Uma lembrança surgiu na memória de Hœck. Lembrou-se de que Anà Maria lhe contara uma noite, ao jantar, haver encontrado Lunding na rua, e então — com uma astúcia que sòmente agora êle compreendia — mostrara-se surprêsa de que o jovem conselheiro voltasse tão cedo da audiência. Ingênuamente, êle lhe explicara que Lunding tinha agora um cargo nas sessões públicas do Tribunal, que acabavam cedo e em hora certa.

Apesar de tudo, êle resolveu nada dizer, aguardar uma oportunidade. Primeiro porque lhe seria doloroso falar nisto. E depois porque Lunding acabava de pedir licença para uma viagem ao estrangeiro. Mais tarde, Hœck decidiria sôbre o que fazer.

Uma noite, semanas depois, estavam no teatro, e do camarote podiam ver tôda a platéia. Durante o primeiro ato, sentiu que Ana Maria estava agitada: muitas vêzes ela dirigiu o binóculo para um dos últimos lugares, na parte menos iluminada da platéia. Olhando furtivamente na mesma direção, percebeu Lunding, que se reclinava para falar com uma dama sentada à sua frente, uma certa Senhora Ellingsen. Soube mais tarde que êle a encontrara em sua viagem e que desde então vinha mantendo relações íntimas com ela.

No entreato, Ana Maria ficou em silêncio. Perguntou-lhe se descobrira pessoas conhecidas entre os espectadores, ao que ela respondeu "não" do modo mais natural dêste mundo. Mas quando as cortinas voltaram a abrir-se — como, aliás, durante todo o resto do espetáculo —, ela voltou contìnuamente, com nervosismo cada vez maior, seu binóculo para o casal da platéia, que, valendo-se da escuridão da sala, parecia ainda mais íntimo.

Na volta, êle disse como por acaso:

— O Conselheiro Lunding estava no teatro. Sabes, êle voltou de viagem. Não o viste?

Ela hesitou um instante.

— Não. Onde é que êle estava? — perguntou afinal, como se estivesse pensando noutra coisa.

— Não. Onde é que êle estava? — perguntou afinal, de mentira, mas não pôde ainda decidir-se a falar-lhe. Teve piedade da mulher. Teve a impressão de que, desta vez, ela sofria pela própria falta de sinceridade, e compreendeu também que, se ela mentia, era em grande parte por mêdo de perder sua confiança e ternura.

Pouco tempo depois, vagou o lugar de burgomestre naquela cidade provinciana, e êle viu nisto um sinal da Providência. Já não se acreditava capaz de influenciar Ana Maria com advertências e conselhos. Uma tentativa de religião também fracassara, tornando-se para ela uma nova fonte de prazeres. Ela comparecia regulamente à igreja e comungava, mas em casa estava sempre mais preocupada com o pastor que com o sermão, pensava mais nos paroquianos que no canto dos salmos.

Êle supôs que uma volta à terra natal, onde a mulher encontraria, com as lembranças quase inocentes de sua infância, a vida calma e simples de uma cidadezinha, poria fim aos desvios de seus pensamentos e de seus sentimentos. Na esperança de poder salvar os pobres restos de sua felicidade conjugal, fizera aquêle penoso sacrifício.

Mas em vão.

IX

O burgomestre estava sentado à sombra de uma árvore, no banco que ficava em frente ao cemitério, à margem do caminho que descia para a cidade. As mãos cruzadas no castão da bengala, olhava melancòlicamente o fiorde e as vastas pradarias. E no entanto, nada percebia. Seus pensamentos não podiam afastar-se do passado. Uma lembrança amarga despertava outra. Além disto, êle experimentava, de tempos em tempos, a necessidade de mergulhar na sua desgraça. Principalmente quando a doença de Ana Maria dava a impressão de tender para uma solução definitiva, voltava-lhe o desejo de fazer, conscienciosamente, o balanço de seu fracasso conjugal.

Mas o portão do cemitério rangeu perto dêle, e alguém vestido de negro apareceu na estrada, a cabeça baixa. Era o contador da Caixa Econômica, um homem de meia-idade, que perdera a mulher havia dois meses, e continuava a visitar diàriamente seu túmulo, sempre que saía do trabalho.

Tirou respeitosamente o chapéu guarnecido com uma fita negra e parou.

— Ora! Então é o senhor burgomestre! Sim, tem-se daqui uma vista esplêndida.

— Magnífica. E o tempo está ótimo.

— Sim, é um grande dia para a cidade, senhor burgomestre. Tôdas aquelas bandeiras, que espetáculo! Talvez se admire de me ver aqui a esta hora, quando todo mundo foi à festa. Mas eu não ligo mais para essas coisas, minha vida acabou. Aquêle túmulo é o meu lar.

— Sei que sofreu uma grande perda, Senhor Jensen. Talvez a maior que pode suceder a um homem... pelo menos a que aceitamos com mais dificuldade. Eu o compreendo bem.

— Não é possível nos consolarmos disto, senhor burgomestre.

— Acredito. Mas é preciso lutar contra o acabrunhamento, Senhor Jensen. Se a gente se deixa levar, êle nos monta às costas.

— Ah, senhor burgomestre! Para mim, tudo está acabado. Minha mulher e eu éramos indizìvelmente felizes juntos. Durante vinte anos, vivemos lado a lado, e eu posso verdadeiramente dizer que nós éramos tudo um para o outro. O bom Deus não nos deu filhos, mas nós nos entendíamos tão bem! Tínhamos os mesmos interêsses, os mesmos gostos em tudo, e pode-se dizer que acabamos por ter até os mesmos hábitos. Agora, quando entro em casa, é para encontrar o vazio, senhor burgomestre. Não me resta senão o canário que foi da minha mulher. É com êle que eu falo. Se acendo a lâmpada e tomo um livro, isto não me dá prazer, desde que estou lendo sòmente para mim.

O desalento do viúvo causou uma impressão intensa no burgomestre; êle sentiu ainda mais a sua própria e desesperante miséria. Grossas lágrimas rolaram na barba encanecida de Jensen. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, castigados pelo pranto dos últimos dois meses.

— O senhor não está muito só? Devia distrair-se um pouco. Por que não foi ver o desfile dos operários, ao meio-dia?

— Sim, eu o vi. A Caixa suspendeu o expediente para isto. Consegui um lugar muito bom na escada do peleteiro

Hansen. O espetáculo valia a pena. Não acha, senhor burgomestre?

— Sim, estava ótimo... ótimo.

— E é um grande homem que nós homenageamos hoje. Um benfeitor da cidade.

— Certamente, certamente!

— O senhor vai à festa à noite, senhor burgomestre?

— Não, não posso. Minha mulher está doente.

— Ah, sim! Onde tenho a cabeça? Esqueço tudo. Como vai a Senhora Hœck?

— No mesmo. Mas com a ajuda da Providência, logo estará melhor.

— Que Deus seja louvado! Sinto-me feliz de ouvir isso. Quando se é viúvo e sabe-se o que é perder o que se tem de mais precioso...

— Quem se ocupa atualmente dos serviços domésticos na sua casa? O senhor não pode ficar sem ninguém.

— Por enquanto, estou só, absolutamente só. Quando entro, senhor burgomestre, é para encontrar o vazio. Mas é preciso alguém para administrar a casa. No dia primeiro de maio, vem uma governanta. É a Senhorita Broager. O senhor a conhece, senhor burgomestre?

— Claro, não é a que foi governanta de Krogstrup?

— Sim.

— E que desde então ganha a vida preparando refeições avulsas?

— Isso mesmo. Espero que não tenha sabido nada de mal a seu respeito, senhor burgomestre.

— Não, ao contrário. Aliás, suas qualidades culinárias são célebres. O senhor escolheu bem.

— Sim, acho que sim. Mas ouvi dizer que a saúde não é muito boa. Isto me inquietou um pouco. E no entanto, ela tem boa aparência.

— Sim, se bem me lembro, ela é extremamente alta e forte.

— Perfeitamente. É uma mulher de bela aparência.

O burgomestre surpreendeu-se um pouco com o tom. Olhou um pouco mais atentamente Jensen. Sim, não se enga-

nava. No fundo de seus olhos inflamados, ainda úmidos das lágrimas, brilhava uma pequena centelha.

— Quanto tempo faz que sua senhora morreu, Jensen?

— Sexta-feira próxima faz dois meses. Dois longos e terríveis meses.

— Mas o senhor verá, o tempo vai passar mais depressa, quando a Senhorita Broager começar a trabalhar. Enquanto estivermos na terra, a vida não abre mão de seu govêrno sôbre nós.

— Que quer dizer com isto, senhor burgomestre?

— Simplesmente que não se deve perder a coragem. A vida é generosa. Talvez ainda lhe reserve muitas alegrias.

O viúvo continuava a olhá-lo sem compreender, com uma certa timidez.

O burgomestre calou-se. Sentia-se de súbito menos pobre, do ponto de vista sentimental. Compreendia que em meio à tristeza sincera que lhe causava a morte da mulher, Jensen havia calculado as vantagens da outra. Antes de um ano, o patrão desposaria a governanta, e o homenzinho seria o marido mais feliz do mundo.

O contador tirou novamente seu chapéu guarnecido de negro e afastou-se respeitosamente.

Com um olhar desdenhoso, o burgomestre seguiu-o um momento com os olhos, depois ergueu-se e tomou o caminho de volta.

X

Quando entrou em casa, anoitecia. A mulher recebeu-o com censuras, pois êle partira sem se despedir. Estava agitada e nervosa. Se bem houvesse dormido uma hora depois que o pastor a deixara, sentia-se ansiosa e indizìvelmente lassa.

— Estou exausta.

A comandanta estava sentada na poltrona de vime ao lado do leito. O burgomestre, em pé do lado oposto, ouviu em silêncio as queixas da doente. Uma penumbra cinzenta ensombrecia o quarto. A única claridade vinha do fogo, aceso há pouco.

A Mogensen entrou para dizer que o jantar estava servido.

Uma vez à mesa, a comandante pôs-se a falar com veemência do estado da irmã. Disse que a depressão de Ana Maria e sua falta de resistência não eram devidas ùnicamente aos sofrimentos físicos; acrescentou por fim — de um modo provocante — que, por exemplo, a privação da filha exercera talvez uma influência perniciosa, agravando os efeitos da doença.

Com algumas frases banais, o burgomestre evitou o assunto. Depois, havendo interrogado a cunhada sôbre as condições

sociais e políticas na Alemanha, perguntou se continuava satisfeita com a sua nova pátria.

A comandanta respondeu que, pelo menos, os grandes países tinham uma vantagem: ninguém fazia questão de talhar os outros segundo padrões convencionais, cada um podendo desenvolver-se segundo as próprias inclinações.

— E essa vantagem lhe parece realmente valiosa?

— Sem dúvida.

— Confesso-lhe que isso me espanta um pouco.

— Ah... por quê? — perguntou a comandanta enrubescendo.

— Oh!... é possível que eu não tenha compreendido bem. Sob que ponto de vista você acha que existe essa vantagem?

— Sob todos os pontos de vista. Mas eu penso sobretudo no casamento, que nas pequenas sociedades é um verdadeiro leito de Procusto, onde as mulheres mais bem dotadas são vítimas de sofrimentos que as esgotam.

O rosto sombrio do burgomestre pareceu alongar-se. Seus traços endureceram. Êle começava a compreender o que escondiam as palavras da comandanta.

— Eu não ignoro completamente — disse êle, oferecendo-lhe pela segunda vez o assado — o modo como se consideram o casamento e seus deveres na Europa moderna. Devo confessar-lhe que êsse afrouxamento de todos os liames para o qual se tende, não conta com a minha simpatia. E eu acreditava, para dizer a verdade, querida cunhada, que também você não poderia aprová-lo.

— Apesar dos pesares, prefiro isto ao tipo de fidelidade conjugal que consiste em atar-se, como uma corda, ao pescoço de sua vítima.

— E mais — continuou o burgomestre como se não houvesse escutado a última frase — não entendo bem por que você menciona apenas as mulheres como vítimas da sujeição conjugal. Se você houvesse falado dos homens, eu teria compreendido melhor. O casamento está longe de ser uma instituição ideal, confesso-o sem constrangimento. Em minha dupla

qualidade de chefe de polícia e magistrado, tive inúmeras oportunidades de verificá-lo. Infelizmente, a natureza criou o homem e a mulher tão diferentes, que é preciso muita cultura moral ou, se me permite a palavra, muita abnegação dos dois lados, para que a vida conjugal seja plenamente satisfatória.

— Ah, se fôsse apenas isso! É justamente no fato de sermos diferentes que está o interessante. Nosso desejo instintivo de nos completarmos exprime-se na paixão amorosa. E quanto maior a ilusão, maior o ardor.

Neste momento, a Mogensen chegou com a sobremesa, e o burgomestre tentou falar de outro assunto. Mas a comandante, belicosa, insistiu, querendo obrigá-lo a se pronunciar.

Êle disse então que professava o mais profundo respeito pela paixão da qual ela falava. Sem aliás partilhar de seu entusiasmo pelo ser natural, reconhecia que a paixão amorosa, em particular, era uma grande fôrça sagrada, ante a qual era forçoso que nos inclinássemos. Mas, segundo a sua própria experiência, êste nobre sentimento era com menor freqüência a causa das misérias conjugais que as pequenas perfídias de uma alma frívola, os equívocos devidos à vaidade e ao desejo de agradar. Ora, nesse campo, tinha-se o direito de dizer que eram as mulheres que se prestavam mais à crítica.

A comandante desatou a rir.

Como! Os homens também não eram vaidosos! Ainda os melhores, não se tornavam freqüentemente ridículos ou desprezíveis, em seus esforços para obter distinções ou influência? E pediam então o consentimento de sua mulher ou de sua noiva? Geralmente, um homem não entrega mais que uma parte ínfima de si mesmo à mulher que o ama. Quando, apesar disto, exige possuí-la tôda para si, controlar seus mínimos pensamentos, seus devaneios passageiros, não é isto uma tirania, uma barbárie revoltante, cruel e inumana como as prisões e os cintos de castidade da Idade Média? A única escusa para êstes sentimentos, é que, em sua própria frieza, tais homens não têm nenhuma idéia da fonte de ternura que pode esconder uma mulher, fonte que um marido e mesmo numerosos filhos não chegam a esgotar. A mulher sufoca ou explode, eis tudo, se não tem a

possibilidade, ao menos em imaginação, de ofertar o seu supérfluo.

O burgomestre respondeu com um sorriso vago, mostrando seus grandes dentes bem conservados.

— Essa concepção sôbre seu sexo, que você acaba de desenvolver, parece-me conduzir ao absurdo. Nesse caso, com efeito, a prostituta seria a mulher ideal. É aliás para isto que ela tende, pelo menos na literatura.

A comandante jogou o guardanapo na mesa.

— Oh! essa moralidade de pastor dinamarquês, como eu a conheço!

O burgomestre lançou-lhe um olhar rápido e ficou um momento em silêncio.

— *Velbekomme!*[1], — disse por fim, e levantou-se com uma ligeira saudação.

A comandante continuou na cadeira.

Não lamentava sua provocação, certa de que a irmã não tinha coisa alguma de grave a censurar. Pensava além disto que a debilidade de Ana Maria não era devida ùnicamente, segundo a opinião do doutor, ao estado de seus rins, que sempre haviam sido delicados, mas que se podia ver na doente a vítima infortunada de um homem desnorteado pelo ciúme.

A governanta desaparecera depois de haver servido a sobremesa, vexada pelo fato de o burgomestre e a cunhada haverem começado a falar alemão em sua presença.

Uma vez na cozinha, deu livre curso à sua imaginação, falando com a empregada.

— Êles tiveram uma discussão de verdade. Ela, a alemã, estava recostada na cadeira, têsa, para trás, de um modo bem pouco distinto, e o burgomestre estava com a mesma fisionomia cinzenta de quando tem as crises cardíacas. Vi que suas mãos tremiam quando êle tomou a omeleta. Ao que eu saiba, êle não ficou irritado assim, desde o dia em que Ingrid mendigou as maçãs ao filho do recebedor.

---

[1] "Grande bem lhe faça." Expressão dinamarquesa que se pronuncia ao fim de cada refeição, para agradecer à dona da casa.

XI

O burgomestre retirara-se para o seu quarto, que ficava um pouco afastado, ao lado da antecâmara. Uma lâmpada estava acesa sôbre a escrivaninha, entre as janelas; porém a maior parte do aposento estava na penumbra.

Aquela grande peça longa, de móveis sólidos, ficava entre o apartamento privado e os escritórios.

Êle pôs-se a andar de um lado a outro. O fôfo tapête abafava o ruído de seus passos. Sua sombra ia e vinha sôbre as prateleiras de livros e sôbre o grande aquecedor de porcelana branca colocado ante a parede principal.

Então Ana Maria fizera confidências à irmã e queixara-se dêle. Certamente êle poderia tê-lo previsto. Quão pouco, ainda se compreendia ela! E que contara? Que silenciara?

Um velho relógio bateu sete horas. Êle parou ante a escrivaninha, olhando com vergonha os numerosos interrogatórios, processos, inventários e relatórios deixados sem resposta. Há quanto tempo estavam acumulados sôbre a mesa?

Nada o fazia sofrer e humilhava tanto como lembrar-se do quanto havia sido pontual, minucioso, e do quanto se tor-

mara inexato, negligente. Era-lhe quase impossível concentrar-se no trabalho. Quando estava só, os pensamentos iam à deriva. Êle chegara a suportar a prova de ver dois de seus julgamentos do ano anterior, cassados pela Suprema Côrte.

O relógio da igreja vibrou sôbre a cidade suas badaladas sonolentas.

Êle ficou de pé, perdido nos seus pensamentos, a mão no espaldar de uma cadeira e o olhar voltado para a lâmpada. Evocou uma cena que remontava a dois anos e meio: Ana Maria, sentada àquela escrivaninha, escrevera, com o fito de ajudá-lo, o julgamento concernente a um grande processo de incêndio. Quanto a êle, ditava, andando de um extremo a outro da sala.

Era dois anos e meio após sua chegada à cidade. Êle recordou que Ana Maria estava ainda de luto do pequeno Kai.

A grande esperança que o fizera vir para a cidade, parecia então realizar-se. A doença e a morte do filho haviam-nos aproximado. A comum amargura, o pesar comum, a troca de consolações, ligaram-nos ternamente um ao outro; e a consciência do preço que lhes custara a reconciliação, dava à união um caráter sagrado.

No fundo, êle jamais se sentira tão feliz como naqueles primeiros anos na pequena cidade morta, onde, fora do lar, tinha a impressão de estar num país estrangeiro, do qual apenas compreendia a língua. Ana Maria atravessava um período de purificação. Dera-lhe a tristeza uma expressão admirável. Agora, dizia, que conhecera o lado grave da vida, compreendia enfim o seu valor. O luto contribuía para a nova e refinada doçura de sua beleza.

Estavam sempre juntos, iam todos os dias ao cemitério, não participavam de nenhuma atividade mundana; viviam ùnicamente um para o outro. Ana Maria, durante aquêle tempo, fôra uma excelente dona de casa. Consagrara-se inteiramente a seus deveres de espôsa e mãe.

À noite, quando Ingrid se deitava, vinha para junto dêle com seu trabalho de agulha, por causa da solidão. Sua presença não o incomodava; ao contrário, gostava de vê-la sentada no divã do escritório, e o trabalho parecia-lhe mais fácil quan-

do ouvia o pontilhado monótono de sua agulha, ou quando ela ia e vinha na peça, ocupando-se do fogo ou pondo os livros em ordem.

Um dia, havendo Hœck ferido a mão, Ana Maria propusera imediatamente secretariá-lo. Durante muitos dias, chegou a negligenciar a casa, para consagrar-se inteiramente a êle. Tendo recebido informações pormenorizadas sôbre o grande caso de incêndio, o burgomestre estava impaciente para acertar as coisas. Por fim, foi preciso trabalhar à noite para terminar a tempo, e em sua preocupação êle não se lembrou de que a mulher devia estar exausta. Ela própria não tocou no assunto; mas de súbito a pena caiu de suas mãos e ela desmaiou. Mostrou-se inconsolável, abraçou-o como se tivesse culpa da própria fraqueza, desculpou-se muito.

Nesse tempo, êle retomara de tal modo sua confiança, voltara a crer tão cegamente em Ana Maria, que não lhe passou pela cabeça a idéia de uma artimanha. Estava longe de pensar no mínimo perigo, no que concernia ao Doutor Bjerring. Ana Maria falara muitas vêzes de sua repugnância pelo médico; embora reconhecendo sua capacidade profissional, exprimia seu descontamento de tê-lo como médico da família. Foi sòmente no dia em que, voltando do tribunal, o burgomestre encontrou o doutor em visita e observou que, contràriamente aos hábitos da casa, tinham servido vinho e delicados manjares, que pela primeira vez entrou a suspeitar.

Não custou a perceber o interêsse que Ana Maria devotava pelo homenzinho enfêrmo e pelo seu destino. Observou como ela falava com freqüência — não no médico — mas em seus clientes, das pessoas que êle assistira com sucesso, do que se dizia dêle na cidade, tanto de bom como de mal. Muitas vêzes o burgomestre observou que ela se tornava pensativa escutando pronunciar o nome de Bjerring e, quando um veículo passava pela rua, podia, ocultando-se por trás de um jornal, ler no rosto de Ana Maria, voltado para a janela, que ela se perguntava se era o médico que passava no seu cabriolé.

O Doutor Bjerring fôra chamado pela primeira vez, quando o pequeno Kai adoecera. Durante êste período veio muitas vêzes, encontrou com freqüência Ana Maria sòzinha; e ali,

sôbre o leito de morte da criança, nasceu o germen daquela nova traição.

Sem dúvida, foi tardiamente que êle se deu conta dêstes sentimentos. Mas quando, passado um ano de luto, o casal Hœck voltou a participar da vida social da cidade, o burgomestre não teve dificuldade em perceber que a nova ligação se desenvolvia exatamente como as anteriores. Como sempre, Ana Maria não podia resistir aos elogios mais vulgares do médico, mostrava-se exultante com as suas conversas, mesmo as mais insípidas e, arrebatada pela imaginação, abandonava-se inteiramente àqueles devaneios romanescos. Ao mesmo tempo que se embaraçava, embaraçava novamente o espôso numa teia de afirmações misteriosas e de alterações da verdade. No fim, ela própria não mais podia distinguir o verdadeiro do falso.

Como tantas outras vêzes, êle pensou no divórcio, mas renunciou a isto, não por temer o escândalo — a opinião alheia se lhe tornara indiferente —, mas por causa de Ingrid com quem a lei não lhe permitia ficar e que, se ficasse aos cuidados da mãe, estaria fadada à perdição. Além disto, para que um divórcio? Sua vida estava definitivamente perdida, o futuro envenenado como seu passado. Cada boa lembrança fôra conspurcada. Mesmo a memória de sua mãe lhe causava vergonha. Só a morte poderia expiar o pecado, atenuar a dor e talvez, por fim, trazer-lhe o esquecimento.

XII

O burgomestre instalara-se por fim na sua poltrona e pusera-se a ler o correio da tarde, que um empregado lhe trouxera pela porta do escritório. Em meio a diversos relatórios oficiais, em grandes sobrecartas amarelas e azuis, percebeu imediatamente uma pequena carta em caligrafia infantil, que era de sua filha. Escrevia:

"Querido papai,

"Muito obrigado por permitir-me ir em casa no sábado, por causa da visita de Tia Lise. Queria saber se posso chegar na sexta-feira. Temos sòmente aulas de cálculo, geografia e trabalhos manuais nesse dia, o que não é muito importante. A Diretora me disse que permitirá a saída, se tiver sua autorização. Mil beijos para a querida Mamãe. Estou muito contente de revê-los. Da filha que muito o estima,

Ingrid."

O burgomestre suspirou, aborrecido. Lamentava ter permitido que a menina viesse. Melhor seria, decididamente, evitar relações com a tia. Em todo caso, não permitiria que faltasse às aulas da sexta-feira.

Imediatamente, apanhou o bloco de papel de cartas, para responder, quando a Senhorita Mogensen entrou precipitadamente, muito pálida. A velha e digna governanta estava tão confusa, que nem se lembrara de bater à porta.

Fôsse imediatamente. A Senhora, de repente, sentira-se muito mal. Talvez estivesse morrendo.

No primeiro instante, também êle ficou apavorado. Mas enquanto se dirigia ao quarto da doente, ocorreu-lhe que Ana Maria, de outras vêzes, fizera a mesma coisa, com a única finalidade aparente de fazer vir o médico. Hoje, ela sabia que Bjerring estava num jantar com uma certa Senhora Grabe, que passava alguns dias na casa do diretor da aduana e a quem êle estava cortejando. O burgomestre lembrou-se de que a dama em questão ainda se encontrava na cidade e devia, como o Doutor Bjerring, estar na festa de Jorgen Ovensen. Bastara isto, para agitar Ana Maria.

Mas, entrando no quarto, viu imediatamente que fizera juízo errôneo.

Ana Maria estava deitada, os olhos abertos, as pupilas vazias, e estertorava, numa crise de sufocação. A irmã, inclinada sôbre ela, sustentava seus braços trêmulos. Todo o leito vibrava.

— Mandaram buscar o médico? — perguntou à governanta, que, fora de si, plantara-se no meio do quarto, as mãos unidas.

— Sim, Jens Kristian saiu a tôda pressa.

— Mogensen, passe-me o vidro de água-de-colônia! — ordenou a comandanta. — E uma colher.

Friccionou as têmporas da irmã e desabotoou sua camisa de dormir. Após um pequeno grito rouco que atravessou a garganta serrada, sobreveio um vômito.

Pouco depois, a crise passara.

Ana Maria ficou prostrada, exânime e coberta de suor, os olhos fechados. Seu corpo era ainda sacudido por breves espasmos e ela respirava com dificuldade. Quando escutou a voz do marido, quis estender-lhe a mão, porém não teve fôrças. Deixou retombar sôbre os lençóis a mão inerte e logo mergulhou numa espécie de funda letargia.

O burgomestre ficou tão emocionado, que teve de apoiar-se contra o leito. Adivinhava que o fim estava próximo.

— Como principiou isto?

A comandante respondeu que, durante uma hora, Ana Maria se queixara de violenta dor de cabeça e opressão. De repente, vieram-lhe calafrios, acompanhados de vômitos. No meio de tudo isto, começaram os espasmos.

O burgomestre voltou-se para a Mogensen, com o relógio na mão.

— Jens Kristian sabe que o doutor está na casa de Jorgen Ovensen?

— Sim, a Senhora lembrou isto, quando começou a sentir-se mal.

Então, o burgomestre não perguntou mais coisa alguma, e durante uma dezena de minutos ninguém pronunciou uma palavra. Da rua, geralmente silenciosa, subia o rumor de passos numerosos. Gente que ia ver as iluminações do outro lado da cidade.

As queixas de Ana Maria recomeçaram. Suas pálpebras estavam erguidas. Uma segunda crise anunciava-se.

— Será que êsse médico não chega? — gritou a comandanta, desesperada.

O burgomestre olhou novamente o relógio, com a mão trêmula.

— Não compreendo. Segundo meus cálculos, êle deveria estar aqui.

— Talvez o rapaz se tivesse enganado de caminho. Mandem a empregada.

O burgomestre disse que preferia chamar um velho médico de cantão, aposentado, que habitava na casa vizinha. Se o encontrasse em casa, não levaria mais de dois minutos.

Mal atravessara o salão, tocaram a campainha. Êle se retirou imediatamente para seu quarto, enquanto a empregada ia abrir.

Ouviu o Doutor Bjerring despir o sobretudo e atravessar a sala de jantar.

Dez minutos passaram-se. Muitas vêzes, aproximou-se da porta, mas sem poder decidir-se a entrar no quarto da doente,

enquanto perdurasse o exame. Estava, aliás, fisicamente exausto, temia desmaiar. A cada instante, seu coração parava de bater, êle recorreu a suas gôtas, para manter-se de pé.

Afinal, houve um ruído de passos e bateram à porta.

— Pode entrar.

Era a Mogensen:

— O doutor quer falar-lhe.

— Mande-o entrar.

O Doutor Bjerring estava vestido a rigor e viera tão apressadamente que não se lembrara de tirar a flor da lapela. Disse apenas: — Pois é, — abrindo os braços num gesto de imenso pesar.

— Nenhuma esperança? — perguntou o burgomestre.

— Infelizmente, não.

— No entanto... talvez?

— Não, não tenho o direito de esconder-lhe, senhor burgomestre. É uma questão de horas. Mas eu já lhe disse quantas vêzes que o senhor era muito otimista a respeito.

— Eu sei. O senhor não tem nada a censurar. Apenas, eu não compreendo... isto veio tão depressa!

— O envenenamento do sangue, que eu temia desde muito, produziu-se. Pode ser fatal em bem pouco tempo. E a doente, ainda por cima, está fraquíssima.

— O senhor não poderia fazer alguma coisa... para aliviá-la?

— A Senhora Hœck tem uma poção calmante. Dei ordens para que se tenha pronto um banho quente, caso ela venha a ter novos espasmos, no que aliás não acredito. Infelizmente, não há outra coisa a fazer.

O burgomestre não fêz mais perguntas. Percebeu que o médico, impaciente de voltar à festa, tinha o espírito mais ocupado pela bonita Senhora Grabe que pela doente. E sentiu uma compaixão imensa de Ana Maria que, tendo sacrificado àquele homem a felicidade de seu lar e sua paz, morria só, como alguém cuja existência fôra uma maldição.

— Não quero retê-lo por mais tempo — disse com delicadeza. — O senhor está numa recepção.

— Oh! isto não tem nenhuma importância. Se minha presença pudesse ser útil, eu...

— Ora! Depois do que o senhor me disse, vejo que nada pode fazer.

— Passarei mais tarde. Às onze horas, aproximadamente.

— Sim, já que não precisa desviar-se de seu caminho... Quando voltar da festa.

— Sim, quando voltar da festa.

*

* *

O burgomestre voltou ao quarto da doente. Ao atravessar o salão, um forte odor de almíscar lhe veio às narinas.

Ana Maria dormitava de nôvo, mas despertou no momento em que sentiu sua presença. Abriu os olhos e olhou-o fixamente, com uma espécie de ânsia nas pupilas vidradas. Não mais podia falar. E quase não ouvia. A última palavra que pronunciara, murmurada com dificuldade ao ouvido da irmã, durante a visita do médico, fôra: — Ingrid.

A comandanta retirou-se, para deixar o burgomestre só com a mulher. Dirigindo-se à porta, afastou-se dêle de um modo ostensivo.

Retirou-se para o seu quarto, que era vizinho da sala de jantar. Os raios da lua desciam até ao assoalho, ela não acendeu a lâmpada. Tão comovida estava que não podia ficar imóvel. Sentava-se no divã, erguia-se, andava de um lado para outro, e por fim curvou-se contra o espaldar de uma cadeira, mordendo o lenço, para que ninguém lhe ouvisse os soluços.

— Assassino! Assassino! — gritava sem cessar uma voz no fundo de sua alma.

Não mais se lembrava de quando a suspeita lhe surgira no espírito; mas quando, ao jantar, percebera o sorriso vazio e espectral com que seu cunhado respondera à observação sôbre a moral nas cidades pequenas, *convencera-se* de que fôra propositadamente que êle frustrara a vida de Ana Maria, para vingar-se de erros imaginários. Matara-a conscientemente. Com a crueldade pérfida de um louco, saboreara a vingança a cada dia, vendo-a sofrer e definhar sob sua frieza e seu desdém. Compreendera que ela morria *disto*. Aquela morte era um pa-

gamento. Êle sabia que, à espôsa, viver sem amor era impossível.

A comandanta levantou-se por fim e acendeu a lâmpada. Queria partir, sem esperar a manhã. Não teria coragem de dormir sob o mesmo teto que o burgomestre, depois que Ana Maria houvesse fechado os olhos. Para não ser tentada a uma vingança, partiria assim que a morte viesse. Tomaria o primeiro trem para a cidade onde Ingrid estudava, para levar à criança a mensagem final de sua mãe.

*
* *

O burgomestre estava sentado junto ao leito; não falava, e aliás Ana Maria não o poderia ouvir. Apenas recobrara um pouco a visão. Seus olhos esgazeados fixavam-no, mas sem expressão; o olhar não mais podia implorar.

Suas mãos, suas pequenas mãos sempre agitadas, repousavam inertes sôbre a coberta. A esquerda, que estava mais próxima, tinha a palma voltada para cima, como para dirigir-lhe um silencioso pedido, suplicar-lhe que fôsse complacente.

O burgomestre não prestou atenção àquele discreto sinal de vida.

Em compensação, percebera as rosas do Doutor Bjerring, que continuavam ainda sôbre a mesa, à cabeceira da cama. Seu olhar foi igualmente atraído pela salva de prata, cheia de bombons. E lembrou-se de que Ana Maria a procurara ao saber que o médico apreciava aquêle tipo de doces, os que, desde então, jamais faltavam em casa.

As horas passavam. Enquanto se extinguiam as fontes de sua vida, Ana Maria aguardava inùtilmente um pequeno clarão do amor antigo, ou pelo menos a absolvição no rosto do marido. Por fim êle tomou-lhe a mão, e tal como estava sentado, imóvel, lívido e como ressequido, parecia também um agonizante.

A rua animava-se outra vez, cheia de rumôres, as pessoas voltavam das iluminações. Falavam com entusiasmo dos balões luminosos, dos foguetes e dos lampiões de muitas côres.

A respiração de Ana Maria tornava-se quase imperceptível. Suas pálpebras se fechavam cada vez mais. A bôca entreabria-se.

Aproximadamente à meia-noite, quando a comandanta e o doutor entraram no quarto, estava morta.

AMOR DE MOCIDADE

I

A uma meia milha, a leste da aldeia onde termino os dias de minha velhice, em paz com o mundo e comigo próprio, há um bonito lago, do qual não posso deixar de falar nestas lembranças, pois êle está ligado aos acontecimentos que decidiram meu destino.

Batizaram-no com o nome de Baldercœd, nome da comuna rural que o margina a oeste. O finado Hjort, deão das paróquias de Starup e Lihme, que amava a natureza e, além disto, era um verdadeiro poeta no bom e velho sentido da palavra, menosprezava sempre êste nome banal que, para dizer a verdade, não condiz com o inexprimível encanto do lago. Em memória de antigas lendas e histórias com que a tradição povoara as suas margens, o deão chamava-o "o lago das ninfas" ou "a cabina de banho das ninfas". Mas de tudo isto falarei mais tarde em minha narrativa.

O lago tem uma forma arredondada, bastante regular. Embora sua extensão seja considerável, só percebemos isto bem de perto, pois êle é profundamente encravado em meio de altas colinas e rodeado de imensas florestas, que, com ciúme, protegem-no de olhares indiscretos. Inúmeras vêzes, vagando

pelas imediações, perdido nos meus sonhos, recebia como que um choque elétrico ao ver, de súbito, aquela superfície entre as sombrias massas do arvoredo. Abrigado de todos os ventos, êle repousa nos braços da floresta com uma doce e inalterável beatitude, como uma mulher sorrindo apaziguada nos braços do amante. Tudo é profundamente calmo. Reina, ali, aquêle silêncio que só existe no coração das grandes florestas. De tempos em tempos, um pássaro mudo como que se precipita sôbre as águas, roça-as com a ponta da asa e desaparece na margem oposta, em meio à escuridão dos bosques.

Uma pessoa de alma impressionável, que ali esteja pelo fim da tarde, quando as sombras começam a subir vagarosamente pelos troncos e desaparece a luz, pode sentir-se aflita pela solidão do lugar e o opressivo silêncio. Sentimo-nos mal naquela imensa tumba, onde as nuvens que passam, muito longe, por sôbre nós, constituem os únicos sinais do mundo vivo. Um roçagar melancólico dos álamos, uma agitação selvagem dos abetos, fazem bater o nosso coração. O cheiro acre de madeiras podres nos revolve o estômago. O olhar vagueia de um lado a outro, neste oceano de fôlhas, cujas intermináveis ondas se erguem para o céu da tarde e cercam-nos.

Enquanto o sol afaga o tôpo das colinas e doura os mais altos domos de folhagem, já a obscuridade reina à margem do lago. Um vapor azulado sobe e flutua sôbre a líquida superfície, como um véu ondulante. E eis que de súbito o profundo silêncio é cortado pelo grito sinistro de um pássaro noturno, que vem da alta floresta. Os ratos aparecem e correm sôbre a folhagem sêca, enquanto seus irmãos alados, os morcegos, giram silenciosamente no ar, numa dança de feiticeiras cegas.

Então a noite cai e uma fantasmagoria extraordinária tem início. Dilacerantes chamados vêm da espessura dos bosques. "Socorro, socorro!" grita uma voz desesperada. Muitas pessoas dignas de fé, viajando à noite pela estrada real que a certa altura atravessa a floresta, escutaram o grito, sempre no mesmo lugar. Outras acreditam ter ouvido cães latindo e sons de trompa de caça. Outras ainda, débil chôro de criança, vindo do lago. São vozes de antigos fantasmas, do tempo em que os malfeitores povoavam a floresta e tinham suas cavernas sob as

faias; quando belas senhoras e nobres orgulhosos cavalgavam magníficos cavalos brancos, perseguiam através das clareiras o javali brilhante de suor, enquanto as môças da povoação, impelidas pelo desespêro, iam sem sapatos, esconder nas profundezas daquelas águas calmas o tenro fruto das carícias do senhor.

Nas horas em que a lua cheia voga sôbre o lago e semeia na floresta a sua prata, passam-se coisas bem mais extraordinárias, que irei contar ràpidamente, para completar a minha narrativa.

Quando o silêncio da noite é mais profundo e as sombras lunares apontam para o norte, sucede que um ramo inclinado sôbre a água afasta-se de súbito e uma forma aparece: uma mulher nua, com um diadema de vaga-lumes nos cabelos escuros. Receosa, inclina-se e olha em tôrno, um dedo nos lábios. Se tudo está em calma e ela não vê ninguém, volta-se e faz um sinal com a mão: um instante depois, uma pequena legião de alvas formas de mulher aparecem ao clarão da lua, como a primeira, nuas e com pirilampos nos cabelos.

É a hora do banho para as ninfas dos bosques. Acorrem de todos os recantos sombrios. De pé nas margens, em grupos delicados, prendem os cabelos acima das flexíveis espáduas. Depois, entram devagar, hesitantes, no banho prateado. Uma após outra, lançam os braços para a frente, enquanto a lua, velha voluptuosa, afaga-as com seus raios, a sorrir.

Pelo menos é isto o que se conta, mas eu próprio, a bem da verdade, devo dizer que jamais vi nem ouvi fôsse o que fôsse de tudo isto, e na verdade eu conheço a floresta melhor do que ninguém. Não quero todavia insinuar que tais histórias não passam de invencionices, nem que as pessoas que falam dessas coisas tenham sido vítimas de alucinações, ou, para dizer tudo, que tivessem os olhos perturbados pela embriaguez. Cada um tenha a sua opinião; quanto a mim, direi simplesmente que neste mundo é melhor não saber muito das coisas.

O que dissemos, basta.

Tem o lago seu escoadouro a leste, onde um regato, como ofegante, franqueia com grande esfôrço um caminho entre as pedras e árvores tombadas numa depressão do terreno. Depois

de marginar o lago, a estrada toma novamente o rumo da floresta e acompanha o sinuoso curso do regato. E súbito a floresta se ilumina: descobrimos com surprêsa uma grande extensão de pradarias, pontilhadas de habitações.

É a paróquia de Lihme, banhada pelo rîdente e grande rio do mesmo nome, conhecido e freqüentado por todos os pescadores de sôlhas da região. Justamente nesse lugar, o rio traça uma curva rumo à floresta, como se procurasse o escoadouro do lago: é aí que a estrada real se cruza com êle, sôbre uma ponte bastante grande, de quatro pilares.

Em face da ponte, na orla dos bosques, sob um grupo de grandes abetos avermelhados, meio mortos, fica a única habitação humana da floresta. É uma casa alcatroada, de aparência triste e decrépita; as molduras das janelas são postas de través e a cumeeira está em ruínas. Um pinheiro imemorial, calvo e retorcido, ergue-se por trás e vem cobrir o teto de palha, sôbre o qual êle pousa como uma grande mão de ogre, os dedos aduncos, tentando cravar a casa nas profundezas da terra, mas até agora havendo apenas conseguido abrir fendas no teto.

Era antigamente o albergue do barqueiro.

Outrora, quer dizer há uns trinta anos, não havia ponte sôbre o rio. Um pouco mais ao norte existia um vau, que o gado podia atravessar; quanto aos viajantes e aos veículos, deviam ser transportados para o outro lado. Para os primeiros, utilizava-se um barco; para os segundos, empregava-se uma balsa, que conduzia cavalos e veículos.

Nas estações em que os caminhos ficavam impraticáveis, sucedia que uma infinidade de veículos dos mais diversos tipos se amontoava às duas margens do rio. Havia alguns altos como casas, cobertos com toldos de lona e levando na carroceria uma caixa alcatroada, veículos de carga que não mais existem hoje em dia. Também havia charretes de açougueiros, carriolas de camponeses e até equipagens de luxo, de cocheiro empoleirado no seu alto assento e um lacaio à retaguarda. As salas baixas e fumosas do albergue ficavam cheias de gente. Nos dias de grande movimento, era preciso muitas vêzes aguardar uma ou duas horas antes de poder atravessar; muitos ficavam na casa do velho Tio Kren a cavaquear ou a jogar baralho até que a noite

viesse ou até a manhã seguinte, todos encharcando-se de ponches.

Naquela época, o ponto era famoso na Jutlândia inteira. Difícil encontrar um viajante que, indo de Thy a Hamburgo não se houvesse embriagado no albergue do barqueiro de Lihme e apalpado as gordas serviçais.

A animação maior era após as grandes feiras de cavalos de Randers e de Hjallerup, ou na primavera, quando passavam as tropas vindas do norte, tangidas para a feira de Husum. Filas que se compunham às vêzes de uma vintena de cavalos — cada um ligado por uma corda de palha à cauda do que o antecedia — atravessavam o rio a nado, e rebanhos que com muitas centenas de cabeças podiam acampar durante a noite ao pé do albergue. Se havia feira numa cidade vizinha, então era um tumulto e uma confusão sem paralelo. Homens, animais, veículos, misturavam-se entre o rio e o albergue como na praça de um mercado. Prestidigitadores e domadores de ursos erguiam suas tendas sob as árvores; realejos e meninos gritavam a mais não poder; mugia o gado e os bêbedos cantavam. Nas salas do albergue, ninguém podia mexer-se. Pastôres vestidos com peles de carneiros de Djursland e de Salling, mercadores de pesados ventres e nucas espêssas, compradores de Marsken, negociantes de cavalos vindos de Hamburgo e de Berlim, sentados em tôrno das mesas, envoltos em nuvens de fumaça de tabaco, fazendo negócios ou jogando cartas.

Inúmeras vêzes, quando esquentavam as cabeças dessa gente, já excitada por dias e dias de bebedeiras e algazarra, a atmosfera se tornava perigosa. A menor palavra ferina, uma pequena discussão de negócios, ou mesmo uma leve brincadeira com a pequena que outro houvera escolhido, podia fazer o teto vir abaixo em um abrir e fechar de olhos. Os cavalos empinavam-se em frente às viaturas, bastões nodosos e punhos fechados apareciam no ar, enquanto que mulheres e crianças corriam em direção à mata, dando gritos enormes.

Causa uma estranha impressão evocar tais cenas, quando passamos ante aquela casa abandonada que, absorvida sem

dúvida pelas recordações de sua antiga grandeza, parece fixar no vazio um olhar sinistro. Desde que construíram a ponte sôbre o Lihme, ela perdeu tôda a sua importância. Enquanto viveu o albergueiro, o velho Tio Kren, camponeses e viajantes continuaram a fazer ali uma parada, bebiam um copo, conversavam com êle e iam embora. Depois de sua morte, a casa começou a arruinar-se, em silêncio, esquecida de todos.

II

É necessário agora que, nesta coroa de lembranças, eu dedique algumas fôlhas à filha do Tio Kren. Chamava-se Ellen e, à época em que cheguei à região, como um jovem professor suplente do ensino primário, era uma jovem de dezenove a vinte anos. Alta e vigorosa, com olhos côr de avelã e cabelos escuros. Pois o Tio Kren descendia de uma família estrangeira, daqueles "alemães das batatas", como eram chamados, que Frederico V importara no cantão de Lysgaard. Kren não era muito propenso a recordar sua origem; mas quando fiquei de pé junto ao seu leito de morte, com o suor da agonia a deslizar pela sua fronte, ouvi-o murmurar preces em alemão.

Ellen era uma jovem calma e taciturna, talvez um pouco indolente por natureza e de uma inteligência mediocre. Construída a ponte, quando já não havia necessidade de empregadas nem de pequenas para animar o salão, foi ela que se encarregou de tudo. Nunca, porém, respondia a um cliente estrangeiro, mesmo se êste lhe dirigia melosos discursos. Ellen estava sempre em guarda contra quem quer que se aproximasse dela. É provável que, educada entre as alegres pequenas do albergue, visse demasiadas coisas. Suponho que sua maturidade física lhe va-

lera experiências que despertaram sua desconfiança em relação à conduta masculina. Havia em seu olhar uma certa frieza hostil. Mesmo os seus amigos nunca se sentiam perfeitamente à vontade em sua companhia.

Em segrêdo, eu me apaixonara por essa criatura grande e bela desde a primeira vez em que a havia encontrado, ou pouco depois. A pretexto de ir ver seu pai, que já então estava marcado pela morte, eu entrava muitas vêzes no albergue, embora meus superiores me houvessem advertido, inúmeras vêzes, da reputação de leviandade que tal hábito podia me custar.

Do Tio Kren, acrescentarei apenas que era o homem mais gordo que já encontrei. Em seus últimos anos, ficava sentado quase sem mover-se ao lado do fogão, em uma poltrona onde, na maioria das vêzes, êle dormia. Usava uma roupa com as mangas de pele amarelas e, na cabeça, um boné de couro de cão. Sob os pés, calçados em grandes sapatos de junco, havia sempre dois tijolos aquecidos ao fogo, constantemente renovados. Mesmo assim, tremia sempre de frio. Arrepios agitavam aquêle enorme corpo. Ao lado de sua poltrona, encontrava-se uma mesa, com um garrafão de aguardente e um copo. Cada vez que despertava, bebia um trago. Depois, olhava em tôrno de si e, se não havia com quem conversar, readormecia.

Nesse tempo, tinha ainda seus ditos de espírito e, bem feitas as contas, não sofreria absolutamente, se não fôsse a dificuldade de respirar que, algumas vêzes, lhe sobrevinha. Quando entravam estrangeiros, tornava-se alegre, jovial e conversador. Por disforme que fôsse, inclusive de rosto, os cantos de seus olhos negros e da bôca faiscavam de vida e de maliciosa alegria. Dêle se dizia muitas vêzes, e era certo, viver igualmente cheio de histórias e de copos de aguardente.

A propósito de sua ausência de sobriedade, calculei que mesmo durante seus últimos anos, não obstante seus graves acessos de febre intermitente, bebia todos os dias cêrca de litro e meio de álcool e, nas ocasiões especiais, uma quantidade bem maior. Mesmo assim, nunca cheguei a vê-lo nem mesmo um pouco embriagado. De maneira alguma o álcool afetava o seu comportamento. Seu rosto continuou liso e perfeitamente alvo até o fim. Sua obesidade decorria mais da preguiça que

da intemperança. Jamais se ausentara da estalagem, e citavam-se divertidos exemplos de seu sangue-frio e equilíbrio. Assim, durante uma das violentas batalhas de que naquele tempo seu albergue freqüentemente servia de cenário, um homem, a cabeça fendida por uma paulada, caíra por terra, morto: Tio Kren, imperturbável, voltara-se para uma das pequenas e apenas quisera saber se a vítima pagara seu ponche.

Encontrei em meu Diário as suas medidas: circunferência da barriga da perna, 28 polegadas e três quartos; das coxas, a um palmo acima do joelho, 39 polegadas; ventre, à altura do umbigo, 66 polegadas e meia; antebraço, 23 polegadas; pescoço (acima do pomo-de-adão), 32 polegadas e um quarto. A bem da verdade, devo dizer que tais medidas foram tomadas quando a hidropisia que haveria de matá-lo estava muito adiantada. Mesmo então, divertia-se com a própria obesidade, nunca se negando a permitir que se tomassem as dimensões de seu corpo, sempre que alguém estivesse curioso de verificá-las.

Sua mulher falecera no ano anterior à minha vinda, e Ellen não tinha irmãos. Os infinitos cuidados de que ela cercava o inválido constituíam um belo espetáculo. Eu a queria ainda mais por isto.

Relatarei agora minhas relações com ela, sem o que não se compreenderá o curso de minha vida.

Suplente de mestre-escola em Starup, recebi um dia de meu superior, o deão Hjort, de quem falei acima, uma carta que me convocava para a manhã seguinte. O tom da carta esquentou-me um pouco as orelhas; adivinhei que se tratava, mais uma vez, de minhas visitas ao albergue. Meu colega e também eclesiástico na paróquia, Anton Kristian Frederik Ovensen, cuja piedade espero ter descrito noutra parte com suficiente precisão, quando nos havíamos encontrado à igreja, no domingo anterior, baixara os olhos e ciciara de um modo dulçoroso, que imediatamente me despertara a suspeita de que nutria a meu respeito, malévolas intenções.

Lembro-me claramente daquele dia, como se apenas um mês houvesse decorrido. Era um dia claro, no começo de março. Um pouco de neve suja permanecia ainda nos sulcos; mas fora isto a terra estava nua. Eu ouvira dizer que haviam morto,

na véspera, uma galinhola no pequeno bosque por trás dos alagados de Bastrup, e para apaziguar minha inquietude, apanhei meu fuzil e saí.

Sabe-se desde muito que as primeiras galinholas do ano surgem nesta região. Justificar-vos-ei o fundamento dessa afirmação. É um velho costume do país que a primeira galinhola abatida, "a galinhola do rei", como é chamada, seja remetida às cozinhas de Sua Majestade, que recompensa o feliz caçador com uma soma que, no meu tempo, era de cinqüenta escudos. Ora, desde os últimos cinqüenta anos, aquele brinde fôra concedido nada menos de treze vêzes aos homens de Lihme e das paróquias vizinhas; e uma vez, em 1859, eu próprio o obtivera. É quase o único favor que já recebi do destino.

No dia de março de que falo, andei pela floresta até ao cair da noite, o coração apertado, sem conseguir pôr, para me consolar, nem mesmo uma pena em minha bôlsa de caçador. Por fim, gasta a resistência, derivei para o lado do albergue. Era-me impossível voltar para casa sem ter visto Ellen.

De fora, pude constatar, através do vidro, que ela estava sòzinha na peça. Sentada a uma mesa iluminada por uma vela, cerzia a roupa branca. A poltrona do pai estava vazia. O velho fôra deitar-se.

Havia jogado um pouco de turfa no fogo, que projetava no parquete reflexos acolhedores, e um agradável calor me envolveu quando atravessei a porta. Ellen aqueceu para mim uma xícara de café e nós ficamos durante muito tempo à mesa, sentados um em frente ao outro, como fazíamos habitualmente. Nada lhe disse da carta do pastor, nem de meus pressentimentos. Ouvíamos a respiração difícil do velho, interrompida às vêzes por uma ligeira queixa ou um gemido. A hidropisia afligia-lhe o peito. Não havia mais dúvidas, o pobre homem trazia a morte no coração.

Nunca havendo demonstrado meus sentimentos a Ellen, estava certo de que ela os conhecia e mesmo de que não lhe eram indiferentes. Tais sentimentos não precisam de palavras. Por exemplo, lembro-me de uma vez em que estávamos sentados daquela mesma maneira, na solidão da noite, a lâmpada entre nós. Esqueceu-se de umedecer os dedos antes de apagar

a candeia e queimou-se. "Arre!" disse ela, e ao mesmo tempo dirigiu-me um sorriso um pouco estranho, porque se envergonhava de sua exclamação. Em outra ocasião, desprevenida, arrotou na minha frente. Riu e fêz-se vermelha. Não sei por que, mas acreditei adivinhar que me amava muito. E mesmo, pelo modo como ela me servia o café, eu tinha a impressão de que sua alma estava voltada para mim. Não sòmente ela enchia até aos bordos a xícara, como o fazia demoradamente, talvez sem dar-se conta disto, mas provando assim que não estava absolutamente aborrecida de ficar junto a mim.

Se eu não tivera ainda a coragem de entregar-me a meus sentimentos, era por causa dos diz-que-diz. Era um homem preocupado com a minha reputação. Àh! por que não tive eu àquela época o bom senso da velhice, para saber o valor de uma reputação! O albergue da floresta, com seus habitantes, era mal-afamado entre os habitantes da redondeza. Quando se referiam a êle, era para lamentar o barulho que de tempos em tempos ainda se fazia ouvir por lá, para recordar as histórias sôbre assassinatos e lutas de que fôra teatro, a imoralidade das pequenas, etc. Do Tio Kren, falavam de um modo menos acre, divertiam-se com êle, mas olhavam-no um pouco de cima, por causa de sua origem estrangeira. Por pouco não metiam os dois, êle e sua filha, no mesmo nível das pessoas de má fama.

Naquela noite, meu coração batia na garganta; eu tinha dificuldade de falar. Falamos da doença de seu pai e de coisas banais. E assim passou o tempo, sem que nos apercebêssemos disto. Eu via que o pensamento de Ellen estava longe de suas palavras e de seu trabalho de agulhas, embora ela movimentasse as mãos com rapidez. Desde algum tempo, parecia prêsa de uma grande angústia. Cada vez que um rato atravessava o celeiro ou que o fogão rosnava um pouco, ela estremecia. Além disso, tinha o rosto cansado, mas quando lhe perguntei se estava doente, respondeu com um *não* sêco e breve. Como poderia eu deixar de sentir-me preocupado? Embora forte, ela estava sem dúvida esgotada pelos cuidados que exigia o estado de seu pai, as noites de vigília e os trabalhos domésticos.

Havia uma hora que estávamos juntos, quando chegaram dois mercadores de lã e, com enorme ruído de botas e cajados,

atiraram ao chão as suas cargas e pediram hospedagem por uma noite. Sem falar, Ellen deixou o seu trabalho e acendeu no fogão uma pequena tocha, para mostrar aos recém-vindos o caminho de um dos quartos, no extremo oposto da casa. Tio Kren foi despertado pelo rumor. Puxou a taramela do leito, perguntou quem chegava e disse que estava com sêde.

Preparei-me para voltar ao meu aposento solitário. Levantando-me da cadeira, perguntei-me quando voltaria a ter de nôvo o privilégio de ficar sentado ali e sentir-me feliz. Meu olhar caiu sôbre Ellen que, de cócoras, reavivava o fogo. A claridade das brasas iluminava-a tôda; ela parecia vestida num manto de ouro. Foi como uma aparição, uma revelação. Pensei no conto da Gata Borralheira e, durante um breve segundo de beatitude, sonhei que Ellen era uma princesa encantada.

Dirigindo-me para a saída, vi que os dois mercadores, que continuavam a descarregar sua bagagem, observavam-me com os cantos dos olhos, sorrindo, como se olha para os bêbedos. No mesmo instante, percebi que não estava seguro das pernas. Pela primeira vez em minha vida, senti-me prêsa das grandes fôrças da natureza. Constatei em mim o que se diz do fogo: começa por um breve clarão fosforescente e em breve se transforma em flamas ávidas.

Enquanto seguia o caminho de volta sob a noite estrelada, fui franco comigo mesmo. Disse-me: é inútil lutar contra o destino. Reconheço perfeitamente que abriria mão de minha honra, se desposasse a filha do Tio Kren. Percebia que arriscava inclusive o meu emprêgo, minha condição de funcionário da Igreja, e em minha opinião era sôbre isto que o deão Hjort desejava chamar minha atenção. Mas também vi, sem dificuldade, que qualquer argumento seria em pura perda. Os demônios do amor me possuíam. Meus braços exigiam aquela grande e vigorosa mulher, eu estava pronto a pagar o preço necessário para satisfazer a sêde de meu sangue. Creio que se fôsse pedida aquela noite, a salvação eterna de minha alma, eu a mandaria para o inferno sem hesitação, com alegria, contanto que Ellen fôsse minha.

No dia seguinte, após a aula, mudei de roupa e pus-me a caminho para Lihme. Mas antes de dizer qual o resultado de

minha entrevista com o pastor Hjort, quero falar-vos um pouco dêsse homem que, não obstante sua grande fragilidade espiritual, amei e respeitei de um modo incomum.

Antes de tudo, algumas palavras sôbre seu aspecto físico. Era, senão um gigante, pelo menos de estatura respeitável, espáduas largas, corpulento, e tão sanguíneo que, muitas vêzes por ano, era necessário aplicar-lhe sanguessugas. Certamente fôra muito belo em sua juventude. Agora, homem maduro, tinha um grande rosto rubicundo, gordo, com um nariz violáceo e enorme duplo queixo. Não usava barba e sua calva luzia como um utensílio de cobre. Os restos de uma cabeleira sedosa e encaracolada desciam até os ombros. Entretanto, o que mais chamava a atenção, eram seus pequenos olhos. Um dêles era um pouco vesgo, mas ambos fulguravam de vida e de alegria.

Casara-se com mulher bastante rica e tinha apenas uma filha de modo que podia viver na medida de seus desejos. Caçava ainda, e no conjunto possuía uma natureza verdadeiramente poética. Interessava-se particularmente por tudo que concernia ao teatro e à música. Possuía uma bonita voz e dizia-se que na juventude quisera seguir uma carreira artística. Quando atôres ou cantores davam representações ou concertos na cidade, tinha prazer em fazê-los vir ao presbitério, onde os tratava tão bem, que por vêzes se fazia necessário reconduzi-los em charretes acolchoadas com palha.

Aqui, atinjo uma de suas debilidades, que a verdade me impede de ocultar: era um grande amador dos prazeres da mesa. Dizia-se que possuía a mais bem abastecida adega da paróquia e que, todos os dias, ao jantar, consumia numerosos copos de excelente vinho. Mesmo nas festas de batizado ou de casamento no campo, não recusava absolutamente as bebidas ordinárias que lhe ofereciam, e algumas vêzes, que Deus o perdoe, êle bebia em excesso. Aquêle homem, cheio de si na vida quotidiana, nunca estendendo mais de dois dedos a seus paroquianos, e nem isto a seus subordinados, podia em certas ocasiões perder a dignidade e mesmo tornar-se importuno com as mulheres. Sucedia-lhe, não raro, beber a ponto de desmaiar. Mais de uma vez, estendi a lanterna, enquanto quatro homens o conduziam ao presbitério, envolvido em lençóis, e o depu-

nham sôbre o leito de um pequeno compartimento de cavalariça, junto à porta de entrada, que êle instalara com essa finalidade. E desde que revelei isto, devo acrescentar que no dia seguinte era capaz de subir ao púlpito como um verdadeiro soldado de Deus, purificado pelas orações, sinceramente arrependido, e falar de um modo tão caloroso e comovente que todos os paroquianos saíam reconfortados.

Era sempre amável para comigo, talvez porque eu nunca houvesse deixado perceber que o vira em seu estado de aviltamento. Além disto, tínhamos na caça e na música domínios dentro dos quais podíamos nos entender. Êle sempre me elogiava, quando me ouvia cantar na igreja.

Em compensação, não suportava a presença de meu colega Ovensen. Êste sentimento de aversão não se manifestou nunca por palavras, revelando-se na sua fisionomia e pelo tom de certas alusões, como no dia em que o deão falou das pessoas que "fediam a piedade".

Quando, naquela tarde, entrei no presbitério, êle estava de pé nos degraus, atirando ervilhas aos pombos. "Ah! aí está você", exclamou, depois pediu-me que o acompanhasse ao seu gabinete de trabalho. Logo senti que era o prelado que falava nêle. Seu tom era sêco, êle encheu o cachimbo e procurou acendê-lo, sem oferecer-me uma cadeira. Foi sòmente depois de acomodar-se ante sua escrivaninha, que me disse: "Sente-se."

Então, começou a verberar. Queixavam-se de minha conduta. Urgia que eu rompesse minhas relações com os albergueiros da floresta, relações que escandalizavam os paroquianos. Se isto continuasse, ver-se-ia obrigado a afastar-me das funções.

Escutei-o em silêncio. Quando terminou, perguntei com a humilde deferência de um culpado, se não teria a sua aprovação, caso desposasse a filha do Tio Kren.

Êle não ficou tão surprêso quanto eu esperava. Tirou duas ou três fumaças do cachimbo e disse:

— É então você o pai da criança que ela está esperando.

Jamais esquecerei aquelas palavras. Com tôdas as suas entonações, soam ainda em meus ouvidos, como se acabassem de ser pronunciadas. Lembro-me também nìtidamente de minha

primeira impressão. Primeiro, sorri. Mas logo senti-me ofendido e pedi satisfações ao deão, por ter falado tão levianamente de uma jovem a quem eu amava. Fiquei tão fora de mim que dei murros na mesa e o chamei de caluniador, até o instante em que recordei a palidez de Ellen, na véspera, e as maneiras estranhas, agitadas, cheias de angústia, que desde algum tempo eu observava. Então, cheio de dúvidas, calei-me. Um suor frio correu-me pelo rosto, senti-me a ponto de cair por terra.

O deão levantara-se. Devia ter compreendido o que se passava comigo, pois de repente mudou de atitude. Pôs a mão em meu ombro e não foi mais um superior exigente, um prelado severo e cheio de zelos, mas um homem de coração amigo e complacente.

— Thyssen — exclamou — você é uma criança grande. De agora em diante, precisa ser homem.

III

Naquela época, vivia na região um tipo curioso, conhecido em todos os lugares, mas em particular na Jutlândia oriental e na ilha de Fiônia. Tinha uma porção de apelidos. "Arrenegado", "Diabo Vermelho", e "Jacob Mascate", eram os mais conhecidos.

Era um pagão; olhava-nos de través e ria à socapa quando alguém pronunciava o nome do Senhor.

Tinha uma constituição estranha: pequenino, sêco como um grilo, curto de pernas e braços. Cabelos vermelhos, crespos, semelhantes ao pêlo de um carneiro nôvo; seu rosto amarelado era cheio de sardas; sua bôca, verdadeira fauce, com dentes ótimos. Os olhos azuis tinham as pálpebras inchadas e vermelhas.

Não habitava em lugar nenhum. Trotava — ou melhor, corria — o ano inteiro de aldeia em aldeia, uma grande caixa de madeira negra suspensa ao dorso por uma correia. Suas pernas agitavam-se continuadamente, lembravam um moinho, e sem interromper-se, êle dirigia a todos que encontrava o mesmo apêlo jovial:

— Chegou Jacob! Olhem as fitinhas e laços para a pequena Kjesten! Fumo de mascar para a tia velha! Sabão de leite de amêndoas e água de cheiro! Tudo que o coração deseja: óculos, bombons, agulhas, penas, tesouras, facas...

Antes de terminar a cantilena, afastava-se, no seu andar de pássaro. Nos campos, interrompendo o trabalho, os homens observavam-no sorrindo, porém desconfiados. Olhavam a grande caixa de madeira negra, que oscilava sôbre o dorso daquele pigmeu; êles conheciam o feitiço que esta caixa exercia sôbre as mulheres; e temiam sempre descobrir, à noite, que seus botões de prata e outros valiosos objetos tivessem sido substituídos por enfeites em moda ou mercadorias semelhantes, sem nenhuma utilidade... Quando êle entrava numa casa, as mulheres o acolhiam com reserva, punham-se à distância; mas, aos poucos, ninguém era capaz de resistir à sedução mágica que emanava de sua arca.

Chegando a uma aldeia, escolhia como ponto, sem para isto solicitar permissão, a melhor das salas, numa das fazendas maiores e mais bem situadas. Entrando, mal cumprimentava, punha-se a cantar como se estivesse em casa, e a tirar suas mercadorias, sem dar ouvido aos protestos. Ao espalhar-se a notícia de que "Jacob Mascate" estava no lugar, dir-se-ia que uma febre se apossava das mulheres. Quantas coisas faltavam em suas casas! Uma precisava com urgência de óleo para os cabelos, outra, plumbagina, uma terceira não podia mais passar sem colchêtes. Nenhuma confessava que, na realidade, estava interessada mas era nos anéis, nos broches, nos alfinêtes dourados e nas rendas de Tonder que Jacob trazia em seu baú, mercadorias alemãs, vindas de contrabando, em meio às outras, que não passavam de pretexto: graças a elas, Jacob introduzia suas preciosidades.

— Procurem a porca e encontrarão os porcos — dizia em sua voz rouca e jovial, quando os clientes começavam a chegar; seus olhos cheios de cobiça percorriam a carnação das numerosas mulheres que, aos poucos, se acotovelavam em seu redor, como tomadas por uma espécie de loucura. Com a mão

sardenta, erguia no ar um broche ou um anel enfeitado com um pedaço de vidro colorido, que êle fazia cintilar, gritanto:

— Aqui está a herança de uma rainha! Safiras! Rubis! Venham ver... e quanto vai custar tudo isto? Adivinhem. Cinqüenta magros escudos! nem um maldito real a mais! Jacob é talvez judeu, mas negocia como um cristão. A caridade é a minha regra nos negócios. Cinqüenta escudos pela jóia de uma rainha! É mais do que barato!... Mas por qual razão vim negociar *aqui?* Por *tua* causa, Maren, por *ti,* Karen, por *ti,* Sidse.

Ternamente, mostrava o objeto a uma velhinha rechonchuda ou a uma adolescente receosa e continuava: "Por causa de teus belos cântaros de leite..." ou: "Pelos teus belos olhos, podes ficar com êle por trinta escudos... não, por vinte... não, estou perdendo o juízo. Ofereço-o por dez escudos... por cinco. Ah! Começo a ficar completamente louco!"

Aqui êle arrancava mechas de cabelos vermelhos, como desesperado.

— Por três escudos Jacob vende esta maravilha, ouro e rubis! Por três escudos, é o que digo! Que disse? Três escudos? Não! Por dois escudos e meio. Quero fazer penitência... Vendo por dois escudos.

Assim continuava, aturdindo os clientes com seu falatório e baixando sempre o preço, até fazer com que algum dos presentes, acreditando realizar um negócio vantajoso, mordesse a isca. Ousado em seus gracejos, fazia alusões tão licenciosas, que não se compreende como uma mulher honesta pudesse consentir em ouvi-lo. O pudor feminino nos reserva surprêsas bem estranhas. Escutava-se sempre, junto dêle, risos abafados, mas tudo isto acentuava o desejo de comprar e, afinal, aumentava a fascinação que êle exercia. Era justamente com isso que contava.

No entanto, havia quem ficasse em casa, portas fechadas, quando o mascate estava na aldeia, e mães severas conservavam as filhas junto a si até o momento em que estivessem seguras de que êle, desde muito, ultrapassara os limites da paróquia. Tais pessoas acreditavam que Jacob escondia em seu baú mis-

teriosos filtros de amor, do qual fazia uso criminoso, para influenciar as môças e as mulheres casadas, sem que estas pudessem perceber.

É possível. Pelo menos sucedeu mais de uma vez, em seguida a certas noites passadas numa aldeia, e havendo Jacob reencetado, desde o amanhecer, sua peregrinação campestre, que em seu aposento solitário, uma adolescente infeliz, sentada no leito, envergonhada e inquieta, esfregasse as mãos desesperadamente no peito e na cabeça, sem compreender que sortilégio a houvera desgraçado.

Todos os anos, por volta do Natal, Jacob aparecia nessa região e alojava-se no albergue do Tio Kren. Ora, no fim do ano, muitas vêzes, há dias seguidos de chuva ininterrupta, que tornam impraticáveis os caminhos da floresta. Era bastante saber-se que um veículo caíra nas armadilhas feitas pelos atoleiros, para que todos os outros não mais avançassem, à espera de que o gêlo endurecesse.

O albergue, geralmente animado, ficava durante êsses dias solitário e triste. Dois ou três camponeses da vizinhança que ali vinham beber, algum negociante ou vendedor de lã da região, eram, juntamente com seus moradores, os únicos a serem vistos na pousada.

Jacob aparecia nessas horas, trazendo consigo a vida e a alegria. Embora não tomasse jamais bebidas fortes, não cessava de falar durante tôda a noite, tantas eram as histórias que sabia contar. Devo dizer, para minha vergonha, que fiquei eu próprio certa noite, até altas horas, divertindo-me com seus ditos picantes, que muitas vêzes obrigaram Ellen e as serviçais a esconder-se, vermelhas, por trás de suas rocas.

Mas chega de falar sôbre êsse pagão maluco. Fôra êle que infelicitara Ellen. Que Deus lhe perdoe os diabólicos artifícios empregados para submeter ao seu desejo aquela môça vigorosa e firme. Pois, hoje, ainda estou absolutamente convencido de que ela não cedeu em plena consciência aos seus rogos, quero dizer, ela devia estar surprêsa e enfeitiçada. Não sei se realmente existem secretos meios de turvar o cérebro e entregar o ser humano à violência dos apetites sensuais. O fato de que a poesia popular de todos os países e de todos os

tempos tem falado de filtros do amor e de assuntos semelhantes poderia levar-nos a crer que sempre existiram. Em todo caso, não parece necessário supor que existam verdadeiramente, para explicar a ausência de vontade do coração humano em luta com as paixões. Sim, é exato. O amor é uma possessão. Ninguém conhece a sua origem; seus meios, ninguém conhece; e ninguém tem remédio contra êle. Chegando e desaparecendo segundo leis obscuras, incompreensíveis, inunda-nos de uma espécie de misterioso terror. É ao mesmo tempo o prazer e a maldição de nossa vida, nossa delícia e eterno sofrimento, nosso paraíso e nosso inferno.

Fiquei fora de mim, quando as palavras do deão Hjort sôbre o estado de Ellen me foram confirmadas por outros e percebi as coisas claramente. Nos dias que se seguiram, muitas vêzes tirei o fuzil da parede, com a intenção de usá-lo contra mim. Também acalentei o projeto de deixar a escola e tudo para trás, e partir no encalço daquele sedutor, abatê-lo como a um cão danado. Entretanto, graças à autoridade do deão, tranqüilizei-me aos poucos.

Não queria revê-la. Durante mais de duas semanas, conservei-me o mais longe possível do albergue. Uma noite, ela mandou-me chamar: seu pai estava pior e desejava falar-me. Além disto, ela não tinha coragem de ficar com êle a noite inteira. Imediatamente, parti. Encontrei-a à entrada: ouvira-me chegar.

— Ah, Thyssen! — foi tudo o que disse.

À claridade da lâmpada, vi imediatamente o que outros desde muito percebiam; porém baixei os olhos, aparentando nada haver notado.

— Por que nunca mais apareceu? — perguntou, mas compreendi pelo tom de sua voz que ela não desconhecia o motivo. Por isto, não lhe dei resposta.

O Tio Kren estava deitado e gemia surdamente. À tarde, viera o pastor e ministrara-lhe os últimos sacramentos; isto não o acalmara. Estava mudado; o médico sangrara-o na véspera e seu rosto aparecia lívido. Tentou inùtilmente falar-me; respirava com dificuldade. Seu peito subia e descia, como o fole de um órgão. Adivinhei, afinal, que me pedia ler-lhe alguma coisa.

Tomei a Bíblia, que aliás trouxera para isto, e comecei uma epístola de São Paulo. Mas êle me deteve com um gesto e mostrou com o dedo um aparador sob o fôrro do teto. Aí encontrei um velho livro de orações suábias; e então compreendi por que exigira que chamassem a mim. Não lhe era estranho, com efeito, que eu conhecia bastante bem a língua de seus antepassados.

Para que pudesse escutar o que eu lia, era-me necessário ficar ao pé do leito. Ellen estava de pé às minhas costas e sustentava a lanterna. Estávamos, portanto, tão juntos um do outro que eu percebia o pulsar do seu sangue e o movimento de sua respiração. Assim, eu não fixava a atenção no que lia. E talvez nem ouvisse minhas próprias palavras. Estas, porém, exerceram um efeito extraordinário sôbre o pobre velho. De súbito, ficou tranqüilo; sim, por fim, de feições terrosas, olhos cerrados, transfigurou-se, enquanto repetia palavras estrangeiras. Dir-se-ia que o som daquelas orações especiais, que provàvelmente escutara na infância, da bôca de sua mãe, abria as grandes portas do Paraíso àquele grande pecador e trazia a paz ao seu coração.

Entregou a alma às cinco da manhã. Não ouvimos senão um único suspiro. Desci-lhe as pálpebras, cruzei-lhe as mãos. Quando percebemos, Ellen e eu, que éramos agora os únicos na casa, não mais fomos capazes de olhar um para o outro. Refiz o caminho da aldeia e dirigi-me à igreja, onde toquei os sinos pela alma do defunto.

Voltei mais tarde e, com a ajuda de Ellen, vesti o morto. Mas de súbito ela abraçou-se a mim, soluçando com violência. Senti que suas lágrimas não eram causadas apenas pela morte de seu pai. Ela também chorava por si mesma e pela nossa felicidade perdida.

IV

Desaparecido o Tio Kren, a pousada, antes concorrida e alegre, caiu no esquecimento. Cada ano era mais triste o seu aspecto. Nas velhas paredes, urtigas brotavam, escondendo por completo o embasamento. No interior, por trás da porta fechada e dos vidros de côr, Ellen passava o resto de seus dias, como enterrada em vida.

Apossando-se daquela jovem cheia de orgulho, a má fortuna não mais a abandonou. Alguns meses após a morte do velho Kren, ela deu à luz a uma menina, que tomou o nome de família da mãe e o prenome de Martha. "Um dos piores partos que já testemunhei", disse a parteira. Durante vinte e quatro horas, Ellen estêve entre a vida e a morte. Conservou a vida, mas ao fim de alguns dias o leite, que lhe subira à cabeça, enlouqueceu-a. Seu espírito, é certo, sempre fôra meio lento; e foi por causa disto, creio eu, que seu sedutor pôde exercer sôbre ela um tal poder. Em seguida, Ellen mergulhou numa espécie de embrutecimento, não mais se lembrava do que lhe sucedera e tartamudeava como um bêbedo. Causava pena.

Não obstante as repreensões e conselhos do deão Hjort, ainda me encolerizava, quando me sucedia pensar no desagra-

dável judeu. E não teria receio de lhe dar o merecido, se naquela época êle surgisse à minha frente. O bom Deus, entretanto, protegeu-me de manchar as mãos em sangue humano. Jacob nunca mais apareceu na região. Talvez lhe houvessem falado das ameaças que eu abertamente fizera contra a sua vida. O Senhor tomou a Seu cargo a minha vingança. Alguns anos mais tarde, Jacob foi roubado e morto por salteadores de estradas, em Vissenbjerg.

O Tio Kren morrera pobre; deixara em espécie o suficiente para o seu entêrro, nada mais do que isto. Mas oito hectares de terra pertenciam ao albergue, e o que restava da razão a Ellen, permitia-lhe cuidar de uma vaca e alguns poucos carneiros. Afora isto, ela e a criança viviam do que lhe ofereciam os passantes. Triste sorte. E vê-la assim era tanto mais penoso, quanto nada podíamos fazer.

Habituara-se a sair da cama muito tarde; e em geral não se vestia, indo e vindo em camisa de dormir, os cabelos soltos, despenteados, parecendo ocupadíssima e sem nada fazer. Não saía nunca. Durante anos, não atravessou uma só vez a porta. E por causa da vida sedentária, seu corpo muito desenvolvido, veio a tornar-se quase tão disforme quanto o do pai. Não esconderei o fato de que bebia um pouco, o que certamente contribuía para sua obesidade.

Na maior parte do tempo, nada quebrava a monotonia de sua lamentável existência de fantasma. Regularmente porém, ao fim do dia, alguns pobres diabos apareciam no albergue e sentavam-se em tôrno da velha mesa da sala. Eram os últimos adeptos da garrafa, que se reuniam antigamente em tôrno do Tio Kren, cinco ou seis rebotalhos da região, que ao cair da noite, faziam dali uma espécie de clube e esvaziavam em comum uma caneca de aguardente. Como por vêzes eu estava presente, com a finalidade de cuidar um pouco da pequena Martha, posso dar alguns pormenores sôbre os membros daquela curiosa seita.

Havia antes de tudo o velho Morten, o caçador, do qual direi apenas que era o homem mais apegado à aguardente que jamais conheci; via-se claramente em seu rosto e sobretudo em seu nariz cheio de borbulhas, semelhante a uma enorme fram-

boesa. Não era, entretanto, um autêntico beberrão. Nunca poderia absorver tanto álcool quanto o Tio Kren. Mas sentir sôbre a língua o gôsto da aguardente, viera a tornar-se para êle uma necessidade vital. Quando tomava o copo, apenas umedecia os lábios, para recomeçar após alguns instantes. Quando as circunstâncias o forçavam a um pouco de abstinência, mesmo que fôsse durante meia hora, sentia-se perdido. Acompanhei-o numerosas vêzes na caça ao corvo, e observei que a cada momento êle tirava às escondidas uma garrafinha do saco e levava-a à bôca. Mesmo durante a noite, tinha sempre à mão essa garrafa. Excelente homem, muito ativo, era aquêle seu único defeito. Segundo nos dizia, estivera doente uma só vez, e nesta ocasião ludibriara a morte, vencendo-a pela sua fôrça de vontade. O médico visitara-o e dissera que o seu caso era perdido; amedrontado, passara a noite inteira sem dormir. De súbito, lembrara-se de ter adquirido, há muito tempo, num leilão, um líquido para conservar os ovos, e pensou que se tal líquido podia conservar os ovos frescos durante todo o inverno, também podia socorrer um homem. Fêz com que procurassem a garrafa e bebeu metade do seu conteúdo; pouco tempo depois, sobreveio uma terrível transpiração, que lhe salvou a vida.

Dos outros freqüentadores do cabaré de Ellen, citarei Lars Kyndby ou Lars-o-Caolho, como era conhecido desde que perdera, numa batalha, o ôlho direito. Tinha o aspecto de um gigante, embora paralítico e recurvo, com uma perna defeituosa, que o obrigava a andar de muletas. Estava sempre de bom humor e, não obstante a enfermidade, era perigoso quando encolerizado. Entretanto, era também um bom sujeito, de quem terminávamos gostando. Um dia, quando acabara de cumprir um ano de cadeia por crime de agressão, perguntei-lhe o que dizia sua mulher a respeito. Riu à sua estranha maneira, riso que lembrava o grave ronco de um porco, e respondeu-me:

— Não importa, Lars, disse-me ela, contanto que o coração esteja puro.

Posso testemunhar que essas palavras não eram uma fanfarronada. Sua vida familiar era feliz, amavam-no sua mulher e filhos, conhecidos e amigos o admiravam, temiam-no todos que não o conheciam.

Os outros fregueses eram Anders Kaagmand, o surdo, o pequeno tecelão Zacharias e o velho músico Frants Mikkelsen. Por fim o melancólico canteiro Sœren, que dizia sempre: "Ah! meu Deus!" quando se sentava e: "Senhor Jesus!", quando bebia; de sua bôca, não houve jamais quem escutasse outra coisa além dêsses profundos suspiros e outros da mesma natureza.

Foi nessas condições e no meio dessa gente que a pequena Martha cresceu.

Eu amara esta criança mesmo antes de seu nascimento; sim, posso dizer que com as imperiosas exortações do deão Hjort, foi êste sentimento que me sustentou durante meu grande desapontamento amoroso, um sentimento que de comêço eu não compreendia bem, mas que ao mesmo tempo, em minha solidão, trazia-me um contentamento profundo. Qualquer coisa em mim exigia uma parte daquele pequeno ser humano, do qual eu poderia ter sido o pai, não fôsse uma casualidade detestável e funesta.

Ninguém deve admirar-se de que, inúmeras vêzes, eu tenha desejado subtrair a criança àquela mãe doente e a suas companhias, para oferecer-lhe um lar melhor e mais claro. Infelizmente, a pobreza absoluta, que foi sempre a maldição de minha vida, tornava-me impotente em face dos perigos que a ameaçavam. Acabei por imaginar que êstes perigos não existiam. O instinto de conservação assim nos fecha os olhos ante as infelicidades que não temos meio de evitar. Se os sêres humanos não possuíssem essa faculdade de tornar-se cegos, ou pelo menos míopes, o pensamento dos entes queridos, a inquietação que nos causam seus destinos, desencorajariam inevitàvelmente todos aquêles que são capazes de amar.

À medida que a menina crescia, aumentava a semelhança com seu pai. Tinha cabelos vermelhos, era pintada de sardas, tornou-se magricela, porém vivaz em todos os seus movimentos e infatigável como um esquilo. De sua mãe, apenas herdara os olhos. Eram grandes, escuros e profundos. Plantados alto nas órbitas e rodeados de cílios claros, assemelhavam-se ao lago da floresta, nos dourados dias outonais, quando os cimos das árvores projetavam, nas águas cinzentas e calmas, suas sombras.

Enquanto criança, foi por assim dizer entregue a si mesma; corria na floresta ou, sentada à margem do rio, pescava miúdos peixes com as mãos. Algumas vêzes, esquecida pela mãe, eu a encontrava longe de casa. Todos os animais dos bosques e dos campos eram seus companheiros de brinquedo. Subia às árvores, para olhar os ninhos dos pássaros. Revolvia as fôlhas mortas, à procura de ratos. E não era gentil. Se encontrava um sapo esmagado num sulco da estrada, examinava-o sem piedade e acabava atirando-o longe a pontapés. Quando eu lhe explicava o que havia de repreensível no seu ato, fixava-me com seus olhos grandes, sem compreender. Não gostava de conselhos. Sempre que eu tentava repreendê-la, soltava minha mão e ficava amuada.

Aos sete anos, entrou para a escola. O albergue da floresta dependia da paróquia de Lihme, de modo que a menina ficava sob a direção de meu inimigo, o Senhor Ovensen. Os filhos dos fazendeiros ricos não se aproximavam dela; e mesmo os que viviam em condições análogas, afastavam-se daquela esquisita colega, sôbre quem contavam tantas fábulas, envolvendo sua origem, e cuja selvageria e reações imprevistas duplamente os atemorizavam.

Como todo mundo, Ovensen conhecia meu amor pela menina: por isto, fazia-a sofrer e humilhava-a. A circunstância de que a inocente criatura fôsse perseguida por minha causa, ligava-me ainda mais profundamente a ela. Aliás, não creio que a menina tivesse a impressão de ser injustamente tratada. Pelo menos, era o que fazia supor. Tôdas as coisas deslizavam sôbre ela, havendo bem poucas que a atingiam. Não obstante seu caráter caprichoso e no fundo violento, ela aceitava alegremente os golpes da sorte, mostrando-se sempre feliz e cheia de alegria, quando eu chegava ao albergue, depois da aula.

Meu velho coração ainda bate, se a revejo correndo ao meu encontro, como um cabrito, quando me ouvia atravessar a ponte. Quando entrávamos na sala, tomava-me com vivacidade a bengala ou o fuzil, para guardá-los num canto. Em seguida, pulava sôbre meus joelhos e enfurnava as mãos com alvorôço em todos os meus bolsos, onde quase sempre eu escondera uma preciosa e insignificante lembrança, um bombom ou algumas

ameixas. Enterneço-me ainda, evocando as boas horas que passamos conversando. Vejo com que sorriso escrutador puxava minha barba, da qual finalmente arrancava verdadeiros punhados; escuto seu riso malicioso, quando enchia minhas narinas de terra ou de papel, para fazer-me espirrar.

No verão de seus treze anos, era quase uma mulher, os olhos dos homens acariciavam com prazer seu corpo flexível e firme. Com seu colête vermelho de mangas curtas, sua pele tostada pelo sol e sua cabeleira abundante, era irresistível, apesar de ruiva e cheia de sardas. As pessoas que, passando pela estrada num veículo, viam-na de pé no limiar da porta em sua posição favorita, um dos pés nus erguido para trás e seguro pela mão, voltavam-se involuntàriamente para olhá-la; e à medida que se definiam as suas formas, viajantes detinham-se, com freqüência cada vez maior, para beber um copo de leite ou uma xícara de café na sala do albergue.

Os clientes que ali apareciam sempre à noite, foram seus bons amigos. Talvez fôsse junto a êles que se sentisse mais feliz. Eu ficava triste — e, confesso-o com franqueza — ciumento de ver com que satisfação ela tratava aquêles companheiros. A linguagem vulgar, as discussões e as pragas, sim, mesmo a embriaguez dos homens e suas histórias inconvenientes divertiam-na, e ela ria com gôsto, seu riso agudo e claro. Afeiçoara-se principalmente a Lars-o-Caolho, a quem também permitia grandes liberdades, como beijá-la e acariciá-la. Eu tinha esperança de que as coisas seriam diferentes, quando ela ficasse môça; todavia, isto não sucedeu. Martha podia ficar sentada durante tôda uma longa noite de inverno, a escutar, exultante, a tagarelice daqueles tipos meio embriagados. Confortàvelmente recostada em sua cadeira de palha, os pés erguidos e os dedos entrelaçados em tôrno dos joelhos, assim ficava, os olhos piscos, inflamados pela terrível fumaça dos cachimbos, um largo sorriso, quase cruel, alargando de maneira estranha seus lábios côr de sangue. Nunca se divertia tanto como nas noites em que sua mãe também estava bêbeda, o que infelizmente sucedia com freqüência cada vez maior. Ela chamava-a então "a porca" e ria de tudo o que Ellen fazia naquele triste estado.

Com profunda tristeza, fui testemunha dessa destruição moral. Pressentia a que miséria semelhante vida levaria fatalmente a criança; e no entanto era-me impossível, sempre, tirá-la dali.

Aos dezesseis anos, Martha já estava noiva. Lars-o-Caolho, Frants Mikkelsen e os outros velhos companheiros de farra do avô, tinham-se arvorado em tutôres e escolhido, como "prometido" de Martha, um parente de Anders Kaagmand. Era um açougueiro chamado Jesper Andersen, um alto e forte rapagão de vinte e dois anos, com um pescoço de touro e uma reputação não muito boa em tôda a redondeza, onde, por causa de seu corpo desajeitado e pesadão, chamavam-no "o Barril". Seu rosto, com uns pequenos olhos desconfiados que tudo observavam com descaramento, nunca me fôra simpático. Êle se punha, agora, a freqüentar cada vez mais o albergue, em companhia de outros freqüentadores noturnos, e a mim bastava-me olhá-lo para saber que me odiava. Alguém, decerto, lhe dissera que eu me empenhava, na medida de minhas possibilidades, para dissuadir mãe e filha daquele casamento.

Todavia eu não chegava a coisa alguma, Martha se mostrava de uma indiferença perfeita. Desde que era preciso casar, dizia-me, não lhe importava com quem. Jesper, Peter, Kristian: a diferença entre uns e outros era tão insignificante, que não valia a pena escolher êste ou aquêle. Havia, é certo, um jovem moleiro que lhe declarara seu amor e de quem ela talvez gostasse de ser noiva. Mas uma vez que os velhos preferiam Jesper, tanto se lhe dava contentá-los.

Além disto, Jesper era um bom trabalhador, que ganhava bem a vida. E não lhe desagradava que êle fôsse um pouco desmiolado e selvagem.

Achou ridículo tudo que eu lhe disse sôbre o caráter sagrado do amor. Em suma, desaparecia com o tempo tôda e qualquer influência que eu porventura tivesse sôbre seu espírito. Ela fugia de minhas mãos... e tombava em mãos alheias. Pouco a pouco, deixou-se afagar sem resistência pelo rapagão, não raro de um modo bem ousado. De outras vêzes, fingia pudor, chamava-o pela desagradável alcunha de "Barril", cuspia nêle. Logo, comportavam-se cada vez mais como verdadeiros noivos.

Mas na primavera sucedeu alguma coisa que abriu de chôfre os olhos de Martha. Não posso falar senão do que concluí através das confissões bastante confusas e involuntárias que em certo momento ela me fêz. No entanto, creio ter adivinhado a maneira como tudo se passou.

No ano anterior, o deão Hjort tivera a infelicidade de perder a mulher, com quem apesar de tudo fôra bastante feliz. A debilidade humana do pastor em nada perturbava a ordem do seu lar. Suas maneiras com a espôsa eram sempre atenciosas, e mesmo corteses. Nunca permitiu que ela o visse bêbedo, e a mulher, por seu lado, nunca lhe fêz sentir que estava ciente de suas faltas. Além disto, não se deve esquecer que naquele tempo a embriaguez era um vício comum entre os pastôres, que não eram menos estimados por isto. Posso assegurar que três outros eclesiásticos do distrito entregavam-se também a libações alcoólicas. Um dêles, o pastor Hassing, de Hjerup e Eskelunde, chegara a perder o juízo. Entre outras coisas, divertia-se em assustar as pessoas, rondando à noite pelas ruas de Hjerup envolvido num lençol, bancando o fantasma.

A morte da espôsa envelheceu Hjort. E quando êle percebeu isto, decidiu-se a pedir um vigário. A escolha caiu sôbre um jovem das ilhas vizinhas, chamado Berthelsen. Tratava-se de um erudito, mas sob o ponto de vista físico nada apresentava de notável. Alto, fino, bastante anguloso, o rosto longo e pálido, barbicha negra, óculos. Chegou ao presbitério nos meados da quaresma; ao fim da Páscoa, já estava noivo da filha do deão, Rebecca, que contava vinte e dois anos. Era feita à imagem de seu pai, grande, loura, magnificente. Estou convencido de que era uma das mulheres mais atraentes que a terra, o ar e o sangue da Jutlândia produziram; e — o que era ainda mais importante — ignorava isto.

O deão não estava muito contente com a escolha. Rebecca era sua única herdeira, e como possuía um dote considerável, êle provàvelmente esperava que a jovem fizesse um casamento menos desigual. Ainda por cima, o vigário Berthelsen, sob o ponto de vista religioso, pertencia a uma outra escola, o que irritava sobremodo o deão. Mas Rebecca estava contentíssima e não o escondia. Possuindo uma dessas naturezas sonhadoras

e calmas que em geral designamos como romanescas, a felicidade de amar tornava-a ainda mais grave. Segundo o nôvo costume, passeava livremente com o noivo, e as pessoas interessavam-se vivamente pelas suas relações. Pois ambos se esqueciam com freqüência de que não estavam sós no mundo. Passeavam abertamente pelas estradas da região, enlaçados e perdidos em conversações intermináveis. E tôdas as vêzes que se encontravam ou despediam-se, beijavam-se como irmão e irmã, sem esconder-se de ninguém. Lembro-me de uma noite de primavera, em que os vi no rio, passeando de barco. Estavam sentados na pôpa, lado a lado, as mãos enlaçadas. Silenciosos, contemplavam sonhadoramente o reino encantado que nascia com o pôr do sol, enquanto o barco seguia vagarosamente à deriva e o comprido véu da môça ondulava no ar calmo.

Havia muita gente que se divertia às suas custas, e no comêço Martha achava-os ridículos. Encontrara-os muitas vêzes durante seus passeios, e um dia ambos vieram ao albergue da floresta, onde bebêram um copo de leite. Mais tarde, tudo me foi contado minuciosamente por Martha. Rebecca fôra a primeira a beber e quando oferecera o copo ao vigário, êste dissera: "Obrigado, querida." E em seguida haviam-se contemplado no fundo dos olhos, de um modo tão engraçado, que Martha, para não estourar de rir, saíra ràpidamente da sala.

No entanto, tive a impressão de que seu riso teria sido um pouco forçado. Em todo caso, aquêle olhar de ternura fêz com que entrevissse uma felicidade diferente da que até então houvera conhecido e da qual para sempre estaria excluída. Nunca disse isto e talvez só aos poucos tenha chegado a percebê-lo. Mas é fora de dúvida que a lembrança dos dois apaixonados doía-lhe no coração, sempre que Jesper tentava aproximar-se, com seus modos vulgares. As relações entre ela e o noivo mudaram. Visìvelmente, evitava-o. A presença do açougueiro tornava-a sombria. Ridicularizava-o e as brigas entre êles tomaram um caráter violento.

Certa noite, chegando um pouco tarde ao albergue, encontrei-a sentada na soleira, olhando fixamente diante de si, o queixo apoiado nas mãos. Havia luz no interior e de longe eu ouvia que a aguardente subira à cabeça dos boas-vidas. Pude

distinguir as vozes de Jesper e de Lars-o-Caolho, sendo que o primeiro pareceu-me estar num de seus grandes dias.

O barulho, decerto, impedira-a de ouvir meus passos. Quanto a mim, surprêso de vê-la sentada ali fora, e ainda mais da expressão do seu rosto, fiquei paralisado. Seus pensamentos, evidentemente, andavam por longe. A claridade das estrêlas iluminava seu rosto pálido, estranhamente contraído e como que imobilizado numa calma melancólica.

Aproximei-me, ela estremeceu e levantou-se de um salto. Chamei-a, mas ela atirou-me um olhar contrariado e entrou em casa.

V

Amor!... Quantas vêzes, em nossos verdes anos, lemos esta palavra num romance ou num conto, sem nos determos, pois não sabemos o que significa! Mas vem o dia em que ela nos parece envolvida numa luz radiante; num clarão místico, numa auréola divina. Se, a mão sôbre os olhos, a repetimos mentalmente, uma atmosfera solene nos envolve. Meio curiosos, meio ansiosos, adivinhamos com a alma e o corpo, ao mesmo tempo, a sombria ventura contida nestas poucas letras.

Anos se passam. E agora, quando reencontramos a palavra, ei-la que brilha em grandes letras de ouro, enfeitada de rosas ou impressa com o sangue mais vermelho e mais quente de nosso coração. Amor! Amor! Uma vida nova se inicia, se ouvimos soar as sílabas encantadas. É a canção dos anjos. Sôbre nossa cabeça, o céu se abre. Descobrimos a eternidade.

E mais um ano se passa, um ano extenso e prodigioso. Não importa que o céu esteja escuro; o mundo nos parece mais rico e mais profundo, e ante seu mistério estremecemos com doçura. O ar é como povoado de mil rumôres estranhos. A floresta e os ventos murmuram o nome da amada. Um pequeno

incidente nos umedece os olhos. E nossos pensamentos não repousam, tudo nos incita a sonhar. Um vento súbito é para nós a esperada mensagem de nossa bem-amada; uma fôlha que cai e toca em nosso rosto, um beijo que nos faz estremecer. E se, ao crepúsculo, estamos à janela, enquanto o murmúrio confuso da noite percorre as árvores do jardim, transformamos numa espécie de magia as nuvens do poente em um paraíso do amor, em um jardim cheio do perfume das rosas e do canto dos rouxinóis.

Mas quando, após essas encantadoras viagens entre as nuvens douradas, o pensamento desce mais uma vez à terra, nosso coração fica pesado de mêdo e inquietude. Tudo aqui embaixo parece deserto e desolado, principalmente aos que ficam no lado sombrio da vida.

A rapariga pobre, num gesto desesperado, cruza as mãos sôbre os joelhos e olha o quarto vazio. O reino das maravilhas nunca lhe abrirá as portas. Ela não conhecerá jamais o sentimento divino do prazer. Pois é sòmente nos contos de fadas que o príncipe vem bater à porta da pastôra. O preço daquela felicidade, ela agora o conhece. Um jôgo cujo preço é a honra. Uma pobre dança que termina em lágrimas.

Naquele verão Martha se transformou, e eu não fui o único a observá-lo. Também os seus "tutôres" começaram a sacudir a cabeça com ar preocupado e a procurar a razão de sua mudança de atitude em relação ao noivo que haviam escolhido para ela. Era evidente que Jesper suspeitava de mim. As córneas injetadas de sangue, lançava-me um olhar perverso quando eu chegava. Abandonava o trabalho em pleno dia, com a intenção de apanhá-la em flagrante, e durante a noite punha-se à espreita sob a janela da môça, armado de um bordão. Homens de Lihme, que haviam passado por lá, contaram-me isto. Mas eu não disse nada a Martha.

A situação era assunto de conversas divertidas também nas aldeias vizinhas, e onde quer que Jesper aparecesse dirigiam-lhe perguntas maliciosas. Um dos trabalhadores da floresta chegara a indagar, claramente, se êle alguma vez beijara a noiva. Esta brincadeira custou-lhe um murro no nariz e um dedo quebrado, o que fêz aumentar os falatórios.

Um dia, falava-se do assunto também no presbitério. Lembra-me que por minha causa, e eu quero registrar a coisa com alguns pormenores.

Era, creio eu, por uma ardente tarde de verão. Depois das aulas, fiz meu passeio habitual dos sábados a Lihme, para buscar os números dos hinos em casa do deão. No caminho, encontrei um homenzinho coxo, a quem eu conhecia muito bem. Acabava êle de comprar uma casa, num loteamento, nas charnecas ao norte de Lihme. Chamava-se Mads Madsen, ou "Mads Nanico", como o apelidavam devido ao seu tamanho. A face redonda esplendia de contentamento; e eu não precisava de lhe perguntar por que motivo. Êle era noivo de uma bonita rapariga de Lihme e devia casar-se brevemente.

Eu conhecia um pouco a noiva e os futuros sogros. Eram gente pobre, que morava em casa alheia. O pai, um infeliz estropiado, passava a maior parte do tempo tossindo numa cama, enquanto que a mãe, seu braço-direito, era enérgica e valente no trabalho. Dizia-se que ela própria concertara o noivado, ao qual a filha se opusera até às últimas.

Parados no meio da estrada, eu e Mads nos pusemos a falar de sua nova casa. Êle substituíra o teto e pintara-a de branco, por causa do casamento. Fizera, igualmente, alguns pequenos consertos no interior. Quando nos despedimos, pediu-me que o visitasse; gostaria de mostrar-me como preparara tudo para a futura espôsa. Agradeci-lhe pelo convite e segui meu caminho.

Na hora em que cheguei ao presbitério, o deão fazia a sesta. Ao passar diante da janela, vi-o sentado na imensa poltrona do seu gabinete de trabalho, os óculos na ponta do nariz e um jornal dobrado sôbre os joelhos. O vigário Berthelsen não estava; saíra para visitar os doentes. Segui então para o jardim, onde encontrei Rebecca sob o caramanchão, seu lugar favorito quando fazia calor.

Havia, no amplo jardim, três outros caramanchões: o caramanchão das tílias, o caramanchão dos lilases e "o tabernáculo", como era chamado o último, erguido sôbre quatro pilares e coberto por um teto cônico de côlmo. Tinha-se, daí, uma esplêndida vista sôbre a planície.

Um pequeno xale de sêda azul-celeste aos ombros, Rebecca estava imersa na leitura de um livro de capa dourada. Pude ver que era poesia, celebrando sem dúvida o amor. Enrubesceu um pouco à minha chegada e imediatamente pôs o livro de lado.

À sua maneira amável e calma convidou-me a sentar, e durante alguns momentos falamos de tudo e de nada. Entre outras coisas, tive a infelicidade de referir o meu encontro, a caminho do presbitério. Esquecera-me, por uma distração, de que o noivado de "Mads Nanico" havia provocado indignação no presbitério, principalmente da parte de Rebecca. Senti que ela se aborrecera. Sem dizer palavra, repuxou irritada o seu pequeno xale, como se uma nuvem houvesse de repente ocultado o sol.

A noiva de "Mads Nanico", que se chamava Grethe Andersen, conhecera há tempos, no presbitério, como que um segundo lar. Eis o que se comentava na paróquia: no tempo em que Grethe, aos sete anos, tomava conta dos gansos, a mulher do deão fôra atraída pela menina de olhos claros e vivos, de cabelos louros como trigo. Sempre que, durante seus passeios, via-a andar de pés descalços nos colmos, tendo ao ombro a vara de tanger os gansos, não podia deixar de acariciar-lhe o rosto. Acabou, um belo dia, levando-a para casa, onde sua própria filha, que ali estava comigo, brincava de boneca. Desde então, Grethe todos os dias vinha ao presbitério. As duas crianças foram companheiras de inúmeros brinquedos e sua amizade continuou firme até o dia em que Grethe, após a confirmação, deixou a aldeia para servir como doméstica. A espôsa do deão opos-se a que as relações continuassem; mas parece que as duas môças se correspondiam às escondidas; e Grethe, sempre que voltava de férias, ia ao presbitério.

Para continuar o meu relato, direi que Rebecca, após um momento de silêncio, pôs-se a falar de Martha. Conhecendo, como todo mundo, minhas relações com Ellen e a filha, queria saber se era verdade que Martha estava noiva. Evitei responder sim ou não e passamos a falar de outras coisas. Pouco depois, o deão surgiu com o seu cachimbo. Servido o café sob o cara-

manchão, pediu-me que ficasse. Passado um momento, chegou igualmente o vigário.

Rebecca pôs-se a falar novamente de Martha, num tom violento. Lamentava-a, disse, se era mesmo verdade que a pobre môça devia ser jogada nos braços de um homem a quem não amava. Observei-a surprêso. Aquela jovem, habitualmente reservada e silenciosa, falava com exaltação; mas eu senti, durante todo o tempo, que não era Martha, e sim a amiga da infância, quem ocupava seus pensamentos. Eis por que recebi em silêncio suas reprimendas, sem tentar justificar-me.

O deão não desejava conhecer pormenores do assunto. Era evidente que, no presbitério, o assunto fôra muitas vêzes comentado, e em sua opinião bem mais do que seria necessário. Contentou-se em lamentar a pouca inclinação do povo pelos sentimentos nobres, tentando assim modificar o curso da conversa. Mas a indulgência do pai tornava a filha ainda mais combativa; ela chegou a dizer que deviam condenar a trabalhos forçados os pais que obrigavam seus filhos a um casamento sem amor. O deão interrompeu-a, pareceu-me que um pouco envergonhado, e repreendeu-a com severidade; ela, porém, estava agora em tal estado nervoso, que não mais podia dominar-se. Todo seu corpo tremia, os lábios estavam roxos. De súbito, levantou-se e nos deixou precipitadamente, um lenço nos olhos, sacudida por soluços.

Levantamo-nos em silêncio. Não compreendi, naquele instante, a significação de seu gesto. Admirava-me, assim, da relativa calma do deão. O vigário Berthelsen, ao contrário, estava pálido; seus olhos negros tinham um brilho de febre. Durante tôda a conversa, permanecera mudo, as longas pernas cruzadas, alisando os pêlos da barbicha, como era seu hábito. Mas eu observava que êle fazia pequenos movimentos de cabeça, acompanhados de um sorriso aprovador, e que seus olhares muitas vêzes cruzavam-se por sôbre a mesa, numa compreensão enternecida.

Enquanto o deão suportava quase tudo de sua filha, cortava com freqüência a palavra do vigário, quando êste abria a bôca. Assim, em presença do futuro sogro, Berthelsen preferia conceder a palavra à sua noiva; dêste modo, evitavam-se quase

sempre as discussões sérias. Ali, porém, eu tinha a impressão de que tudo caminhava perigosamente para uma cena desagradável. Não querendo prolongar minha visita, despedi-me.

Não sei mais qual foi exatamente meu impulso. Mas, ao sair do presbitério, tive a idéia de ir ver Grethe e seus pais, que eu conhecia, como se conhece todo mundo no campo, quando se habita na mesma paróquia. Desde que o pensamento de Martha me preocupava, assaltava-me sem dúvida o desejo de ver até que ponto sua companheira de infortúnio aceitava o destino.

Sua mãe, vendo-me chegar, veio receber-me à porta. Com seus modos decididos e vivos, convidou-me a entrar. Era uma mulher pequena e forte, rápida em seus movimentos e cuidadosa de sua pessoa. Quando entrei, o marido soergueu-se no leito. Velho e ofegante, fitava-me com seus olhos raiados de sangue. Grethe cosia ao pé da janela. A expressão de seu olhar fêz-me pensar num prisioneiro condenado à morte, mas que espera receber uma graça, no último momento.

Vejo claramente agora, diante de mim, a pequena peça. Era uma dessas velhas casas feitas de palha e barro, hoje quase desaparecidas. Sei que isto se chama progresso; mas tenho para mim que tais construções eram menos frias que as nossas casas de tijolos. No conjunto, acho as residências modernas destituídas de aconchego, com seus assoalhos de madeira, suas grandes janelas, seus leitos sem alcovas; parece-me que vivemos aí sob os olhares de todos. Eu me sentia mais alegre nos quartos de outrora, e sobretudo naqueles mais antigos, assim como os evocam minhas lembranças de infância no norte da Jutlândia.

Voltemos, porém, à visita a Hans Andersen. Com dificuldade, o velho conseguiu calçar seus sapatos que estavam ao pé do leito. Aproximou-se para me dar bom-dia. Com o canto dos olhos, observava a mulher, a filha e a mim, e parecia não ter o que dizer. Enquanto isto, a mãe tirara de uma gaveta um avental bem engomado e prendia-o à cintura, com gestos firmes. Havia no silêncio dêles qualquer coisa que me fazia pensar. Imaginava que todos sabiam de onde eu vinha e que me suspeitavam de vir a serviço do deão. Apressei-me em dizer que a finalidade da visita era apenas dizer bom-dia a Grethe;

eu não a encontrava desde o 1.º de maio, quando ela voltara de seu emprêgo na paróquia vizinha.

Estas palavras tranqüilizaram visìvelmente a mulher. Mas quando nos pusemos a falar dos preparativos para o casamento, não pôde deixar de fazer algumas censuras à família do presbitério, referindo-se mesmo com um desdém apenas disfarçado aos benefícios recebidos por Grethe. As pessoas fariam bem melhor em não meter o nariz nos negócios alheios, disse com aspereza, forrando a toalha na mesa e indo buscar as xícaras para o café. Era pura idiotice falar à juventude de poesia, e assim por diante. Isto podia ser muito bom para os ricos, que têm meios de manter os fundilhos aquecidos numa boa poltrona, mas não valia nada, por mil demônios, para quem devia correr atrás do pão, antes de mordê-lo.

Eu observava Grethe, a quem estas palavras, embora parecessem ditas ao acaso, eram visìvelmente dirigidas. Como sabiam todos, amava ao primo, um vigoroso tipo do interior do cantão, mas, como sua prima, pobre de tudo, menos de fôrça física. A mãe de Grethe não o aceitando como genro, êle desposara, por vingança, a patroa, velha e rica viúva de um fazendeiro. Êle não parecia aliás queixar-se muito da troca.

Semelhante a esta é uma velha história que uma boa mulher me contou há algum tempo, nas charnecas de Starup. Foi quando o Senhor passeava incógnito na Dinamarca, acompanhado de São Pedro. Um dia em que estavam perdidos numa região deserta e não conseguiam encontrar o caminho, viram uma charrua imóvel em pleno campo e, aproximando-se, descobriram o lavrador, que se deitara na relva e dormia a sono sôlto, com um dos sapatões servindo de travesseiro. Despertaram-no e lhe pediram que ensinasse o caminho. Mas o lavrador era preguiçoso e mole (devia ser êste o caso do primo de Grethe), e contentou-se em levantar o pé e indicar a direção com os grosseiros artelhos. "Que sujeito ordinário!" disse São Pedro, e os dois viajantes se afastaram, aborrecidos. Pouco depois encontraram uma jovem que ordenhava uma vaca. Também lhe perguntaram o caminho. Com movimentos rápidos, ela se levantou e, de pés descalços, acompanhou-os ao tôpo de uma colina, de onde se descortinava tôda a região. Para recompensá-la de sua genti-

leza, São Pedro, com o consentimento do Senhor, disse-lhe que se ela revelasse o que mais desejava, êles se encarregariam de atendê-la. A môça enrubesceu e, durante um bom momento, não disse palavra. Finalmente, tornando-se estranhamente séria, confessou que nada desejava para si, mas que fôsse atendido o desejo da pessoa em quem ela pensava naquele mesmo instante. São Pedro assentiu. Mas a pessoa para quem se dirigiam os pensamentos da môça era justamente o lavrador preguiçoso que dormia no campo. E seu desejo, embora a jovem fôsse sua noiva, era a grande fazenda do patrão, com seus pesados cofres cheios de dinheiro, as vacas, os carneiros e os cavalos. E na verdade, tudo isto se tornou, pouco depois, como que propriedade sua. Um belo dia, o patrão caiu de grande altura e quebrou o pescoço; e a viúva, ainda jovem, desposou legìtimamente o lavrador, para quem desde muito se dirigiam seus olhos. Mas a pobre môça veio a morrer de tristeza. E é forçoso confessar que, em sua parte final, o conto não mais coincidia com a história de Grethe.

Esta, decerto, mudara bastante, mas entre as camponesas os golpes do destino deixam mais profundas marcas no íntimo que no exterior. Mesmo sob as tristezas mais fundas, sim, mesmo sob um desespêro que as leve ao suicídio, elas continuam cheias de carne e morrem de faces rosadas. Grethe não era uma exceção. Tal como eu a vi sentada diante da janela, o sol poente iluminando sua cabeça baixa e sua nuca de trabalhadora, era ainda uma bela imagem de saúde e de fôrça física. Mas seu entusiasmo desaparecera. Aquela rapariga, antes cheia de vida e loquaz, tornara-se muda como uma pedra. Não se movia e não levantava a cabeça para enfiar a linha na agulha. Vê-la, causou-me profunda piedade. E, pensando em Martha, chorei interiormente por nós três.

Semana e meia mais tarde, celebrou-se o seu casamento. Aquêle dia, por outras razões memoráveis, trouxe grandes mudanças para a vida do lugar e — infelizmente — também para a minha. Eis por que, se me permitis, dêle falarei um pouco longamente.

VI

Necessário, antes de tudo, que descreva minha visita ao noivo, na véspera do casamento. Por casualidade, passei naquele dia em frente à sua casa, que ficava em plena charneca. Devia ser um pouco antes de o sol se pôr, pois me lembro de que me dirigia aos alagados de Brand com meu fuzil, para aguardar a passagem dos patos selvagens.

Mads Nanico instalava uma cêrca em redor de sua plantação de repolhos. Aquêle homem não ficava ocioso um minuto que fôsse, nem mesmo na véspera do casamento; e se bem fôsse pequeno, tinha uma fôrça espantosa. Sempre pronto para conversar, chamou-me assim que me viu. Mostrei-lhe o fuzil, mas êle não atendeu a isso: era preciso que eu viesse admirar sua nova habitação.

A casa era simpática, recoberta de fresco e recentemente caiada; as molduras das janelas eram azuis e no meio da porta de entrada havia uma tulipa pintada de vermelho. Em sua alegria simples, Mads chamou-me a atenção para a perfeição de tudo, acentuando o fato de que não poupara esforços para que a noiva ficasse contente. Também no interior a casa fôra completamente remodelada. Atravessava-se, ao entrar, uma cozinha,

tendo um verdadeiro forno, como a do presbitério. Daí, entrava-se na sala de jantar, igualmente modernizada por um piso de madeira, papel nas paredes e, o que era mais admirável naquela época, uma espécie de lustre sôbre a mesa. Atrás, ficava o quarto de dormir, com um guarda-roupa. Mads fêz-me visitar a casa inteira, e era evidente que não lhe passava pela cabeça a idéia de que alguma coisa pudesse impedi-lo de ter, naquela casa, um lar venturoso.

Sem dúvida nenhuma, tudo estava limpo e bem arranjado. Tudo com um ar de festa, para receber a futura senhora. Não obstante sua loquacidade, Mads era um homem bom e trabalhador. Na cozinha, os utensílios de cobre luziam ao longo da parede. Junto do fôrno havia uma pilha de madeira cortada em pedacinhos, para que a recém-casada, pela manhã, não tivesse dificuldade em acender o fogo. Não faltava nada, salvo o mais importante.

*
* *

Música à frente, o cortejo partiu para a igreja, no dia seguinte, por um radioso tempo de verão. Era apenas o casamento de um fazendeiro de pequenas posses, mas houve foguetório e a aldeia inteira saiu para assisti-lo. Eu próprio lá estava, como convidado. Era Ovensen que oficiava ao altar e entoava os hinos. Como o futuro sogro estivesse acamado, o vigário Berthelsen teve de substituí-lo para a bênção nupcial, e não me parece que isto o aborrecesse. Tudo o que fôra obrigado a calar uma tarde, em presença do deão, explodiu em seu discurso.

Começando, referiu-se ao amor, uma graça divina e por conseqüência um bem precioso e sagrado. Passou em seguida a considerações sôbre o casamento, cuja base era "ou devia ser" o amor, acrescentou, olhando para os noivos. Infelizmente, prosseguiu, não era muito raro que se visse homens e mulheres não terem nenhum escrúpulo de unir-se pelos liames do casamento, sem consultar o próprio coração e, ainda menos, Deus. Casar sem um amor verdadeiro e recíproco, denotava uma certa grosseria moral, que devia ser julgada com desprêzo por todos os cristãos.

O discurso foi pronunciado com extrema fôrça e calor. O vigário Berthelsen falava bem. Sua voz era límpida, de timbre profundo; além disto, exprimia-se numa linguagem pitoresca. Por acaso, ou, o que é mais provável, devido a uma negligência de Ovensen, que se esquecera de fechar uma cortina, na janela do côro, um raio de sol tombava em cheio sôbre o orador, envolvendo numa auréola sua alta e delgada silhuêta de Cristo, o que acrescentava a solenidade do momento.

Apesar de tudo, êle não conseguiu, também desta vez, atravessar a dura carapaça dos ouvintes. Sòmente Grethe chorava. Durante a peroração, não tirou o lenço dos olhos. Também sua mãe percebia o significado das palavras; nela, porém, a reação era diferente. Cerrava os lábios, erguia a cabeça e tremia. Quanto às outras pessoas, tinham tôdas a resignada expressão com que invariàvelmente dormiam na igreja. Sendo que Mads Nanico nem mesmo poderia supor que o vigário dissesse coisa diferente daquelas que, para que fôssem ditas, êle pagara.

Não posso deixar de pensar até que ponto o deão, apesar de suas grandes fraquezas, tinha o poder de atingir corações empedernidos. E no entanto êle não era o que se costuma chamar um bom orador. Geralmente, precisava de muito tempo para inspirar-se e algumas vêzes não o conseguia. Mas quando o lograva, era uma metamorfose, em nada semelhante ao modo de falar de Berthelsen. Todo o prestígio sacerdotal que êle tanto amava em sua vida cotidiana, desaparecia por completo; restava um ser humano, um pobre e humilde pecador, nu diante de Deus.

Havia entretanto na igreja dois ouvidos atentos às palavras do vigário Berthelsen, bem como dois olhos admirados, nos quais se refletia em todo seu esplendor o rosto aureolado de luz. Rebecca estava escondida num dos bancos mais afastados. Entrara no meio do primeiro hino e, além do vigário, eu era certamente o único a ter conhecimento de sua presença.

Não podia afastar meus olhos de seu rosto. Estava pálido e parecia maior, tenso, crispado, e ao mesmo tempo transfigurado. Era a mesma expressão do outro dia, quando falara de seu pai sem medir as palavras, retirando-se depois num acesso de chôro. Sua natureza parecia-me haver sofrido uma trans-

formação completa. Seu belo equilíbrio, cheio de serenidade, fôra rompido. Era prêsa, creio eu, de uma espécie de enfeitiçamento, que ameaçava transformar-se numa obsessão dolorosa e má.

Quando me voltei outra vez para o vigário, de pé em frente ao altar, nimbado de luz, tal um Cristo ressuscitado, uma dúvida assaltou-me. Perguntei-me se o zêlo com o qual, em nome do cristianismo, êle defendia a causa da caridade, não repousava sôbre uma ilusão. O fogo que ardia em seus olhos negros e inflamava sua língua seria aceso ùnicamente pelo sol divino, ou — sem que êle o soubesse — pelo braseiro infernal da carne e dos desejos? Nada acrescentarei, por enquanto. Terei outra oportunidade de voltar a êste misterioso jôgo entre os êxtases celestes e as voluptuosidades terrestres.

Ao banquete de núpcias, afluíram convivas de todos os lugares, das redondezas e de povoados distantes, como sempre, de modo que no fim mal se podia respirar nas duas pequenas salas de teto baixo, na casa dos pais da recém-casada. Felizmente, fazia um tempo tão maravilhoso, que se podia sair e comer ao ar livre.

O baile realizou-se no celeiro de um vizinho; mas como fazia calor, os jovens preferiram dançar num prado que ficava por detrás da casa. Frants, o velho violinista, e seu pobre filho "Kresten, o Inocente", constituíam a orquestra, não excelente, como se vê; sentados na cêrca, arranhavam as cordas e bocejavam. A dança ia animada, cheia de risos, na estrelada noite de verão.

Grethe era obrigada a dançar, embora preferisse ir para longe. Também na mesa do banquete, mantivera-se rígida como uma boneca de madeira. E eu notara que ela não comia quase nada, levando à bôca porções insignificantes. Depois ficara sentada, a mão sôbre a de Mads, mas via-se claramente que não o fazia de bom grado. Era Mads que com seu mais amplo sorriso, tomara a mão de Grethe, como uma propriedade legítima, e a môça certamente pensara não lhe ser permitido recusá-la.

Durante o baile, Mads não pôde deixá-la tranqüila, embora fôsse menor do que ela e, ainda por cima, péssimo dançarino. Também os outros rapazes faziam questão de dançar com a pobre Grethe. Parecia ser, para êles, um ponto de honra, fazer com que sua vida de solteira terminasse em suor.

Scottishs, danças francesas e contradanças sucediam-se sem pausa. Dir-se-ia que a falta de entusiasmo de Grethe os excitava. Mal um rapaz deixava-a, outro o substituía. E "não" era uma palavra que ela não tinha o direito de pronunciar aquela noite. Por fim, notei-lhe um ar tão cansado e aflito que fiquei inquieto: lembrei-me da história de uma jovem nobre de Kolding, obrigada a dançar até cair morta.

Num canto do prado, onde existia um velho tronco de álamo, estava sentado um homem bastante jovem, em tôrno do qual se agrupavam numerosos ouvintes. Embora ali estivesse sem ser convidado, fôra òtimamente acolhido. Não era do lugar, e tudo o que se sabia a seu respeito, reduzia-se a bem pouca coisa: era estudante, filho de um juiz cantonal do Vendsyssel. Por motivos particulares, omitirei seu nome. Passara algumas semanas entre nós, sem outra ocupação que não fôsse vagabundear nos campos e na floresta, tendo às costas uma caixa de fôlha de Flandres, a colhêr flôres e cogumelos. Gostava também de visitar as pessoas e conversar com elas. Jamais vi alguém assim para contar histórias. Isto veio mesmo a tornar-se a sua ocupação. Entrava em todo lugar onde havia gente de idade e anotava o que lhe diziam. Como era muito jovem, de maneiras simples e modestas, geralmente o recebiam com alegria. Em seguida, êle repetia, à sua maneira, as histórias dos velhos, e todo mundo gostava de escutá-lo.

*
* *

Afinal, depois de meia-noite, houve um intervalo nas danças. Alguns casais se instalaram ruidosamente numa sala, em tôrno de uma mesa onde se servia café; outros se sentaram fora, onde ficariam mais tranqüilos. O tempo estava perfeitamente calmo, suficientemente claro para que as pessoas não tivessem dificuldade em se reconhecer e suficientemente escuro

para que um casal de namorados pudesse deslizar as mãos trêmulas por cima de lugares proibidos. Havia luz na casa e, como tôdas as janelas estavam abertas, era possível ver de fora o interior. Tinha-se a impressão de olhar uma fornalha incandescente. À luz das velas, com a poeira, a fumaça dos cachimbos e do forno, o ar tornara-se vermelho como fogo.

Procurei os recém-casados e, não os encontrando nem fora nem em casa, concluí que teriam ido embora, enquanto eu me pusera a ouvir o estudante. Pouco depois, como eu me afastasse para satisfazer uma necessidade natural, ouvi um débil soluço, vindo da mansarda onde ficava a câmara de Grethe. Fàcilmente reconheci sua voz.

— Se você quiser ser gentil para comigo, Mads, também eu serei gentil para você. Prometo.

— Claro que sim, Grethe. (Era o feliz balido de Mads.)

— Sei muito bem que não fui para você como devia ser — continuou Grethe, chorando de cortar o coração. — Isto virá depois, se você fôr gentil para comigo, Mads.

Não me achei com o direito de continuar a ouvir. Aliás, alguns homens se aproximavam falando em altas vozes. Afastei-me.

A dança recomeçou. Era uma polca, e sentia-se um renovado ardor, tanto da parte daqueles que haviam ficado ao ar livre, como da parte dos que tinham estado à mesa. Um môço fôra buscar seu acordeão para juntar-se à miserável orquestra, o que aumentou o ânimo dos dançarinos. Evidentemente, não mais havia traves nem barrotes contra os quais bater com os punhos, e os passos não ressoavam como sôbre os velhos assoalhos dos celeiros, ao tempo em que, para fazer com que cantassem sob os pés dos dançarinos, enterravam caveiras de animais na argila. Mas não faltaram brincadeiras, a alegria era muita e o barulho ensurdecedor. Rapazes uivavam e cantavam, as môças riam a bom rir, enquanto as saias giravam como pás de moinho. Nenhuma outra dança animava tanto a juventude como a polca. Infelizmente, é preciso confessar que algumas vêzes a alegria passava dos limites convenientes, pois sucedia aos rapazes, durante uma polca, agir com as mãos de um modo que ofendia o pudor das donzelas.

Por sôbre as pradarias, as brumas começavam a tombar. Um fio de lua, delgado como casca de ôvo, desenhava-se pálido contra o céu da madrugada, anunciando a aurora.

Sentei-me no tronco que o estudante havia ocupado. Também êle pusera-se a dançar como podia. Era desajeitado e as môças zombavam de seus modos, os rapazes empurravam-no sem piedade. Nem por isto êle girava e saltava com menos entusiasmo.

Súbito, vibrou o sino da igreja. Os que dançavam não ouviram imediatamente; mas pouco depois, todos ficaram imóveis. Olhamo-nos com uma espécie de solenidade. Alguém morrera aquela noite.

O acordeão silenciou. O velho violinista Frants e seu filho "Kresten, o Inocente" continuaram ainda a tocar. Sonolentos como sempre, não haviam percebido que a dança terminara. Depois, atônitos baixaram seus instrumentos. Apareceu vacilando, as calças à altura dos joelhos, um velho que cantava como cantam os bêbedos. Não fôsse isto e o silêncio seria completo.

O sino da igreja continuava a soar. Os que permaneciam dentro da casa, levantaram-se e saíram.

— Quem terá sido? — perguntavam.

As pessoas com doentes em casa, aprestavam-se para ir embora. Então o filho do moleiro apareceu na estrada, pálido, e gritou: — O deão morreu!

Agrupamo-nos em tôrno; porém nada mais êle sabia. Nesse momento, apareceu alguém que estava a par do acontecido. Era Ovensen. Voltando da festa por volta da meia-noite, acabava de deitar-se quando bateram à janela. Um mensageiro do presbitério pedia-lhe que fôsse imediatamente à casa do deão, cujo estado se agravara de repente. Quando Ovensen chegara, estava tudo acabado.

Uma congestão pulmonar liquidara o velho padre. Êle sentia-se bem ao anoitecer e dissera à doméstica que viera acender a luz do quarto, que se levantaria na manhã seguinte. Algumas horas mais tarde, tocara a campainha; Rebecca se precipitara; mas ao entrar no quarto, êle já estava sem voz.

VII

Quando, no dia seguinte, cheguei ao albergue, ao meio-dia, Ellen ainda estava deitada. Percebendo-me, abriu um pouco o postigo; pude ver que seus olhos estavam vermelhos de sono. Disse-me que estava doente e queixou-se de dores no estômago. Contei-lhe que o deão havia morrido; nada porém me respondeu. Perguntei onde estava Martha, mas tampouco obtive resposta. Ela continuou a gemer e pediu-me que lhe desse qualquer coisa para aliviá-la. Sabendo o que isto significava, fingi não entender. Aliás eu via bem que ela sofria; como não cessava de suplicar humildemente e eu estava munido de meu polvorinho, pus uma boa pitada num copo de aguardente. Isto acalmou suas dores: é um remédio que posso recomendar com segurança contra os males do aparelho digestivo. Havendo bebido, declarou que desejava dormir um pouco. Fechou novamente o postigo e eu a escutei revolver-se na escuridão, gemendo muito. Desde algum tempo, tornara-se horrìvelmente gorda e mal podia mexer-se. Isto causava pena.

Fui sentar-me à sombra, no batente da entrada, à espera de Martha.

Era novamente um dia belíssimo. Mas o sol feria-me os olhos e a alegria de centenas de gritos de cotovias no céu ressoava em meus ouvidos como um dobre de finados. Eu estava ainda completamente perturbado pelos acontecimentos da noite e da madrugada, talvez porque adivinhasse as conseqüências que haveria de trazer para mim a morte do deão; em minha vida ela significava um fim e uma partida.

Pela manhã eu passara no presbitério para ver uma última vez meu superior de generoso coração. Repousava sôbre o lençol, branco como uma estátua de mármore, com uma serenidade confiante. Obtive permissão de colocar um pequeno ramalhete no seu peito; e tôda minha alma lhe agradecia pela sua bondade paternal e pela compreensão que êle testemunhara, a mim, pobre homem, no tempo de minha provação. Mesmo hoje, nunca me lembro dêle sem emocionar-me. Foi um verdadeiro cristão, porque era sempre muito humano, tanto no mal como no bem. Que Deus o tenha em Sua santa guarda.

Eu vira a senhorita Rebecca. E mais uma vez ela me surpreendera profundamente. Ela, que no ano anterior, ante o cadáver da mãe, fôra a imagem da dor nobre e calma, parecia haver perdido todo o contrôle. Andava de um lado a outro na peça. Por fim, enlaçou-me para chorar sôbre meu peito. As relações entre ela e o pai tinham sido sempre extraordinàriamente afetuosas.

Embora não pudesse ignorar as fraquezas de seu pai, ou talvez mesmo por causa disto, Rebecca lhe testemunhara, até o seu noivado, um devotamento que inúmeras vêzes eu admirara. Era sua única filha, e os acontecimentos haviam comprovado que ela não havia herdado apenas o físico do pai, mas também, daquela alma inquieta e apaixonada, uma parte bem maior do que as pessoas e ela mesma podiam imaginar.

Imagens daquela maravilhosa vida familiar no presbitério desfilavam diante de mim, enquanto eu esperava, sentado no batente. Isto não impediu que, durante o dia inteiro, eu fôsse absorvido sobretudo por pensamentos que diziam respeito ao meu futuro.

Sabia que meus inimigos, dos quais a mão enérgica do deão refreara sempre as suspeitas malévolas, procurariam agora arruinar-me. Meu colega Ovensen, que durante muito tempo me invejara o que êle chamava em têrmos hipòcritamente lisonjeiros a admiração do deão, tomaria sua vingança. Eu sabia que êle e seus numerosos amigos da paróquia não teriam descanso enquanto não me expulsassem da escola e da região, de um modo desonroso.

Ao imaginar a necessidade e a miséria inevitáveis nas quais cairia, não era o receio do escândalo nem de passar fome o que mais me atormentava. Não suportava, porém, a idéia de me separar de Martha. Ela fazia parte de minha vida. As perseguições e as venenosas calúnias que eu atraíra sôbre mim por causa de minhas relações com ela, tornavam-na ainda mais cara ao meu coração. Eu próprio reconhecia o que havia de excepcional neste sentimento; todavia, era-me impossível afastar a impressão de que um pouco daquela criatura me pertencia, que ela havia de ser tudo o que restaria de mim sôbre a terra, quando eu desaparecesse, o que, assim eu acreditava, não tardaria a suceder. Segundo minhas humildes faculdades e as miseráveis circunstâncias, eu tentara confiar à sua alma uma herança espiritual que poderia constituir, para ela, um modesto sustentáculo na vida. Ah! ninguém sabia melhor do que eu próprio quanto os meus esforços tinham sido mal sucedidos. Entretanto, a tristeza que me causava, prendia-me mais fortemente a ela, e eu não podia abdicar de minhas esperanças. Martha era tão jovem. Não havia ainda aberto os olhos ao lado sério da vida.

Estava mergulhado nesses pensamentos, quando a vi sair do bosque com um feixe de gravetos às costas. Como crescera naquele verão! A saia, que antes mal chegava aos joelhos, agora mostrava-lhe boa parte das coxas. Vinha devagar e a cada instante olhava para trás, com um ar estranhamente absorto. Em certo momento, chegou a afastar-se da trilha e a estender o pescoço, para ver a estrada real, ao longe. Quando me descobriu, apressou-se. Quase sem fôlego, aproximou-se correndo e jogou o feixe ao pé do muro. Eram apenas alguns pequenos ramos

meio apodrecidos. Nunca se dava ao trabalho de trazer mais do que isto.

— O deão morreu — disse-lhe.

Nada respondeu. Certamente, mal me escutara. Olhou novamente para trás, por cima do ombro.

— Encontraste alguém no bosque? — perguntei-lhe.

— Sim, um homem que passava.

— Quem era?

— Não conheço.

— Falou contigo?

— Não.

Senti que não dizia a verdade e repreendi-a.

— Que foi que êle te disse? — perguntei.

— Perguntou-me o caminho do lago.

— Não perguntou outra coisa?

Repetiu que não e pôs-se a rir de um modo especial: via um subentendido na minha pergunta. Infelizmente, assim era minha Martha, em tôda sua inocência. Sua imaginação estava contaminada pelas conversações ordinárias, ouvidas em sua própria casa, desde a mais tenra infância. Em cada palavra, acreditava existir uma alusão inconveniente.

—Não deves ir longe demais nos bosques, Martha. Lembra-te de que és uma môça. Poderia te suceder qualquer coisa de mau.

Ficou um instante imóvel e observou-me, piscando. Havia, decerto, para ela, qualquer coisa de ridículo nos meus cuidados. Pois desatou novamente a rir e entrou em casa, às gargalhadas.

Embora me sentisse feliz, por ver em seu rosto um reflexo de alegria antiga, desde muito desaparecida, experimentei uma certa inquietude. Durante o período que se seguiu, observei-a com uma atenção aguda, e acreditei descobrir uma mudança em suas maneiras. Sucedera-lhe decerto alguma coisa de extraordinário nos bosques. Seu torpor melancólico dissipara-se ràpidamente. Uma vivacidade de esquilo animava-a outra vez. Punha-se à escuta, quando ouvia rumor de passos na ponte; e quando mergulhava nos próprios pensamentos, havia algumas vêzes em seus lábios um sorriso estranho e erradio.

Prometi-me vigiá-la.

No que diz respeito aos meus próprios assuntos, sucedeu-me precisamente o que eu esperava. Mal foi o deão inumado, meus inimigos cercaram-me e obtiveram a minha perda. Mesmo no presbitério, deram ouvidos a suas odiosas calúnias. Nunca o vigário fôra meu amigo; quanto a Rebecca, mudou de atitude para comigo, testemunhando uma frieza cortante. No próprio dia do enterramento, feriu-me profundamente, deixando minha coroa por terra, no meio de objetos inúteis, enquanto que a de Ovensen tinha o privilégio de ornar o ataúde.

Do vigário Berthelsen e de Rebecca, citarei alguns pequenos traços, que esclarecem suas relações de um modo todo particular.

Alguns dias após o sepultamento, vim uma noite ao presbitério, para uma inscrição no registro da paróquia. O vigário, que agora assumira tôdas as funções pastorais, não estava. Informaram-me, na cozinha, que havia ido, com Rebecca, levar flôres frescas ao túmulo do deão. Depois de esperar um momento no escritório, fui ter com êles.

O cemitério costeava o jardim do presbitério. O túmulo do deão e de sua mulher encontrava-se a pequena distância da cêrca, seguindo a qual se chegava até lá.

Vi os enamorados de pé, enlaçados. Estavam silenciosos, como mergulhados na prece e na meditação. Rebecca apoiava a cabeça na espádua do vigário, tendo à mão uma coroa murcha.

Eu já ouvira falar da veneração quase mórbida que ela devotava à memória do pai e sabia que, desde o entêrro, ia muitas vêzes por dia ao cemitério, com seu noivo, para um minuto de meditação diante do túmulo, pelo qual zelava com o maior dos cuidados. Tinha, sem dúvida, remorsos, agora que o pai já não existia, de que as relações entre ambos não tivessem sido, naqueles últimos tempos, por causa de seu noivado, tão boas quanto poderiam ter sido.

Nenhum dos dois percebera minha aproximação; como não queria incomodá-los, arrepiei caminho e voltei ao jardim. Sentei-me no caramanchão de jasmins para aguardar a sua volta.

Pouco depois chegaram lentamente, sempre enlaçados, pela aléia do cemitério. Apesar do vestido negro, com seus enfeites

de azeviche que, ao sol poente, adquiriam tonalidades douradas, e seu andar um pouco lânguido, Rebecca parecia mais bela, mais transbordante de vida do que nunca. Seu pescoço longo e alvo, que segundo o costume da época estava descoberto até o peito, e seus abundantes cabelos louros, que tombavam soltos sôbre as espáduas, iluminavam seu luto com uma fôrça e uma plenitude não enfraquecida.

Ia levantar-me para ir ao seu encontro, quando êles se detiveram. Sempre sem me ver, ficaram de pé junto à cêrca, ternamente abraçados. Rebecca pusera o braço em tôrno do pescoço do noivo, com a mão a acariciar-lhe a nuca. Perguntei-me se não devia tossir, para revelar minha presença. Demasiado tarde, pois um longo beijo selara seus lábios.

Assim ficaram por muito tempo, estreitamente abraçados, fixando-se nos olhos e beijando-se. Seus olhares tornavam-se cada vez mais inflamados, suas carícias mais intensas, e por fim eu desviei a vista, para não vê-los.

Quando se afastaram, estavam ambos muito pálidos; por isto continuei invisível no caramanchão, até que entrassem.

Cada vez que, depois disto, eu ia ao presbitério, tinha a impressão de ser importuno aos noivos, que sob aquêle teto podiam agora desfrutar da mesma liberdade que até então haviam procurado em longos passeios ou excursões. Pensava-se mais, ao vê-los, em recém-casados que em simples noivos. O vigário instalara-se no escritório do deão, como se estivesse em sua própria casa; uma porta, comunicando com o salão, estava sempre aberta, de modo que era fácil perceber que os dois apaixonados iam livremente de uma peça a outra. Naquela noite, enquanto eu estava sentado no escritório e o vigário anotava minha inscrição no registro paroquial, Rebecca, saindo do salão, veio postar-se a seu lado. Alheia à minha presença, sim, é verdade, com um gesto maquinal, pôs-se a acariciar-lhe docemente os cabelos, seguindo com olhos amorosos os movimentos de sua pena.

Havia em tudo isto qualquer coisa que despertou em minha alma uma lembrança. Também eu estivera bem próximo, certa noite, ao pé de um leito mortuário, daquela a quem amava. Também eu sentira o desejo desabrochar sob a influência do hor-

ror inspirado pela morte. E compreendia bem aquela felicidade lânguida que, encontrando no horror um alimento, era nutrida pelos remorsos e o luto.

Apesar de tudo, não creio que houvessem abusado de sua liberdade, ultrapassado os limites estabelecidos pela lei e o uso; mas se aproximavam disto o mais possível.

Não estavam, aliás, sòzinhos no presbitério. Uma sobrinha do deão, jovem adolescente que se assemelhava fisicamente a Rebecca como uma irmã mais nova, lá estava desde o dia do entêrro e devia ficar até o dia em que uma parenta mais idosa, então doente, viesse substituí-la. Esta organização não fôra concertada senão para evitar os falatórios, pois a adolescente não poderia servir de verdadeira salvaguarda à honra do presbitério. Tratada como uma criança pela Senhorita Rebecca, estava visìvelmente apaixonada pela prima e pelo noivo, ou, seria melhor dizer, pelo grande amor que ambos ostentavam. Enrubescia até à raiz dos cabelos, quando o vigário lhe dirigia a palavra, e a alegria inundava seus olhos claros, se Rebecca lhe acariciava o rosto.

A tia velha que devia substituí-la, apareceu afinal e pôs um rápido têrmo àquele idílio fúnebre. Sem dúvida, adivinhara os perigos que ameaçavam o jovem casal; ou talvez os próprios noivos tivessem sentido que a tentação de entregar-se sem freios à sua paixão poderia tornar-se demasiado forte. Em todo caso, Rebecca consentiu em viajar, até que se passasse o ano de luto e que o casamento pudesse finalmente realizar-se.

VIII

Voltemos agora à história de Martha. De boa vontade poderia deter-me ainda um momento no primeiro e alegre período de sua juventude, antes que as sombrias ondas da melancolia invadissem sua alma, e gostaria de pintar em palavras aquela vida sonhadora e bela, suas visões encantadoras, das quais eu via o reflexo em seus olhos dourados, como a luz da lua num pôço perdido nos bosques. Muito também haveria que dizer sôbre o período de tristeza que logo sobreveio, quando ela despertou para a vida e fêz-se lúcida; sôbre o tormento que lhe roeu o coração quando, saindo de seus sonhos felizes de amáveis carícias, de palavras ternas e de afetuosos apertos de mãos, viu-se entre os rudes punhos de Jesper, quase embriagada pelo hálito que tresandava a tabaco ordinário. Haveria igualmente muito que contar sôbre o momento em que a pobre môça compreendeu que as portas do reino mágico do amor seriam eternamente fechadas para ela, que nunca lhe seriam franqueadas as mais altas alegrias da existência.

Mas não ouso deter-me nesse assunto, é tempo de passarmos ao terrível acontecimento que faz ainda tremer a minha mão e contrair-se o coração, é tempo de falar na flecha mortal,

dirigida pelo destino contra aquela pomba selvagem, que com tanto receio, mas também com tanta secreta esperança, eu vira emplumar-se lentamente.

Uma tarde, chegando ao albergue, encontrei-a sòzinha. Estava diante de um pequeno espelho, pregado à janela, e penteava os longos cabelos vermelhos. Embora não tivesse, sôbre a combinação, nada mais que uma saia curta, não demonstrou nenhum acanhamento, pois me considerava quase como um pai. Sentei-me e conversamos, enquanto ela se preparava. A mãe, que de tempos em tempos vinha à cozinha, ocupava-se em ordenhar a vaca.

Era por um tempo límpido e a tarde findava. Já o sol iluminava o fôrro até ao fundo da peça. Para não ser vista por algum estranho, Martha se afastava da janela, sempre que ouvia na ponte rumor de passos ou o rolar de um veículo. Isto sucedeu várias vêzes. Havia, com efeito, naquele dia, uma festa de caçadores numa clareira da floresta, e carros transportando gente em vestes domingueiras passavam quase sem cessar.

Os clientes habituais do albergue estavam ausentes. Depois de prolongadas deliberações, haviam decidido por unanimidade caçar níqueis por ocasião daquela festa patriótica, que comportava tôda uma série de divertimentos populares. O velho Frants, o violinista e seu filho tinham sido contratados para tocar no baile. Lars-o-Caolho e Anders Balseiro haviam alugado em sociedade um balouço para senhoras; Zacharias-o-Tecelão e Morten-o-Caçador uma barraca para vender cerveja, enquanto que Sœren, o artesão um pouco obtuso, cujas faculdades não lhe permitiam entregar-se a altas especulações, resignara-se a comprar um pacote de charutos, para vender a retalho. Haviam todos querido que Ellen e sua filha conseguissem um ponto para vender açúcar de cevada e bastões de canela, mas eu me opus firmemente a isto. Martha devia ir à festa em companhia do noivo, que viria buscá-la.

Se procurava tornar-se bonita, não era para Jesper. Cada vez que eu pronunciava o nome do noivo, uma sombra passava pelo seu rosto. Era outro, um adventício, que conquistara seu coração e dava ao seu olhar um curioso brilho vacilante. Desde algum tempo, ela adquirira uma atitude um pouco misteriosa, e sucedia-lhe, se a contrariavam, ter verdadeiras crises de cólera.

Era má, principalmente, com Jesper. Uma noite em que êle quisera colocá-la à fôrça sôbre os seus joelhos, ela mordera-lhe fortemente o rosto.

Eu tentava como sempre interrogá-la para desvendar seu segrêdo; mas desta vez nada me foi possível obter. Ela bancava a ingênua e respondia com gestos evasivos às minhas perguntas. Sondei a mãe, pensando que talvez soubesse alguma coisa: falou-me de um môço que "ficou por aqui tôda uma tarde, para tomar uma xícara de café"; mas não pude obter nenhuma informação precisa, nenhuma explicação concreta.

Eu pensava com inquietude o que sucederia se Jesper surpreendesse um dia Martha com um estranho. Sabia que êle continuava a montar guarda nas vizinhanças do albergue, munido de um grosso bordão.

Martha, de uma gaveta da cômoda, tirou roupa limpa, meias, um lenço, ao mesmo tempo que um laço de veludo negro com um medalhão de âmbar, e pôs tudo sôbre uma cadeira, junto ao espelho. Sem perceber, cantarolava uma canção, enquanto prendia os cabelos, punha as ligas e dava o laço nos sapatos.

Um belo jovem caminhava nos bosques,
Sorriso nos lábios, alegria no olhar.

De súbito, lembrou-se de que também havia na gaveta os antigos brincos de prata de sua mãe. Havendo calçado apenas uma das meias, aproximou-se saltitando da cômoda, e experimentou-os. Voltava a cabeça para um lado e outro, diante do espelho, após o que teve um gesto de satisfação.

Uma donzela se aproximou
Tìmidamente, os olhos baixos.

Havia nesses pedaços de canção alguma coisa que despertou minha curiosidade. Não pertenciam às nossas habituais canções. Entretanto, eu tinha a impressão de conhecer as palavras.

A brisa caminhava docemente
Para sua habitação estival, a floresta.
Escondida por trás das árvores,
A donzela se voltava e ria.

Assim acabava a canção, que falava de um casal de jovens amorosos num bosque; e de súbito lembrei-me de quando a escutara. Era o estudante de fora, o jovem contador de histórias, que a tinha cantado na noite de núpcias de Grethe. E me lembrei de haver imaginado então, que devia ser aquela sua canção preferida, pois, enquanto cantava, uma surpreendente expressão de malícia animava seu rosto, em geral tão impassível e sério.

A idéia me veio de repente, com uma espécie de medrosa ternura, que era talvez para êle que Martha se enfeitava, como uma recém-casada para seu marido. O jovem passeava ociosamente pela região. Era, pois, muito provável que se houvessem encontrado.

Afinal, ela pusera o vestido. Tendo levado a bacia e o pente, pôs um pouco de ordem na peça, mas a cada instante se aproximava do espelho, voltando-se de todos os lados para ver também as costas.

Um doloroso pêso me oprimia. Eu devia intervir, mas como? Ah! eu compreendia muito bem suas aspirações. Tantas vêzes, do fundo do coração, eu lhe perdoara sua revolta contra o gênero de amor que lhe haviam impôsto seus velhos amigos, erigidos em tutôres! E no entanto!... Um sombrio pressentimento fazia-me estremecer. Eu me dizia que a sua vida estava em jôgo.

Pareceu-me que era meu dever adverti-la. Disse-lhe francamente que Jesper a vigiava e aconselhei-a a ter cuidado, pois êle podia causar uma desgraça.

Ouviu-me em silêncio. Novamente uma sombra atravessou seu rosto, que se tornara muito pálido. Experimentei um verdadeiro mal-estar. Não sei por que, tinha a impressão de que a morte planava no ar e uma inquietude me assaltou.

Levantando-me da cadeira, aproximei-me. Prendi-lhe os punhos e olhei-a no fundo dos olhos.

— Quem foi que encontraste nos bosques? — perguntei.

Ela tentou soltar-se.

— Isto não interessa a ninguém. Solte-me.

Mas eu a segurei firme, embora isto me fôsse penoso.

— Martha! Tome cuidado! Não nos precipite num abismo. Que é que você está tramando?

— Solte-me! — gritava. — Solte-me, repito. Senão, eu lhe ferro os dentes.

Recuei cambaleando, apavorado. Em sua cólera, enroscava-se e batia com os pés, como uma criança que não pode gritar. Seus olhos lançavam chispas. Compreendi naquele instante a alcunha de "filha do diabo rubro", com que a designavam, por causa de seu pai.

No mesmo instante, escutamos passos que se aproximavam e a alta silhuêta de Jesper apareceu na porta. Estava em suas roupas domingueiras, com um lenço vermelho no pescoço e um chapéu de abas largas. Certamente notou que algo se passara entre sua noiva e eu, pois ficou à porta de um modo desagradável, lançando-nos vivamente olhares desconfiados.

— Cheguei num mau momento — disse com um sorriso perverso.

— Que quer dizer com isso? — respondi tranqüilamente. — Martha esperava-o. Você vê muito bem que ela está pronta.

Também Martha acabou por ficar amedrontada com a fisionomia do noivo. Atravessou ràpidamente a peça, apanhou o lenço que deixara sôbre uma cadeira e disse:

— Sim, por que demorou tanto? Vamos logo.

Não era minha intenção acompanhá-los à festa. Mas compreendi que, indo, poderia verificar se minha hipótese a respeito do estudante era exata; neste caso, êle estaria por lá e eu encontraria um meio de adverti-lo. Deixei entretanto que o casal partisse antes de mim, e começava a escurecer quando cheguei.

Uma verdadeira multidão ali estava reunida. Aquêle tipo de festas era então coisa nova; aliás, pareciam-se bastante às antigas "feiras-de-fontes"[1], hoje desaparecidas. Eram os iná-

[1] Feiras realizadas perto de uma fonte miraculosa e que se assemelhavam um pouco, aos perdões de Bretanha.

lidos de guerra, com seus realejos, que constituíam o espetáculo mais curioso. Tinham feito grandes preparativos para a iluminação, com lanternas multicores. Havia domadores de ursos, cantoras, gravadores de nomes, lançadores de discos e muitos outros divertimentos análogos, como nas aldeias em dias de feira.

Encontrei Martha e Jesper ao ar livre, sentados a uma mesa na cervejaria improvisada de Morten e Zacharias, e pareceu-me que meus pressentimentos eram fundados. Em uma mesa próxima, o estudante, sentado sòzinho, contemplava Martha com olhos enamorados. À luz de uma das lanternas suspensas nas árvores, eu via claramente seu rosto e o rosto da môça, se bem que, para não ser notado, ficasse a boa distância de ambos.

Os olhos de Martha estavam também muito abertos e sonhadores. Nunca o olhava de frente, e ainda menos respondia aos pequenos sinais de cabeça com que êle tentava captar seu olhar; mas havia em seu rosto alguma coisa que dizia: "É em ti que eu penso e em ninguém mais." Tôdas as suas aspirações escondidas, todo o secreto mundo de seus sonhos refletia-se na fisionomia enlevada. E não como distante miragem criada pela magia do amor, mas como uma realidade viva, uma tentação próxima.

Eu tinha o coração cerrado de angústia à idéia de que Jesper poderia notar o quanto ela estava longe dêle e procurar a causa de sua distração. Felizmente, seus olhos já estavam meio enevoados pelo álcool. Êle encontrara alguns camaradas com quem esvaziar uma garrafa de aguardente. Todos falavam alto e a cada instante bebiam juntos, fazendo entre si prolixas declarações de amizade.

No que diz respeito ao estudante, observei apenas que mais se parecia com um menino ou uma adolescente em hábitos masculinos, que com um homem. Não devia ter mais de dezessete ou dezoito anos e era muito franzino, pele e ossos. Ao invés de óculos, usava *pince-nez,* então em moda. O pescoço fino e comprido, o queixo estreito, o longo nariz, davam-lhe

um pouco o ar de um passarinho. Na garganta, o pomo-de-adão salientava-se como um pequeno papo.

Verdadeiramente, não era um bonito rapaz. Mas o olhar tão cheio de secreta ternura, tão perdido na contemplação com que êle envolvia a môça através dos vidros do seu *pince-nez*, a paixão latente nos seus olhos e que animava suas faces de um rubor quase virginal, tudo isto, ao menos para mim, impregnava sua pessoa de uma beleza particular e comovente. De tempos em tempos uma expressão ansiosa aparecia no seu rosto, seus lábios moviam-se febrilmente, e êle ajeitava o *pince-nez* com um gesto vigoroso, como se houvesse tentado com energia, mas em vão, fugir a melancólicos devaneios.

Eu me representava claramente como tudo se passara. Via o estudante chegando através do bosque, uma caixa de herbolário às costas, no dia em que êle e Martha, pela primeira vez, tinham-se encontrado. Livre e alegre viajante, talvez com uma canção nos lábios, seguia ao longo do caminho, quando de súbito, em meio à muda solidão do grande bosque sombrio, vira-se ante uma jovem, ainda criança e já um pouco mulher, pobre, pés nus, cabeça descoberta, porém bela e sedutora em tôda sua miséria. Como o sangue lhe subira ao rosto naquele instante! Como seu coração havia batido!... Ah! eu adivinhava tudo através de minha própria experiência! Eu também atravessara aquela verde penumbra quando ainda era um jovem de alma livre, ante quem se abria o mundo inteiro, sem pressentir que devia encontrar uma aventura romanesca em meu caminho. Ela se apresentaria sob a forma de uma mulher que me prenderia na armadilha e diria: "Não irás mais longe."

Deixara que meus pensamentos voassem, e quando voltei à realidade, o estudante e Martha haviam desaparecido. Também Jesper e seus camaradas estavam de pé, a pequena distância das mesas, uns com a mão nos ombros dos outros, trocando aquelas brincadeiras que, entre companheiros um pouco embriagados, terminam sempre em briga.

Martha continuava desaparecida; compreendi que ela e o estudante haviam aproveitado a ocasião para se encontrarem. Lembro-me de que tremia de angústia. Que se passaria se Jesper notasse o desaparecimento da noiva?

Convencido de que êles não ousariam afastar-se demais nem ficar ausentes durante muito tempo, pus-me a procurá-los sob as árvores da vizinhança. Havia um caminho onde era possível ficar sem ser visto por quem estava na festa e, não obstante o barulho, percebi vozes que vinham do mais espêsso do bosque. Uma das vozes era a do estudante, de quem se reconhecia fàcilmente o sotaque, e era êle quem falava mais. Também pude ouvir minha amiga. Fiquei atrás de uma árvore e pude apreender algumas frases, entre pausas freqüentes.

— Por que está assim taciturna? Por que você é tão grave?

— Eu não sou grave.

— Mas sempre pensativa. Por quê?

— A gente pode ser pensativa, se não tem motivos para estar contente.

— Não está falando sério. Quem poderia fazer-lhe mal? Eu acho, ao contrário, que todo mundo aqui é apaixonado por você. E isto não é nada de espantar. Compreendo muito bem que seja assim.

— Não, você não acredita no que diz.

— Acredito demais. Sabe em que eu penso muitas vêzes?

— Não.

— Você talvez já ouviu contar essa história... você sabe, uma história que fala de menininhas que nascem à luz da lua, sob um cogumelo. Disseram-me que, quando crescem, transformam-se em sílfides e têm o direito de usar cabelos longos. Então, sua trisavó, a ondina do brejo lhes faz presente de um filtro mágico. Quando ouvem os passos de um viajante nos bosques, ficam à espreita e — pá! — enfeitiçam-no. Diga, não tinha você também um filtro mágico, no dia em que nos encontramos?

Aproximaram-se de mim, e eu pude ouvir o riso de Martha, que não compreendia bem aquelas palavras.

— Recordo-me — continuou o estudante — de haver sentido um dedo invisível acariciando minhas pálpebras. Você, sem dúvida nenhuma, é uma feiticeira. Sua casa não fica no domínio dos fogos-fátuos? Estou certo de que foram seus cabelos que eu vi brilhar uma noite sôbre o pântano, como uma

chama dançando. Que diria você se, naquela noite, eu a punisse de seus enfeitiçamentos, arrebatando-a? É muito perigoso para as jovens e belas sílfides andar sòzinhas pelos bosques. Não teve mêdo de mim? E se eu lhe tivesse dado um beijo?

Martha riu outra vez, agora compreendendo.

— Aí eu lhe dava um pontapé.

— E se eu a beijar agora?

Pigarreei. Não podia deixá-los continuar. Uma grande angústia dominava-me. Ouvi-os silenciar, depois afastar-se vivamente, calados.

Naquele momento, tive remorso. Por que perturbara sua felicidade? Experimentei como que uma doce vertigem quando êles passaram à minha frente; mas também um mêdo, um pavor mortal, que quase me impedia de respirar. Eu sabia o que estava em jôgo. E mesmo se ninguém além de mim viesse a conhecer a verdade, era diante de Deus que eu me sentia responsável.

Tudo mostrava que era tempo de adverti-los. Quando voltei à festa, vi Jesper de pé diante de Martha, sacudindo-a fortemente pelos ombros. Notara sua ausência e queria saber por onde andara; embora ela afirmasse que se afastara por uma razão legítima, Jesper mostrava-lhe os punhos e, dominado pela cólera, ameaçava bater-lhe. Vi que o rosto de Martha estava branco como um ôvo. Pouco depois, não obstante sua resistência, êle empurrou-a para o improvisado salão de baile, e eu não mais os vi.

IX

Voltei à casa pela madrugada; mas a inquietude que me inspirava o destino de Martha conservou-me desperto. Uma hora depois, levantei-me e voltei ao bosque.

O dia começava a despontar. Sôbre as pradarias flutuava um vapor ligeiro, que aqui e ali se enleava num arbusto isolado e o envolvia como uma teia de aranha. No céu, alegres cotovias matinais voavam alto, e do bosque saíam grandes bandos de corvos, com seu vôo pesado, gritando roucamente: "Crroá! Crroá!", espalhando-se nos campos.

Um milhafre planava sôbre as colinas. Abrindo as asas largas, avançava tranqüilamente, sem pressa, mas esta lentidão fazia adivinhar o olhar ávido com o qual êle espreitava sua primeira refeição. Descrevia grandes círculos, dirigindo-se para o bosque, depois voltando. Súbito, apoiando-se nas asas, deteve-se, como se houvesse notado qualquer coisa. Mas logo se elevou com um vigoroso golpe de asas — semelhante a um erguer de ombros — e desapareceu, descrevendo agora um arco majestoso por sôbre os cimos das árvores.

Da relva, ergueu-se como que um frágil pipilar; depois a voz rouca de um corvo retiniu, e logo as cotovias alçaram-se com suas canções em direção às nuvens rosadas.

Lembro-me daquela manhã como se datasse de hoje. É certo que, em pensamento, eu a revivi a cada dia, durante todos os numerosos anos que desde então se passaram. Nunca a esquecerei, tão intensamente a conservei na memória. Sim, creio que mesmo em meu último momento a imagem do milhafre surgirá em minha lembrança e planará ante meus olhos apagados como o silencioso mensageiro da Morte.

Eu chegara quase à ponte, quando percebi uma silhuêta na pradaria que se encontrava do outro lado da colina. Era uma silhuêta de mulher. Lentamente, deslizou por sôbre a sebe do bosque, como quem procura alguma coisa. Embora estivesse inclinada e quase invisível por causa do vapor que flutuava sôbre a pradaria, pude reconhecê-la imediatamente, devido aos seus cabelos ruivos. Era Martha.

Fiquei estupefato. De onde vinha? E por que estava só? Ela não me vira. Chamei-a, e instantâneamente ela se deteve como que atingida por um raio. Depois, pareceu desorientada. Evidentemente, não percebera de onde vinha o grito. E um bom momento se passou, antes que me descobrisse. Não estou bem certo de que me houvesse reconhecido. Mas agora fugia. Correndo ao longo do caminho, tropeçou, rolou por terra como um coelho ferido, reergueu-se e venceu cambaleando o último trecho que a separava de sua casa. Vi-a apoiar a mão contra a parede, enquanto fazia a volta para entrar pela porta da cozinha.

Meu coração batia desabaladamente. Estaria bêbeda? Ou era de fadiga que cambaleava? A segunda hipótese parecia mais plausível. Fôra então perseguida? Neste caso, por quem? Por Jesper ou pelo estudante? Visìvelmente, ela perdera a cabeça.

Um carro cheio de gente alegre que voltava da festa, saiu do bosque. Todos agitaram seus chapéus e gritaram "hurra!" quando passaram. Algumas pessoas a pé surgiram também no caminho. Quando desapareceram, atravessei a ponte e cheguei ao albergue, mas encontrei as portas fechadas. Bati à janela da câmara de Martha, mas ela não abriu, e muito menos respondeu. Na esperança de obter um esclarecimento, dirigi-me ao lugar de onde ela viera. Por causa do orvalho, não tive

dificuldade em descobrir suas pegadas, marcas sombrias em meio àquela rêde de fios de prata. Pude segui-las ao longo da cêrca até o lugar onde havia uma turfeira. Então, perderam-se no lôdo e eu tive que abandonar minha procura.

Estava tão perto da festa, que percebia claramente a música do baile. Fui ao lugar onde dançavam ainda, mas não vi nem Jesper nem o estudante. A maior parte das pessoas se fôra. O sol já estava alto. Voltei novamente para minha casa.

Foi ainda mais difícil dormir do que antes. Tinha o cérebro como entorpecido e tais pontadas no corpo, que foi necessário recorrer à minha pólvora para adormecer. Enquanto me agitava no leito, prêsa de inquietações e dúvidas, amadureceu em mim uma decisão. Naquela mesma tarde, pus-me a executá-la. A escola estava fechada por causa da colheita de centeio; eu tinha, assim, um dia inteiro à minha disposição.

Fui à casa do sapateiro de Ramsback, onde estava morando o estudante. Queria falar-lhe francamente. Queria advertí-lo contra Jesper e pedir-lhe que deixasse a região, tanto para seu próprio bem, como para o bem de Martha.

Encontrei-o sentado à borda de um fôsso diante da casa e divertindo-se com um louva-a-deus, que êle fazia subir ao longo de uma haste, para que pedisse a Nosso Senhor nos concedesse bom tempo. Lembrava-se de ter-me visto no casamento de Mads Nanico, disse êle, e concluí que lhe haviam falado de meus escritos, pois declarou que meu nome era conhecido nos meios literários. Em suma, foi muito amável e riu sem constrangimento; depressa concluí que não devia ter nenhum pêso na consciência.

Devo observar que eu ainda não ousara escutar o chamado das Musas, embora muitas vêzes fôsse tentado a fazê-lo. Minha atividade de escritor situa-se numa época ulterior de minha vida. Mas na esperança de aumentar meus parcos recursos e talvez de ajudar Martha a fazer um casamento melhor, eu começara a publicar um jornal de caça, chamado *Diana*. Infelizmente, dentro de pouco tempo desapareceu, à falta de número suficiente de assinantes (não havia mais que trinta e quatro). Tentei, depois, um semanário humorístico, *O Pacote de Tabaco,* com o qual obtive um certo sucesso.

Expliquei francamente ao estudante minhas relações com Martha, pedi-lhe que me dissesse o que se passara entre êles e em que momento se haviam encontrado pela última vez, durante a noite anterior.

Respondeu-me imediatamente, com uma sinceridade da qual não me seria lícito suspeitar, que não a revira desde que seu noivo a empurrara à fôrça para o baile. Êste espetáculo muito o afligira, e êle então voltara para casa, explicou-me.

Acreditei. Então era Jesper que se conduzira mal em relação a Martha, como aliás eu suspeitava. Descrevi para o estudante que tipo de homem era o noivo, acrescentando que sua vida estaria em perigo se Jesper o surpreendesse em companhia de Martha.

Então, o mêdo assaltou-o. Levantou-se de um pulo, pálido como uma fôlha de papel, e pôs-se a girar na peça onde estávamos sentados. Ia partir imediatamente, disse. E por que não? Viera por causa da beleza do lugar e porque soubera que muitas antigas lembranças sobreviviam na memória dos seus habitantes. Não negava que Martha o interessasse no mais alto grau, por causa de seu físico incomum e de sua misteriosa personalidade. Mas não tinha nenhum desejo de expor-se a um contratempo. Partiria naquele mesmo dia.

Agradeci-lhe, e então nos separamos.

Ao crepúsculo, fui ao albergue. Martha, sentada num banco ao pé da janela, as costas voltadas para a porta, não se voltou quando entrei. Os cotovelos no rebôrdo, olhava para fora pelos quadriláteros pintados com as côres do arco-íris, através dos quais a luz dourada da tarde acariciava seus cabelos ruivos, que pareciam tintos de sangue.

Quando pedi um pouco de café, foi à cozinha sem me olhar, e só reapareceu quando chegaram Lars-o-Caolho, Sœren e os outros clientes noturnos. Instalara-me num banco junto à porta, "o lugar dos pobres", como era chamado. Sempre me sentava ali para tomar meu café. Eu queria poder afirmar sem mentir que, embora freqüentando o albergue como os outros, não tomava parte em suas bebedeiras.

Fiquei amedrontado com o aspecto de Martha, quando ela entrou na sala. Lívida, ia de um lado a outro vacilando de

um modo estranho, como alguém mal despertado de um sono profundo. Não podia ficar tranqüila. A cada instante, ia à cozinha ou ao seu quarto, logo porém saía e ficava longe de nós, pelos lugares mais sombrios. Parecia fugir de nossa companhia, sem no entanto ter coragem de ficar sòzinha.

Sua mãe estava deitada. De tempos em tempos, nós a ouvíamos mexer-se por trás da porta fechada. No meio da mesa dos velhos, havia um pedaço de vela aceso e a sombra de Lars-o-Caolho subia pelos barrotes do teto, quando êle agitava os braços compridos. Todos falavam em voz alta. Mesmo o taciturno Sœren desatara a língua. Eram os lucros da festa que despendiam em comum; como o resultado não correspondera a suas expectativas, queixavam-se dos organizadores e falavam em processá-los. Davam murros na mesa, proferindo abomináveis pragas e injúrias; era insuportável escutá-los.

Martha, que não fazia outra coisa senão entrar e sair, sentou-se por fim a meu lado e, de um modo impressionante, tomou a minha mão. Dissimulei minha surprêsa. Não tinha coragem de interrogá-la, temendo conhecer o seu terrível segrêdo. E todavia eu ainda não pressentira a enormidade da desgraça.

Sua mão estava fria como a de um cadáver e eu pude constatar, pelo seu hálito, que ela desde muito não se alimentava. Tinha estremecimentos, como se estivesse com febre. Perguntei-lhe se estava doente; respondeu que não, repousando a testa no meu ombro, como se fôsse dormir.

Êste era um hábito de sua infância, quando fatigada pelas intermináveis conversas dos velhos. Há muitos anos deixara de fazê-lo, mas sua cabeça logo reencontrou o velho lugar tranqüilo sob minha barba, e quase imediatamente ela mergulhou num sono agitado. A febre continuava a sacudi-la. De tempos em tempos, dava pequenos gritos lamentosos, como um cão ante uma porta fechada.

Eu esperava a chegada de Jesper. Desejava-a e ao mesmo tempo tinha mêdo; pela sua atitude, eu adivinharia provàvelmente o que se passara entre ambos. Mas êle não veio, e por uma boa razão. Os velhos, seguidamente, mostraram-se espantados com a sua ausência, e eu em seguida percebi que Martha

havia saído da sala sempre que alguém falara de seu noivo. Mesmo enquanto dormia, o nome de Jesper fazia-a estremecer.

Entretanto, eu ainda não concebera a suspeita. Foi no dia seguinte, quando soube que Jesper desaparecera e que ninguém o encontrara desde a festa, que uma terrível idéia me atravessou o espírito. E eu me disse com horror que o diabo viera buscar o seu salário, que o inferno se abria para receber a vítima.

Tranquei-me no meu quarto e lá fiquei durante meio dia, o espírito e os sentidos como paralisados. Não tinha coragem de mostrar-me às pessoas do lugar, receando trair meu desespêro. O pior era que eu nem sequer ousava aproximar-me de Martha naquele momento difícil, tanto receava uma confissão que podia obrigar-me a ser seu delator. Não creio que um homem, sem perder o juízo, possa suportar o que eu sofri naquele dia. Deus, porém, velava por minha miséria e concedeu-me o apoio de Sua fôrça espiritual.

Enquanto isto, o cadáver de Jesper foi encontrado no bosque, sob um monte de fôlhas sêcas. O médico do distrito, depois de examiná-lo, declarou que êle fôra estrangulado. Havia ainda, em seu pescoço, marcas muito claras de dedos. Eu estava certo de que as suspeitas logo recairiam sôbre Martha. Muitas pessoas eram testemunhas de que ela estivera com o estudante, e, além disto, era fora de dúvida que as relações entre ela e Jesper sempre haviam deixado a desejar.

Na manhã seguinte, o procurador do cantão chegou de carro e instalou-se na casa do bailio.

Não podendo passar mais tempo em casa, fui ao albergue. Martha, quando cheguei, ainda estava deitada, mas eu tinha o hábito de conversar em seu pequeno quarto ao lado da sala.

Quando entrei, dormia profundamente, de modo que precisei sacudi-la. Logo adquiriu consciência, pois um arrepio atravessou-lhe o corpo. Quis saltar para fora do leito, mas não teve fôrças. Retombou pesadamente sôbre o travesseiro e voltou-se para o lado da parede, os olhos fechados.

Eu não tivera tempo de ler em seu olhar. Nem ela no meu. De nôvo, vi estremecer seu belo corpo seminu. Ela compreendera que eu sabia tudo.

— Martha, precisas levantar-te! — disse.

Ficou ainda um instante sem mexer-se, o rosto pálido, os olhos sem vida e a bôca entreaberta, como um cadáver. Depois, sentou-se lentamente, espreguiçou-se e, com um repentino sobressalto, olhou-me. Nenhuma palavra saiu de seus lábios. Mas quando nossos olhos se cruzaram, pude ler a confissão em seu rosto paralisado de mêdo.

Tombei de joelhos ao pé do leito, sem poder conter as lágrimas. Martha, a cabeça nas mãos, balançava-se para a frente e para trás, com estranhos soluços compassados e secos, uma espécie de gemido que eu jamais escutara e desde então não ouvi em nenhum ser humano.

— Por que não tiveste confiança em mim? — disse eu. — Essa coisa horrível nunca haveria sucedido.

— Será que a Porca sabe? — perguntou.

Estava de tal modo habituada a designar sua mãe por esta abominável palavra, que mesmo numa circunstância como aquela pronunciou-a com naturalidade. Não via nisto nada de mal. E foi num tom estranhamente comovido que a proferiu. Afinal, era em sua mãe que ela pensava antes de tudo, lamentando-a.

Disse-lhe que sua mãe nada sabia ainda, mas que haviam encontrado o cadáver de Jesper e que o procurador chegara à aldeia.

— Hi-hi!

Êste grito soava, ao mesmo tempo, como o grito de uma coruja e o pranto de uma criança inconsolável.

Então ela me perguntou se eu acreditava que o estudante soubesse qualquer coisa. Disse-lhe que o estudante partira e que nunca mais voltaria. Afastou as mãos do rosto e olhou-me como se não acreditasse. Em seguida, pôs-se novamente a chorar e disse que, dali em diante, tudo lhe era igual.

Eis um resumo do que logrei arrancar-lhe, a propósito do acontecimento: quando voltavam da festa, Jesper não a deixara em paz; terminara derrubando-a; ela, então, começara a lutar. Coisa estranha, Martha não sabia como pudera matá-lo. De nada se lembrava. Mesmo depois de havê-lo morto, não compreendera imediatamente que era a responsável pela sua

morte. Por isto afastara-se, deixando o cadáver visível. Voltara depois para cobri-lo de fôlhas.

Eu acabava de explicar-lhe que, se a prendessem, devia fazer o possível para justificar-se diante de seus juízes, atendo-se à estrita verdade, quando escutei vozes na sala. Reconheci imediatamente a voz forte do procurador, depois a do bailio.

— Precisas levantar-te, Martha — disse eu acariciando-lhe os cabelos num gesto apaziguador. — É a polícia.

— Hi-hi!

Afogou o rosto no travesseiro; cortava o coração, vê-la daquele modo. Ajudei-a a sair da cama. Ela estava como uma criança desamparada.

— É preciso que não me vejam assim — disse, e pediu-me que fechasse o ferrôlho, para não entrar ninguém, enquanto não estivesse vestida.

Tremia como varas verdes tangidas pelo vento. Ajudei-a a vestir-se. Pela última vez, contemplei a criança a quem eu tanto amara.

— Procura controlar-te um pouco — disse eu. — E fica aí, enquanto vou ver o que sucede.

Foram as últimas palavras que lhe disse.

Mal eu entrara na sala, o procurador avançou na minha direção, o gorro à cabeça, e disse à queima-roupa:

— É o senhor Jens Thyssen, professor adjunto em Starup?

— Sim — respondi surprêso.

No mesmo instante, pôs a mão no meu ombro e disse:

— Considere-se prêso.

Após o que se voltou para o bailio e mostrou a porta do quarto.

— A môça está lá dentro. Ôlho nela.

Não tentarei descrever meu estado de espírito naquele momento: meus pensamentos, de repente, haviam-se afastado de mim mesmo. O bailio voltou do quarto, informando-nos de que não havia ninguém lá dentro. Após um exame mais cuidadoso, verificaram que a janela estava aberta.

Do que sucedeu depois disto, fui informado através de terceiros. Durante dois dias, procurou-se em vão a fugitiva nos bosques e na charneca. Correu o rumor de que, a uma boa

légua da aldeia, tinham visto uma jovem sentada junto a um fôsso, com as mãos em tôrno dos joelhos. Estava pálida e de pés descalços, longos cabelos ruivos, esparsos sôbre os ombros. Cada vez que alguém passava por lá, erguia-se e escrutava o passante em pleno rosto, com um ar alucinado, fazendo com que algumas pessoas fugissem aterrorizadas. À noite, entrara na casa do ferreiro e lhe perguntara, com uma profunda e esquisita reverência, qual a distância entre aquêle lugar e o paraíso. A tôdas as perguntas, dava a mesma resposta: ia ao encontro de seu noivo. Era estudante e o casamento seria celebrado em São Miguel.

O ferreiro e sua mulher, que eram de bom coração, tiveram pena da môça e, provisòriamente, abrigaram-na. Mas durante a noite ela fugira pela janela e, no dia seguinte, encontraram seu cadáver na represa de um moinho próximo.

X

Não entrarei aqui em pormenores sôbre a vergonhosa denúncia que meus inimigos haviam dirigido contra mim, e da qual resultou que fui considerado suspeito do assassinato de Jesper. Como haverá de saber-se mais tarde, em particular pelo escrito intitulado *Minha Vida na Prisão*, não sòmente os juízes me isentaram de tôda e qualquer participação naquela morte, como também da maligna acusação que fundamentava a suspeita. Já indiquei, numerosas vêzes, que idéia faziam as pessoas de minhas relações com a pobre Martha, e eu deveria ter sido, por causa disto, mais prudente em relação às crianças da escola. Mas eu não poderia nunca suspeitar que a minha afeição pelos jovens, meu devotamento pelas gerações novas, sôbre as quais repousa o futuro de nosso bem-amado país, fôssem mal interpretados.

Mesmo considerado inocente, perdi meu lugar na escola, e tôdas as possibilidades de encontrar um trabalho honesto foram-me cortadas. É lamentável que a menos fundada suspeita possa manchar a honra de um homem e que, pelo simples fato de defender-se, êle fique exposto às acusações. Tive que deixar a região, à qual me sentia prêso por liames tão indisso-

lúveis e que, pela sua natureza, eu amava como a nenhum outro lugar do mundo, mais do que à minha terra natal, onde ficava a pobre cabana de minha mãe. Quem quer que haja conhecido a fôrça alucinante do amor, não me condenará.

O deão Hjort, que estava a par do júbilo profundo com que eu percorria os grandes bosques da região, chamara-me uma vez, por brincadeira, um apaixonado da floresta, e desde então eu pensei muitas vêzes nestas palavras suas. Não me sinto bem nos lugares expostos à luz, e ainda menos junto ao mar, em frente às ondas agitadas. Amo a solidão dos bosques, sua paz profunda, o farfalhar da folhagem, que parece um côro de fantasmas dos tempos passados. Amo sua penumbra, seus caminhos escondidos, seus pássaros mudos, seus pântanos calmos e negros, onde o céu se reflete como um paraíso num inferno.

Era preciso que eu deixasse tudo isto, dissesse adeus ao pequeno túmulo de Martha, sob as árvores do cemitério. A porta de minha própria casa fechou-se a minhas espaldas e eu tive de ir pelos caminhos, nutrindo-me como os pássaros do céu dos dons que me eram ofertados pelo acaso.

Renunciando a narrar minhas longas peregrinações prefiro esboçar em algumas palavras o destino das pessoas de quem falei neste período de minhas lembranças.

Algumas semanas após a morte lamentável de Martha, sua mãe seguiu-a. Não era sem tempo, pois, por assim dizer, apodrecia no seu leito. Do vigário Berthelsen e de Rebecca não tenho grande coisa a dizer. Contentar-me-ei em repetir exatamente o que me contaram, e com as mesmas palavras.

Muitos anos após minha partida, durante uma viagem de verão, voltei a Starup, para rever os antigos lugares e depor uma coroa na tumba da pobre Martha. Eu morava então em Greis; mas me dedicava no verão ao trabalho de mascate, para assegurar meu sustento durante o inverno. Era um domingo; fui pela manhã sentar-me em minha velha igreja, sem que ninguém me reconhecesse, nem mesmo Ovensen, pois eu estava sem barba. Sentei-me num dos últimos lugares, fazendo o possível para que ninguém me notasse.

À tarde, afastando-me dos limites da aldeia para ir ao bosque, passei em frente à casa de Mads Nanico. Parecia tão elegante e tão alva como no dia de minha visita, na véspera de seu casamento. A porta estava aberta; eu podia ver o interior da cozinha, com o forno e os utensílios de cobre cintilantes como sempre. Grethe, de pé em frente ao fogo, preparava o café.

Como estava robusta! Suas bochechas redondas e vermelhas brilhavam ao clarão do fogo, e suas ancas haviam adquirido tal amplitude, que eu mal a reconhecia.

A porta da sala também estava aberta, e de lá chegavam a voz grossa de Mads e os sorrisos de um menino. Grethe ainda não me vira, quando entrou na sala com o café. Então segui-a. Pensava que por seu intermédio poderia ter informações exatas sôbre o vigário e Rebecca.

Mads Nanico, emproado numa cadeira ao lado do fogão, embalava uma criança. Outra brincava no chão com uma dobadoura. À cabeceira da mesa, onde havia restos de comida, a mãe de Grethe estava sentada, em roupas dominicais, tricotando uma meia. Grethe pôs a cafeteira na mesa. O bebê, chorando, tentou pegar-lhe o seio que, pesando de leite, aparecia sob o colête aberto no alto.

Embora estupefatos de ver-me, convidaram-me muito amàvelmente a sentar-me junto a êles, e logo travamos uma conversa animada sôbre os acontecimentos antigos e recentes da paróquia. Pedi notícias de Rebecca, ou melhor, da senhora Berthelsen, como se chamava agora, mas todos ficaram estranhamente taciturnos. Grethe, evidentemente, preferia não falar; e Mads, levando os meninos, foi cuidar do porco.

Por fim, a avó disse que as coisas não haviam decorrido tão bem quanto se esperava para a filha do deão. O vigário tinha uma boa situação na ilha de Fy e não lhes faltava dinheiro; êle, porém, era terrìvelmente avaro, o que fazia sofrer sua mulher, habituada a gastar sem preocupações. Tinha ainda o vigário outro defeito: pouco se interessava pelos filhos e achava que Rebecca dispunha cada vez de menos tempo. Todos os anos, ela voltava, para tomar algumas providências rela-

tivas à conservação da tumba de seus pais, e parecia sempre mais lassa e consumida. Era a opinião da velha e Grethe não contestou.

Enquanto eu escutava, podia examinar calmamente Grethe e a sala confortável. Lembrava-me de como, antes de seu casamento, Mads Nanico, estava certo de que nada faltava para ter um lar agradável, enquanto lhe faltava o que em geral se considera como a coisa mais importante. No entanto, teria êle razão? Sôbre aquêle pequeno lar, que não tivera por base um amor recíproco, a bênção de Nosso Senhor parecia distribuir graças mais numerosas que em outros.

Fiquei durante muito tempo mergulhado num espanto calmo, enquanto se agitavam em mim estranhos pensamentos.

Num momento em que a velha mãe desaparecera na cozinha, não pude evitar dirigir-me a Grethe e perguntar-lhe como iam as coisas para ela. Seria realmente feliz?

Enrubesceu e riu.

— Por que não houvera de ser?

— Quero dizer, Grethe, acabaste amando teu marido verdadeiramente?

De comêço, ela não quis responder. Voltando as costas, ficou num canto, arrumando algumas roupas de crianças. Disse por fim, em voz baixa:

— Acho que naquele tempo a gente dava muita importância a tôdas essas histórias de amor que estão nos livros...

Tornava-se cada vez mais rubra e gaguejava. Mas a velha voltava da cozinha. Escutara, decerto, nossa conversa. Pôs a mão no meu ombro e acrescentou:

— Sei muito bem, Thyssen, que naquele tempo você estava danado comigo. Você e a filha do deão. Mas veja. Nós, os pais à velha maneira, tomamos as coisas como são. Ponha um gajo diante de uma mulher, e tudo se arranja, desde que um trate o outro com bons modos. Depois vêm os filhos, e as doenças, e todo o resto, e também a balbúrdia e as alegrias da vida. Sim, sim, meu pequeno Thyssen, isto vale mais do que tôdas as idiotices que andam por aí com o nome de amor.

Calei-me, melancólico. Não podia responder sim ou não. E ainda hoje, prefiro continuar em silêncio.

BIBLIOGRAFIA

K., G. = *Copenhague, Gyldendal.*
K., S. = *Copenhague, Schou.*

1881. STAEKKEDE VINGER (Asas Aparadas).
Quatro novelas.
K., S.

1883. SANDINGE MENICHED (A Freguesia de Sandinge).
Narrativa.
K., S.
LANDSBYBILLEDER (Quadros de Aldeia).
Cinco novelas.
K., G.

1885. UNG ELSKOV (Amor de Mocidade).
Idílio.
K., G.

1886. MIMOSER (Mimosas).
Vida de uma família.
K., G. (Smaa Romaner, 2.)

1887. FRA HYTTERNE (No Mundo das Choupanas).
Novos quadros de Aldeia. Sete novelas.
ISBJØRNEN (Urso Polar).
Retrato. Primeira Publicação no jornal Morgenbladet *em 1884.*

1888. SPØGELSER (Espectros).
História.
K., G. (Smaa Romaner, 4.)

1890. SKYER (Nuvens).
Sete novelas.
K., G.

REISEBILDER AUS DANEMARK (Quadros de Viagem da Dinamarca).
K., Høst & Filhos.

NATUR (Natureza).
Dois romances breves: Em Estado Selvagem e Um Camponês.

KRØNIKER (Crônicas).
Doze contos.
K., Philipsen.

1891. MULD (Terra Fértil).
Quadro contemporâneo.
K., Philipsen.

1892. DET FORJAETTEDE LAND (Terra Prometida).
Quadro contemporâneo.
K., Philipsen.

1893. MINDER (Recordações).
K., Philipsen.

1894. NATTEVAGT (Vigília Noturna).
K., Nordiske Forlag.

1895. DEN GAMLE ADAM (O Velho Adão).
K., Nordiske Forlag.

DOMMENS DAG (O Dia do Julgamento).
Quadro contemporâneo.
K., Nordiske Forlag.

1896. HØJSANG (Exaltação).
K., Schubothe.
K., Aschehoug, 1921.

1898- LYKKE-PER (Pedro, o Venturoso).
1904. K., G.

1899. FORTAELLINGER (Narrativas). I-II
K., Nordiske Forlag.

1900. LILLE RODHAETTE (Chapèuzinho Vermelho).
Retrato.
K., Nordiske Forlag.

DET IDEALE HJEM (O Lar Ideal).
Aarhus, Jydsk Forlag (Gyldendal).

1902. DE VILDE FUGLE (As Aves Selvagens).
Peça.
K., G.

1905. BORGMESTER HŒCK OG HUSTRU (O Burgomestre Hœck e sua Mulher).
Duplo retrato.
K., G.

1906. ASGAARDSREJEN (A Passagem dos Gansos Selvagens).
Drama
K., G.

1907. DET STORE SPØGELSE (O Grande Espectro).
K., G.

HANS KVAST OG MELUSINE (Hans Kvast e Melusina).
K., G.

1908. DEN KONGELIGE GAEST (O Visitante Real).
K., G.

1912- DE DØDES RIGE (O Império dos Mortos).

1916.
I. TORBEN OG JYTTE (Torben e Jytte).
K., G., 1912.
II. STORE HOLT.
K., G., 1913.
III. TOLDERE OG SYNDERE (Publicanos e Pecadores).
K., G., 1914.
IV. ENSLEVS DØD (A Morte de Enslev).
K., G., 1915.
V. FAVSINGHOLM.
K., G., 1915.

1914. KIRKEN OG DENS MAEND (A Igreja e seus Homens).
Conferência.
K., G.

1918. ET KAERLIGHEDSEVENTYR (Uma Aventura de Amor).
Novela.
K., G.

1920. EN VINTERREJSE (Uma Viagem de Inverno).
Páginas de um diário.
K., G.

1927. MANDS HIMMERIG (Paraíso de Cada Um).
K., G.

1933. DRENGEAAR (Recordações de Infância).
K., G.

OBRAS COMPLETAS

SAMLEDE VAERKER. I-IX.
K., G. 1930.

ÍNDICE

Gunnar Ahlström,

"Pequena História" da Atribuição do Prêmio Nobel a Henrik Pontoppidan 7

A. Jolivet,

Vida e Obra de Henrik Pontoppidan 21

HENRIK PONTOPPIDAN,
O URSO POLAR E OUTRAS NOVELAS

O Urso Polar 85
O Visitante Real 133
O Burgomestre Hœck e sua Mulher..... 187
Amor de Mocidade 249

Bibliografia 327

Esta edição de

O URSO POLAR

de

HENRIK PONTOPPIDAN

foi impressa em setembro de 1963.

*

Faz parte da
COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas Edições Rombaldi, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

LEONOR FINI
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

O desenho de Picasso reproduzido na capa pertence ao Sr. Lionel Prejger

Composição e impressão do texto e das gravuras e encadernação por
ARTES GRÁFICAS GOMES DE SOUZA S.A.